



Ministério da Saúde  
FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM SAÚDE – PPGICS  
ICICT/ FIOCRUZ**

**DANIELLE BARROS SILVA FORTUNA**

**O PAPEL DO RÁDIO NO CAMPO DA SAÚDE NO CONTEXTO DA REFORMA  
PSIQUIÁTRICA BRASILEIRA: ESTUDO DE CASO DA *WEBRADIO* REVOLUÇÃO  
FM**

**ORIENTADOR**

**Dr. Valdir de Castro Oliveira**

Rio de Janeiro – RJ  
2013

**DANIELLE BARROS SILVA FORTUNA**

**O PAPEL DO RÁDIO NO CAMPO DA SAÚDE NO CONTEXTO DA REFORMA  
PSIQUIÁTRICA BRASILEIRA: ESTUDO DE CASO DA *WEBRADIO* REVOLUÇÃO  
FM**

Linha de Pesquisa: Informação, Comunicação e Mediações em Saúde

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

**Orientador: Dr. Valdir de Castro Oliveira**

Rio de Janeiro – RJ  
2013

**DANIELLE BARROS SILVA FORTUNA**

**O papel do rádio no campo da saúde no contexto da Reforma Psiquiátrica  
brasileira: Estudo de caso da *Webradio* Revolução FM**

APROVADO EM: 28/02/2013.

*Danielle Barros Silva Fortuna*  
\_\_\_\_\_  
Danielle Barros Silva Fortuna – Aluna

*Valdir*  
\_\_\_\_\_

Dr. Valdir de Castro Oliveira – Orientador

BANCA EXAMINADORA

*Inesita Soares de Araújo*  
\_\_\_\_\_

Dr<sup>a</sup> Inesita Soares de Araújo  
LACES/ICICT/FIOCRUZ

*Francini Lube Guizardi*  
\_\_\_\_\_

Dr<sup>a</sup> Francini Lube Guizardi  
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz)

Rio de Janeiro – RJ  
2013

Ficha catalográfica elaborada pela  
Biblioteca de Ciências Biomédicas/ ICICT / FIOCRUZ – RJ

**F745** Fortuna, Danielle Barros Silva

O papel do rádio no campo da saúde no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira: estudo de caso da *Webradio* Revolução FM / Danielle Barros Silva Fortuna. – Rio de Janeiro, 2013.  
xix, 170 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, 2013.

Bibliografia: f. 148-156

1. Comunicação. 2. Saúde mental. 3. Rádio. 4. *Webradio*. 5. Inclusão social. I. Título.

CDD 362.10425

***“Eterna vida breve,  
provarei de todas as suas cores,  
pois eu sou”***

(Edgar Silveira Franco, 2013, p. 93)

## DEDICATÓRIA

Há dois anos estava me matriculando no mestrado do ICICT/Fiocruz. Havia passado em 4 seleções, sendo que na Uff fiquei apenas na suplência. Era o final de uma maratona de estudos para os projetos, provas e entrevistas, dos mais distintos autores e temas para iniciar a jornada do início do curso. Lembro-me que vivi um dilema ao escolher para qual curso devia ir, e em dezembro deste ano que passou (2012), me perguntaram “e aí, valeu a pena, você acha que fez a escolha certa pelo curso?”.

Embora parecesse plausível o questionamento, eu não havia me perguntado isso (não depois que fiz minha escolha), mas diante desta pergunta, o que me veio à mente foi muito mais do que “se o curso foi uma escolha certa”, pois uma escolha que fazemos implica um caminho na vida que determinamos e isso inclui muito mais do que o curso, inclui: pessoas que conhecemos, autores que descobrimos, experiências....e tantas outras coisas...

Meus amigos e familiares sabem que sou uma bióloga apaixonada por Comunicação e por não ter conseguido terminar meu curso na UESC, sem pensar duas vezes, optei pelo curso de Informação e Comunicação em Saúde na Fiocruz preterindo o mestrado de Educação na UNIRIO e Biociências e Saúde na Fiocruz também. A meu ver, eu precisava, de qualquer jeito, incluir “a comunicação” no meu currículo.

“Tolinha”.... A comunicação está presente de forma multidisciplinar em todos meus projetos, inclusive nos de Educação dos outros mestrados que abri mão!

E a pergunta: “e aí gostou da escolha que fez?”.

Bem, não posso opinar sobre o que não vivi, as pessoas que não conheci, os professores que não tive aulas... Mas em compensação... Posso dizer: Conheci pessoas MARAVILHOSAS, da turma “Avassaladores”, tive aula com professores e professoras figuras, ícones da saúde pública, da comunicação, da educação,

...Viajei por esse Brasil todo e até para o exterior apresentando trabalhos em congressos, FIZ AMIGOS!

Expandi minha cultura geral!

Estou trabalhando com rádio, algo que eu tenho paixão desde pequena quando gravava meus programas no toca-fitas junto com meus primos em Itabuna (BA), nos anos 80 e 90...

E sabe de uma coisa? Ainda não terminou, talvez nunca termine, mas já sinto no meu coração a aproximação do título de Mestre e sinto um aperto no coração quando me lembro de TUDO que passei... Madrugadas de estudo, filho doente e tendo que ler e escrever artigos, as primeiras viagens longe do Pedro, as vitórias, os primeiros aceites de trabalho e a certeza que sou capaz, os trabalhos negados, idas ao supermercado cansada, os aniversários na família, natais, carnavais e festas que não fui, Comitê de ética, consultas médicas, os TCC's das outras especializações que eu fazia simultaneamente, períodos de desânimo, alegrias e tudo mais que mistura a vida cotidiana com a acadêmica...

Este é um pequeno balanço que faço sobre esse furacão em minha vida nestes últimos dois anos...

E essa dissertação é dedicada a vocês:

Meu filho PEDRO JORGE, minha mãe ANA, e meu esposo JORGE.

(Texto escrito em janeiro/2013)

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, criador de todas as coisas, misericordioso, maravilhoso, um verdadeiro PAI.

Agradeço imensamente à minha família: meu filho Pedro Jorge, inspiração da minha vida nesses últimos três anos, inspirador da minha “retomada” acadêmica, agradeço pela luz que irradia do seu olhar, luz que ilumina nossas vidas a cada dia.

Ao meu esposo Jorge, meu cúmplice de todas as horas, incentivador número um da minha ascensão acadêmica, da minha vida. Muito obrigada pelas críticas construtivas, e por toda ajuda a este e outros trabalhos...

A minha mãe Ana, “Mamãe Ana”, por tudo que fez por mim enquanto filha e, agora como avó, sei que em suas mãos meu filho é amado, está seguro, e assim posso me dedicar aos estudos completamente tranquila.

A meu pai Renato, que mesmo a alguns quilômetros de distância se faz sempre presente em minha vida.

A todos familiares amados: tios, tias, primos, primas, amigos e amigas que estão na Bahia e espalhados por este mundão, saudades de vocês! Aos meus amigos virtuais, apoiando firmemente durante os momentos de prova, durante as madrugadas de estudo. Como não é possível citar todos, sintam-se “mencionados”.

Às minhas primas-irmãs Andréa Barros, Alessandra Barros e Talítha Bastos por toda uma vida compartilhada e a ser compartilhada ainda;

Aos meus avós, minha avó Claudionora Barros (Delvita) *in memoriam* e meu avô Antônio Lopes, obrigada pelo amor e ensinamentos!

À família Fortuna, aqui no Rio de Janeiro, que a cada encontro, nos dá sustentação emocional para seguirmos firmes em nossa missão.

Agradecimento especial a CAPES, pelo financiamento da pesquisa, sem o qual seria impossível prosseguir esta empreitada acadêmica.

Agradeço ao corpo docente e a todo o pessoal da Secretaria Acadêmica do PPGICS, sempre receptivos a nos ajudar!

Agradeço imensamente ao meu orientador querido que tanto admiro: prof. Valdir Oliveira pela generosidade, aulas fantásticas e paciência para nortear esta aluna tão cheia de planos, ideias e sonhos...

Meus agradecimentos aos membros da banca da qualificação prof<sup>a</sup> Adriana Aguiar, prof<sup>a</sup> Francini Guizardi, prof<sup>a</sup> Eliana Marcolino (junto com Lorenzo) que forneceram valiosas contribuições para o aprimoramento desta pesquisa.

Obrigada aos membros da banca de dissertação prof<sup>a</sup> Inesita Araújo, prof<sup>a</sup> Francini Guizardi e prof<sup>a</sup> Kátia Lerner, que assim como os membros da qualificação, foram escolhidos não somente pelo mérito em suas áreas de atuação, mas por terem me influenciado positivamente ao longo da trajetória que me trouxe aqui. Muito obrigada por aceitarem contribuir para a avaliação e aperfeiçoamento deste trabalho, que têm muito a melhorar!

Minha gratidão também ao grupo do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (Laps/ENSP/Fiocruz) Leandra Brasil, Paulo Amarante, Wanda Espírito Santo e Edvaldo Nabuco com quem conversei, tirei dúvidas e tive orientações preciosas sobre o campo da saúde mental.

Por fim agradeço ao corpo docente PPGICS, aos Amigos da turma “Avassaladores” do mestrado e doutorado do PPGICS, colegas de turmas anteriores e posteriores à nossa; bem como aos amigos de outros cursos, em especial a Elizete Nogueira, Janaina Aguiar (FAMATH); e todo grupo das Expedições do Instituto Oswaldo Cruz pelo Plano Brasil sem Miséria, onde inicio a nova jornada do doutorado.

Meus sinceros e profundos agradecimentos a todo pessoal da Rádio Revolução FM, aos entrevistados, voluntários, todos que contribuíram de alguma forma para concretização desta pesquisa.

## RESUMO

O presente estudo relaciona-se com o contexto da Reforma psiquiátrica brasileira cujas estratégias são fundamentadas em atividades artísticas, culturais e comunitárias. Dentre essas atividades destacamos as oficinas psicossociais midiáticas que são utilizadas nas próprias unidades de saúde em que os usuários desenvolvem programas utilizando vários tipos de mídias: oficinas de rádio e/ou *webradio*, oficina de fotografia, construção de jornal e/ou *sites*, oficina de TV e/ou produção de vídeos. Partimos da hipótese de que estas experiências contribuem nos processos terapêuticos dos seus participantes na perspectiva da inclusão e ressocialização. Nesse sentido, como objetivo geral da pesquisa buscou-se compreender como o rádio (em ondas eletromagnéticas/hertzianas, oficinas em estúdio de circuito interno e em *webrádios*) tem sido utilizado como atividade psicossocial na perspectiva da inclusão social a partir do mapeamento dessas experiências realizadas no contexto brasileiro e do estudo de caso da Rádio Revolução FM. Como parte da revisão bibliográfica mapeamos as experiências de oficinas radiofônicas realizadas com usuários de saúde mental e, para o estudo de caso, fizemos observação de campo e realização de entrevistas/depoimentos com pessoas que participaram de oficinas de rádio da Revolução FM. De acordo com os resultados do mapeamento das oficinas de rádio, foram encontradas 16 experiências no país. Quanto ao estudo de caso, das entrevistas, emergiram cinco categorias de análise: I) A rádio como reinserção/manutenção da pessoa no ramo profissional radiofônico; II) A afinidade pelo rádio e/ou associação de atividades prediletas ao “fazer” rádio; III) A rádio como terapia e/ou reabilitação para a saúde; IV) A rádio como estratégia de luta por ideais e utopias; e V) A rádio como espaço de processos educativos, mediação e vínculo. A análise das narrativas demonstrou que, para além de contribuir para o desenvolvimento de habilidades, a Revolução FM ajudou pessoas a se adaptarem a uma nova forma de sentir e estar no mundo, com foco em suas potencialidades e não nas restrições (físicas, mentais ou motoras). O papel do rádio está atrelado ao uso social que se faz dele: reabilitação, terapia, lazer, processos educativos, etc. Concluímos que os processos educativos e comunicacionais ensejados entre os participantes das oficinas são fatores que contribuem para que o sujeito protagonize um novo papel social e assim, a produção radiofônica termina por proporcionar efeitos terapêuticos, ainda que esta não seja a finalidade principal das oficinas. Contudo, é preciso atentar para que propostas de educação não-formal, como essas oficinas radiofônicas, que em seus discursos se afirmam como atividades horizontalizadas, não sejam reproduções das práticas verticalizadas e homogeneizantes fundamentadas na comunicação unidirecional, ou como afirma Paulo Freire, calcadas na educação bancária.

**Palavras-chave:** Comunicação. Saúde Mental. Rádio. *Webradio*. Inclusão Social.

## ABSTRACT

This study was carried out in the context of *Brazilian Psychiatric Reform*, whose strategies are based on artistic, cultural and community activities. Among these, we focused our research efforts on psychosocial media workshops adopted in health treatment units where patients develop programs using several medias: radio, *webradio*, photography, newspapers, website, TV, and video production. The underlying hypothesis was that these experiences are an adjuvant tool in therapeutic processes, from the perspective of inclusion and resocialization. In this sense, the chief aim of this research was to understand how radio (as electromagnetic waves, studio workshops in closed circuit and *webradios*) has been used as a psychosocial activity in social inclusion, based on a case study of a radio station, Rádio Revolução FM, and a survey on the experiments carried out in the Brazilian context. The bibliographic review included a survey on experiments in radio production conducted with mental health service patients. The case study was based on field observations and interviews and statements given by participants of the workshops offered by Revolução FM. The results of radio workshop survey show 16 ongoing experiments in Brazil. In the case study, interviews revealed five categories to be analyzed: I) Radio as a means of reinsertion and permanence in professional radio; II) The attractiveness of radio and the combination of preferred activities; III) Radio is a therapeutic and rehabilitation tool; IV) Radio as a means in the fight for ideals and utopias; and V) Radio as educational, mediation and connection media. The narratives collected revealed that, apart from contributing to the development of personal capabilities, Revolution FM helped people adapt to a new way of feeling and being in the world, emphasizing their personal potentials, not their physical, mental or motor restrictions. The role played by radio is linked to the way it is used in social contexts: rehabilitation, therapy, leisure, education etc. It was possible to conclude that education and communication processes that take place between workshop participants help the subject to act out a new social role. Therefore, radio workshops have therapeutic outcomes, even though this is not what these workshops were primarily designed for. However, it should be stressed that initiatives in non-formal education such as these radio workshops, which consolidate as horizontal activities in their respective discourses, are not a reproduction of vertical, homogenizing practices based on unidirectional communication or based on the “banking model education”, as described by Paulo Freire.

**Keywords:** Communication. Mental health. Radio. *Webradio*. Social inclusion.

## LISTA DE SIGLAS

ABC	Academia Brasileira de Ciências
AMARC	Associação Mundial de Rádios Comunitárias
BA	Bahia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
COORD.	Coordenação
ECCO	Associação de Entidades e Amigos do Centro Comunitário
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública
FAMATH	Faculdades Integradas Maria Thereza
FASP	Federação das Associações e Sindicatos dos Servidores Públicos Estaduais e Municipais do Rio de Janeiro
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FM	Frequência Modulada
GT	Grupo de Trabalho
ICICT	Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
IMNS	Instituto Municipal Nise da Silveira
INDECS	Instituto de Estudos e Projetos em Comunicação e Sociedade
IOC	Instituto Oswaldo Cruz
LAPS	Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial
MD	MiniDisc
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MHZ	Megahertz
MTSM	Movimento dos Trabalhadores da Saúde Mental
ONG	Organização não Governamental
PPGICS	Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio Grande do Norte
RS	Rio Grande do Sul
SP	São Paulo
SUS	Sistema Único de Saúde
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFF	Universidade Federal Fluminense

UFSM      Universidade Federal de Santa Maria  
UNEB      Universidade do Estado da Bahia  
UNESCO    United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization  
UNIFEM    Fondo de Desarrollo de Las Naciones Unidas para la Mujer

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1</b> Roteiro com questões norteadoras para coleta de depoimento	61
<b>QUADRO 2</b> Relação das pessoas que prestaram depoimento na rádio e período	63
<b>QUADRO 3</b> Lista das experiências que utilizam oficinas midiáticas nos serviços de saúde do Brasil (nome do programa ou projeto; veículo/suporte (ex: rádio,TV); local (cidade e estado onde ocorrem); natureza (ex: comercial, comunitária); idealizador(a); período de operação (informação sobre os programas ou projetos foram iniciados, encerrados, se permanecem em atividade).	68
<b>QUADRO 4</b> Lista das experiências que utilizam oficinas midiáticas nos serviços de saúde do Brasil (nome do programa ou projeto; veículo/suporte (ex: rádio,TV); local (cidade e estado onde ocorrem); natureza (ex: comercial, comunitária); idealizador(a); período de operação (informação sobre os programas ou projetos foram iniciados, encerrados, se permanecem em atividade).	71
<b>QUADRO 5</b> Categorização dos entrevistados quanto ao vínculo com a rádio Revolução.	93
<b>QUADRO 6</b> Categorização dos autores dos depoimentos quanto ao vínculo com a rádio Revolução.	94

## LISTA DE TABELA

**TABELA 1** Lista com o ano e o número de oficinas midiáticas que iniciaram suas atividades.

70

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> Fotos de diferentes edições dos cursos/oficinas da rádio Revolução (realizadas de 2009 a 2012)	161
<b>FIGURA 2</b> Localização do Instituto Municipal Nise da Silveira, RJ	162
<b>FIGURA 3</b> Imagem da página inicial do site da rádio Revolução	162
<b>FIGURA 4</b> Imagem da página do site da rádio Revolução na seção “histórico”	163
<b>FIGURA 5</b> Imagem da página do site da rádio Revolução na seção “objetivos gerais”	163
<b>FIGURA 6</b> Imagem da página do site da rádio Revolução na seção “metodologia”	164
<b>FIGURA 7</b> Imagem da página do site da rádio Revolução na seção “resultados”	164
<b>FIGURA 8</b> Imagem da página do site da rádio Revolução na seção “galeria de fotos”	165
<b>FIGURA 9</b> Imagem da página do site da rádio Revolução na seção “contato”	165
<b>FIGURA 10</b> Capa e contra capa do CD Concurso spots Unesco	166
<b>FIGURA 11</b> Reportagem na Revista “Isto É” em 22/03/2000 página 1	167
<b>FIGURA 12</b> Reportagem na Revista “Isto É” em 22/03/2000 página 2	168

## MEMORIAL

Nesta seção vou apresentar um pouco da minha formação e da trajetória que me conduziu a esta pesquisa. Sou licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), – concluído no primeiro semestre de 2007.

Durante o curso de Biologia trabalhei como voluntária no laboratório da universidade e foi neste período que tive também a oportunidade de ter minha primeira experiência como professora, durante o estágio. Embora existam dificuldades na área educacional, sobretudo no ensino público, busquei, nestas dificuldades, a inspiração para meu projeto de estágio docente. Com o tema “Como recuperar o interesse do aluno pelo aprendizado de Ciências?”, procurei apresentar alternativas aos problemas verificados no cotidiano de uma escola municipal, em Teixeira de Freitas, cidade onde morava, no extremo-sul da Bahia. O foco principal do trabalho foi a utilização de recursos didáticos variados, lúdicos e acessíveis, como jogos, filmes, passeios, experimentos simples e demonstrações, para estimular o interesse dos alunos para o aprendizado de Ciências. Apesar das dificuldades, o trabalho obteve êxito e verificou-se um acentuado interesse dos alunos pelas aulas. Depois desta experiência, lecionei em uma escola estadual por um semestre.

Trabalhei também em um projeto da Universidade voltado a tratar o tema da sexualidade na Terceira Idade, mais uma vez utilizando recursos lúdicos como jogos, dinâmicas e uma peça de teatro sobre Estatuto do Idoso escrita por mim e encenada junto com colegas com esquetes do cotidiano do idoso, buscando sensibilizá-los a conhecer seus direitos e reivindicá-los.

Desde a mais tenra idade nutro paixão pelo rádio. Aquela caixinha misteriosa de onde sai o som, música, histórias... Aos 4 anos comecei a gravar meus programas de rádio junto com meus primos, entre as décadas de 1980 e 1990, em Itabuna, no interior da Bahia. Nós tínhamos um toca-fitas com gravador, e de ouvinte assídua passei a apresentar meus próprios programas com direito a efeitos sonoros, propagandas inventadas e música cantada na capela. Na adolescência, o fascínio persistiu, ouvia rádio, ligava para opinar, participava de promoções, me apaixonava pelas vozes dos locutores da madrugada... Cheguei a ir pessoalmente a algumas rádios em Salvador para conhecer os estúdios, locutores e produção tamanha minha curiosidade.

Em seguida, comecei um estágio extra-curricular em Educação Ambiental na Organização Não Governamental (ONG) “Instituto Baleia Jubarte” situada em Caravelas-BA. As atividades realizadas durante os cinco meses de estágio nessa ONG foram: educação

ambiental nas escolas municipais; educação ambiental em ambientes não-formais; palestras; cruzeiros de pesquisa; participação (produção e apresentação) de programa de rádio comunitário com enfoque em Educação Ambiental e Divulgação Científica; participação em eventos promovidos pela instituição, entre outros.

Em todas as experiências relatadas sempre tive Paulo Freire como base teórica para meus trabalhos e pesquisas em Educação e Comunicação.

Desde criança sempre gostei de desenhar, pintar, encenar, simular programas de rádio (gravava fitas), entrevistas, e, sobretudo sempre gostei de ler. Além de ser incentivada por minha mãe, meu pai era dono de uma banca de jornal e revistas em Salvador-BA, e sempre convivi com este universo de revistas, jornais, periódicos, história em quadrinhos... Talvez essa seja a origem da minha persistência em sempre querer trabalhar com Comunicação e Artes (por afinidade) e Ciência (minha formação) juntos. Embora as pessoas sempre estranhassem quando eu dizia que ainda faria Comunicação depois de formar em Biologia, me perguntando o que uma coisa tinha haver com a outra, para mim a ligação entre ambas sempre foi clara e via nessa ligação um mundo de possibilidades.

Uma outra constatação é que sempre me interessei por temas considerados “negligenciados” em minhas pesquisas acadêmicas: história em quadrinhos no ensino, pobreza, tuberculose, velhice, rádio comunitária, loucura, lixo, entre outros, isso vem desde a época de escola. Também da época escolar datam os primeiros apelidos estigmatizantes: doida, maluca (pelo meu jeito de ser), “cor de cocô” (pela minha cor), catadora de lixo (por gostar de brincar com embalagens, papéis usados, etc.). Além disso, em alguns momentos da vida passei por restrições financeiras severas. Tudo isso estimulou o desenvolvimento de resiliência e o desejo de compreender e lutar pelo respeito às diferenças e pela busca de uma sociedade mais equânime.

No segundo semestre de 2007, ao terminar o curso de Biologia, passei no vestibular e comecei a tão sonhada graduação, Comunicação Social – Rádio e TV, na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), localizada em Ilhéus-BA. Tentei aproveitar ao máximo os conhecimentos adquiridos durante minha permanência na universidade – que durou até 2009, quando tive que interromper, pois meu esposo passou no doutorado da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Ao chegar ao Rio de Janeiro (RJ), em 2009 me inscrevi sem muitas pretensões, no curso de locução de rádio promovido pela Biblioteca Pública de Niterói, e lá pude conhecer o trabalho realizado na *webradio Revolução* FM com usuários em saúde mental, o que depois veio a se tornar o tema do meu projeto de mestrado. A rádio *Revolução* despertou meu

interesse em aprofundar a pesquisa, mas não encontrei bibliografia específica sobre a atuação desta *webradio* no Instituto Municipal Nise da Silveira na literatura científica, e sim trabalhos sobre a história do Centro Comunitário; sobre a Dr<sup>a</sup>. Nise da Silveira; sobre o Museu de Imagens do Inconsciente; sobre a Reforma Psiquiátrica; e até sobre as atividades terapêuticas realizadas, como pintura, música, artesanato, alguns trabalhos apenas citavam a rádio, entretanto nenhuma pesquisa específica mais aprofundada sobre o histórico de atividades desta rádio.

Sempre almejei estudar na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e em 2009, iniciei a pós-graduação lato sensu em Ensino de Biociências e Saúde, no Instituto Oswaldo Cruz (IOC) desenvolvendo como trabalho de final uma pesquisa em que foi elaborada uma história em quadrinhos sobre tuberculose junto com alunos de uma escola pública de São Gonçalo (RJ); e simultaneamente cursei a pós lato sensu em Análises Clínicas e Gestão Laboratorial, na Faculdade Maria Thereza (FAMATH) onde desenvolvi um estudo epidemiológico da Tuberculose em São Gonçalo-RJ (ambos concluídos em 2012). Em 2010 tentei mestrado em várias instituições, passei em quatro delas e optei pelo Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS/FIOCRUZ), compondo a turma 2011.1, em virtude da afinidade com o projeto.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	20
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	27
2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	27
2.2 DAS ONDAS DE ELETROCHOQUE ÀS ONDAS DO RÁDIO – DOS MAUS TRATOS AO CUIDADO HUMANIZADO EM SAÚDE MENTAL	28
<b>2.2.1 O Normal, Patológico e as Pessoas com deficiência</b>	28
<b>2.2.2 Saúde mental, Reforma Psiquiátrica e as oficinas psicossociais</b>	30
<b>2.2.3 Rádio: Características, potencialidades e usos sociais</b>	38
<b>2.2.4 Rádio como fator de Participação e Inclusão Social</b>	45
<b>3 CAMINHOS METODOLÓGICOS</b>	56
3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: MÉTODOS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS NO MAPEAMENTO DAS OFICINAS RADIOFÔNICAS NO CAMPO DA SAÚDE MENTAL NO BRASIL	57
3.2 COLETA DE DADOS ATRAVÉS DAS NARRATIVAS: ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS	59
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	66
4.1 OFICINAS MIDIÁTICAS COMO ATIVIDADE PSICOSSOCIAL	67
<b>4.1.2 Mapeamento das Oficinas Midiáticas como Atividade Psicossocial no Brasil</b>	68
<b>4.1.3 Conhecendo as oficinas midiáticas: breves históricos, metodologias e espaços onde ocorrem no Brasil</b>	72
4.2 O ESTUDO DE CASO: <i>WEBRADIO</i> REVOLUÇÃO FM	79
<b>4.2.1 Início das atividades da Rádio Revolução FM</b>	84
<b>4.2.2 Fechamento da Rádio Revolução FM pela Polícia Federal</b>	86
<b>4.2.3 As oficinas de rádio da Revolução FM</b>	88
<b>4.2.4 Rádio Revolução Hoje: na web</b>	89
4.3 RESULTADOS: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS	92
<b>4.3.1 Perfil da amostra</b>	92
<b>4.3.2 A Tessitura das Narrativas</b>	94
<b>4.4 Categorias Empíricas</b>	95
<b>4.4.1 A rádio como inserção/manutenção/reinserção da pessoa no ramo profissional radiofônico</b>	95

<b>4.4.2 A afinidade pelo rádio e/ou associação de atividades prediletas ao “fazer” rádio</b>	97
<b>4.4.3 A rádio como terapia e/ou reabilitação para a saúde</b>	99
<b>4.4.4 A rádio para lutar por ideais e utopias</b>	107
<b>4.4.5 A rádio como espaço de processos educativos, mediações e vínculo</b>	110
<b>4.3 OUTRAS CATEGORIAS</b>	118
<b>4.3.1 Preferência quanto à rádio hertziana ou <i>webradio</i></b>	118
<b>4.3.2 Rádio Revolução abre novas perspectivas</b>	122
<b>4.4 NOTAS DE OBSERVAÇÃO DE CAMPO: CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS E ENTREVISTADOS</b>	122
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	136
<b>6 BIBLIOGRAFIA</b>	148
<b>ANEXO 1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - modelo 1</b>	158
<b>ANEXO 2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - modelo 2</b>	159
<b>ANEXO 3 Programa de oficina/curso da rádio Revolução</b>	160
<b>ANEXO 4 Texto reportagem Revista Isto É 22/03/2000</b>	169

## 1 INTRODUÇÃO

Em 2009 tive a oportunidade de conhecer a *web* Rádio Revolução FM e seu trabalho com usuários<sup>1</sup> em saúde mental, através de um curso de locução de rádio promovido pela Biblioteca Pública de Niterói, que depois veio a se tornar o tema do meu então projeto de mestrado.

No período que estive na rádio, ouvi depoimentos de usuários em sofrimento mental<sup>2</sup> relatando que as atividades na rádio traziam bem estar na vida deles na medida em que falavam de seus problemas e angústias, e que muitas vezes, quando eles praticavam a oficina de rádio nem precisavam tomar o remédio (medicação). A partir de então, surgiram algumas questões e inquietações:

- a) Uma prática de comunicação, que se propõe como atividade psicossocial pode se constituir uma possibilidade de construção cidadania e ressocialização do usuário em saúde mental?
- b) Quais os limites e alcances que essa oficina de rádio oferece aos participantes?
- c) Quais expectativas e anseios de quem busca fazer parte da oficina de rádio?
- d) São engendrados processos educativos e comunicacionais nas oficinas da rádio Revolução?
- e) No contexto brasileiro, existem outras oficinas de rádio como esta?
- f) Caso existam, em que locais?

Essas e outras indagações instigaram a uma investigação mais aprofundada. Portanto, nos interessou buscar investigar se a rádio contribui para a vida (qualidade de vida, inclusão social, recuperação, terapia psicossocial, lazer, etc.) dos participantes.

A construção do campo da Saúde mental no Brasil teve início através da implantação de políticas de saúde marcadas pelo Alienismo, caracterizado pela exclusão social, violência e confinamento (AMARANTE, 2007; OLIVEIRA; MELO JÚNIOR, 2011). Os maus tratos sofridos por essas pessoas durante o tratamento psiquiátrico e as más condições de trabalho

---

<sup>1</sup> De acordo com Amarante (2007) o termo “usuário” foi introduzido pela legislação do SUS (leis 8.080/90 e 8.142/90), no sentido de destacar o protagonismo do que anteriormente era apenas “paciente”. A expressão acabou sendo adotada com sentido bastante singular no campo da saúde mental e atenção psicossocial, na medida em que significava um deslocamento no sentido do lugar social das pessoas em sofrimento psíquico. Atualmente o termo vem sendo criticado pelo fato de ainda manter uma relação de sujeito com o sistema de saúde. Este é um importante indício so movimento permanente de reflexão e construção no campo da reforma psiquiátrica.

<sup>2</sup> Respeitando a terminologia utilizada no campo de conhecimento da saúde mental, utilizamos a terminologia “sujeitos em sofrimentos psíquicos ou em sofrimento mental”, pois por não haver um consenso sobre o que é “normalidade mental”, ao menos a ideia de sofrimento remete a pensar em um sujeito que sofre, em uma experiência vivida por um sujeito.

aos profissionais do setor, propiciaram um espaço para a reflexão por uma possível Reforma Psiquiátrica que ampliasse o conceito de doença mental e humanizasse os tratamentos nessa área (FORTUNA, OLIVEIRA, 2012).

O contexto da reforma psiquiátrica propiciou abertura de novos modos de cuidado ao usuário de saúde mental substitutivos à internação hospitalar. Dentro das estratégias contemporâneas antimanicomiais fundamentadas em atividades artísticas, culturais e comunitárias, as oficinas terapêuticas psicossociais têm um papel de destaque. Esse tipo de estratégia engloba numerosas possibilidades, desde o artesanato, musicalização, teatro, capoeira, artes plásticas, até oficinas de comunicação que aqui denominamos “oficinas midiáticas”. E o que são essas oficinas? As oficinas midiáticas consistem em encontros geralmente na própria unidade de saúde (Centros de Atenção Psicossocial – CAPS<sup>3</sup>), onde os usuários desenvolvem a produção e apresentação de programas utilizando mídias: oficinas de rádio e/ou *webradio*, oficina de fotografia, construção de jornal e/ou *sites*, oficina de TV e/ou produção de vídeos (FORTUNA, OLIVEIRA, 2012).

No universo dessas oficinas midiáticas, nos detivemos a pesquisar a Rádio Revolução FM, que desenvolve oficinas de rádio cujos programas atualmente são transmitidos pela *web*. Nas oficinas, são os próprios usuários que produzem e apresentam os programas radiofônicos. Portanto, não se trata de ouvir música (musicalização) ou ouvir rádio e sim aprender técnicas como: pesquisa e clipagem de matérias; redação texto; respiração e impostação da voz; seleção musical; entre outros saberes necessários ao trabalho do radialista para a confecção e apresentação dos programas.

Partimos da hipótese de que estas experiências podem trazer uma contribuição positiva nos processos terapêuticos aos participantes – tanto dos serviços de saúde mental quanto em outros serviços terapêuticos na saúde – na perspectiva da inclusão e ressocialização, uma vez que as oficinas possibilitam espaço de mediações e comunicação dialógica entre os participantes, profissionais de saúde, familiares e comunidade.

Segundo Oliveira (2010), com a evolução tecnológica, foi possível criar novos espaços de comunicação, através da transmissão radiofônica pela Internet através das chamadas *webrádios* que podem ser implantadas sem a necessidade de licença prévia nem da tutela do Estado, para autorizar o seu funcionamento, fato que potencializa a democratização da comunicação. As *webrádios* são rádios transmitidas exclusivamente pela internet e cujo

---

<sup>3</sup> De acordo com Gadelha, Paiva (s.d.) os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) objetivam acolher diariamente os usuários com sofrimento mental com um projeto terapêutico personalizado, estimular sua integração familiar e reinserção social através do acesso ao trabalho, lazer e direitos civis para assim fortalecer os laços familiares e comunitários. No caso da Rádio Revolução, acontece no Centro Comunitário Pedro II. fonte

número e diversidade de experiências tendem a crescer pelas facilidades tecnológicas e a popularização da internet. Há uma discussão se o *web* pode ser chamado ou não de rádio já que este recurso envolve também textos escritos e imagens. Contudo, segundo Oliveira (2010), qualquer que seja o caso ou modelo de transmissão radiofônico, o que caracteriza o rádio é a interação por ele propiciada, levando em conta a sua principal característica, o som.

Moreira (2008) problematiza esta questão quando afirma que estes novos espaços conquistados, por vezes denominados “alternativos”, demonstram certo distanciamento da cidadania, uma vez que, “de certa forma, a denominação de ‘alternativos’ para os veículos realizados por eles [usuários em saúde mental], demonstra o distanciamento da cidadania plena, ainda utópica, pela ausência de democratização da mídia”. Nesse sentido, afirma o autor, “o caminho que ora se apresenta ainda é a mídia alternativa realizada por e para minorias, que nem sempre, ou na maioria das vezes, são retratados corretamente pela grande mídia”. O autor defende que a democratização da comunicação é algo necessário e urgente, para construirmos uma sociedade mais justa e igualitária onde a comunicação seja um direito fundamental e essencial à construção de cidadania (MOREIRA, 2008).

Ademais, vale ressaltar que o acesso à internet não é democrático em vista da exclusão digital de certos grupos sociais. Gomes (2002), afirma que a exclusão digital se apresenta como um dos maiores desafios, com implicações sobre os mais variados aspectos da moderna sociedade, a sociedade do conhecimento. Sorj, Guedes (2005), corroboram a isto, segundo os autores, exclusão digital diz respeito às consequências sociais, econômicas e culturais da distribuição desigual do acesso a computadores e internet, ou seja, trata-se da reprodução das desigualdades perpetuadas na sociedade também no plano digital das tecnologias de comunicação.

As mídias alternativas são denominadas por John Downing (2002), como “mídia radical”, que engloba uma variedade de formatos como o grafite, o cartum, o teatro de rua, a música, experiências comunicativas na internet, entre outros e consiste em atitudes que expressam uma visão alternativa às imposições hegemônicas.

Peruzzo (2004), afirma que estas formas de comunicação encontram-se presentes nas práticas de movimentos populares e manifestações que objetivam promover a conscientização, a organização e ação de classes subalternas que “em última instância, pretendem ampliar a conquista de direitos de cidadania, não somente para pessoas individualmente, mas para o conjunto de segmentos excluídos da população”. Na ideia da autora, o direito à comunicação não é meramente ter acesso à informação, mas também ser protagonista para pautar e emitir conteúdos. Nesse sentido, estamos diante de “uma outra

comunicação” que tem ganhado expressividade nessas últimas décadas. Contudo, essa comunicação não chega a ser uma força predominante, mas “desempenha um papel importante de democratização da informação e da cidadania, tanto no sentido da ampliação do número de canais de informação e na inclusão de novos emissores como no fato de se constituir em processo educativo”, ressalta a autora, “não só pelos conteúdos emitidos, mas pelo envolvimento direto das pessoas no ‘que fazer’ comunicacional e nos próprios movimentos populares” (PERUZZO, 2004). Estas considerações nos remetem às oficinas midiáticas desenvolvidas como atividade psicossocial a usuários de saúde mental, nosso interesse de pesquisa.

Nesse sentido, Mello (2001), afirma que embora o rádio tenha o potencial de mobilizar pessoas e custo mais baixo de produção em relação que a TV, isto não é o suficiente para garantir que minorias, como as pessoas com sofrimentos psíquicos, apropriem-se deste espaço. Segundo a pesquisadora, é preciso criar veículos de comunicação ou, pelo menos, programas que rompam com o sistema vertical de comunicação das grandes redes de informação que monopolizam a versão pública dos fatos. Criar formas alternativas de comunicação que promovam a cidadania, visem à conscientização, e constituam um aporte para a mobilização e o fortalecimento de um grupo ou movimento social, segundo a autora, a comunicação comunitária contribui para isso.

O direito à comunicação constitui-se uma das bases fundamentais de uma sociedade democrática. Conceber a comunicação como um direito humano, implica reconhecer o direito de todas as pessoas de ter voz, de se expressar. Ademais, significa reconhecer a comunicação como um direito universal e indissociável de todos os outros direitos fundamentais (INTERVOZES, 2013).

No âmbito das lutas por transformações nas estruturas coletivas de comunicação, as ações e o debate ensejados pelos movimentos sociais têm suscitado questões quanto a inclusão digital, democratização dos veículos de informação, cidadania digital, desigualdades de acesso, sentidos e usos das tecnologias da informação e comunicação, propriedade intelectual, entre outras. Todas essas questões direcionam a uma gradativa compreensão social da comunicação como um direito. A comunicação como direito é agregado a uma miríade de direitos de cidadania, reconhecidos e legitimados pela Lei e seus instrumentos, próprios da organização do Estado de Direito (SPENILLO, 2011), embora muitos desses direitos ainda não estejam sendo plenamente exercidos, sobretudo pelos grupos excluídos socialmente.

De acordo com Moreira (2006), a inclusão social pode ser entendida como o ato de proporcionar às populações excluídas social e economicamente (entendendo “população

excluída” como a faixa populacional que têm acesso restrito aos bens materiais, educacionais, culturais etc., bem como as que apresentam recursos econômicos muito abaixo da média dos outros cidadãos) “oportunidades e condições de serem incorporadas à parcela da sociedade que pode usufruir esses bens”. A inclusão social, de forma mais ampla, envolve o estabelecimento de condições para que boa parte das pessoas “possam viver com adequada qualidade de vida e como cidadãos plenos, dotados de conhecimentos, meios e mecanismos de participação política que os capacitem a agir de forma fundamentada e consciente”.

No contexto da nossa pesquisa, entendemos a comunicação, em seu recorte empírico - a rádio Revolução FM e suas oficinas radiofônicas - como forma de acesso a bens culturais e educacionais, além da “inclusão” ou “reinserção” dos sujeitos participantes ao seio social e/ou comunitário.

De acordo com Amarante e Lima (2008), há uma demanda por informações acerca das terapias substitutivas em saúde mental, que valorizem a arte e cultura no Brasil. Embora algumas experiências de oficinas midiáticas tenham sido relatadas, as informações a este respeito – onde ocorrem, metodologias e resultados – encontram-se dispersas na literatura. Em um estágio inicial desta pesquisa (FORTUNA, OLIVEIRA, 2011), foi feita uma identificação preliminar das oficinas midiáticas comunicacionais como atividade psicossocial nos serviços de saúde mental no Brasil, onde foi possível localizar um número significativo de experiências de práticas terapêuticas comunicacionais em serviços de saúde mental através de oficinas de rádio, *webradio*, TV, oficinas de fotografia, construção de jornal, *sites* e produção de vídeos.

Em um mapeamento mais minucioso, com enfoque nas oficinas radiofônicas com usuários de saúde mental no Brasil, foi encontrada uma lacuna na literatura científica no que se refere aos relatos das experiências, onde muitas delas são apenas mencionadas sem maiores detalhes, entre essas, a Rádio Revolução FM, desenvolvida no Rio de Janeiro. Ademais, há carências de informações no que se refere:

- a) Em que espaços ocorrem as oficinas radiofônicas como terapia psicossocial nos serviços de saúde do Brasil?
- b) Existem processos educativos e comunicacionais nessas oficinas?
- c) Caso existam, de que forma (por quais processos pedagógicos) essas oficinas são desenvolvidas com os usuários?
- d) Essas oficinas contribuem para a inclusão social do usuário e ao movimento da reforma psiquiátrica?

Sendo essas nossas perguntas de pesquisa do mapeamento das experiências de terapias comunicacionais no âmbito dos serviços de saúde mental através dos seguintes meios:

- a) Experiências de rádio transmitidas em ondas eletromagnéticas/hertzianas;
- b) Oficinas radiofônicas realizadas em estúdio sem veiculação externa, e;
- c) *Webradio*.

A partir dessas reflexões, e visando contribuir para o conhecimento de experiências dessa natureza, propusemos como objeto desta pesquisa o estudo de caso da Rádio Revolução FM (*webradio*), uma experiência de oficina radiofônica que surgiu em 1995, desenvolvida no Centro Comunitário Pedro II, Unidade do Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS), complexo hospitalar da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), Rio de Janeiro – Brasil.

Atualmente a rádio Revolução vem desenvolvendo oficinas radiofônicas abertas a usuários de saúde mental, deficientes visuais do Instituto Benjamin Constant (em convênio firmado junto a Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro), e pessoas em geral que tenham interesse em participar. As aulas das oficinas em 2012 estão acontecendo no Instituto Benjamin Constant e na Federação das Associações e Sindicatos dos Servidores Públicos Estaduais e Municipais do Rio de Janeiro (FASP), e as aulas práticas de locução radiofônica ocorrem no estúdio da Rádio Revolução.

A pesquisa se fundamentou na ideia de que as oficinas da Rádio Revolução se constituem como fator de inclusão social para os participantes. Contudo essa inclusão não se restringe somente aos usuários da saúde mental – embora esse seja o público prioritário que a rádio procura atender – em virtude da sua origem (hospital psiquiátrico), mas também a outros públicos. De acordo com os professores que ministram as oficinas, “a atuação da rádio já extrapolou o muro do manicômio”, atendendo a diversos públicos, de outros “setores” que não o da saúde mental (deficientes visuais, pessoas que sofreram Acidente Vascular Cerebral – AVC<sup>4</sup>, terceira idade, etc.).

Nesse sentido, ressaltamos que o enfoque de nosso estudo foi o de analisar as experiências radiofônicas no campo da saúde no contexto da reforma psiquiátrica como dispositivo de cidadania e de inclusão social a partir de um estudo de caso constituído pela Rádio Revolução FM, do Rio de Janeiro, sediada no Instituto Municipal Nise da Silveira, norteado pelos seguintes objetivos,

---

<sup>4</sup> O Acidente Vascular Cerebral (AVC), popularmente conhecido como derrame, é uma das principais causas de morte e de sequelas no mundo e no Brasil. Decorre da insuficiência no fluxo sanguíneo em uma determinada área do cérebro e tem diferentes causas: malformação arterial cerebral (aneurisma), hipertensão arterial, cardiopatia, tromboembolia (bloqueio da artéria pulmonar). BRASIL, Saúde do idoso. Acidente Vascular Cerebral (AVC). Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/sobre/saude/saude-do-idoso/acidente-vascular-cerebral-avc>>

Objetivo geral:

- a) Compreender como o rádio tem sido utilizado como atividade psicossocial na perspectiva da inclusão social a partir do estudo de caso da Rádio Revolução FM e do mapeamento dessas experiências realizadas no contexto brasileiro;

E dos seguintes objetivos específicos:

- a) Investigar qual a percepção que os participantes possuem sobre a Rádio Revolução FM a partir de entrevistas e depoimentos dos participantes e professores da oficina de rádio;
- b) Descrever como as oficinas de rádio da Rádio Revolução FM são desenvolvidas, problematizando os limites e alcances que esta prática comunicacional pode proporcionar aos envolvidos de acordo com os objetivos que se propõem (ressocialização, desenvolvimento de habilidades comunicacionais, sensibilização para o movimento da luta antimanicomial);
- c) Resgatar o percurso histórico da rádio através de documentos e publicações sobre a Rádio Revolução FM.

A dissertação está organizada em cinco capítulos. No capítulo 1 apresentamos o conjunto de referenciais teóricos utilizados provenientes da convergência dos campos das Ciências Sociais (Educação e Comunicação) e da saúde. Já no capítulo 2, há três seções, na primeira abordamos a concepção de “normal” e “patológico” na perspectiva das pessoas com deficiência; na segunda seção problematizamos historicamente a construção do campo da saúde mental, desde a transição do status de loucura à categoria de “doença mental” até a Reforma Psiquiátrica e o cuidado humanizado em saúde mental; na terceira e última seção do capítulo teórico, sobre o rádio, discutimos algumas de suas características no contexto da mídia oligopólica brasileira e o advento de inovações como das rádios comunitárias e sua articulação com a internet e seu uso como mídias inclusivas e táticas a favor da luta pelo direito à comunicação dos grupos em desvantagem social, bem como seus processos educativos e comunicativos na perspectiva da inclusão social.

No capítulo 3, descrevemos os aspectos metodológicos da pesquisa. No capítulo 4, apresentamos os resultados e discussão da pesquisa. No capítulo 5, finalizamos com as considerações finais da dissertação.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pesquisa está amparada em um conjunto de referenciais teóricos e metodológicos inseridos na convergência dos campos das Ciências Sociais (Educação e Comunicação) e da Saúde. E teve como objetivo principal analisar as experiências radiofônicas no campo da saúde no contexto da reforma psiquiátrica como dispositivo de cidadania e de inclusão social a partir de um estudo de caso realizado na Rádio Revolução FM, do Rio de Janeiro, sediada no Instituto Municipal Nise da Silveira.

Nosso referencial está fundamentado na perspectiva da comunicação radiofônica popular engajada na inclusão (OLIVEIRA, 2000, 2010; PERUZZO, 2007a) nos movimentos populares de grupos em situação de desvantagem social, a partir de práticas de saúde que valorizam a cultura, os processos educativos e a comunidade. Essas práticas tem ganhado destaque no advento das estratégias direcionadas ao cuidado humanizado e vinculação social (SODRÉ, 2006; OLIVEIRA, 2011) propostas pela reforma psiquiátrica (AMARANTE, 1996, 2007; SANDER, 2010; YASUI, 2010) o que ensejou o desenvolvimento das oficinas de comunicação como atividade psicossocial (VALLADARES et al, 2003; MOREIRA, 2008; FACHINI, CARMO-ROLDÃO, 2008) que nos serviram de base teórica para análise do caso da Rádio Revolução.

Buscamos o referencial de pesquisadores que compreendem a participação popular (BORDENAVE, 1994) e a comunicação enquanto direito para ampliação do status de cidadania (PERUZZO, 2004, 2007b) concebendo os sujeitos enquanto seres históricos, sociais e culturais (FREIRE, 1996, 2005).

Iniciaremos problematizando a concepção de “normal” e “patológico” com foco nas pessoas com deficiência e posteriormente, englobando os sujeitos em sofrimento mental e a luta pela inclusão social.

## 2.2 DAS ONDAS DE ELETROCHOQUE ÀS ONDAS DO RÁDIO - DOS MAUS TRATOS AO CUIDADO HUMANIZADO EM SAÚDE MENTAL

### 2.2.1 O normal, Patológico e as Pessoas com deficiência

O filósofo e médico francês Georges Canguilhem (2009) publicou importantes obras nos campos da História, epistemologia e filosofia da ciência, assim como nos campos da biomedicina e psicologia. Uma de suas contribuições mais eminentes foi fruto de sua tese de doutorado abordando acerca do "O normal e o patológico". Em seu livro, o autor problematiza a visão da medicina ocidental biomédica, fundada na clínica-terapêutica, a lógica do ideal de se restituir a "normalidade", ou seja, o estar doente é concebido como algo patológico, não-normal, indesejado e portanto que se deve ser revertido, combatido. Assim, "ser normal" é algo como se deve ser, um "ideal".

De acordo com Silva (2012), na visão de Canguilhem este termo é um equívoco, na medida em que afirmar que "algo é normal pressupõe um valor atribuído por alguém em relação a/outro/a ou a um fato e, chama atenção que, na medicina, o estado normal designa o estado habitual dos órgãos e, simultaneamente, o estado ideal".

Ainda que os seres humanos compartilhem de características comuns por serem da mesma espécie, cada indivíduo possui suas peculiaridades que o distinguem dos demais seja na dimensão física, psicológica, social, bem como em suas percepções do que é "ter saúde". Nesse sentido, uma vez que estado "normal" possa ser designado segundo "o estado habitual dos órgãos", cada pessoa há de possuir sua própria normalidade, seu padrão singular. Dessa forma, o que tem determinado o que é normal ou patológico é a maioria ou hegemonia de determinado padrão "normal" ou "patológico" em um contexto, em uma dada cultura e época.

Historicamente o padrão do "normal" teve predominância na humanidade, conforme esclarece Silva (2012),

Essas reflexões de Canguilhem sobre as práticas médicas ajudam a compreender como se deu a construção do imaginário de que ter deficiência é não ser normal. Isto porque há uma visão mecanicista do organismo humano como uma máquina que, em seu estado normal, deve funcionar perfeitamente e cujo rendimento pode ser medido. Neste caso, a doença é o que desorganiza e evidencia que algo não está normal, de acordo com parâmetros instituídos pela fisiologia – descrita pelo autor como a ciência do homem normal (2009, p. 83), com ideais biológicos e classificações baseadas nas características médias e mais frequentes de casos observáveis. Estabelece-se, então, uma polaridade na dinâmica da vida e uma normatividade, tendo algumas condições valores negativos e outras, positivos. Assim, com base no parâmetro generalista da fisiologia do que é

normal, o usual é encontrar seres humanos que falam, andam e enxergam (p.25).

Essa visão dicotômica em classificar as pessoas como “normais” ou “patológicas” acabam por engendrar o preconceito, discriminação e o estigma da condição de deficiência frente à normatização da vida na sociedade humana.

De acordo com Yamamoto<sup>5</sup> (1995) *apud* Carvalho (2001), na história da humanidade, as pessoas com deficiência sofriam castigos por membros da sociedade, aqueles considerados “normais”, por razões socioculturais. Em civilizações antigas como a egípcia, hebraica, grega e romana havia uma prática de eliminar ou assimilar as pessoas com algum tipo de deficiência. A eliminação ocorria em forma de sacrifício, abandono e/ou isolamento do indivíduo sob a justificativa de que essas pessoas estariam desprovidas de condições de garantir sua própria sobrevivência para obtenção de alimentos, se protegerem contra perigos naturais, etc. Além disso, misticamente, algumas tribos acreditavam que a deficiência era um sinal da presença de divindades negativas. Com o advento da era cristã, novos comportamentos como a caridade e o amor ao próximo foram sendo incorporados por aqueles que buscavam “entrar no céu”. Foram criadas instituições para abrigar as pessoas com deficiência, bem como doentes e pobres. Até o século XVIII, qualquer tipo de deficiência era concebido como algo relacionado do misticismo, ocultismo ou espiritismo.

Assim, as pessoas com deficiência, sobretudo como consequência da normatização da vida, foram submetidas por um longo período a diferentes práticas de exclusão, sendo impedidas de participar das várias esferas da vida em comunidade (SILVA, 2012).

Segundo Carvalho (2001), após a Segunda Guerra mundial, soldados voltaram mutilados e a sociedade passou a buscar melhor tratar essas pessoas consideradas “bons rapazes”, heroicos, e restituir a convivência familiar e comunitária, isso contribuiu para que essa compreensão mais humana da pessoa com deficiência se estendesse para aqueles com deficiência congênitas e hereditárias. De 1920 a 1930, nos Estados Unidos um forte movimento capitaneado por pais de filhos com deficiências, se destacou combatendo atitudes sociais estereotipadas e marginalizadoras das pessoas em relação às pessoas com deficiência. Sobre essa movimentação, afirma Silva (2012):

Em âmbito global, movimentos sociais pelos direitos das pessoas com deficiência surgem nos anos 1960, num contexto político marcado por reivindicações de diferentes segmentos populacionais em situação de

---

<sup>5</sup> YAMAMOTO, H. Unidade de Referência e Recursos para Educação Especial- da elaboração e do acesso aos materiais didáticos ao aluno com deficiência visual. Dissertação de Mestrado. Curso de pós-graduação em Educação do setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Brasil, 1995.

vulnerabilidade, tais como grupos pela igualdade étnico-racial, pelos direitos das mulheres e pela liberdade de orientação sexual – eram as denominadas minorias que, na prática, em nada tinham de menor, representando parcela expressiva da população. Ganhava, então, evidência o orgulho: de ser gay, mulher, negro/a e, embora menos citado, de ter deficiência (SILVA, 2012, p. 32).

Assim como as pessoas com deficiência visual e de outras ordens, de forma similar, como será abordado no capítulo seguinte, o sujeito em sofrimento psíquico teve sua trajetória marcada pelo abandono, longas internações e atos de violência. Também a partir do final da Segunda Guerra mundial, Amarante (2007) relata que a humanidade percebeu as atrocidades que os homens praticavam uns contra os outros, e finalmente se deu conta que atos tão cruéis quanto os praticados durante a guerra, eram habitualmente realizados contra os ‘doentes mentais’, assemelhando-se com os horrores dos campos de concentração.

Esses tipos de atitudes estão calcados em práticas de normatização da vida, de criação de modelos ideais de seres humanos e de estabelecimento, do que é “normal” e “patológico”. De acordo com Silva (2012), desde os anos 1970, um movimento social e político formado em torno da em defesa da pluralidade e de direitos, contribuiu para uma maior mobilização em torno das necessidades específicas das pessoas com deficiência e para a ruptura de paradigmas. Segundo a pesquisadora, como resultado destas movimentações, nos últimos anos, “houve uma maior evidência das pessoas com deficiência, presentes em diferentes instâncias políticas do país, ocupando fóruns, o que tem contribuído para a formulação de políticas que atendam às suas especificidades na educação e na saúde”. Contudo, salienta que a despeito de certas conquistas, a “formulação de políticas ou de diferentes leis e decretos específicos não significa dizer que estas têm saído do papel, por meio de ações concretas, ou muito menos que atendam a todas as pessoas com qualquer deficiência, garantindo direitos numa perspectiva inclusiva”.

### **2.2.2 Saúde Mental, Reforma Psiquiátrica e as Oficinas Psicossociais**

O surgimento dos saberes ditos científicos enquanto discursos articulados a práticas sociais que determinam relações de saber-poder constituintes em uma sociedade foram analisados historicamente por Michel Foucault. Segundo Foucault (1992), os conceitos são mutáveis uma vez que se situam e são construídos em suas épocas de origem, passando por transformações ao longo dos tempos. Dessa forma, o discurso científico se destaca como mais um importante capítulo na história dos saberes, inscrevendo-o como um conjunto de forças próprias ao contexto histórico a que pertencem, que, articulados a outros discursos,

influenciam práticas e correntes de pensamentos posteriores. O autor analisou a história da transição teórica do status de “loucura” à categoria de “doença mental” ocorrida em meio à organização de uma sociedade que Foucault denomina disciplinar (QUINTAS, 2007).

A construção do campo da Saúde mental no Brasil teve início através da implantação de políticas de saúde de ordem disciplinar provenientes do Alienismo (OLIVEIRA; MELO JÚNIOR, 2011).

O médico Philippe Pinel, ao escrever *o Tratado Médico-Filosófico sobre a Alienação Mental ou A Mania*, obra que ficou conhecida como a ‘síntese alienista’, elaborou a primeira classificação das enfermidades mentais, consolidando o conceito de alienação mental e a profissão do alienista. Pinel preconizou o ‘tratamento moral’ aos alienados, que consiste em um conjunto de medidas e princípios que, impostos aos alienados, visavam educar a mente, afastar delírios e ilusões, trazendo a consciência à realidade. Para tanto, o próprio hospital enquanto instituição disciplinar seria também a instituição terapêutica. Este tratamento baseava-se no princípio do isolamento do mundo exterior – entendido como institucionalização/hospitalização integral- que, segundo Pinel, era imperativo essencial para o tratamento adequado. Amarante (2007) esclarece que, segundo a origem etimológica da palavra ‘alienado’, já nasce o estigma de periculosidade em relação às pessoas em sofrimento mental,

No sentido mais comum do termo, alienado é alguém ‘de fora’, estrangeiro, alienígena. Poderia significar estar fora da realidade, fora de si, sem o controle de suas próprias vontades e desejos. Fora do mundo, de outro mundo (no mundo da lua!). Alienado, de *alienare* e *alienatio* significa torna-se Outro. Um outro da Razão? Um outro do humano? Um estranho irracional? Na medida em que alguém nesta condição de alteridade poderia representar um sério perigo à sociedade, por perder o Juízo, ou a capacidade de discernimento entre o erro e a realidade, o conceito de alienação mental nasce associado à ideia de ‘periculosidade’. Em certo sentido, pode-se considerar que ao longo de todos estes anos o conceito de alienação mental contribuiu para produzir, como consequência inerente à própria noção, uma atitude social de medo e discriminação para com as pessoas identificadas como tais. Alienação, perda da Razão, irracionalidade, animalidade (2007, p. 30-31).

A Razão era condição elementar para determinar a natureza humana, sendo critério de diferenciação entre o que era humano e as demais espécies vivas da natureza, o que existiria, em sua origem conceitual, um impedimento para que o alienado fosse admitido um cidadão. O termo cidadão/cidadania se relaciona com cidade, com espaço da cidade, com o espaço público das trocas sociais, políticas e econômicas entre membros de uma comunidade (AMARANTE, 2007).

Fazendo uma problematização, se o sujeito em sofrimento mental era considerado despossuído de Razão, e a Razão condição para “ser humano”, então a ausência de Razão neste sujeito, muito mais do que impedi-lo de ser admitido cidadão, o desprovia da condição de pertencer a espécie humana. Isto nos permite afirmar que o sujeito em sofrimento mental era considerado um animal, bicho, excluído da vida social.

Com o advento do manicômio, que se constituía em um lugar onde os internados perdiam todas as suas referências de vida, submetidos à exclusão do ambiente familiar, do trabalho, do lugar onde moravam, da cidade, privados da liberdade; os sujeitos em sofrimento psíquicos perdiam também a maior garantia que a sociedade moderna pretendia dar a todos - sobretudo no contexto da Revolução Francesa - a cidadania (AMARANTE, 1995).

Vale ressaltar que os principais artifícios disciplinares da psiquiatria foram, além da medicalização, a lobotomia em 1936, o eletrochoque por volta de 1938 e os neurolépticos na década de 50 (DIAZ, 2008).

A Revolução Francesa foi um processo de superação do Estado Absolutista a partir da aliança entre aristocracia monárquica e o clero e tinha como lema “liberdade, igualdade, e fraternidade”. No antigo regime, antes da Revolução, o debate em torno dos direitos humanos, sociais e políticos era deveras incipiente o que começou a mudar com os novos ideais emergentes (AMARANTE, 1995; 2007).

Nesse sentido, é possível perceber uma contradição neste período histórico: como conviver dentro de uma mesma estrutura política e social em que foi construído o princípio do conceito de cidadania ensejado pela Revolução Francesa, no mesmo momento e conjuntura histórica em que foi forjado o conceito ‘anti cidadão’ de alienação mental?

Nesse contexto, sobretudo pelo paradoxo instaurado entre isolamento e o tratamento moral frente à Revolução, o alienismo foi alvo de muitas críticas. Uma primeira tentativa para resgatar o potencial terapêutico da instituição psiquiátrica ocorreu com a proposta das “colônias de alienados”. De acordo com DIAZ (2008), a teoria das colônias, importada da Europa, era o que havia de mais ousado na época. Contudo, acabou se tornando mais uma versão igual ao do asilo tradicional.

Até os anos 80, o atendimento psiquiátrico é pautado pela crença na loucura como forma de doença e, assim, para seu tratamento são utilizados diversos mecanismos que objetivam trazer o indivíduo à realidade, por meio de práticas de violência e confinamento (AMARANTE, 2007).

Os maus tratos sofridos pelos sujeitos durante o tratamento psiquiátrico e as más condições de trabalho aos profissionais do setor, propiciaram ao longo do tempo, em diversos

lugares do mundo, espaço para reflexões por uma possível Reforma Psiquiátrica que ampliasse o conceito de doença mental e humanizasse os tratamentos nessa área (FORTUNA; OLIVEIRA, 2012).

De acordo com Paulo Amarante (2007), poucos campos de conhecimento e atuação em saúde são tão vigorosamente complexos, plurais, intersetoriais e com tamanha transversalidade como o campo da Saúde Mental. Trata-se de um campo poroso, complexo e que é quase impossível delimitar seus limites e fronteiras. Contudo, em linhas gerais, pode-se afirmar que “saúde mental é um campo polissêmico e plural na medida em que diz respeito ao estado mental dos sujeitos e das coletividades que, do mesmo modo, são condições altamente complexas”. Para o autor, qualquer forma de categorização é acompanhada pelo risco do reducionismo ou achatamento das possibilidades da existência humana e social.

Influenciada principalmente pelos modelos europeus, sobretudo pela reforma psiquiátrica italiana protagonizada pelo médico psiquiatra Franco Basaglia, a Reforma Psiquiátrica no Brasil, teve início a partir da década de 1970, período em que foi desencadeada a Reforma Sanitária o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM) com o objetivo de protagonizar a luta em prol da reforma da assistência psiquiátrica nacional (AMARANTE, 2007). Posteriormente, na década de 1980, houve a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) e a criação do primeiro Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

Assim como o campo da saúde mental, a Reforma Psiquiátrica em curso no Brasil é um movimento complexo, configurando-se um conjunto de processos com características locais, envolvendo lutas sociais pela transformação do modo de conceber a loucura e cuidar do sujeito em sofrimento mental, que extrapola a reformulação dos serviços de assistência à saúde mental. Nesse movimento, há preocupações de se transformar as formas de intervenções psiquiátricas, articula-se a invenção de diversas possibilidades de inserção social para as pessoas que sofrem com transtornos mentais pautadas no acolhimento à família, comunidade e o cuidado humanizado, constituindo-se um processo permanente, marcado por discursos conflitantes, disputas de poder que engendram saberes e poderes, espelhando a sociedade conflituosa e assimétrica em que vivemos.

De acordo com Diaz (2008), o Movimento Nacional da Luta Antimanicomial foi criado a partir de uma construção coletiva de usuários, familiares, profissionais (inclusive psiquiatras) e estudantes do campo da saúde mental, com o lema “Por uma sociedade sem manicômios” no qual tem contribuído na luta pelo fim do manicômio, tratamento humanizado e combatendo críticas e as manifestações contrárias à Reforma Psiquiátrica brasileira.

A partir da reforma psiquiátrica, adota-se a postura de romper com os dispositivos de controle, disciplinarização e exclusão social. O desmonte do manicômio, a construção da cidadania dos sujeitos em sofrimento mental, ressocialização e o direito à diferença se tornaram os lemas centrais das transformações ensejadas nos campos da política, da cultura, do direito e da assistência. Os denominados serviços substitutivos se constituem “uma resultante desse projeto de invenção de formas de legitimar o direito à vida e à loucura, fortemente influenciado pelo referencial teórico e prático de desinstitucionalização promovido pela Psiquiatria Democrática Italiana” (QUINTAS, 2007).

A atual política de saúde mental brasileira tem como pilares os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e as diretrizes da Reforma Psiquiátrica, que preconizam o resgate da cidadania do sujeito em sofrimento psíquico, tendo como meta sua reinserção social, buscada através de um modo psicossocial de cuidado em saúde mental (KANTORSKY et al, 2006).

De acordo com Diaz (2008), a política pública proposta tem na desinstitucionalização um dos pilares mais importantes. E o que é a desinstitucionalização? Ela aparece de diversas formas, de acordo com o projeto de reforma psiquiátrica da qual se origina. São três as formas consideradas: a desinstitucionalização como desospitalização, como desassistência e como desconstrução. Primeiramente, cabe ressaltar que nenhuma delas existe independente das demais. De acordo com o momento, o local e a conjuntura, uma dessas possibilidades adquire maior ou menor visibilidade.

Segundo Amarante (1996); Diaz (2008), a desinstitucionalização como desospitalização, originário dos projetos de psiquiatria preventiva e comunitária, considera que a implementação de ações saneadoras e racionalizadoras provocam uma reorganização administrativa dos equipamentos de saúde, assim como a substituição do modelo hospitalar por outras modalidades de assistência e cuidados. Esta, em tese, seria a reforma suficiente. Vale ressaltar ainda, que a desinstitucionalização como desospitalização é uma perspectiva de cunho econômico para a administração de recursos estatais, aproximando-se do modelo sanitário de gestão em saúde. Quando a abdicação do modelo hospitalar por recursos com viés comunitário falha, a desinstitucionalização torna-se desassistência. Dessa forma, os familiares temem que seus parentes sejam relegados à própria sorte, ao passo que grupos empenhados no fracasso da reforma se valem de tal possibilidade como argumento contundente para retardar as mudanças. A terceira forma de desinstitucionalização observada por Amarante é a desconstrução. Aqui o modelo psiquiátrico é abordado de forma crítica “em um jogo de negação das instituições caracterizadas pela violência consentida, caminhando-se para a construção de novos espaços de subjetivação”. Acredita-se que esta forma de

desinstitucionalização acarretaria, conseqüentemente, uma mudança na mentalidade manicomial e na forma de se encarar e conviver com a loucura.

De acordo com Ribeiro (2003) há uma política de redução dos leitos hospitalares localizados nos hospitais psiquiátricos tradicionais e implantação concomitante de recursos terapêuticos substitutivos do aparelho manicomial, inclusive as terapias psicossociais. Contudo, Quintas (2007) problematiza esta questão e afirma que na prática o que tem acontecido é o convívio do CAPS e o manicômio:

A despeito de todo ato regulatório das portarias 189/91, 224/92, e 336/02, a implantação de CAPS não tem sido acompanhada da efetiva substituição dos hospitais psiquiátricos, no que se constata que os CAPS estão convivendo com o manicômio, na medida em que “a oferta em paralelo de serviços psiquiátricos arcaicos e de serviços ditos substitutivos tendeu a descaracterizar estes últimos como substitutivos” (SILVA<sup>6</sup>, 2003: 75), o que demonstra sua incapacidade substitutiva. Embora o Ministério da Saúde (BRASIL<sup>7</sup>, 2004: 11) aponte a importância do CAPS se articular com o território enquanto “constituído fundamentalmente pelas pessoas que nele habitam, com seus conflitos, seus interesses, seus amigos, seus vizinhos, sua família, suas instituições, seus cenários (Igrejas, cultos, escolas, trabalho, boteco, etc.)” para organizar a rede de atenção à saúde mental, na prática esse exercício não tem sido constatado.

A questão da extinção progressiva dos manicômios constava como umas das principais reivindicações do projeto original da lei da Reforma psiquiátrica brasileira, Lei 10.216/2001, que após 12 anos de tramitação, significou um avanço considerável no modelo assistencial, juntamente com as diversas portarias implantadas pelo Ministério da Saúde (AMARANTE, 2007; DIAZ, 2008).

Segundo Calicchio (2007), em virtude da valorização de atividades artísticas no âmbito do tratamento psiquiátrico e de reabilitação psicossocial, muitos projetos surgiram e tem incorporado, para além da finalidade eminentemente terapêutica, engajamento político-social direcionado ao exercício da cidadania, inclusão social e o maior protagonismo e participação dos usuários na vida pública e cultural. Como exemplo, a autora menciona experiências em curso no Brasil, citando exemplos de rádios e TVs comunitárias como a TAMTAM (rádio e TV), TV Pínel, TV Parabolínica, rádio Revolução, Antena Virada, entre outras.

Moreira (2008) em pesquisa sobre a *TV Pínel* e a *Rádio Maluco Beleza*, afirma que a comunicação tem papel fundamental no processo de mobilização social, para a ressocialização de pessoas marginalizadas ou excluídas. Algumas experiências vem sendo

---

<sup>6</sup> SILVA, J.P.L. *A Desinstitucionalização e o Processo de Reformulação da Assistência Psiquiátrica no Rio de Janeiro no Período de 1995-2000*. Dissertação de mestrado apresentada a Escola Nacional de Saúde Pública/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2003.

<sup>7</sup> BRASIL, *Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial*. Brasília: Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de ações Programáticas Estratégicas, 2004.

desenvolvidas junto a usuários da saúde mental no país, visando ampliar a participação e o capital social das pessoas envolvidas. A relação entre a comunicação, educação não-formal, a construção da cidadania, o tratamento mental e as políticas públicas, que contemplem a comunicação como parte integrante dos cuidados em saúde mental, convergem para o empoderamento que tais veículos de comunicação podem propiciar aos usuários, participantes destas práticas comunicacionais, mudando seu status diante dos amigos, familiares e sociedade.

De acordo com Yasui (2010), as oficinas são importantes instrumentos de produção de cuidado que tem sido amplamente adotadas nos novos serviços substitutivos. Recorrendo ao dicionário Aurélio, o autor encontra a definição da palavra ‘oficina’, que significa “lugar em que se verificam grandes transformações”, segundo o autor, talvez essa definição traga a essência do que se busca com as oficinas: “grandes transformações”. Essa afirmativa se justifica porque se trata de criar um espaço de “acolhimento ao sofrimento psíquico; de possibilitar a ‘ressignificação’ e construção de sentidos existenciais; de produção de uma subjetividade talvez menos oprimida; de circulação e de reconquista dos espaços sociais; de transformação da qualidade de vida”. Nesse sentido, Yasui (2010), segue a perspectiva de que o trabalho das oficinas terapêuticas não são um fim e sim possibilidades, trilhas, veredas. Para o autor, as oficinas:

São possibilidades de construção de novos territórios existenciais, a partir de um encontro com alguém e da produção de um algo. Alguém que ocupe esse lugar de acolhimento, de respeito à singularidade, de escuta, por vezes de incentivo, por vezes de intervenção na relação. Um lugar de suporte de uma relação que aposta no bom encontro, na provocação, na criação. É algo produzido que é muito mais do que a concretude do objeto. É um algo que condensa relações de troca, marcas subjetivas, afetos. Um algo que produz linguagem. Convida ao diálogo, convida a uma reinvenção. Trata-se de um compromisso com a construção e a produção de uma subjetividade aberta à alteridade, atenta ao que propicia a criação e potencializa os processos de transformação do cotidiano (p.167-168).

Já Valladares et al (2003), afirmam que o termo “oficina” tem sido muito utilizado para nomear atividades que estão sendo desenvolvidas nos espaços substitutivos de cuidados em saúde mental. Contudo, o que se percebe é uma gama enorme de atividades que utilizam esta nomenclatura para se caracterizarem, mas o que seria exatamente uma “oficina”? De acordo com o Ministério da Saúde, Portaria 189/1991, essas intervenções consistem em “atividades grupais de socialização, expressão e inserção social”. Os fatores que unem as experiências intituladas “oficinas” não são os tipos de atividades desenvolvidas nesses espaços e sim o princípio do espaço enquanto facilitador da comunicação, das relações interpessoais o que favorece a interação, integração e reinserção social.

Contudo, Sander (2010) pondera para que se atente a uma certa “moda oficineira e oficinante como panaceia para todos os males da saúde mental”. E mais especificamente, que a arte não se torne mais uma “grife chique” a prestar credibilidade a práticas “absolutamente esvaziadas de vida”.

A aproximação entre arte e loucura no Brasil teve como pioneiros Osório Cesar no Hospital de Juqueri, em São Paulo, e Nise da Silveira no Centro Psiquiátrico Nacional (hoje Instituto Municipal Nise da Silveira) no Engenho de Dentro, Rio de Janeiro. Ambos acreditavam no potencial da expressão artística dos sujeitos em sofrimento mental através de atividades ocupacionais, sobretudo a pintura, em um ambiente de acolhimento, afeto, respeito e vinculação social. No âmbito do presente estudo, cabe destacar a figura de Nise da Silveira, uma vez que a rádio estudada além de estar inserida no instituto que leva seu nome, possui grande influência desta personalidade, que com seu ideal, foi uma das que fortemente influenciou a luta antimanicomial.

Nise Magalhães da Silveira nasceu em Maceió (AL), em 1905. Em 1921, ela se mudou para Salvador (BA), quando passou a frequentar as aulas do curso de medicina, onde foi a única mulher, entre os 156 alunos da faculdade. Depois de formada, a alagoana foi morar no Rio de Janeiro em 1927 (DIAS, 2003).

Após a Intentona Comunista de 1935, a psiquiatra foi presa pela ditadura, depois de uma denúncia feita por uma enfermeira do hospício da Praia Vermelha, onde trabalhava. Em 1937, Nise da Silveira foi libertada, pois não havia nenhum processo vinculado a seu nome, porém não voltou para o hospital da Praia Vermelha por haver um boato que ela voltaria a ser presa. Nos sete anos seguintes, exilou-se em terras brasileiras, no interior da Bahia. Pouco se sabe sobre esse período de sua vida, que compreende os anos de 1937 a 1944. Após mais de sete anos afastada do Rio de Janeiro, em 1944 Nise da Silveira retornou ao serviço público, retomando suas atividades como psiquiatra no Centro Psiquiátrico Nacional (CPN), em Engenho de Dentro. Nise da Silveira assustou-se com os métodos de tratamento das doenças mentais, tais como o eletrochoque, o coma insulínico e a lobotomia. E optou pelo tratamento ocupacional como um método terapêutico não agressivo, fundamentado no acolhimento e na expressividade através da arte (DIAS, 2003, DIAZ, 2008).

De acordo com Dias (2003), nas décadas de 40 e 50, ainda que a expressão artística dos alienados vez ou outra aparecesse em alguma nota de jornal, a pouca produção científica a respeito do tema ratifica que o interesse pela arte dos alienados estava circunscrito a poucos psiquiatras, especialmente Nise da Silveira e Osório Cesar. Esse fato reflete a própria

configuração do campo psiquiátrico brasileiro naquele momento, constituído por práticas e discursos hegemônicos e outras terapêuticas periféricas.

O Museu de Imagens do Inconsciente foi fundado em 20 de maio de 1952 em Engenho de Dentro, Rio de Janeiro, como uma extensão natural dos trabalhos realizados nos ateliês de pintura e modelagem da Seção de Terapêutica Ocupacional do Centro Psiquiátrico Nacional, sob a direção da psiquiatra Nise da Silveira desde 1946. Por meio desse trabalho introduz a psicologia junguiana no Brasil. É inegável o legado de Nise da Silveira no campo da psiquiatria brasileira. A psiquiatra faleceu no Rio de Janeiro em outubro de 1999, aos 94 anos.

No contexto da nossa pesquisa, entendemos a comunicação, em seu recorte empírico, as oficinas de rádio, como forma de acesso a bens culturais e educacionais, na perspectiva da “inclusão” ou “reinserção” dos sujeitos participantes das oficinas - em sofrimento mental ou não - ao seio social e/ou comunitário, a partir de práticas calcadas no vínculo social, conforme ideário de Nise da Silveira, anteriormente discutido.

### **2.2.3 Rádio: Características, potencialidades e usos sociais**

Partindo do pressuposto de que existem várias conexões entre as atividades expressivas no campo da saúde mental fundamentadas no afeto, vínculo e alteridade, partiremos para a discussão teórica sobre comunicação e processos educativos, problematizando como o potencial do rádio - com suas velhas e novas características - tem sido utilizado no âmbito das atividades psicossociais nos serviços de saúde mental do Brasil, na perspectiva inclusiva, bem como seus limites e alcances.

Há divergências na literatura quanto ao surgimento do rádio no Brasil. Enquanto algumas fontes atribuem a primeira transmissão radiofônica no país à Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923 (DAEMON, 2012; RÁDIO SOCIEDADE, 2012), outras garantem que a primeira rádio surgida no país foi a Rádio Clube de Pernambuco, que teria iniciado suas transmissões em 1919.

Tão controverso quanto o surgimento do rádio no Brasil é o crédito ao seu inventor. Oficialmente, a invenção do rádio é creditada ao cientista italiano Guglielmo Marconi, nascido em 1874 na cidade de Bolonha. Marconi teria sido o primeiro a dar explicação prática aos resultados das experiências de laboratório anteriormente realizadas por Heinrich Hertz, Augusto Righi e outros. Segundo os resultados dos estudos de Hertz, Marconi concluiu que as ondas estudadas poderiam transmitir mensagens, e, assim, em 1895, fez suas primeiras experiências, com aparelhos rudimentares. No Brasil, o padre gaúcho Roberto Landell de

Moura, nascido em Porto Alegre em 1862, desenvolveu um aparelho que transmitia e recebia a voz humana sem a utilização de fios condutores. Sua primeira experiência aconteceu em São Paulo, em 1893 (RODRIGUES, 2012).

De acordo com Rodrigues (2009), a polêmica sobre quem teria inventado o rádio se baseia no fato de que Marconi só teria transmitido sinais em Código Morse, enquanto o padre gaúcho Landell de Moura em seu invento, transmitiu a voz. De todo modo, a experimentação de ambos ocorreu quase simultaneamente, ainda que em locais distintos.

Durante a Primeira Guerra Mundial, o rádio foi usado com fins militares e, a partir de 1918, este começou a ser utilizado amplamente pelos civis (MARTINS, 2008). A tecnologia de transmissão e recepção radiofônica evoluiu dessas primeiras experiências para a forma de radiotelegrafia e radiotelefoneia, na qual as linhas físicas (fios) davam lugar às ondas eletromagnéticas. No âmbito da emissão, as vibrações sonoras são transformadas em sinais elétricos, os quais passam por um processo onde ganham qualidade para serem codificados em feixes de ondas eletromagnéticas. Estes são transmitidos através de antena, onde são captados por outra antena no aparelho receptor, para em seguida retornarem como sinais elétricos via alto-falante à forma de vibrações sonoras, inteligíveis pelo ouvinte (FERRARETTO, 2010).

Nos anos 20, havia uma atitude muito otimista quanto ao potencial de divulgação e educação científica das novas tecnologias de comunicação. Médico, antropólogo e educador brasileiro, nascido no Rio de Janeiro, em 1884, Edgard Roquette-Pinto, desde o início, viu no rádio um meio para disseminar educação, ciência e cultura à população brasileira (RÁDIO SOCIEDADE, 2012) tornando-se conhecido como o “pai da radiodifusão no Brasil”. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi concebida por um movimento de cientistas e intelectuais do Rio de Janeiro, membros da Academia Brasileira de Ciências (ABC), portanto, no “berço” da Ciência e Educação. Tinha como presidente Henrique Morize e, como secretário-geral, Roquette-Pinto.

Oficialmente, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro veiculou a primeira transmissão radiofônica no Brasil durante o Centenário da Independência, em 1922, do presidente Epitácio Pessoa (FERRARETTO, 2001), o discurso foi ouvido no Rio de Janeiro, em Niterói, Petrópolis e São Paulo, graças à instalação de uma retransmissora e de aparelhos de recepção (MARTINS, 2008). Em abril de 1923, a rádio foi fundada de fato.

A programação da Rádio Sociedade era composta de execuções de óperas, recitais de poesia, de cursos de literatura e de ciências. As rádios sociedades e clubes eram mantidas pelas mensalidades de seus associados e doações. Isso permitia liberdade no conteúdo dos

programas, sem ter que se submeter a nenhuma imposição ou necessidade de obtenção de lucro, uma vez que a publicidade ainda não existia no rádio (RÁDIO SOCIEDADE, 2012).

Entretanto, na década de 30, o rádio entra na fase comercial (autorizado por Getúlio Vargas através de decreto-lei no ano de 1932, permitindo a veiculação de propaganda no rádio). A partir daí a arrecadação financeira dos associados teria que ser substituída pela contribuição financeira dos anunciantes.

Getúlio Vargas percebeu rapidamente o potencial político do rádio e manteve as emissoras em seu controle direto. A partir de 1937, no Estado Novo, Vargas utilizou o rádio para promover sua ideologia política e criou o programa *A Voz do Brasil*, na época *Hora do Brasil*, para ser o divulgador oficial do governo, principalmente dos discursos presidenciais. Adolf Hitler foi outro exemplo de liderança que percebeu a importância da comunicação através da radiofonia. McLuhan<sup>8</sup> (1979) *apud* Martins (2008) afirma que “o ditador alemão só teve existência política graças ao rádio e aos sistemas de dirigir-se ao público” (MARTINS, 2008, p.24).

De acordo com a pesquisadora Gisela Ortriwano (1985), a competição advinda da abertura comercial no rádio propiciou três facetas, “o desenvolvimento técnico; status da emissora e sua popularidade. A preocupação ‘educativa’ foi sendo deixada de lado e, em seu lugar, começaram a se impor os interesses mercantis”.

Assim, diante da exigência de equipamentos mais modernos, aliado à falta de recursos financeiros - uma vez que Roquette-Pinto se recusava a inserir anunciantes comerciais por não admitir que a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro perdesse seu viés cultural e educativo – Roquette-Pinto preferiu então doá-la ao Ministério da Educação (vindo a se tornar a Rádio MEC, no ar até hoje), com a condição de que a rádio permanecesse fiel ao seu lema educativo sem vinculação comercial, política ou religiosa (RÁDIO SOCIEDADE, 2012).

Vale destacar que Roquette-Pinto se envolveu em diversos projetos relacionados à radiofonia e Educação. Fundou em 1933, junto com o educador Anísio Teixeira - então Secretário da Educação - a Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro, emissora de caráter estritamente educacional que foi rebatizada em 1945 com o nome de Rádio Roquette-Pinto, em homenagem a seu idealizador (FIGUEIREDO-MODESTO, 2009).

Em decorrência do desenvolvimento técnico, aumento exponencial da publicidade e popularização dos conteúdos, o rádio viveu a sua “Época de Ouro”, durante as décadas de 1930 a 1950, marcadas pelas radionovelas e grandes cantores e cantoras do rádio.

---

<sup>8</sup> MCLUHAN, H.M. McLuhan, H.M. *Os Meios de Comunicações como Extensões do Homem*, São Paulo, ed. Cultrix, 1979.

Nesse período, os programas eram produzidos em grandes estúdios onde a equipe criava produtos sonoros elaborados, como a ‘radionovela’, e outros gêneros como ‘radiopeças’, ‘radioteatro’, ‘histórias seriadas’, ‘peças radiofônicas’ que, embora sejam enunciadas como homogêneas, cada uma apresenta um tipo de especificidade, mas em todas destacam-se os efeitos sonoros que eram produzidos de forma criativa pela equipe de sonoplastia, músicos e atores.

De acordo com Borelli e Mira (1996) como características comuns, cada um desses gêneros são provenientes de um mesmo padrão seriado de ficcionalidade originado pelo teatro popular, folhetim, ou seja, advindos de culturas populares de massa articuladas a outros gêneros como: melodramas, aventuras, comédia, policial. A radionovela, mais especificamente, tinha precedentes no folhetim impresso, difundido no Brasil desde o século XIX, através de publicação em jornais consistia na dramatização do gênero novela, produzida e veiculada no rádio.

A primeira radionovela transmitida no Brasil, ‘Em busca da felicidade’, foi ao ar em 05 de junho de 1941, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. As radionovelas eram histórias seriadas irradiadas, inicialmente, às segundas, quartas e sextas-feiras ou às terças, quintas e sábados. As durações eram variadas, iam de dois meses até dois anos, como foi o caso de ‘Em busca da Felicidade’, que ficou em cartaz de 1941 até 1943. Oduvaldo Vianna foi um dos maiores escritores de radionovelas do país e um dos pioneiros no gênero (CALABRE, 2003).

O tempo reservado às etapas do processo de produção era exíguo. Após a entrega do texto pelo autor, havia pouco tempo para ensaios, correções e revisões e como a transmissão se fazia ao vivo, era alto o nível de improvisação - característica marcante na história incipiente do rádio e da televisão (BORELLI; MIRA, 1996).

Cascas de coco imitavam as batidas dos cascos de cavalos no chão, o barulho do papel celofane amassado próximo ao microfone imitava o estalar do fogo (HAUSMAN et al, 2010), folha de alumínio para simular o som de trovões, que juntamente com o som do ventilador no microfone remetia ao barulho de uma tempestade. Em virtude de seu caráter lúdico, tudo isso era um grande estímulo à imaginação. A orquestra e os arranjos sonoros combinavam-se para criar a atmosfera desejada na mente do público ouvinte. Dessa forma, com radionovelas, orquestras, publicidade, a programação abandonou o seu perfil educativo e elitista para se firmar como um meio popular.

O rádio possui algumas características que fazem dele um meio de comunicação de grande aceitação pelo público, tais como a linguagem oral, mobilidade, imediatismo, instantaneidade e sensorialidade, conforme afirma Gisela Ortrivano (1985). De acordo com

Mello (2001), estes aspectos se refletem na própria linguagem radiofônica que deve ser simples, clara, concisa e redundante, como uma conversa informal. Nesse sentido, Cabello (1999), ressalta que a construção do texto radiofônico exige, além de certa correção gramatical uma adequação técnico linguística concernente à estrutura do veículo. O texto para o rádio é peculiar, é um “texto escrito para ser falado e para ser ouvido” devendo portanto ser: objetivo, simples e direto.

A linguagem radiofônica, de acordo com Ferraretto (2010), engloba o uso da voz humana, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio que atuam de formas isoladas ou combinadas entre si de diversas formas. Assim, o uso da linguagem adequada aliado ao aspecto da sensorialidade faz com que o rádio tenha uma relação de proximidade com o ouvinte. Nesse sentido, Mello (2001) afirma que por não dispor de imagem e contar apenas com o som, o rádio chega mais diretamente ao ouvinte com se falasse a ele individualmente.

Segundo Heródoto Barbeiro (2007), a comunicação exclusivamente por áudio é muito mais simples de ser montada tecnicamente e por essa razão pode se eximir do contexto estritamente comercial e publicitário e se transformar em um elemento de mudanças sociais. Piovesan (2004), afirma que por estar ligado diretamente ao cotidiano das pessoas, o veículo desempenha, simultaneamente “o papel de protagonista e coadjuvante nos processos de educação informal contribuindo para aumentar o repertório de saberes”.

Além disso, levando em consideração a perspectiva do comunicador/locutor, Mello (2001) afirma que essas características intrínsecas ao rádio “o fazem um meio mais acessível não somente para o ouvinte, mas também para qualquer pessoa que deseje comunicar-se pelas ondas radiofônicas”.

Contudo, a chegada da televisão trouxe consigo o fim da *época de ouro* do rádio. Este foi um período de transição e incertezas. Sobre esta época, Martins (2008) destaca que “para enfrentar a nova e potente concorrência, o rádio teve que buscar outros caminhos e definir uma linguagem específica”.

Temia-se o fim do rádio, ou seja, que fosse preterido com o advento da televisão. Entretanto, o rádio permaneceu, e em virtude de uma inovação tecnológica importante na década de 50, a chegada do transistor, o aparelho se desvencilhou dos fios e tomadas. Esta inovação proporcionou a criação de uma nova linguagem, dinâmica, influenciando e sendo influenciada pelo perfil do público que tornou-se um ‘ouvinte móvel’, bem distinto da realidade anterior, quando as famílias se reuniam na sala ao redor de um formoso aparelho, estático (MARTINS, 2008).

Muitas novas tecnologias surgiram, a mais recente e que ainda provoca maior impacto, é o computador. Assim como o rádio e a TV, o computador foi um dos artefatos tecnológicos que revolucionou as formas de comunicação humana, sobretudo com a crescente miniaturização que transformou as gigantescas máquinas que ocupavam salas inteiras nos modernos PCs (*Personal Computer*) e outras formas compactas como os *notebooks* e *netbooks*.

A última novidade em tecnologia nas relações humanas é a internet, uma rede de comunicação que une pessoas de todas as partes do mundo (MARTINS, 2008).

O projeto da rede mundial de computadores, a internet, surgiu na década de 1970, visava promover uma comunicação no formato de rede, de forma disseminada, que não tivesse nenhum centro. Começou nos anos 70 quando o Departamento de Defesa Americano agregou os centros de pesquisa para canalizar informações entre pesquisadores, na perspectiva bélica e de estratégia militar. A web – *World Wide Web* - nasceu em 1991, na Suíça. Seu criador, Tim Berners-Lee, a concebeu como uma linguagem que seria utilizada para interligar computadores do laboratório a outras instituições de pesquisa e exibir documentos científicos de forma simples e fácil de acessar. No Brasil, a primeira conexão à web foi feita em janeiro de 1991, na oportunidade da criação do Comitê Gestor da Internet no Brasil, entidade responsável pela rede mundial de computadores no país (MARTINS, 2008).

Diante de tantas transformações tecnológicas, é possível se escutar rádio em ondas médias, tropicais e curtas ou em frequência modulada; ao satélite, por modalidade paga ou gratuita, amalgamada por TV por assinatura; através da internet pelas *webrádios* ou servindo de suporte a alternativas sonoras assíncronicas como o *podcasting*. Essa pluralidade se estende ainda aos modos de processamento de sinais: analógico ou digital; à definição da licença da emissora: comercial, educativa ou comunitária; em relação ao conteúdo: se dirigida a jornalismo, popularesca, musical, erudita, religiosa, etc. (FERRARETTO, 2010).

Essa nova configuração do rádio na internet suscitou certa insegurança, sintetizada por Meditsch (2001) na assertiva sobre “o velho fantasma da extinção do rádio ronda mais uma vez os nossos estúdios, trazendo angústias e incertezas a seus profissionais e gerando confusão entre os estudiosos do meio”.

De acordo com Martins (2008), a história do rádio é marcada por dois momentos de debates em relação à sua permanência:

O primeiro grande debate aconteceu na década de 50. Com o surgimento da televisão, acreditava-se que o rádio iria acabar, já que o novo veículo que nascia, além do som, tinha também imagem. Hoje, neste início do século XXI, um novo debate toma conta dos profissionais da radiofonia e do meio acadêmico: a internet vai engolir o rádio? Os novos e modernos formatos em

áudio podem ser definidos como rádio? Os novos gêneros de rádio que surgem na web vão acabar com o modelo tradicional que todos nós conhecemos? (p.17).

A discussão ocorrida outrora era semelhante à que acontece atualmente com o advento da internet: Qual o futuro do rádio? O rádio vai sucumbir diante das novas tecnologias? O rádio vai permanecer como o conhecemos atualmente? Essa é uma discussão que muitos profissionais, gestores e pesquisadores do campo da radiodifusão estão engajados diante da nova configuração do rádio na *web*. Antes de prosseguir com a discussão proposta, é necessário fazer as devidas contextualizações em relação ao cenário midiático brasileiro e seu caráter oligopólico.

De acordo com Venicio A. de Lima (2009), na década de 1930 foi adotado no Brasil o “*trusteeship model*”, que significa a entrega do setor de radiodifusão à exploração comercial de empresas privadas, através de concessões da União. Só a partir de 1988, a nova Constituição menciona *complementaridade* entre os sistemas privado, público e estatal (Artigo 223), contudo, a norma não chegou a ser regulamentada e não teve eficácia alguma. Dessa forma, historicamente o setor possui uma regulação que promove sem restrições, o desenvolvimento da radiodifusão privada e comercial e, nas últimas décadas, apesar de radicais mudanças tecnológicas, suas principais normas legais mantem-se desatualizadas. De acordo com Lima (2009),

Apesar da evidente necessidade de um novo e abrangente marco regulatório, o setor permanece regido por um Código do início da década de 60 do século passado (Lei 4.117 de 27/8/1962), totalmente desatualizado. A legislação do setor, além de desatualizada, não é uniforme. Se, por um lado, a Constituição Brasileira reza, desde 1988, que “os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio” (Parágrafo 5º do Artigo 220), normas legais mais recentes, como, por exemplo, a Lei da TV a Cabo, por intenção expressa do legislador, não incluíram dispositivos que limitassem ou controlassem a concentração da propriedade (p. 28) .

A característica desse padrão de radiodifusão brasileiro é a conglomerização (FERRARETTO, 2010). Dessa forma, ensejado pela falta de aplicação da lei, o que ocorre de fato no país é a propriedade cruzada, ou seja, o controle de jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão por um mesmo grupo empresarial, dentro de um mesmo mercado. Isso fez com que a radiodifusão se estabelecesse oligopolisticamente no nosso país (PERUZZO, 2005).

Nesse contexto, foi consolidado no Brasil um sistema de mídia concentrado, liderado pela televisão e, em boa parte, controlado por grupos familiares vinculados às oligarquias políticas regionais e locais. Essas características específicas é que fazem com que, no Brasil, o

poder da mídia assuma, potencialmente, proporções ainda maiores do que em outros sistemas políticos (LIMA, 2009).

De acordo com o documento publicado pela organização não governamental de defesa da liberdade de imprensa, “Repórter Sem Fronteiras” (RSF, 2013), o que impera no Brasil é o “coronelismo eletrônico”,

As características do mecanismo geral de funcionamento da mídia estorvam a livre circulação da informação e impedem o pluralismo. Dez grandes grupos econômicos, correspondentes a outras tantas famílias, dividem entre si o mercado da comunicação de massas. O espectro audiovisual é claramente dominado pelo grupo Globo, sediado no Rio e propriedade da família Marinho. Seguem-se SBT (Sistema Brasileiro de Televisão, grupo Sílvio Santos), a Rede Bandeirantes (grupo Saad) e Record (detido pelo bispo protestante evangélico Edir Macedo). Na imprensa escrita, o grupo Globo também ocupa um lugar privilegiado, graças ao diário do mesmo nome. Seus principais concorrentes nacionais são os grupos Folha de São Paulo (família Frias Filho), O Estado de São Paulo (família Mesquita) e ainda, no segmento das revistas, a Editora Abril e seu semanário Veja. [...] A concentração e, no âmbito local, as pressões e a censura constituem os alicerces de um sistema que ainda não foi remodelado desde o final da ditadura militar (1964-1985) e do qual a mídia comunitária é habitualmente a primeira vítima. Os generais desapareceram, mas os coronéis permanecem (p.7).

Ademais, segundo Bucci (2013), “não existe uma lei que defina o que é um monopólio ou um oligopólio, e se for preciso o político dono dos meios utiliza um testa-de-ferro, na pessoa de um irmão, um primo ou um tio”.

#### **2.2.4 Rádio como fator de Participação e Inclusão Social**

Se no modelo midiático anteriormente discutido a circulação das informações fica comprometida e condicionada aos interesses econômicos e políticos de uma dada ideologia dominante, em contrapartida, surgem as possibilidades de se criar outros modelos comunicativos que vão dar origem à comunicação radiofônica comunitária como uma forma de apropriação dos *media* que oportuniza a participação, em seus diferentes níveis, a diversos grupos sociais. Neste contexto é que surgiram milhares de experiências de rádios comunitárias espalhadas por todo o País.

Estima-se que existam cerca de 20 mil rádios comunitárias no país, entre legalizadas e não legalizadas, porém tem sido inviável se ter um número exato (PERUZZO 2006; OLIVEIRA, 2010).

De acordo com o documento RSF (2013), estimar o número de rádios comunitárias no país é uma tarefa complexa, porém de acordo com alguns sites de informação vinculados a

esses meios, estimam em 4600 os media desse tipo que dispõem de uma frequência legal, entretanto estão de fora da estimativa “os que aparecem e desaparecem, clandestinamente”, que são aqueles que não obtêm uma concessão que lhes permita emitir. As rádios comunitárias só podem operar com potência de 25 watts (com um raio de alcance limitado a um quilômetro), o que termina por beneficiar os meios comerciais, uma vez que conservam sua posição no mercado das frequências, mantendo a hegemonia de seus discursos.

Segundo Ferraretto (2010), a radiodifusão comunitária foi instaurada em 1998 pelo Congresso Nacional através da lei 9.612, definido como:

Artigo 1º Denomina-se serviço de Radiodifusão Comunitária, a radiodifusão sonora, em frequência modulada, operada em baixa potência e cobertura restrita, outorgada a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço.

Parágrafo 1º Entende-se por baixa potência o serviço de radiodifusão, com potência limitada a um máximo de 25 watts ERP e altura do sistema irradiante não superior a 30 metros.

Parágrafo 2º Entende-se por cobertura restrita aquela destinada ao atendimento de determinada comunidade de bairro e/ou vila (p.186).

A lei de radiodifusão comunitária foi criticada de forma contundente pelos afetados, por autorizar “uma potência máxima de irrisórios 25 watts à mídia comunitária, que havia solicitado 50 watts para as rádios e 100 watts para as televisões”. Além do reduzido número de frequências disponíveis e de uma legislação que impede seu desenvolvimento, as estações ou pequenos canais comunitários são prejudicados pela falta de um estatuto claramente definido. Ademais, “são muitos os meios dedicados ao proselitismo religioso que se proclamam ‘comunitários’, embora estejam longe do formato informativo e educativo assumido pela autêntica mídia comunitária”. Em dezembro de 2012, deu entrada no Congresso uma emenda que despenalizava a emissão de rádios e televisões comunitárias que não excedessem o limite de 100 watts. Embora tenha sido aprovada na Câmara de Deputados, o texto foi imediatamente rejeitado pelo Senado (RSF, 2013).

A forma de comunicação comunitária surge no seio das lutas dos movimentos e ações que encontraram nos recursos e suportes midiáticos importantes alicerces para o desenvolvimento de novas expressões e alianças políticos-sociais entre Estado, democracia, terceiro setor, sociedade civil e grupos ideologicamente minoritários. Elaboram, assim, novos modos de representação contra-hegemônicos, acenando para a promoção de políticas públicas para a inclusão social (FREITAS, 2007).

De acordo com Peruzzo (2005), conceitualmente,

Os movimentos populares são manifestações e organizações constituídas com objetivos explícitos de promover a conscientização, a organização e a ação de segmentos das classes subalternas visando satisfazer seus interesses

e necessidades, como os de melhorar o nível de vida, através do acesso às condições de produção e de consumo de bens de uso coletivo e individual; promover o desenvolvimento educativo-cultural da pessoa; contribuir para a preservação ou recuperação do meio ambiente; assegurar a garantia de poder exercitar os direitos de participação política na sociedade e assim por diante. Em última instância, pretendem ampliar a conquista de direitos de cidadania, não somente para pessoas individualmente, mas para o conjunto de segmentos excluídos da população (p.2).

No âmbito dos movimentos populares, foi verificada a necessidade da apropriação de técnicas (de produção jornalística, radiofônica, estratégias de relacionamento público etc.) e de tecnologias de comunicação (instrumentos para transmissão e recepção de conteúdos etc.) para o fortalecimento e realização dos objetivos propostos (ibid, 2005).

Contudo, assim como Oliveira (2010), parte-se do pressuposto que nem sempre as potencialidades suscitadas pelas rádios comunitárias são concretizadas, principalmente no que diz respeito à democratização do espaço público. De acordo com o autor, há pouco interesse dos pesquisadores sobre este assunto e, em consequência, o número discreto de pesquisas tem sido realizadas sobre as experiências concretas das emissoras comunitárias no Brasil, o que se apresenta uma grande lacuna para o entendimento sobre a sua natureza, alcance e limitações.

Se por um lado, existem significativas e inovadoras experiências sendo desenvolvidas em todo o país, por outro, há que se ter atenção para a hipótese de que uma boa parte desses empreendimentos radiofônicos têm se voltado para perpetuar a cópia do modelo radiofônico comercial, em termos estéticos e organizatório. Ao invés promover assuntos e temas de interesse público e a diversidade cultural, como seria o desejável, são simplesmente reprodutoras dos produtos da indústria fonográfica. Ademais, há casos de mau uso como trampolim político e para promover interesses extra-radiofônicos ou extra-comunitários de seus dirigentes (OLIVEIRA, 2010).

De acordo com Peruzzo (2005), há um intenso debate com questões polêmicas tanto no âmbito do próprio movimento de rádios comunitárias quanto na academia sobre as rádios comunitárias no Brasil. Alguns desses dilemas são: o conceito de rádio comunitária, a questão das rádios comunitárias ilegais, o fechamento de emissoras pelo poder público, a falta de compromisso do governo com o setor comunitário de radiodifusão, a municipalização das autorizações, as reivindicações do setor no que se refere ao alcance e canais de transmissão, etc.

A noção de comunidade entre os autores em suas diversas linhas de pesquisa é controversa, mas de maneira geral traz consigo a ideia de compartilhamento de interesses e características que podem ser (a língua, laços de parentesco, vizinhança, desejos comuns)

territorial ou não, o que não significa que haja discordâncias e dissensos nessas comunidades. Ademais, as definições quanto ao conceito de comunidades tem sido revistas com o advento das novas tecnologias da informação e da comunicação, sobretudo ao que se refere às demarcações territoriais.

Levy (1999) afirma que, como as comunidades reais, as virtuais se agrupam segundo afinidades, valores comuns, em um processo de cooperação e troca, sem barreiras geográficas. Uma vez conectado, o cidadão tem condições de interferir diretamente, em mediadores, o que pode ajudar a descentralizar e democratizar os serviços públicos.

As rádios comunitárias trazem consigo um grande potencial de participação e de inclusão social o que a distingue em relação à mídia convencional, por proporcionar possibilidade de relação mais horizontalizada com o público (o que não significa que haja apenas relação de horizontalidade na mídia comunitária). Nas mídias comunitárias, as interações entre os participantes são processos importantes (e não apenas a transmissão) o que se constitui um fator fundamental e peculiar em suas perspectivas.

Nesse sentido, Deliberador e Lopes (2009), destacam que a participação efetiva da população nos processos comunicativos tendo como função encontrar respostas aos desafios de determinada região a conhecer e enfrentar seus problemas, o que pressupõe dos indivíduos um sentimento de pertença à comunidade, com o objetivo de desenvolvê-la na medida em que constroem sua cidadania.

Bordenave (1994) afirma que para aprender a participar no âmbito macrossocial é preciso que haja uma educação para a participação, fruto das microparticipações. De acordo com o autor, “o mais importante recurso no processo de desenvolvimento são as próprias pessoas” e dessa maneira, “a participação popular e a descentralização nas decisões mostram-se como caminhos mais adequados para enfrentar os problemas graves e complexos dos países em desenvolvimento”.

Retomando a discussão sobre pressupostos da comunicação comunitária, trazemos a problematização quanto ao uso do termo “comunitário”, que segundo pesquisadores tem sido utilizado indiscriminadamente no âmbito das mídias, Peruzzo (2005), esclarece,

Por ocorrer uma vulgarização do uso do termo “comunitário”, há visões distorcidas do que ela venha a ser na prática. Em última instância, não basta a um meio de comunicação ser local, falar das coisas do lugar e gozar de aceitação pública para configurar-se como comunitário. A comunicação comunitária que vem sendo gestada no contexto dos movimentos populares é produzida no âmbito das comunidades e de agrupamentos sociais com identidades e interesses comuns. É sem fins lucrativos e se alicerça nos princípios de comunidade, quais sejam: implica na participação ativa, horizontal e democrática dos cidadãos; na propriedade coletiva; no sentido de pertença que desenvolve entre os membros; na co-responsabilidade pelos

conteúdos emitidos; na gestão partilhada; na capacidade de conseguir identificação com a cultura e interesses locais; no poder de contribuir para a democratização do conhecimento e da cultura. Portanto, é uma comunicação que se compromete, acima de tudo, com os interesses das “comunidades” onde se localiza e visa contribuir na ampliação dos direitos e deveres de cidadania (p.4).

Contudo, vale ressaltar que este é um ideal de comunicação comunitária, uma vez que em muitas pesquisas científicas no campo demonstram que a mídia comunitária nem sempre é gestada com princípios imbuídos ao interesse coletivo de uma comunidade, as relações implicadas nessas emissoras nem sempre são horizontais, os conteúdos veiculados nem sempre se propõem a difundir a diversidade cultural, bem como os níveis de participação dos envolvidos muitas vezes é demasiadamente discreto.

Assim sendo, a participação da comunidade é elemento fundamental para o envolvimento e co-responsabilização na busca de soluções para os problemas, tendo consciência que a cidadania não pode ser dada, e sim conquistada, e que existem diversos níveis de participação, e todas devem ser incentivadas (DELIBERADOR, LOPES, 2009; DEMO, 1998). Peruzzo (2005) destaca a importância das mídias comunitárias para a ampliação do status de cidadania:

É justamente no processo de mobilização para a ampliação da cidadania que as rádios comunitárias têm relevante papel a desempenhar. Elas podem contribuir efetivamente para o avanço do desenvolvimento social e local a partir de várias maneiras, desde os conteúdos que divulgam até a participação no próprio processo de fazer rádio (p.7).

O entendimento de cidadania empreendido neste estudo é o exposto por Peruzzo (2005),

Cidadania é um processo histórico que se desenvolve em conformidade com as configurações sociais (garantias legais, consciência política, consciência do direito a ter direito, poder de pressão etc.) de cada lugar e época [...] As transformações nas sociedades – que incluem o desenvolvimento crescente das tecnologias de informação e comunicação –, explicitam a necessidade do resgate do debate em torno de uma dimensão da cidadania, um tanto relegada a segundo plano, além das tradicionais dimensões dos direitos civis, políticos e sociais, a dimensão cultural. Esta se expressa como direito à liberdade de acesso à informação e de fruir os bens culturais, mas também como direito comunicacional, ou seja, de acesso dos cidadãos aos meios de comunicação enquanto produtores e difusores de mensagens e não apenas como receptores, respeitadas as diferenças (p.17)

De acordo com Peruzzo (2002), a participação na comunicação, é um mecanismo que propicia a ampliação da cidadania, por possibilitar à pessoa tornar-se *sujeito*, ativo nas atividades comunitárias e nos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem se estar propriamente em bancos escolares ou em uma sala de aula

convencional. A pessoa envolvida nesse processo tem a possibilidade de mudar o seu modo de ver o mundo, de relacionar-se com ele, viabilizando a este agregar novos elementos à sua cultura. Nesse sentido, “a comunicação coloca-se, assim, no espaço da educação informal, que ocorre nas dinâmicas sociais do dia-a-dia onde o indivíduo se vê em interação com seus pares e com as manifestações culturais e informativas com que se depara”. Parafraseando Paulo Freire, a pesquisadora afirma que “comunicação é um ato pedagógico e a educação é um ato comunicativo”, esta frase sintetiza a complexidade e, ao mesmo tempo, as inter-relações entre comunicação e educação.

E, finalmente, retomando a discussão em relação ao futuro do rádio diante do surgimento da rádio na internet, existem duas questões importantes a tratar: primeiro é problematizarmos o conceito de rádio, que usualmente é apresentado estreitamente vinculado ao aparelho eletrodoméstico, visão que deve ser superada; e a outra é pensar o potencial da *web* como meio para superar as limitações impostas pelo aparato midiático tradicional, como forma táctica de comunicação diante das concessões não autorizadas.

Em relação à concepção teórica de rádio, Heródoto Barbeiro (2007) afirma:

A concepção teórica de rádio precisa se divorciar da sua materialização, do eletrodoméstico que povoa nossa mente toda vez que seu nome é pronunciado. Rádio não é aquela caixa quadrada com uns botõezinhos e que fala. Posso ouvir rádio no celular, no computador, no palm, no notebook ou no velho capelinha à válvula deixado de herança pela minha avó (2007, p.13).

Transmissores, receptores, canais, bandas de frequências são apenas suportes da criação cultural, conceito que representa o aspecto mais intangível e ao mesmo tempo mais materializado do rádio. Tão materializado que persiste independente do desaparecimento, desuso ou transformação desses hardwares, de uso de novas bandas, canais, etc. Assim, rádio a cabo, por satélite, pela internet, por ondas hertzianas, ou por meio digital, podem ser considerados rádio por igual. A caracterização de sua natureza e identidade, assim como o debate sobre sua sobrevivência no futuro não depende dos suportes utilizados, mas sim da continuidade de seu uso social de uma determinada forma, na preservação da modalidade cultural. Nesse sentido, torna-se pertinente que o conceito de rádio seja desvinculado dos *hardwares* e das emissões eletromagnéticas que lhe deram origem (FERRARETTO, 2010).

Nair Prata Martins é uma pesquisadora do rádio e teve como principal tema da sua tese de doutorado o estudo sobre as *webrádios*. Dessa forma, a autora se torna uma das principais referências da nossa pesquisa. De acordo com Prata, com a chegada da internet, surgiu uma nova forma de radiofonia, onde o usuário não apenas ouve as mensagens transmitidas, mas também as encontra em textos, vídeos, fotografias, desenhos, hipertextos. Além do áudio, há

toda uma profusão de elementos textuais e imagéticos que ressignificam o velho rádio. E utiliza o termo “radiomorfose”, para definir o momento atual vivido pela radiofonia no contexto da internet, momento que tem feito com que os pesquisadores busquem entender e tipificar esta nova mídia.

Pode-se afirmar que existem hoje em todo o mundo três modelos de rádio, apresentada didaticamente por Martins:

1. Emissoras hertzianas (com transmissão analógica ou digital);
2. Emissoras hertzianas com presença na internet (com transmissão digital) e;
3. Emissoras (obviamente digitais) com presença exclusiva na internet, que denominamos de *webradio*.

Em linhas gerais, as *webrádios* possuem uma *homepage* na internet por meio da qual podem ser acessadas as outras páginas da emissora. Na *homepage* aparece o nome da emissora, geralmente um slogan que resume o tipo de programação e vários hiperlinks para os outros sites que abrigam as diversas atividades desenvolvidas pela rádio. Há uma seção reservada para as fotografias na *homepage*, afirma Nair Prata.

A primeira emissora a transmitir de forma contínua e ao vivo através da internet foi a rádio comercial Klif, no Texas, Estados Unidos, a partir de 1995. A criação desta emissora colocou em xeque todos pressupostos conhecidos até então sobre radiodifusão, (como necessidade de concessão, presença de elementos visuais, interação em tempo real e, é claro, a ausência do próprio aparelho de rádio). Aqui no Brasil, a *webrádio* só chegou três anos depois dos Estados Unidos. Em 1998, entrou em funcionamento a rádio Totem, a primeira emissora brasileira com existência apenas na internet (MARTINS, 2008).

Diante do exposto, a rede de comunicação propiciada pela Internet é um campo pertinente a ser pesquisado, uma vez que nela se apresentam inúmeras possibilidades de participação do cidadão na sociedade, permitindo aos grupos culturais e movimentos sociais ampliar e/ou trocar informações entre si, criando teias comunicacionais para ampliar sua capacidade de organização e de atuação, como fórum *on line* capaz de revitalizar lutas e movimentos civis (OLIVEIRA, 2007).

A segunda questão a ser discutida é em relação ao futuro do rádio e o potencial da *web* como meio para superar as limitações impostas pelo aparato midiático tradicional, como forma tática de comunicação.

De acordo com Dornelles (2004),

Ao contrário da televisão, a Internet possibilita a comunicação entre “muitos” e “muitos”. Isso está relacionado com o potencial “produtor” que a nova mídia possibilita. Multiplicam-se os canais (na rede/Internet) que

divulgam informações e tratam de “ser ouvidos”. Agora muitos são os produtores de informação e eles estão de todos os lados, não somente do lado de uma classe dominante econômica ou politicamente (onde poderíamos situar as emissoras de televisão) (DORNELLES, 2004, p. 245).

Com isso, o novo cenário comunicacional radiofônico ensejado, sobretudo com o advento da internet, propõe a dar visibilidade à ação e aos discursos de diferentes atores sociais que hoje estão confinados ao silêncio pela mídia convencional para que possam atuar no espaço público e interferir em ações políticas e sociais. Esse processo contribui para fazer emergir o ideal de um espaço comunicativo criador e democrático, onde deve estar presentes a pluralidade de opiniões e de informações enquanto fóruns de discussão, denúncia, mobilização, entre outros. Em seu conjunto, as rádios comunitárias, legalizadas ou não, inclusive as *webrádios*, não importando sua denominação, constituem um universo expressivo e criativo da comunicação eletrônica em todo Brasil (OLIVEIRA, 2010).

Essa realidade oferecida e vivenciada com o surgimento de novas técnicas tem influenciado os processos educativos e de formação. De acordo com Soares et al (2010), através da utilização crescente de multimídias e ferramentas colaborativas, a criação de novos processos de produção de conteúdos tem contribuído para o desenvolvimento do indivíduo em todas as suas dimensões. Desta forma, podemos considerar que quando bem utilizadas, as tecnologias, em contexto pedagógico, podem favorecer experiências enriquecedoras, potencializando novas formas de ensinar e aprender que contribuem para o aumento do repertório dos saberes.

Nesse sentido, Mello (2001) afirma que a oficina de rádio torna-se assim, um espaço facilitador da comunicação e das relações interpessoais, favorecendo deste modo a interação e a reinserção social, pois nas oficinas o usuário produz, cria, convive, encontra motivação para falar de seus sentimentos, ressignifica sua história de vida, ressocializando-se. Corroborando a isso, Peruzzo (2005), explicita de forma muito contundente como a participação em mídia comunitária pode ser um local de interação, processos educativos e ampliação do status de cidadania:

Participando do processo de fazer rádio, jornal ou qualquer outra modalidade de comunicação comunitária, as pessoas vivenciam um processo educativo que contribui para a sua formação enquanto cidadãs. Passam a compreender melhor a realidade e o mundo que as cercam. Aprendem também a trabalhar em grupo e a respeitar as opiniões dos outros, aumentam seus conhecimentos técnicos, filosóficos, históricos e legais, ampliam a consciência de seus direitos. Desenvolvem a capacidade de expressão verbal, além de conhecerem o poder mobilizatório e de projeção que a mídia possui, em geral simbolizado no atendimento a reivindicações e ao reconhecimento público pelo trabalho de locutores. Aprendem ainda a entender os mecanismos de funcionamento de um meio de comunicação – desde suas

técnicas e linguagens, até os mecanismos de manipulação a que estão sempre sujeitos. De posse desse conhecimento, formulam espírito crítico capaz de compreender melhor a lógica da grande mídia. A melhor forma de entender a mídia é fazer mídia (p. 12).

De acordo com Sartori e Soares (2005), o projeto educacional formulado por Paulo Freire visava ao fim da opressão e das desigualdades sociais por intermédio do desenvolvimento da consciência crítica e histórica. Suas bases fundamentavam-se em uma teoria do conhecimento que se pautava pelo respeito ao educando, pela busca da autonomia e pela dialogicidade, a partir de um pensamento crítico e libertador, pressupostos orientadores na construção de novos paradigmas educacionais. Sua concepção de educação popular partia da realidade do educando para encontrar temas geradores que dessem sentido a educação, relacionados com a vida, estimulando a visão crítica à simplista, problematizadora à bancária. Suas ideias repercutiram internacionalmente e produziu novos rumos para a educação vigente.

Na perspectiva de Paulo Freire (2005) a comunicação é o elemento pelo qual é possível transformar o ser humano em sujeito de sua própria história, vivendo uma relação dialética, em diálogo, que o conduz a uma consciência crítica e a uma transformação de si mesmo. Freire estabelece a relação entre comunicação e educação na medida em que esta última é vista como um processo daquela, uma vez que é uma construção partilhada do conhecimento mediada por relações dialéticas entre os homens e o mundo.

Segundo Gonçalves e Azevedo (2004), a educação tem o desafio que vai além de meramente transmitir informações e conteúdos e sim formar cidadãos que saibam converter informação em conhecimento e que saibam utilizar esses conhecimentos em benefício próprio e de sua comunidade.

Gomes (2007) esclarece que enquanto o território da educação formal se passa na escola e nesse ambiente os educadores são os professores, no espaço informal os agentes educadores são a família, os amigos, a igreja, os meios de comunicação e seu espaço de ação é o cotidiano. Assim, nos processos educativos não-formais “o educador é aquele com quem as pessoas interagem ou se integram e seus territórios são as trajetórias por elas buscadas”. A autora considera que a educação informal é um caminho espontâneo de socialização dos indivíduos e que a trajetória vivenciada neste tipo de educação as capacita para se tornarem cidadãos do mundo. Assim, como resultados esperados dos processos de educação não-formal estão a formação para a leitura e interpretação do mundo, uma formação para a vida e não meramente uma “capacitação para o mercado de trabalho”. Fazendo uma referência ao jornal de Gramsci, Gomes (ibid.) destaca que reconhecendo as funções educativas e intelectuais que podem ter os meios de comunicação como instituições organizadoras da cultura, “o rádio é

um dos espaços da educação informal e pode ser um *locus* potencial da educação não-formal”, podendo contribuir sobremaneira para propiciar mudanças importantes na sociedade.

Gonçalves e Azevedo (2004) afirmam que o diálogo, o comunicar, o expressar livre de ideias, as formas de participação, a valorização das identidades e culturas são elementos significativos nesse processo. Nesse sentido, a construção da cidadania começa pelo respeito à diversidade de opiniões, saber ouvir o outro, decidir coletivamente, é condição de participação. A construção de uma pauta no rádio, em geral é concebida dentro de uma coletividade, e no exercício de sua construção, a ação dialógica torna-se elemento essencial, conforme os ensinamentos de Paulo Freire (2005).

Em seu livro *Extensão ou Comunicação?* Paulo Freire (1983) afirma que a comunicação é um ato de reciprocidade. Para o autor, “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a dignificação dos significados”. Freire afirma que o mundo humano é um mundo de comunicação, onde o homem atua, pensa e fala sobre sua realidade que é a mediação e outros homens que falam, pensam e atuam. Esse “outro”, o outro sujeito co-participante é condição indispensável para que se estabeleça o processo comunicativo. Na mesma direção, Sodré (2006) define que vincular-se, que é processo propriamente simbólico, consiste na partilha da existência com o Outro.

Segundo Bordenave (2004) “pessoas que foram impedidas de se comunicarem durante longos períodos, enlouqueceram ou ficaram perto da loucura”, e nesse sentido afirma: “a comunicação é uma necessidade básica da pessoa humana, do homem social”.

Assim como Roquette-Pinto, outros educadores como Mario Kaplun, Paulo Freire, Ismar Soares, e outros veem no rádio um importante meio para educar, desenvolver cidadãos críticos, como agente ativo da transformação da sua realidade. Nos processos comunicativos que envolvem comunicação popular, dentro da perspectiva da comunicação horizontal, dialógica e participativa, mais importante do que a produção que se faz a partir dos usos dos meios (rádio, jornal, internet, etc.) são as relações e mediações estabelecidas entre os participantes nesse processo. Nesse sentido, acreditamos que nas oficinas radiofônicas ocorrem processos educativos, uma vez que há compartilhamento de saberes nesses ambientes não formais, extra-escolar, onde os educadores e educandos são os próprios participantes das oficinas.

Nesse sentido, os meios de comunicação comunitários se prestam também a funcionar como facilitadores de processos educativos mais amplos na medida em que proporcionam o rompimento dos fluxos unilaterais de comunicação e instituem processos capazes de converter

receptores em emissores e vice versa, realizando assim os princípios da comunicação dialógica defendida tão fortemente por Mário Kaplún, Luiz Ramiro Beltrán, Juan Diaz Bordenave, Daniel Castillo Prieto e Paulo Freire, entre outros (PERUZZO, 2007b). De acordo com a autora,

Por fim, cabe salientar que o exercício das atividades de comunicação comunitária requer a preparação das pessoas para o uso das técnicas e tecnologias. Há, portanto, a necessidade de se adquirir competências, o que agrega a noção do direito ao acesso ao conhecimento técnico e especializado em comunicação. Infere-se que o direito à comunicação se vincula à educação formal, não-formal e informal, numa clara demonstração de como os direitos se entrelaçam (p.17).

Ao final deste capítulo ressaltamos que algo pouco abordado em estudos no âmbito da comunicação comunitária são as possibilidades das oficinas radiofônicas trabalharem a ideia de expressividade dos participantes. Expressividade entendida como uma forma de “exercício” em que as pessoas podem ver o mundo e se verem neste mundo de forma diferente, de construir uma identidade para si mesmo e para os outros. A perspectiva focada nessa potencialidade, de certa forma, destoa das usuais investigações em comunicação comunitária e supomos que isso pode ser justificado pelo fato de que os próprios formuladores das oficinas não ambicionam nenhuma grande revolução, mas tão somente uma forma positiva destas pessoas verem e se sentirem no mundo, o que a nosso ver, já é algo extremamente significativo, justificando o foco do nosso estudo.

A pesquisa se propôs compreender o papel dessas oficinas radiofônicas, que tem sido desenvolvidas como terapias substitutivas à internação manicomial no âmbito dos serviços de saúde mental. No capítulo a seguir descrevemos os caminhos metodológicos da pesquisa.

### 3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente estudo consiste em uma pesquisa social qualitativa, inserida no campo da Comunicação e Saúde, com foco centrado em compreender o papel da Rádio Revolução no campo da saúde, na perspectiva da inclusão social, de acordo com as narrativas/depoimentos de ex-participantes, participantes e fundadores das oficinas de rádio.

Inicialmente, uma das etapas principais do estudo seria a de realizar uma observação do tipo etnográfica das oficinas de rádio da Rádio Revolução visando investigar os processos educativos e comunicativos engendrados nesse espaço. Entretanto, a obtenção do parecer *aprovado* junto ao Comitê de Ética e Pesquisa ocorreu somente em outubro/2012 (e neste período nenhuma oficina de rádio havia sido realizada, havendo apenas a previsão de iniciar uma turma em novembro/2012), e devido à proximidade da finalização da pesquisa respeitando os limites do curso de mestrado, a inclusão desse objetivo foi inviabilizada.

Por estar inserida no contexto da saúde mental e luta antimanicomial, era objetivo da pesquisa verificarmos o papel da rádio Revolução na percepção dos usuários da saúde mental, participantes da oficina. Contudo, no momento de coleta de dados da pesquisa não havia nenhum sujeito em sofrimento mental em tratamento, usuário do hospital (ou que se “declarasse” em sofrimento mental). Entretanto, isso não inviabilizou a investigação, uma vez que as perguntas de pesquisa não eram voltadas/restritas somente ao participante usuário de serviço de saúde mental, ademais, a rádio por si mesma já funciona no interior de uma instituição de saúde mental, o que já a coloca no contexto do campo da Saúde Mental.

As perguntas que nortearam a pesquisa foram:

- a) Como uma prática de comunicação, que se propõe ser uma atividade psicossocial pode se constituir uma possibilidade de construção cidadania e ressocialização tanto do usuário em saúde mental quanto de outras pessoas que dela participam?
- b) Quais expectativas e anseios de quem busca fazer parte da oficina de rádio?
- c) Como são engendrados os processos comunicacionais e educativos nas oficinas da rádio Revolução?
- d) No contexto brasileiro, existem outras oficinas de rádio como esta – em que locais?

Interessou-nos buscar compreender, em que medida a rádio Revolução contribuiu ou ainda contribui para a vida (qualidade de vida, inclusão social, recuperação, terapia psicossocial, lazer, etc.) dos participantes, dentro de um contexto mais amplo, o da comunicação popular que tem sido utilizado (através de oficinas midiáticas com rádio, TV e outras mídias) como serviço substitutivo no âmbito da luta antimanicomial, nos preceitos da

Reforma psiquiátrica brasileira.

De acordo com Boni e Quaresma (2005), existem três momentos imprescindíveis à coleta de dados para uma pesquisa, a pesquisa bibliográfica, a observação de campo e a técnica de coleta de dados através de entrevistas/depoimentos. A pesquisa bibliográfica, a primeira etapa desta pesquisa, em linhas gerais consistiu um apanhado sobre os principais trabalhos científicos já realizados sobre o tema e que são pertinentes por fornecer dados atuais e relevantes.

A observação de campo, mais especificamente - a observação participante - o método utilizado nessa pesquisa, é uma técnica de coleta de dados em que o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por ele. O “diário de campo” é o instrumento acessório, onde o pesquisador toma notas sobre comportamentos contraditórios com as falas, impressões pessoais, resultados de conversas informais, etc. (MINAYO, 2010).

### 3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: MÉTODOS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS NO MAPEAMENTO DAS OFICINAS RADIOFÔNICAS NO CAMPO DA SAÚDE MENTAL NO BRASIL

Como ponto de partida, através da pesquisa bibliográfica resgatamos o estado da arte sobre o tema, tanto no que se refere aos pesquisadores do campo, bem como as experiências do uso do rádio como terapia psicossocial que tem sido desenvolvida no Brasil. Essa etapa de coleta de dados nos permitiu obter dados quantitativos dos relatos na literatura em relação ao número de atividades com oficina de rádio no âmbito dos serviços de saúde mental no país.

Através de um estudo exploratório na literatura científica (FORTUNA, OLIVEIRA, 2011), em que fizemos uma identificação preliminar das oficinas midiáticas comunicacionais como terapia psicossocial nos serviços de saúde mental no Brasil, foi possível localizar um número significativo de experiências através de oficinas de rádio, *webradio*, TV, oficinas de fotografia, construção de jornal, *sites* e produção de vídeos. Em etapa posterior, dentro deste universo de práticas psicossociais que utilizam mídias comunicacionais com usuários de saúde mental, realizamos um mapeamento mais aprofundado, através de pesquisa bibliográfica, das experiências de terapias realizadas através de oficinas de rádio (em ondas eletromagnéticas/hertzianas, oficinas em estúdio de circuito interno e em *webrádios*), por dizer respeito diretamente a nosso interesse de pesquisa, sendo este nosso critério de inclusão.

Como critério de exclusão; descartamos as publicações que relatavam experiências com outras mídias. Com base nos resultados, analisamos o título e o resumo para avaliar a adequação ou inadequação, de cada publicação à nossa pesquisa.

Para traçarmos o panorama dessas experiências no Brasil, realizamos uma cartografia dos relatos dessas oficinas na internet e literatura científica. Utilizamos pesquisa nas bases de dados “LILACS” e “SciELO”, e mecanismo de busca “Google” e “Google Acadêmico”, portal do Ministério da Saúde (documentos e relatórios) e anais de eventos científicos. Foram também consultadas as referências bibliográficas citadas nas publicações. A escolha por esses instrumentos foi em decorrência de sua adequação para obtenção do objetivo proposto. Os termos utilizados: “oficinas terapêuticas e saúde mental”, “psicossocial e saúde mental”, “rádio e saúde mental”, “*webradio* e saúde mental”, compreendendo o período de 1994 a 2012.

Outra ferramenta que foi utilizada para tornar o mapeamento mais minucioso foi o “Google Alertas<sup>9</sup>”, que consiste em um serviço do Google que monitora a *web* para conteúdo novo em relação a um determinado tema estipulado, permitindo monitorar e acompanhar a evolução de um tópico de interesse do usuário. Para cadastrar palavras-chave a serem mapeadas, foi necessário preencher os seguintes itens:

- a) “Consulta de pesquisa”: onde o usuário deve colocar as palavras/temas do seu interesse;
- b) “Tipo de resultado”: se refere ao âmbito de busca (Tudo, blogs, notícias, vídeos, livros, etc.);
- c) “Frequência”: se refere ao intervalo de buscas (que pode ser quando disponível, uma vez por dia, uma vez por semana, etc.);
- d) “Quantos”: Se refere a um refinamento de pesquisa, filtro (somente melhores resultados e todos os resultados) e por fim;
- e) “Enviar para”: onde o usuário inclui o e-mail para onde devem ser direcionados os resultados.

É possível posteriormente gerenciar os alertas, modificar as palavras-chave, a frequência e qualquer tipo de ajuste, caso os resultados não estejam sendo satisfatórios. No “Google alertas” cadastramos:

- a) Consulta de pesquisa (palavras-chave): “*Webradio*”, “oficina”, “rádio”, “saúde mental”, “Brasil”;

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.google.com.br/alerts>>

- a) Tipo de resultado: “tudo” (que significa que será mapeado por toda a *web*);
- b) Frequência: “Quando disponível”; Quantos: “Somente melhores resultados”.

Os resultados foram direcionados diariamente para o e-mail indicado, onde foram analisados segundo os critérios da pesquisa. Assim, o monitoramento em relação às oficinas radiofônicas no campo da saúde mental foi realizado através da *web* ininterruptamente, e sempre que surgia conteúdo disponível, recebíamos um alerta, esse alerta esteve em atividade de maio de 2011 até maio de 2012. Os resultados estão sistematizados em quadros e descritos detalhadamente na seção de resultados e discussão.

### 3.2 COLETA DE DADOS ATRAVÉS DAS NARRATIVAS: ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

Contar histórias, rememorar e narrar fatos constituem práticas sociais presentes na sociedade humana desde tempos remotos. Segundo Ricoeur (2007), a narrativa é imanente ao ser humano em virtude de sua natureza dialógica, ademais não há acontecimento que possa escapar da narrativização do sujeito.

Através da narrativa, nos constituímos e interagimos com o outro e com o mundo, o pressuposto da alteridade. A partir da própria narrativa e pela narrativa de outros, o sujeito passa a ter consciência de si e da sua história de vida.

Nesse sentido, a relação entre narrar e a constituição do sujeito é dinâmica, uma vez que o significado que se atribui a uma experiência narrada é baseado no modo como ela é contada para si mesmo e para os outros. Assim, a estreita relação entre passado, presente e futuro presente nas narrativas revela o que os acontecimentos, as experiências individuais ou coletivas significaram (e/ou significam) na vida de cada um (REIS, 2011).

De acordo com Benjamin<sup>10</sup> (2006) apud Reis (2011), nessa perspectiva, a narrativa não é um retrato fiel da realidade, trata-se de uma construção, uma criação do sujeito a partir de uma realidade, por isso contém a sua verdade e está inserida num contexto sócio-histórico. Santos (2000) considera que a rememoração é um ato cognitivo do indivíduo, situado em uma posição distanciada a partir de situações vividas anteriormente. É a instauração da atribuição de sentido, fundada na análise de uma experiência vivenciada. Contudo é preciso reconhecer que as memórias individuais são forjadas a partir de vivências que os sujeitos experimentaram nos contextos dos grupos sociais em que estão inseridos.

---

<sup>10</sup> BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras escolhidas; v. 1).

De acordo com Santos (2000), a entrevista é uma relação comunicativa estabelecida presente em todas as formas de coleta dos relatos orais e implica sempre em colóquio entre pesquisador e narrador. A narrativa que emerge da experiência vivenciada na entrevista nos permite descortinar o imaginário e as representações sobre a própria experiência do entrevistado. É uma técnica que tem sido utilizada para “se conhecer, ainda que parcialmente, determinamos processos sociais sob a ótica daqueles que estão imersos nesses mesmos processos”. No momento em que uma entrevista é realizada, o entrevistado encontra um interlocutor com quem pode trocar impressões sobre a vida que transcorre em seu redor, é o momento em que as lembranças são ordenadas no intuito de conferir um sentido à vivência do sujeito que narra sua história.

Entrevistas, depoimentos e histórias de vida são técnicas de coleta de relatos no âmbito da história oral, juntamente com a percepção do pesquisador em sua observação participante. Sobre a história oral, Santos afirma,

Não obstante suas limitações, a história oral deve ser entendida como um método capaz de produzir interpretações sobre processos históricos referidos a um passado recente, o qual, muitas vezes, só é dado a conhecer por intermédio de pessoas que participaram ou testemunharam algum tipo de acontecimento. Quando uma pessoa passa a relatar suas lembranças, transmite emoções e vivências que podem e devem ser partilhadas, transformando-as em experiência, para fugirem do esquecimento (SANTOS, 2000, p. 3).

A matéria prima das narrativas analisadas na história oral são as lembranças. Halbwachs (2006), afirma que a memória é forjada no interior de um grupo social e o ato de lembrar depende do envolvimento do indivíduo nos grupos sociais dos quais ele faz parte. Dessa forma, as rememorações individuais ao serem analisadas, devem considerar o lugar que a pessoa ocupa ou ocupava no interior dos grupos sociais e as relações estabelecidas entre eles (REIS, 2011).

A pesquisa utilizou dois recursos para obtenção de narrativas: a entrevista e os depoimentos. As entrevistas foram realizadas através de encontros presenciais, com gravador, roteiro elaborado segundo as perguntas de pesquisa (QUADRO 1), as conversas foram gravadas e posteriormente transcritas.

A partir das perguntas de pesquisa, foram estabelecidos os itens que compoariam o roteiro:

### QUADRO 1

#### Roteiro com questões norteadoras para coleta de depoimentos

- ✓ Como conheceu a Rádio Revolução?
- ✓ Qual sua motivação em atuar na rádio?
- ✓ Como você vê o papel da Rádio Revolução em sua vida e na vida das pessoas que dela participam?
- ✓ Como é sua relação com as pessoas (colegas, professores) na oficina de rádio?
- ✓ Você aprendeu algo novo na rádio?
- ✓ Conte uma história que te marcou durante o período que você faz parte da rádio (opcional).

Das memórias evocadas por estes homens e mulheres, buscou-se identificar motivações, práticas, contextos, expressões, significações e outros elementos para compor o que representou o papel da Rádio Revolução na vida de cada um. Como critérios para participar da pesquisa (entrevistados), delimitamos:

- a) Querer participar espontaneamente da pesquisa e/ou ter sido indicado por algum entrevistado pela técnica bola de neve (*snowball technique*);
- b) Ter participado de alguma oficina de rádio da Revolução;
- c) Ser programador ou ex-programador e/ ou ter feito parte da história de fundação da rádio.

As entrevistas foram realizadas no local de preferência do entrevistado. Ocorreram em seus locais de trabalho, no Instituto Municipal Nise da Silveira e na própria Rádio Revolução, nos meses de outubro e novembro, após aprovação junto ao Comitê de Ética.

Como ponto de partida, iniciamos entrevistando o idealizador da rádio (Sr. Annibal Amorim), a partir dele, utilizamos a técnica bola de neve (*snowball technique*). Este método permite a definição de uma amostra através de referências feitas por pessoas que compartilham ou conhecem outras que possuem as características de interesse da pesquisa (LOPES, COUTINHO, 1999). Assim, seguimos a entrevista, a partir do roteiro, segundo a indicação do Sr. Annibal e assim sucessivamente. Ressaltamos que essa indicação poderia ser “multidirecional”, ou seja, cada pessoa consultada poderia referenciar (indicar) mais de uma, dessa forma, no caso de algum indicado não pudesse ou não quisesse ser entrevistado,

possibilitaria outras opções (a escolha quanto a quem seria entrevistado, dentre as indicações, foi feita de forma aleatória, a menos que a indicação fosse feita com ênfase por determinada pessoa).

Quanto à composição da amostra, foram realizadas oito entrevistas. As entrevistas foram realizadas com pessoas que fazem ou fizeram parte da história da Rádio Revolução, didaticamente, organizamos:

- 1) Fundadores/ex-programadores – Pessoas que fizeram parte da rádio em sua fundação e apresentavam programas na grade;
- 2) Fundadores/programadores – Pessoas que fizeram parte da fundação da rádio e ainda apresentam programas na grade;
- 3) Ex-participantes da oficina de rádio – Pessoas que participaram da oficina de rádio;
- 4) Ex-participantes/atuais programadores – Pessoas que participaram da oficina de rádio e atualmente possuem programas na grade de programação;
- 5) Programadores – Pessoas que possuem programa na grade de programação, mas nunca participaram da oficina de rádio.

Para dar suporte à análise das narrativas e compor um *corpus* mais robusto, também recorreremos a depoimentos espontâneos. Os depoimentos utilizados na pesquisa foram gravados nas ocasiões dos aniversários da Rádio Revolução nos anos 2011 e 2012, que constavam no acervo da rádio e no arquivo pessoal da pesquisadora. Os depoimentos disponíveis nesses acervos só foram utilizados na pesquisa mediante autorização dos (as) autores(as) dos depoimentos.

De acordo com Santos (2000), enquanto a entrevista é um termo proposto à fonte oral para investigação histórica que designa o momento em que entrevistado e investigador são postos frente a frente, o termo depoimento para se referir ao resultado daquela relação comunicativa. Segundo o autor:

O depoimento é uma técnica utilizada pela história oral para a obtenção de declarações de um sujeito sobre algum acontecimento do qual ele tenha tomado parte, ou que ele tenha testemunhado. No entanto, quando se faz o registro e a posterior análise do depoimento, deve se levar em conta as disposições que o entrevistado quis manifestar por intermédio de suas declarações, pois o que emerge dos depoimentos não pode ser entendido nem como uma reprodução da realidade, nem como uma contrafação dela. Ao contrário, trata-se de uma construção que cada indivíduo elabora a partir de uma realidade cognoscível. Nesse sentido, os depoimentos permitem acesso a uma realidade demarcada pelas vivências de cada entrevistado. (SANTOS, 2000, p. 6).

Obtivemos um total de 15 depoimentos, todos foram utilizados. Destes depoimentos, oito foram fornecidos por pessoas entrevistadas pela pesquisadora (sendo que em alguns casos há depoimentos do mesmo depoente, nos aniversários da rádio, em 2011 e 2012, como no caso de Hélio Júnior, José Cardozo e Marynildes). Conforme descritos no Quadro 2 abaixo:

QUADRO 2- Relação das pessoas que prestaram depoimento na rádio e período

<b>Depoimentos</b>	<b>Aniversario da rádio 2011</b>	<b>Aniversario da rádio 2012</b>
André	X	
Carlos Ramiro		X
Dulce		X
Hélio Junior	X	X
Jorge de Oliveira		X
José Cardozo	X	X
Luiz Machado		X
Margot		X
Mariana		X
Marli Tavares		X
Marynildes	X	X
Wagner	X	

Em relação aos aspectos éticos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – (TCLE) – (ANEXO 1) foi elaborado segundo as exigências do Comitê de ética e Pesquisa, e a Resolução nº 196/96 – Conselho Nacional de Saúde (CNS). O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, e obteve parecer favorável sob o número 104.547 em 04 de outubro de 2012.

A preservação do anonimato aos participantes da pesquisa foi assegurada, porém foi um assunto controverso. Enquanto dois entrevistados quiseram ter seus nomes preservados, seis fizeram questão de ter seus nomes publicados na pesquisa, e se assim não fosse, ficariam desapontados. Por conta disso, foram elaborados dois modelos de TCLE – (ANEXOS 1 e 2): um onde o anonimato é garantido e outro em que o participante autoriza a publicação de seu nome na pesquisa. Dessa forma, os participantes que preferiram manter-se no anonimato, tiveram seus nomes trocados por um fictício.

Para analisar e interpretar as transcrições dos depoimentos transcritos; levamos em conta as recomendações de Boni Quaresma (2005), que entende a transcrição de uma entrevista como um ato não mecânico de passar para o papel o discurso gravado do informante, pois o pesquisador deve estar imbuído em captar as entrelinhas, o não-dito, os gestos, os silêncios, as ênfases, os risos e demais emoções do informante que emergirem

durante a entrevista. Esses sentimentos são importantes na hora da análise e o pesquisador deve apreender todos esses aspectos nas transcrições, com fidedignidade. Dessa forma, após audição de todas as entrevistas e depoimentos foi realizada a transcrição do material respeitando-se esses aspectos, em conjunto com as anotações feitas em caderno de campo.

Como ponto inicial, a leitura das entrevistas transcritas foi realizada focada na delimitação das perguntas de pesquisa. De acordo com Santos (2000), é a partir dos interesses da pesquisa que o pesquisador irá reordenar os acontecimentos lembrados pelo entrevistado, e “a trajetória de vida de cada entrevistado é a porta de entrada para a realização da leitura dos depoimentos, que devem ser reorganizados cronológica e coerentemente”. Nesse sentido, reorganizar um depoimento significa identificar recorrências e agrupá-las, ordenando as narrativas em um eixo diacrônico,

Essa diacronia deve ser construída tanto para depoimentos tomados isoladamente, como também para construir diferentes contextos espaço-temporais que situam acontecimentos inscritos em um conjunto de depoimentos que conformam um testemunho. (SANTOS, 2000, p.7).

Santos (2000, p.9), propõe um modelo de análise, que foi utilizado como base para apuração dos resultados empíricos da pesquisa. Segundo o autor, o modelo pode ser aplicado para a análise de um conjunto de depoimentos tomados de diferentes indivíduos. Esquemáticamente, propõe-se que a leitura de um depoimento e/ou entrevista, ou um conjunto deles, se processe da seguinte maneira:

- a) Uma primeira leitura para a elaboração da trajetória de vida do entrevistado;
- b) A seguir, delimitar o tema desenvolvido na narrativa (em geral, quando se trabalha com um conjunto de depoimentos, o tema confere uma relativa unidade às narrativas individuais; entretanto, é importante identificar as particularidades de cada depoimento em relação ao tema proposto pela investigação);
- c) Uma vez delimitado o tema, novas leituras servem para demarcar episódios, referências e o(s) motivo(s) delimitadores dos diversos episódios presentes nos depoimentos. Estes elementos permitem a organização de cada depoimento e a comparação entre eles;
- d) Como último passo, reorganiza-se o depoimento e, com base nas informações precedentes, determina-se a trama construída pelo entrevistado. Com isso, estaremos em condições de identificar a intenção do entrevistado em ter oferecido aquelas lembranças.

De acordo com Minayo (2010), o pesquisador cria sistemas de categorias visando encontrar unidade na diversidade e produzir explicações e generalizações. Dentro dos conceitos de categorias classificados pela autora, identificamos as “categorias empíricas”

como a forma em que foram organizados os resultados que emergiram das leituras das transcrições. Segundo Minayo, essas categorias são construídas *a posteriori*, a partir da compreensão dos pontos de vista dos atores sociais, de modo que seja possível desvendar relações específicas do grupo em questão. As categorias empíricas são expressões classificatórias que os atores sociais de determinada realidade constroem e lhes permitem dar sentido a sua vida, suas relações e suas aspirações. Emergem da realidade. Por outro lado, são elaborações do pesquisador, na medida em que sua sensibilidade e acuidade lhe permitem compreender a lógica interna do grupo (objeto) pesquisado e descobrem essas expressões e sobre elas criam construtos de segunda ordem.

O áudio das entrevistas gravadas em aparelho celular, em arquivo MP3 foram transcritas. Ao todo foi obtido cerca de dez horas de áudio transcritos em 55 páginas. Em contato com o material empírico e norteado pelas perguntas de pesquisa que compunha o roteiro, buscamos apreender, nos discursos dos entrevistados, qual o papel da Rádio Revolução na vida daquelas pessoas, verificando o significado atribuído a esta experiência de comunicação.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após as problematizações teóricas acerca da comunicação comunitária radiofônica, do seu potencial nos processos educativos e comunicativos e seu uso no contexto dos serviços substitutivos em saúde mental, passando pela exposição dos caminhos metodológicos, apresentamos, a seguir, os resultados da pesquisa.

Resgatando os objetivos da dissertação, primeiramente, apresentaremos os resultados do mapeamento das experiências radiofônicas nos serviços de saúde mental realizadas no Brasil. Este mapeamento nos trouxe o panorama sobre outras oficinas radiofônicas no âmbito dos serviços de saúde mental, e importantes informações no que se refere: (1) os espaços em que ocorrem essas oficinas; (2) por quais processos pedagógicos essas oficinas são desenvolvidas; (3) de que forma estas oficinas contribuem para a inclusão social do usuário. Para isso reiteramos que o primeiro levantamento sobre as oficinas foi feito no âmbito de todas as mídias, e, posteriormente, delimitado às experiências com oficinas de rádio (experiências de rádio transmitidas em ondas eletromagnéticas/hertzianas; oficinas radiofônicas realizadas em estúdio sem veiculação externa e *webradio*) nos serviços de saúde mental do Brasil.

Em seguida, apresentamos o estudo de caso da Rádio Revolução FM. Nesta seção, apresentamos um levantamento histórico da rádio fundamentado em documentos, matérias, sites e publicações. Em seguida, apresentamos os resultados das entrevistas e depoimentos, assim como análise sobre a percepção que os participantes têm sobre a rádio Revolução por meio das seguintes categorias empíricas de análise: I) A rádio como reinserção/manutenção da pessoa no ramo profissional radiofônico; II) A afinidade com o rádio e/ou associação de atividades prediletas ao “fazer” rádio; III) A rádio como terapia e/ou reabilitação para a saúde; IV) A rádio como estratégia de luta por ideais e utopias; e por fim V) A rádio como espaço de processos educativos, mediação e vínculo.

Este procedimento metodológico tornou explícito de que maneira as oficinas de rádio da Rádio Revolução FM são desenvolvidas, permitindo-nos problematizar os limites e os alcances deste tipo de prática comunicacional, principalmente a partir da avaliação e percepção dos participantes sobre sua experiência nestas oficinas.

#### 4.1 OFICINAS MIDIÁTICAS COMO ATIVIDADE PSICOSSOCIAL

No percurso do mestrado, obtivemos contato com a ampla bibliografia a partir do mapeamento das oficinas que utilizam diversas mídias nas atividades psicossociais. Ao levar em consideração as características, semelhanças e especificidades de cada experiência, foi possível traçarmos, em linhas gerais, uma conceituação do que seriam essas oficinas, que didaticamente denominamos “oficinas midiáticas”:

As oficinas midiáticas consistem em encontros geralmente na própria unidade de saúde (Centros de Atenção Psicossocial - CAPS), onde os usuários desenvolvem a produção e apresentação de programas utilizando mídias: oficinas de rádio e/ou *webradio*, oficina de fotografia, construção de jornal e/ou *sites*, oficina de TV e/ou produção de vídeos (FORTUNA, OLIVEIRA, 2012).

Os processos pedagógicos pelos quais as oficinas são desenvolvidas passam, em geral, pela busca da comunicação dialógica e participação dos sujeitos, nos permitindo relacioná-las às ideias do educador Paulo Freire (2005), que defendia uma educação enquanto prática libertadora voltada à construção de uma consciência crítica e forma de intervenção no mundo.

De acordo com a literatura científica essas oficinas radiofônicas objetivam promover a socialização e desenvolver as habilidades comunicacionais dos participantes e, simultaneamente, sensibilizar as pessoas nos ambientes sociais em que estão inseridos para superar o estigma em torno das questões relacionadas com a saúde mental (FORTUNA, OLIVEIRA, 2012; STREPPPEL, 2011; GUERRINI JR, 2009; FACHINI, CARMO-ROLDÃO, 2008; AMARANTE, 2007; SOUSA, 2005; MELLO, 2001).

#### 4.1.2 Mapeamento das Oficinas Midiáticas como Atividade Psicossocial no Brasil

Primeiramente, realizamos uma identificação preliminar (QUADRO 3) de experiências utilizando mídias, de maneira geral, englobando: oficinas de rádio, *webradio*, TV, oficinas de fotografia, construção de jornal, sites e produção de vídeos, com usuários de saúde mental no Brasil (FORTUNA, OLIVEIRA, 2011).

**QUADRO 3** Lista das experiências que utilizam oficinas midiáticas nos serviços de saúde do Brasil (nome do programa ou projeto; veículo/suporte (ex: rádio,TV); local (cidade e estado onde ocorrem); natureza (ex: comercial, comunitária); idealizador(a); período de operação (informação sobre os programas ou projetos foram iniciados, encerrados, se permanecem em atividade).

NOME DO PROGRAMA ou PROJETO	VEÍCULO / SUPORTE	LOCAL	NATUREZA	CLIENTELA / PRODUÇÃO	IDEALIZAÇÃO	PERÍODO DE OPERAÇÃO
TV e Rádio Tam Tam	TV rádio	Santos-SP	Comercial	Usuários da Casa de Saúde Anchieta	Renato Di Renzo	9 anos 1989-1998
Programa Maluco Beleza	Rádio e <i>webradio</i>	Campinas-SP	Pública (rádio educativa municipal de Campinas)	Usuários do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira	Prof. Ivete Cardoso do Carmo-Roldão	2000 - no ar até hoje
Papo-cabeça	Rádio	Amparo-SP	Pública (rádio educativa municipal)	Usuários do CAPS de Amparo-SP	Juarez Pereira Furtado	Série de 10 programas com 1h de duração cada Veiculados 2004-2005
TV Pínel	TV	Rio de Janeiro-RJ	Comunitária	Usuários do Instituto Philippe Pínel	Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pínel	1996 - no ar até hoje
Potência Mental	Rádio	Porto Alegre-RS	Comunitária	Usuários do CAPS de Porto Alegre-RS	*	2006-*
Rádio Revolução	<i>webradio</i>	Rio de Janeiro-RJ	Comunitária	Usuários do Instituto Municipal Nise da Silveira	Taís Ladeira, Annibal Amorim	1995 - no ar até hoje
Rede Parabolínica	Vídeos	Belo Horizonte-BH	*	*	*	*
Papo Cabeça	Rádio	Santa Cruz do Sul-RS	Comercial Rádio Gazeta	Usuários do CAPS de Santa Cruz do Sul-RS	*	1999-*
De perto ninguém é normal	Rádio	Santa Maria-RS	*	Usuários do CAPS de Santa Maria-RS	Alfredo Lameira	1999-2000 2005-*
Rádio da Gente	Rádio	Salvador-BA	Comunitária	Usuários do Hospital Juliano Moreira	Edna Amato Nonato	1996-2004
Rádio Saúde GHC	Rádio	Porto Alegre-RS	Comercial	Usuários do Grupo Hospitalar Conceição (GHC)	*	1994-1995
Ondas Paranóicas	Rádio	São Paulo-SP	Comunitária Rádio Cidadã	Usuários da Associação Franco Basaglia (ONG) que funciona dentro do CAPS	Edson Fragoaz Grácia Lopes Lima	1995-1997
Delírio Coletivo	<i>webradio</i>	São Pedro de Porto Alegre-RS	*	Adolescentes do Hospital CIAPS do Hospital São Pedro de Porto Alegre-RS	*	*

Projeto Criando laços via recursos informatizados	Construção de site	Município do interior do RS	*	Usuários do CAPS	Projeto de extensão universitária e CAPS	2004-*
Rádio CAPS (posteriormente denominado FMIL)	Rádio	Santo Ângelo-RS	Comunitário	Usuários do CAPS Santo Ângelo-RS	Pesquisa de Iniciação Científica	2007-2008 (oficinas semanais deram origem a um programa disponível em <a href="http://www.radiocaps.blogspot.com">www.radiocaps.blogspot.com</a> )

**OBS.:** As células com \* significam que não obtivemos informações sobre o item.

Encontramos um total 23 experiências relatadas na literatura científica. Sendo 14 no suporte radiofônico (destas, três são comerciais, duas públicas e cinco comunitárias; de quatro rádios não obtivemos informações neste sentido). Foram encontradas experiências com três TVs (sendo uma comunitária, uma comercial e uma oficina de vídeo). Encontramos duas experiências com *webrádios*, uma com construção de *sites*, uma com produção de jornal, e uma com fotografia.

Ainda que experiências com oficinas com construção de *sites*, produção de jornal e fotografia não estivessem na nossa busca de forma intencional, elas surgiram nos resultados e por se tratarem de oficinas com mídias, foram consideradas no estudo em um primeiro momento, para termos uma noção geral de oficinas com “mídias”.

As ocorrências das experiências com oficinas midiáticas como terapia psicossocial por regiões foram: 12 na região Sudeste, oito relatos na região Sul e apenas duas no Nordeste e em uma experiência não obtivemos informação quanto à sua localização.

As oficinas descritas na literatura foram: Rádio e TV Tam Tam (SP), Programa Maluco Beleza (SP), Papo-cabeça (SP), Papo Cabeça (RS), TV Pínel (RJ), Potência Mental (RS), Rádio Revolução (RJ), Rede Parabolínica (BH), De perto ninguém é normal (RS), Rádio da gente (BA), Rádio Saúde (RS) e Ondas Parabolínicas (SP).

Além dessas, outras experiências de oficinas terapêuticas comunicacionais foram encontradas, porém somente em algumas citações, sem registros mais detalhados das atividades: Rádio Antena Virada em Paracambi-RJ (AMARANTE, 2007; CALICCHIO, 2007); Projeto e rádio Lokomotiva em Natal-RN (GUERRINI JR, 2009; STREPPPEL, 2011); Delírio Coletivo (*webrádio* disponível em <http://www.deliriocoletivo.net.br>) (FRANCISCO, 2009); Rádio Trovão em Praia Grande-RS); Programa Cuca Legal no CAPS Nossa Casa em São Lourenço Do Sul-RS na Rádio Comunitária Vida FM; Rádio FMIL em Santo Ângelo-RS com usuários do CAPS Santo Ângelo que antes denominava-se Rádio CAPS-RS (disponível em <http://www.radiocaps.blogspot.com>) (STREPPPEL, 2011), oficina de Fotografia “Outros Olhares”, Jornal C@ndura: Espaço Aberto para um Novo Pensamento, produção de

documentários por usuários do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira em Campinas-SP (FREITAS, 2008), e um projeto de inclusão digital no Rio Grande do Sul (Página do CAPS disponível em <http://geocities.yahoo.com.br/ekrindges/index.htm>) (FRANCISCO, 2009). Ainda que apenas citados, essas experiências foram quantificadas no estudo.

De acordo com os resultados, a primeira experiência registrada no Brasil, foi a Rádio e TV Tam Tam, de natureza comercial, localizada em Santos, São Paulo, com usuários em saúde mental da Casa de Saúde Anchieta. O projeto foi idealizado por Renato Di Renzo. A partir desta experiência, outras iniciativas semelhantes surgiram (das oficinas midiáticas identificadas, tivemos informação sobre o início das atividades de 14 delas, conforme descrito abaixo), destaque para o ano 2004 onde quatro novas oficinas foram relatadas em publicações. Supomos que haja outras experiências que ainda não tiveram suas atividades publicizadas ao conhecimento do público.

**TABELA 1** Ano e número de oficinas midiáticas que iniciaram suas atividades.

<b>ANO</b>	<b>Nº Oficinas Midiáticas</b>
1989	1
1994	1
1995	2
1996	2
1999	2
2000	1
2004	4
2005	1
2006	1
2007	1

Esta pesquisa exploratória serviu para desenhar um primeiro panorama do perfil das experiências comunicacionais com oficinas midiáticas junto aos usuários de saúde mental no Brasil. Posteriormente, realizamos um mapeamento mais aprofundado, mas desta vez, das experiências somente com oficinas de rádio, desenvolvidas nos serviços de saúde no país, relatadas na literatura científica (FORTUNA, OLIVEIRA, 2012) e como resultados foram encontradas 16 experiências.

Outro quadro (QUADRO 4) foi elaborado para apresentar as experiências encontradas de forma didática.

**QUADRO 4- EXPERIÊNCIAS COM OFICINAS DE RÁDIO E WEBRADIO DESENVOLVIDAS COM USUÁRIOS DE SAÚDE MENTAL NO BRASIL RELATADAS NA LITERATURA CIENTÍFICA.**

NOME DO PROGRAMA /PROJETO	VEÍCULO/ SUPORTE	LOCAL	NATUREZA	CLIENTELA/ PRODUÇÃO	IDEALIZAÇÃO	PERÍODO DE OPERAÇÃO
Antena Virada	Rádio	Paracambi; RJ	*	*	*	*
De perto ninguém é normal	Rádio	Santa Maria, RS	Rádio Universidade 800 AM	Usuários do CAPS Prado Lameira	Alexandre Henz e Alfredo	1999-2000 2005-?
Delírio Coletivo	webradio	São Pedro de Porto Alegre, RS	*	Adolescentes do Hospital CIAPS do Hospital São Pedro de Porto Alegre	*	*
Ondas Paranóicas	rádio	São Paulo, SP	Comunitária Rádio Cidadã	Usuários da Associação Franco Basaglia (ONG) que funciona dentro do CAPS	Edson Fragoaz da Grácia Lopes Lima	1995-1997
Papo Cabeça	rádio	Santa Cruz do Sul, RS	Comercial Rádio Gazeta	Usuários do CAPS de Santa Cruz do Sul, RS	*	1999.*
Papo-cabeça	rádio	Amparo, SP	Pública (rádio educativa municipal)	Usuários do CAPS de Amparo, SP	Juarez Pereira Furtado	Série de 10 programas com 1h de duração cada Veiculados 2004-2005
Potência Mental	rádio	Porto Alegre, RS	Comunitária	Usuários do CAPS de Porto Alegre, RS	*	2006-*
Programa Cuca Legal	rádio	São Lourenço do Sul- RS	Rádio Comunitária Vida FM	CAPS Nossa Casa em São Lourenço do Sul- RS	*	*
Programa Maluco Beleza	Rádio e webradio	Campinas, SP	Pública (rádio educativa municipal Campinas)	Usuários do Serviço de Saúde Cândido Ferreira	Prof. Ivete Cardoso do Carmo- Roldão Dr.	2000- no ar até hoje
Lokomotiva	rádio	Natal, RN	*	*	*	*
Rádio da Gente	rádio	Salvador/ BA	Comunitária	Usuários do Hospital Juliano Moreira	Edna Amato Nonato	1996-2004 (último registro de funcionamento)
Rádio FMIL (antes denominava-se Rádio CAPS)	rádio	Santo Ângelo-RS	*	usuários do CAPS Santo Ângelo, RS	*	*
Rádio Revolução	webradio	Rio de Janeiro, RJ	Comunitária	Usuários do Instituto Municipal Nise da Silveira, RJ	Taís Ladeira, Annibal Amorim	1995- no ar até hoje
Rádio Saúde GHC	rádio	Porto Alegre/RS	Comercial	Usuários do Grupo Hospitalar Conceição (GHC)	*	1994-1995
Rádio Tam Tam	rádio	Santos, SP	Comercial	Usuários da Casa de Saúde Anchieta	Renato Di Renzo	9 anos 1989-1998
Rádio Trovão	rádio	Praia Grande- RS	*	*	*	*

As oficinas radiofônicas realizadas descritas na literatura foram: Rádio *Tam Tam* (SP), Programa *Maluco Beleza* (SP), *Papo-cabeça* (SP), *Papo Cabeça* (RS), *Coletivo Potência Mental* (RS), *Rádio da gente*- BA (HAYNE, 2004) e *Ondas Parabolínicas* (SP).

Além dessas, outras experiências de oficinas radiofônicas foram encontradas, porém somente em algumas citações, sem registros mais detalhados das atividades: Rádio *Antena Virada* em Paracambi- RJ (AMARANTE, 2007; CALICCHIO, 2007); Rádio *Revolução*- RJ (*webradio*) (ALBUQUERQUE & STOTZ, 2004), Projeto e rádio *Lokomotiva* em Natal- RN (GUERRINI JR, 2009; STREPPPEL, 2011); *Delírio Coletivo (webradio)* (FRANCISCO, 2009); *De perto ninguém é normal*- RS (Mello, 2001; UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA [UFSM], 2005), Rádio *Trovão* em Praia Grande- RS; Programa *Cuca Legal* desenvolvido no CAPS Nossa Casa em São Lourenço do Sul- RS na Rádio Comunitária Vida FM; Rádio *FMIL* em Santo Ângelo-RS com usuários do CAPS Santo Ângelo (STREPPPEL, 2011), *Rádio Saúde*- RS (ROMANGNOLLI, 2008). Essas experiências, ainda que apenas citadas, foram quantificadas no estudo.

#### **4.1.3 Conhecendo as oficinas midiáticas: breves históricos, metodologias e espaços onde ocorrem no Brasil**

Apresentaremos uma síntese analítica e qualitativa sobre cada oficina buscando identificar: onde ocorrem, quais estratégias/processos educativos são engendrados nas oficinas, e como essas experiências contribuem na perspectiva da inclusão social dos participantes.

Guerrini Jr. (2009) apresenta um estudo comparativo de três experiências com programas de rádio produzidos por pessoas com transtornos mentais no Estado de São Paulo, a **Rádio Tam Tam**, o programa *Maluco Beleza* e a série *Papo Cabeça*. Segundo o autor, a primeira experiência registrada no Brasil, foi a Rádio e TV *Tam Tam*, veiculado em emissoras comerciais, localizada em Santos, São Paulo, com usuários em saúde mental da Casa de Saúde Anchieta. O projeto foi idealizado por Renato Di Renzo e durou de 1990 a 1999. A partir desta experiência, outras iniciativas semelhantes surgiram, como o programa semanal *Maluco Beleza*, que teve o início das atividades a partir do ano 2000 e vai ao ar semanalmente pela Rádio Educativa de Campinas, emissora mantida pela prefeitura desse município. A terceira experiência relatada pelo autor ocorreu na Rádio Cultura de Amparo, o programa *Papo Cabeça*, que consistiu em uma série de dez programas com uma hora de duração cada, transmitida de 2004 a 2005, portanto já encerrada.

De acordo com Guerrini Jr. (2009), as menções em livros e artigos sobre essas experiências eram muito sucintas, e não esclareciam maiores detalhes, como por exemplo, se teriam acontecido realmente um programa de rádio ou apenas uma simulação de programa de rádio.

Uma das principais constatações do estudo de Guerrini Jr. diz respeito ao referencial teórico que o autor havia utilizado. Na construção do quadro teórico do seu projeto inicial, a contextualização dessas experiências de rádio foi inserida do âmbito das “rádios públicas”, contudo, verificou-se que a Rádio *Tam Tam*, a pioneira e que se manteve por nove anos no ar, era emitido por emissoras comerciais, dado que surpreendeu o pesquisador. Segundo o autor, “esse longo período no ar pode ser tomado como prova de que o programa teve grande êxito, e devia dar lucro às emissoras: de outra forma não teria passado de uma experiência passageira, de vida bem curta”. O pesquisador esclarece que uma possível explicação é que, vinte anos atrás, mesmo nas emissoras comerciais, havia um pouco mais de espaço para experimentações, o que não se verificaria na contemporaneidade, pelo caráter conservador das emissoras.

Em suas considerações finais, Guerrini Jr. afirma que a pesquisa estimulou a reflexão sobre o papel social das emissoras públicas e comerciais; as profundas alterações no tratamento às pessoas com transtornos mentais do século passado até os dias atuais, e o quanto estas experiências de produção de programas de rádio (inseridos no contexto mais amplo, da Reforma Psiquiátrica brasileira) proporcionaram aos participantes a oportunidade de trabalharem e de se mostrarem para um público de milhares de pessoas. Segundo o autor, a auto-estima proporcionada, a capacidade de lutar pelos próprios direitos e de se reinserir como cidadãos na sociedade são benefícios evidentes dessa atividade, e completa “pareceu muito claro o alcance dessa terapia”.

Fachini e Carmo-Roldão (2008) relatam a experiência da rádio *Maluco Beleza*, feito por usuários do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, em Campinas, São Paulo, também estudado por Guerrini Jr (2009). A pesquisa buscou demonstrar como é na prática, a produção dos programas, através da descrição dos programas exibidos nos cinco primeiros anos de existência dos mesmos. Segundo os autores, como principais resultados, foi verificado que o programa apresenta uma pluralidade de temas, o que demonstra liberdade na escolha dos assuntos, este fato contribui para que os programas expressem a identidade dos próprios usuários, além de colocar em evidência a problemática da saúde mental. No entanto, os autores constataram uma fragmentação no processo de produção dos programas radiofônicos.

Se por um lado, a elaboração do programa na reunião de pauta inicia de forma riquíssima, finalizado esse primeiro encontro, o sentido de unidade do projeto começa a se diluir, pois cada usuário executa, individualmente, as tarefas que ficaram sob sua responsabilidade, designadas a cada um, na reunião de pauta. De acordo com os autores, não há um momento em que os usuários se reúnam para conversar sobre o programa produzido, tampouco entram em contato com o produto final do seu trabalho, a não ser que ouçam a edição semanal pela Rádio Educativa. Apesar disso, em suas considerações finais, afirmam que foi verificado que existe uma relação de companheirismo e amizade entre os usuários e os profissionais envolvidos com o projeto.

De acordo com Fachini e Carmo-Roldão, os dados coletados permitem afirmar que a oficina de rádio tem contribuído para o tratamento médico que os usuários recebem na unidade de saúde no Cândido Ferreira. Esta oficina demonstra uma nova forma de tratamento aos usuários de saúde mental, que almejam superar a falta de direitos humanos e combater o preconceito, tudo isso contribui para o resgate da cidadania desses usuários. É um exemplo, afirmam os autores, “de como a comunicação pode ser usada no processo de transformação social”.

A experiência da oficina de rádio *Ondas Paranóicas* foi descrita por Sousa (2005). Este programa foi veiculado pela emissora comunitária Rádio Cidadã, em São Paulo entre os anos de 1995 e 1997. O programa foi produzido pelos usuários da Associação Franco Basaglia, uma Organização não-governamental que funciona no CAPS do município. Os assuntos tratados nos programas são variados: política, música, poesia, saúde mental, entrevistas gravadas e conversas com os ouvintes. Vale destacar que os participantes tiveram a oportunidade de mostrar seus talentos: recitar poesias, tocar músicas, contar suas histórias, fazer reportagens, etc. Para participar da produção dos programas primeiro é preciso passar por uma oficina onde aprendem técnicas da linguagem radiofônica (como criar pauta, aprimorar expressão oral, como realizar entrevistas, entre outros). Segundo os coordenadores do programa de rádio (composto por um psicólogo e uma psicopedagoga), a função da oficina radiofônica é terapêutica e comprovadamente eficaz.

Mello (2001) apresenta um relato sobre a experiência de oficina de rádio criado em 1999, o programa *Papo-Cabeça*. Esta oficina está fundamentada em três pilares teóricos para seu desenvolvimento: o rádio como espaço a ser ocupado por grupos sociais excluídos; o segundo diz respeito a importância da comunicação comunitária visando a promoção da cidadania e da sociabilidade de um grupo que ainda luta contra o preconceito social; o terceiro traz elementos que apresentam as oficinas como um espaço terapêutico para os sujeitos com

sofrimento psíquico que rompa com o modelo asilar de tratamento da loucura. A proposta para realização da oficina de rádio para usuários de serviço de saúde mental foi sugerida pelo CAPS de Santa Cruz de Sul (RS) – ao curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul. A oficina é realizada semanalmente às quintas-feiras, com duração de uma hora e meia, onde os usuários desenvolvem a produção e apresentação do programa que é veiculado quinzenalmente numa rádio comercial local (Rádio Gazeta 1180 AM), aos domingos, das 19h30min às 20h.

Mello constatou que os encontros semanais funcionaram como um espaço de socialização entre os participantes, e que a experiência também serviu para desenvolver melhores habilidades comunicacionais entre os usuários. Outro fator em destaque é que o número de internações psiquiátricas diminuiu durante a realização das oficinas de rádio. Alguns usuários abandonaram a oficina por terem voltado a trabalhar, fato considerado extremamente positivo pelos profissionais de saúde do CAPS. A oficina desenvolve-se da seguinte maneira: “num encontro planeja-se o programa, com a definição do assunto, do entrevistado, dos quadros, quem é o responsável por trazer a receita e a poesia, etc. Na semana seguinte grava-se o programa com a locução dos próprios usuários”, tudo isso “a partir de um roteiro redigido por um estudante de jornalismo que é bolsista do projeto”. Segundo a autora, até o momento pode-se dizer que o objetivo principal do programa, que é desenvolver uma oficina de rádio visando a uma atividade terapêutica e laboral para os usuários do CAPS, foi alcançado. Foi realizada uma avaliação, onde os usuários do CAPS reiteraram a importância da oficina para a sua recuperação e manutenção da saúde mental, todos disseram gostar da atividade ressaltando como principal benefício o fato de terem ali uma ocupação. Alguns usuários disseram participar da oficina porque poderia falar na “Gazeta”, fazendo uma referência ao fato do programa ser veiculado numa rádio local que é a emissora comercial de maior audiência na cidade. Dessa forma, eles sentem-se, com isso, mais valorizados socialmente.

A oficina radiofônica denominada *Coletivo de Rádio Potência Mental* foi descrita por Gorczewski, Palombini e Streppel (2009); Palombini, Cabral e Belloc (2008) e Streppel (2011). Esta oficina surgiu em 2006, através da iniciativa de um grupo de residentes em Saúde Mental Coletiva, em associação com usuários de serviços da rede de saúde mental da cidade de Porto Alegre, que, inspirados pelos trabalhos da Rádio La Colifata, de Buenos Aires, e Nikosia, em Barcelona, produzem um programa radiofônico transmitido na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro (FM 87,9), situada na periferia sul da cidade. O programa está inserido na grade de programação da rádio, composta por programas musicais,

informativos, de entretenimento, religiosos, entre outras temáticas e modalidades radiofônicas. É dentro do quadro “Comunidade em Ação” que acontece a intervenção do “Potência Mental em Ação”, que vai ao ar quinzenalmente, às sextas-feiras das 10hs às 10h30min. Diferentemente de outros programas citados, realizados nos serviços de saúde do Brasil, de acordo com Palombini *et al* (2008), “o *Potência Mental* tem existência fora do contexto institucional dos serviços de saúde mental de onde provêm os usuários que dele participam, o que possibilita maior fluidez e horizontalidade nas relações entre os integrantes do grupo”. Os participantes do programa reúnem-se semanalmente para preparação dos programas. Nesses encontros é privilegiado o tempo das conversações, frutos das vivências cotidianas, narradas pelos participantes, e a partir delas, emergem os temas e pautas a serem abordados nos programas. A cada encontro, um de seus participantes fica encarregado de produzir um relato escrito da reunião. Esses relatos vão constituindo uma memória coletiva do grupo. Em suas “(in)conclusões”, Gorczewski *et al* (2009), afirmam que a experiência “sugere a emergência de saberes e práticas para a invenção e produção de sentidos de convivência com as diferenças” que podem configurar propostas nas áreas de saúde mental e comunicação social” distintas das perspectivas homogeneizantes, “fornecendo subsídios para inclusão de tecnologias de informação e comunicação na formulação e implementação de políticas de saúde e comunicação, tendo como perspectiva um alargamento das potências de vida na cidade”.

Hayne (2004) divulgou, através do jornal-mural fruto de uma disciplina do curso de jornalismo, a experiência vivenciada *Rádio da Gente*, no Hospital Juliano Moreira, em Salvador, Bahia. A rádio surgiu em 1996 com a intenção de divulgar os acontecimentos internos do hospital e o nome da rádio foi escolhido através de votação entre os usuários. De acordo com a assistente social que fundou o projeto, Edna Nonato, a rádio estimulou os usuários a falar ao microfone “o que não falavam nem para os médicos. Com a experiência, vários deles tiveram seus diagnósticos mudados e muitos tiveram parte da doença curada”. De acordo com a assistente social, o rádio propiciou a integração dos usuários com as pessoas da comunidade e a família. Segundo o Paulo Souza, doutor em psiquiatria e psicoterapia, a rádio é muito importante para difundir ideias e contribui na integração, pois na medida em que é um meio que educa e informa, já tem um sentido terapêutico. Contudo, o médico alerta que a rádio não é a única responsável pela cura, ela atua como mais um fator de tratamento que, juntamente com os psiquiatras e elementos convencionais, acelera a recuperação.

Em um breve texto na página de notícias da Universidade Federal de Santa Maria, RS, a experiência *De Perto Ninguém é Normal* é relatada. O programa vai ao ar através da Rádio

Universidade 800 AM, às segundas-feiras, quinzenalmente. O programa é fruto de um projeto de estágio de estudantes de psicologia da UFSM, é produzido e apresentado por usuários do CAPS Prado Veppo, da Prefeitura Municipal de Santa Maria, numa parceria com o Curso de Psicologia da universidade. O programa já foi veiculado na Rádio Universidade nos anos de 1999 e 2000, foi desativado, retornando em 2005, a partir da iniciativa das estudantes e de alguns usuários que participavam do programa e hoje fazem acompanhamento no CAPS. Assim como as demais experiências descritas, um dos objetivos da rádio é oportunizar a expressão de pessoas com sofrimento psíquico (UFSM, 2005).

Das 16 experiências encontradas envolvendo a utilização de oficinas radiofônicas com usuários nos serviços de saúde no Brasil (rádio, *webradio*, oficinas de circuito interno) relatadas na literatura, 3 experiências de oficinas radiofônicas são/foram veiculadas em rádios comerciais, 3 veiculadas em rádios públicas (municipal, universitária e educativa) e 5 experiências em rádios comunitárias (nesta categoria se enquadram: as que se autointitulam “rádios comunitárias”, as rádios com veiculação interna no próprio serviço de saúde, as *webrádios* e as rádios com licença para atuar como rádio comunitária). Em 5 rádios encontradas em nossa pesquisa não obtivemos informações suficientes para enquadrá-las em uma ou outra situação.

Em relação à verificação se as veiculações dos programas ocorrem em emissoras comerciais, públicas ou comunitárias, ainda que esta verificação não estivesse estipulada dentre os objetivos iniciais da pesquisa, os resultados encontrados espontaneamente nos chamou atenção. De acordo com Guerrini Jr. (2009), tratando-se de uma rádio educativa, ao veicular um programa produzido por usuários de serviços de saúde, para fins terapêuticos, a emissora estaria “cumprindo um dos papéis que lhe cabe – a de produzir programas de utilidade social, com uma visão reflexiva, crítica e transformadora, realizando, entre outros, programas que deem atenção às minorias”, uma vez que essas minorias, “como as pessoas com transtornos mentais, de outro modo não alcançariam a quantidade de pessoas que alcançam, não fosse um programa de rádio”. Assim como as rádios públicas, as rádios comunitárias são espaços de mediações entre os membros da comunidade que visam articular/conquistar interesses e direitos em comum. Entretanto, vale ressaltar que existem emissoras municipais, estaduais, universitárias e comunitárias que, embora estejam classificadas como educativas, nem sempre apresentam uma programação de cunho educativo.

Na prática, as emissoras comerciais ainda que possam apresentar em sua programação quadros de utilidade pública, não possuem em sua concepção o compromisso de servir

comunidades ou grupos identitários, e sim cooptar um maior número de anunciantes e publicidade visando gerar lucros à emissora mediante interesses políticos e econômicos da classe dominante. Nesse sentido, a programação das emissoras educativas devem ser um contraponto à programação das emissoras comerciais (CARMO-ROLDÃO, MOREIRA, 2004). Portanto, de acordo com o perfil de cada tipo de emissora, nos interessou verificar se as emissoras públicas e comunitárias se destacariam entre as experiências, dada a natureza da atividade pesquisada neste artigo – as oficinas de rádio com usuários de saúde mental. Ainda que maior parte das experiências relatadas tenham ocorrido em rádios públicas/educativas e comunitárias, chamou atenção as três experiências relatadas em emissoras comerciais (vide Quadro 4).

Também encontramos três experiências com *webrádios*, a rádio ***Delírio Coletivo*** no Rio Grande do Sul, a ***Rádio Maluco Beleza*** que a partir do ano 2012 também se tornou disponível na *web* e a ***Revolução FM***, no Rio de Janeiro, que inicialmente começou como rádio em baixa frequência, tornando-se posteriormente *webrádio*. Além dessas duas experiências, encontramos um áudio da rádio FMIL postado em um site, o que nos sugere que este programa foi veiculado na internet. Esses dados nos indicou a tendência crescente de uso da Internet como importante ferramenta de comunicação e construção de redes sociais.

As maiores ocorrências das experiências com oficinas radiofônicas como atividade psicossocial por regiões foram: 8 experiências no Rio Grande do Sul, 4 relatos localizados no estado de São Paulo, 2 no Rio de Janeiro e 1 relato no Rio Grande do Norte e 1 relato na Bahia.

Respondendo às perguntas de pesquisa na qual a revisão de literatura foi proposta, de acordo com a análise das experiências mapeadas no Brasil, os espaços onde ocorrem estas experiências são: inseridos nos próprios serviços de saúde mental (CAPS); fora das instituições (apenas a *Coletivo de Rádio Potência Mental*); em rádios comunitárias; em emissoras comerciais e através da internet. Os processos pedagógicos pelos quais as oficinas são desenvolvidas passam, em geral, pela busca da comunicação dialógica e participação dos sujeitos, nos permitindo relacioná-las às ideias do educador Paulo Freire, embora tenha sido relatado fragmentação nos processos de produção dos programas de rádio, em uma dessas experiências.

De acordo com os resultados da pesquisa na literatura, contatou-se que essas oficinas, por propiciarem espaço de troca, escuta, diálogo e possibilidade de ocupação (trabalho) ao atuarem como locutores, repórteres, entrevistadores, promovem a auto-estima dos participantes, socialização e habilidades comunicacionais, uma vez que, ao contar suas

histórias de vida, recitar poesias, cantar músicas, falar de seus interesses, de política, direitos, entre outros assuntos, os usuários exercitam a oralidade, objetividade e expressa sentimentos, tornando as oficinas radiofônicas uma verdadeira catarse. Isso não significa que estas oficinas ocorram desprovidas de momentos de desafios operacionais, conflitos pessoais entre os participantes, dificuldades, entraves políticos e institucionais, o que muitas vezes culminam no encerramento temporário ou definitivo de suas atividades.

Ainda que não tenha sido o escopo da pesquisa, tivemos conhecimento de experiências de rádio e usuários de saúde mental em outros países, como o grupo *La Colifata*, formado por internos e ex-internos do Hospital Neuropsiquiátrico José T. Borda, de Buenos Aires, e o grupo *Nikosia*, de Barcelona. Todos eles têm alguns objetivos em comum: contribuir para a desmistificação dos sofrimentos mentais, para a diminuição ou mesmo extinção das internações hospitalares de usuários da saúde mental e para a sua inclusão social.

Depois de apresentarmos o panorama das experiências realizadas no Brasil, e detectada a lacuna na divulgação mais detalhada dessas atividades, apresentamos o estudo de caso da Rádio Revolução FM. Iniciamos explanando um levantamento histórico da rádio e em seguida, a sistematização dos resultados das entrevistas e depoimentos acerca da percepção apreendida pelos participantes sobre a Rádio Revolução, por meio das categorias empíricas de análise.

#### 4.2 O ESTUDO DE CASO: *WEBRADIO* REVOLUÇÃO FM

Antes de iniciar a descrição e análise do estudo de caso, acreditamos ser pertinente determinar o local de fala da pesquisadora no contexto da pesquisa. Como dito no início da dissertação, em 2009 tive a oportunidade de conhecer a *webradio* Revolução FM e seu trabalho com usuários em saúde mental, através de um curso de locução de rádio promovido pela rádio e pela Biblioteca Pública de Niterói, onde participei da oficina.

Durante o período que estive na rádio, ouvi depoimentos de usuários em sofrimento psiquiátricos relatando que as atividades na rádio traziam bem estar na vida deles na medida em que falavam de seus problemas e angústias, e que muitas vezes, quando eles praticavam a oficina de rádio nem precisavam tomar o remédio (medicação). Essas e outras observações informais acerca dos processos educativos forjados nessas oficinas e a interação entre os participantes, propiciaram reflexões e inquietações, que, sistematizadas em forma de perguntas de pesquisa, veio a se tornar o tema do meu então projeto de mestrado.

Enquanto fui aluna do curso de Comunicação Social – Rádio e TV na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em 2007, recebi um convite de alunos do curso de Enfermagem para compor a equipe de uma rádio que estava sendo gestada como atividade psicossocial dos usuários de saúde mental de uma unidade no município de Ilhéus, BA. O projeto não se concretizou, mas quando conheci o trabalho da rádio Revolução, tive o seguinte insight “será que outras experiências como essas acontecem pelo Brasil?”.

A partir de então, já fisgada pela curiosidade epistemológica, e fazendo as primeiras pesquisas exploratórias sobre o tema, surgiram as seguintes questões, no âmbito da rádio Revolução: como uma prática de comunicação que se propõe uma atividade psicossocial pode se constituir uma possibilidade de construção cidadania e ressocialização do usuário em saúde mental? Quais os limites e alcances que essa oficina de rádio oferece aos participantes? Quais expectativas e anseios de quem busca fazer parte da oficina de rádio? Como são engendrados os processos comunicacionais e de educação não-formal nas oficinas de rádio? No contexto brasileiro, existem outras oficinas de rádio como esta – em que locais? Essas e outras indagações instigaram a uma investigação mais aprofundada.

De acordo com Antônio Carlos Gil (2009), o estudo de caso é um delineamento transdisciplinar e transparadigmático que pode ser utilizado no âmbito das mais diversas disciplinas científicas, bem como sob diferentes enfoques teóricos e metodológicos. Nesse tipo de estudo, há o compromisso de compreender o fenômeno social em seu contexto. Trata-se de um delineamento para tratar os fenômenos de um ponto de vista sistêmico, por ser um estudo de natureza holística. O autor esclarece que o estudo de caso, como delineamento de pesquisa, indica princípios e regras a serem observados ao longo de todo o processo de investigação, que envolvem as etapas de formulação e delimitação do problema, da seleção da amostra, da determinação dos procedimentos para coleta e análise dos dados, e os modelos para sua interpretação. Nesse sentido, não há uma “técnica do estudo de caso”, uma vez que ele pode ser considerado um delineamento em que são utilizados diversos métodos ou técnica de coleta de dados, como a observação, a entrevista e a resgate de documentos – métodos e técnicas utilizados no presente estudo.

A Rádio Revolução FM (*webradio*) foi idealizada por um conjunto de profissionais, colaboradores e usuários, sendo destacadas o médico Annibal Coelho Amorim e jornalista Taís Ladeira que elaboraram o projeto. Uma das estratégias utilizadas para recuperar o histórico sobre o surgimento da rádio foi entrevistar pessoas que estivessem ligados à sua fundação. Uma vez que, ao contar relatar sua trajetória de vida e profissional, a própria história da rádio emerge.

Annibal é médico neurologista e psicólogo, porém não exerce a psicologia. De acordo com seu relato, a motivação em cursar a Faculdade de Psicologia junto com a Faculdade de Medicina ocorreu pela percepção de que havia uma “defasagem muito grande, do aspecto da compreensão do outro”, uma assimetria comunicacional entre os profissionais de saúde, mais especificamente os médicos com os usuários, que consolidava não só um distanciamento, mas também uma verdadeira barreira comunicacional difícil de ser transposta.

Annibal Amorim relatou que, preocupado com essa assimetria comunicacional, buscou estudar Sociologia e Antropologia, no intuito de encontrar abordagens que de certa maneira desconstruíssem esse modo de operar e de interpretar esse processo comunicacional. Tendo trabalhado durante quase 25 anos na área de saúde mental e pela proximidade com os usuários, mais particularmente no centro psiquiátrico Pedro II (conhecido como “hospital do Engenho de Dentro”), Amorim narrou características do local, que trazia consigo um histórico marcante:

O hospital tinha uma longa história, muitas vezes conhecido na própria comunidade com uma história de horrores, tenebrosas, as pessoas ficavam muito assustadas, fiz uma pesquisa com os moradores, aquelas pessoas que já moravam mais de 30 anos, davam depoimentos dos horrores que eram quando a psiquiatria tinha aquela visão mais conservadora, onde só tinha como perspectiva a questão da internação pela internação, práticas consideradas manicomiais, de isolamento, de aplicação de eletrochoque, de excessos de medicação, com práticas muitas vezes até violentas do ponto de vista físico, às vezes isolamento físico em determinados espaços (ANNIBAL AMORIM).

Assim, estudou algumas dessas questões e foi influenciado pelos grandes exemplos que apontavam uma outra direção, sendo que o próprio Centro psiquiátrico Pedro II foi o lugar onde Dr<sup>a</sup> Nise da Silveira desenvolveu trabalhos que mostravam outras formas de lidar com o sujeito em sofrimento mental: um caminho de relacionamento mais afetivo, acreditando que o afeto catalisava transformações nesta relação, catalisava transformações emocionais, o que precipitaria um processo de recuperação. A partir daí, os profissionais no Centro Psiquiátrico começaram a buscar outras maneiras de pensar, de conceber, e de se relacionar com a doença mental. De acordo com Annibal Amorim, não bastavam os aspectos da vasta literatura nacional e internacional como Basaglia, Foucault, Castel, Paulo Amarante e outros tantos, apontarem na direção oposta daquele pensamento mais conservador, mas sim encontrar aspectos práticos para contribuir na reversão desse paradigma.

Essa mudança começou a acontecer ao longo do processo transformação do perfil da Ciência psiquiátrica no Brasil. Annibal Amorim chegou ao hospital em 1985, período que já havia uma efervescência com a presença e a importância do trabalho feito não só mais pela

“racionalidade biomédica”, hegemônica, mas por uma equipe multiprofissional. Essa mudança, segundo afirma, já foi uma mudança paradigmática importante de ruptura do hegemônico saber biomédico, uma vez que todos que faziam parte da equipe, eram igualmente importantes para uma redefinição desses rumos e, ao longo desse processo de reforma dentro da instituição, começaram a surgir dispositivos que concebiam a relação e a concepção da doença mental de uma maneira diferente.

Na década de 80, eram realizados dentro do hospital os chamados “congressos internos”, onde participavam usuários, ex-usuários, familiares, profissionais e gestores, e lideranças comunitárias. O objetivo desse congresso era buscar a consolidação de um modelo de saúde mental que não fosse tão instabilizado quando houvesse mudanças institucionais:

Era comum que quando houvesse mudanças dentro da hierarquia do hospital, todos os projetos sofriam uma interrupção, com reflexo grave nas relações terapêuticas que eram estabelecidas com os pacientes, então nós pensamos um modelo de, independente de quem dirigisse o hospital, haveriam metas consolidadas que apontavam para um caminho de 2 anos, então se o Ministério mudasse, mudasse a direção do hospital, nós teríamos alguns objetivos a longo prazo que a gente observaria (ANNIBAL AMORIM).

Gradativamente foram iniciadas mudanças do perfil assistencial. Se no passado o tratamento se resumia somente ao aspecto da medicalização, medicação e a internação como as principais referências terapêuticas, com o tempo passou-se a investir em ambulatorios, em centros de atenção psicossocial, em projetos de convivência, ou seja, em outra forma de lidar com o conceito da doença mental, dentro dos preceitos da lei de Reforma Psiquiátrica 10.216/2011 explicitados no capítulo teórico. Os chamados “serviços substitutivos” que são um conjunto de estratégias alternativas à internação (AMARANTE, 2007). Na medida em que isso acontecia dentro do hospital, algumas unidades que prestavam somente assistência hospitalar deixaram de operar, esses prédios fisicamente passaram a ficar desocupados.

Então, em um dos congressos internos, foi proposta a criação do primeiro “centro comunitário”, no Rio de Janeiro, na área de saúde mental, para inserir nesse espaço físico (prédios desocupados) um conjunto de projetos pensados para estabelecer uma ponte entre o hospital, o modelo terapêutico, o modelo assistencial e a comunidade.

No momento em que se criou o centro comunitário, um centro de convivência, o objetivo era co-responsabilizar a sociedade, envolver as pessoas da comunidade no enfrentamento da doença mental. Nessa perspectiva, acreditava-se que as pessoas tinham esse comportamento porque não conheciam e por não conhecer, desrespeitavam. Ademais, ao ouvir que essas pessoas em sofrimento mental eram “párias” e “excluídas da sociedade”, isso reforçava o preconceito e a discriminação.

Com a criação do centro comunitário, projetos foram sendo concebidos na perspectiva da co responsabilidade com a sociedade, uma vez que ninguém estava livre de ter em sua vida ou na família alguém que pudesse ter um quadro psiquiátrico. Segundo Amorim reforçava-se a ideia de que ter um transtorno mental não significava que uma pessoa deveria de ser colocada à parte da sociedade, como durante muito tempo caracterizou a psiquiatria asilar no Brasil e no mundo de uma maneira geral, fundamentada no isolamento e banimento desses sujeitos.

Annibal Amorim citou um acontecimento emblemático na história da loucura,

...Chegou-se ao requinte, entre aspas, na Europa muitas vezes esses doentes, eram colocados em embarcações que navegavam sem rumo pelos rios da Europa, as chamadas *Narrenschiff*, esses navios chamados “naus sem rumo” ficavam navegando e a única forma de parar num porto era quando eles tinham que trocar de tripulação, que quando as pessoas morriam dentro do navio, eles não enterravam, eles simplesmente jogavam nos rios né, então essas pessoas eram errantes navegantes, eles ficavam basicamente assim (ANNIBAL AMORIM).

O resultado destes banimentos sofridos pelos loucos, de cidade em cidade, foi o estabelecimento, para esta população, de uma vida errante, inspirando a imagem literária da *Narrenschiff* de Sebastian Brant (1497) e o quadro de Hieronymous Bosch (séc. XV) (FONTES, 2003).

Essa foi a maneira predominante de tratar os sujeitos em sofrimento mental, historicamente, então o desafio constituía-se em encontrar uma outra forma de compreender e se relacionar com a questão. A partir daí surgiu o embrião do projeto de saúde e comunicação como um esteio para ajudar a construir uma nova mentalidade.

A escolha pelo caminho da saúde e comunicação foi motivada a partir da percepção de que havia um bloqueio comunicacional tanto: entre usuários e profissionais de saúde, entre usuários e famílias; entre usuários e comunidade e entre o “hospital” (profissionais e usuários) e comunidade. Essa realidade fomentava o desconhecimento e distanciamento, ademais as pessoas da comunidade já nutriam medos alimentados por mitos e preconceitos estabelecidos contra as pessoas que tinham transtornos mentais. Por muito tempo as pessoas ouviram histórias sobre o hospital e identificou-se a necessidade de transformar essa realidade.

E assim, partindo da referência já implementada, a rádio TAMTAM, desenvolvida em uma antiga colônia de alienados, em Santos, SP, começaram as primeiras oficinas/cursos sobre técnicas radiofônicas. Annibal Amorim destaca que uma das características marcantes das oficinas de rádio é poder “misturar as pessoas”, ou seja, no mesmo curso estão pessoas com transtornos mentais, com algum tipo de deficiência, pessoas sem deficiência, de vários níveis sócio-culturais, origem e motivações distintas, mas com algo em comum: gosto pelo

rádio. Segundo ele, o que emerge dessas interações é o fato daquelas pessoas estarem querendo colocar alguma contribuição para o projeto, vontade de aprender, de ser parte, cada uma à sua maneira e isso é o mais importante. Além disso, sempre se buscava “construir programas que falassem sobre os temas que interessavam as pessoas, cada um colocando aquilo que seria um tema interessante, então as oficinas, elas são também customizadas a partir do que as pessoas trazem para o trabalho” (ANNIBAL AMORIM).

Essa prática tem conexão com os temas geradores segundo a perspectiva de Paulo Freire (2005), na medida em que os temas/conteúdos de ensino são extraídos da problematização da prática de vida dos educandos. Inclusive, em relação aos temas dos conteúdos radiofônicos, previamente uma sondagem é realizada para conhecer os conhecimentos prévios, expectativas, necessidades, buscas que cada participante detêm e a partir daí o professor vai conduzindo o curso, em conjunto com os alunos.

De acordo com Peruzzo, a participação das pessoas na produção e transmissão das mensagens, desde os mecanismos de planejamento e produção da comunicação comunitária contribui para que elas se tornem *sujeitos*, se sintam capazes de fazer aquilo que estão acostumadas a receber pronto, se tornando protagonistas da comunicação e não somente receptores (PERUZZO, 2002).

#### **4.2.1 Início das atividades da Rádio Revolução FM**

Em 1995 foi iniciada como rádio em circuito interno e em 1999, inaugurada em baixa frequência modulada (transmissor de 25 watts em 105,5 Mhz após varias doações de equipamentos). Com o slogan “a rádio que é louca por você” a Rádio Revolução está localizada no Instituto Municipal Nise da Silveira, e segundo Annibal Amorim a “Revolução FM”, fez parte desde 1995, do Programa do Centro Comunitário, que defendia a proposta de desconstrução do modelo manicomial, em parceria com o INDECS (Instituto de Estudos e Projetos em Comunicação e Sociedade) e atualmente a ECCO (Associação de Entidades e Amigos do Centro Comunitário).

O Instituto Municipal Nise da Silveira, unidade da Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro, é uma instituição de saúde mental localizada no bairro Engenho de Dentro, Rio de Janeiro (FIGURA 2). Foi inaugurado em 11 de junho 1911, como Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro, com o propósito de receber um excedente de mulheres internas do primeiro hospício do Brasil, o Hospício de Pedro II, que funcionava na Praia Vermelha desde meados do século XIX. Nomeado também como Colônia de Psicopatas

do Engenho de Dentro e Colônia Gustavo Riedel, passou a chamar-se, na década de 1940, Centro Psiquiátrico Nacional e, nos anos 60, Centro Psiquiátrico Pedro II (INSTITUTO MUNICIPAL NISE DA SILVEIRA 100ANOS, 2011).

A citação a seguir esclarece uma das motivações pelas quais a rádio foi fundada, de acordo com Annibal Amorim:

Se no passado essa comunidade [do entorno do hospital] era frequentada, visitada pelas histórias, os relatos, os gritos de horror, e aquilo criava um afastamento brutal entre essa comunidade e os profissionais do hospital, você imagina o que não sofriam os próprios pacientes. Havia relatos de pessoas de que viam jovens, homens pulando o muro para violentar sexualmente pacientes do hospital, então essas pessoas que não tinham direito, eram esquecidos, não eram respeitadas nem pelos profissionais, também muitas vezes eram vítimas de maus tratos físicos, emocionais e sexuais exatamente porque o modelo na realidade era o modelo da exclusão, como é que a gente podia incluir as pessoas? [...] acreditamos que com o projeto de comunicação e saúde [...] Durante muito tempo essas pessoas foram excluídas, esquecidas e abandonadas dentro de uma instituição que tinha um comportamento autoritário, vertical, entendeu? Então tinha-se que buscar estabelecer um diálogo com a sociedade, diálogo que a rádio oferecia porque ela representava exatamente esse instrumento de aproximação, quando você embarcava nas ondas do rádio e se deixava levar pelas histórias, pelas brincadeiras que aconteciam nos programas, você estabelecia uma nova maneira de pensar e compreender o que estava acontecendo ali, né? Por que que as pessoas, na realidade, precisavam ficar afastadas da sua família? Será que não poderia ser estabelecido um canal de comunicação entre aquelas pessoas que estavam internadas e a sociedade de uma maneira geral? A rádio servia um pouco para materializar não só de forma metafórica este canal, mas ela servia também como um veículo para que aquilo que as pessoas têm dentro de si, seus sonhos, seus desejos, suas frustrações, seus problemas, pudessem vir à tona, para que as pessoas pudessem sentir que são pessoas de carne e osso, entendeu? Que na realidade, com os seus problemas de natureza psíquica, acabavam enfrentando grande dificuldade (ANNIBAL AMORIM).

Nesse sentido, primeiramente, buscava-se proporcionar aos sujeitos em sofrimento mental a oportunidade, talvez nunca antes proporcionada. Acreditando que cada pessoa poderia potencializar suas habilidades através dos cursos e oficinas de rádio.

No conjunto da rádio havia um conselho que discutiam com as pessoas quais eram os programas que iam ser aceitos e tinha um pré-requisito: para fazer programa na rádio Revolução os usuários tinham que participar, não poderia haver nenhum veto à participação deles porque o espaço prioritariamente deles, sendo formulado não somente para empoderar, mas gradativamente desconstruir a visão que a sociedade tinha daquele sujeito que durante muito tempo só recebia internação. O próprio nome da rádio foi votado em uma assembleia.

O rádio foi eleito por ser um artefato eletrônico acessível e seu caráter lúdico, conforme apresentamos no capítulo teórico sobre o rádio, “através da rádio você fantasia, você fica

imaginando assim: mas como é que é a cara daquela locutora ou daquele locutor?” comenta Annibal Amorim, e através da irreverência, brincadeira, humor, fazendo e construindo uma relação de intimidade - que era justamente a estratégia de vínculo para quebra de preconceito, uma vez que era um “loucutor” que estava falando ao microfone - causava um positivo estranhamento de que, aquela pessoa que havia se tornado familiar e querida através das ondas do rádio era uma pessoa com transtorno mental! Portanto o ideal da rádio sempre foi o de estabelecer uma ponte de comunicação entre os usuários, profissionais de saúde e a comunidade:

Nós não tínhamos, em momento nenhum, nenhum desejo de transformar aqui em uma ráááadio super potente, com transmissores...nós queríamos que ela continuasse exercendo o seu papel dentro do projeto terapêutico de reforma psiquiátrica, para desconstruir mitos, para aproximar e criar co-responsabilidade da sociedade com a nossa população e para fortalecer, evidentemente, essa estratégia de comunicação dessa população que durante muito tempo foi excluída, com a sociedade (ANNIBAL AMORIM).

A rádio Revolução FM desde o começo sempre foi aberta, com prioridade aos usuários do hospital, sendo que todos podem (e devem) participar.

#### **4.2.2 Fechamento da Rádio Revolução FM pela Polícia Federal**

Apesar do papel social desenvolvido, a rádio foi fechada posteriormente por ação da Polícia Federal, após denúncia anônima (como rádio pirata), este fato foi relatado por Annibal Amorim:

Sobre o episódio do fechamento da rádio...na realidade, já nesse período...mais ou menos um ano e meio depois da rádio existir, havia uma campanha muito forte feita pela ABERT, Associação Brasileira de rádio...essa entidade aí...na realidade divulgando que rádio poderia derrubar avião, impedia a comunicação com ambulância ou veículos oficiais como polícia, etc e tal...e essas informações difundidas na grande mídia, não só criavam um medo na população, difundia o medo e eram baseadas - e a gente procurou depois obter informações precisas sobre isso - em falsas verdades (ANNIBAL AMORIM).

Cabral Filho e Cabral (2010) afirmam que a ideia de que rádios comunitárias derrubam aviões e que afetariam a comunicação entre aeronaves ou mesmo a da polícia já foi negada por meio de relatórios da própria Anatel, que demonstram que a maioria das interferências causadas por sinais de rádios é proveniente das rádios comerciais, cuja potência de sinal permite alcançar mais facilmente a faixa de frequência da Aeronáutica ou a da polícia.

Cicilia Peruzzo há décadas estuda as rádios comunitárias no Brasil. De acordo com a autora, o tema está envolto em controvérsias. Primeiramente, em decorrência do crescente

interesse pela criação de novas rádios comunitárias, o que não tem sido facilmente aceito pelo conjunto das mídias ditas comerciais. Por esta razão, ganharam tratamento e denominação pejorativa de “piratas” ou “clandestinas” (PERUZZO, 2005). A princípio por serem ilegais, uma vez que muitas delas surgiram antes de promulgada a legislação para o setor (LEI 9612/98, que autoriza e regulamenta as rádios comunitárias no Brasil), como é o caso da Rádio Revolução que surgiu em 1995; ou porque, diante da morosidade e da burocracia do poder público em conceder autorização, termina por induzir muitas emissoras a operar em sem a permissão legal. Segundo Peruzzo (2006):

A repressão às rádios comunitárias tem se manifestado através do fechamento truculento de várias emissoras acompanhado pelo lacre e/ou apreensão dos equipamentos e indiciamento dos responsáveis, ação feita pela Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) e a Polícia Federal. Para surpresa do movimento de Rádios Comunitárias do Brasil, organizado em nível nacional através da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (ABRAÇO) e de associações congêneres em vários estados da Federação, o Governo do Presidente Luis Inácio Lula da Silva – de tendência progressista – foi o que mais fechou rádios comunitárias nos últimos anos. As operações repressivas, em geral, atingem rádios que alcançam mais popularidade local em decorrência do trabalho participativo e engajado que desenvolvem (p.5).

Nesse sentido, após investigações realizadas pela Anatel e Polícia Federal cujo aparato repressivo foi vivido pela rádio Revolução conforme descreve citação de documento abaixo que, apesar de extensa se faz pertinente, pois conta uma parte da história da rádio, pouco conhecida, em relação aos bastidores do processo de fechamento pela Polícia Federal:

Em uma negociação com a direção do hospital eles propuseram lacrar o transmissor, na realidade só nós sabíamos onde o transmissor estava colocado, nós o colocamos dentro do forro do prédio do centro comunitário, escondido, e nós tínhamos uma rotina que quando a gente achava que tinha pessoas suspeitas no prédio, nós acendíamos uma luz vermelha dentro do estúdio, que era pra tirar as pessoas dentro do estúdio para evitar que pacientes que já tinham sofrido violência física, emocional e tudo, fossem surpreendidos com a chegada de um aparato militar, gente com metralhadora, aquela coisa toda, violência, ainda, resquícios, vestígios do período militar, as pessoas achando que pela força eles podiam fazer.... E infelizmente aconteceu isso, e curioso que depois de algum tempo, a rádio já estava fechada, a polícia federal, em articulação com a direção do hospital pediu que as pessoas que tinham fundado a rádio fossem dar um depoimento, lá na polícia federal, então fui eu, o diretor do hospital e uma grande amiga que havia assumido a direção do centro comunitário [...] e ai chegando lá, o agente da policia federal que estava com o processo nas mãos perguntou pro diretor do hospital assim “pô, você não falou que ia trazer o Doc Crazy?” –“ Taí, o Doc Crazy é esse aí” (disse o diretor), e a gente descobriu que a policia federal vinha gravando a rádio, entendeu? Então eu era conhecido na Policia Federal como “Doc Crazy” [risos] porque os pacientes me chamavam “é mais maluco do que os pacientes, doutor maluco e tal”, e como eu era um ouvinte assíduo do antigo programa do “Big Boy”, que ele falava “Hello, Crazy people!”, então eu criei um programa junto com um

paciente aonde eu interpretava, o Doc Crazy e com as vinhetas do Big Boy a gente fazia dois programas, tinha o “Lelé e da Cuca” que eu fazia junto com a Tais Ladeira e o Renato de Carvas, e uma vez por semana, no final da tarde, às seis horas da tarde, a gente fazia o programa “Clube da Caverna”, eu só tocava MPB música popular britânica, entendeu?[...]... mas ele [policia] falou assim “Mas você é o Doc Crazy?” [risos] “Temos várias horas aqui” [gravadas]....E aí eu expliquei pra ele que a rádio não tinha objetivo finan...era uma rádio filantrópica, não tinha objetivo comercial, que ela divulgava mensagens na área de saúde, que ela promovia educação e saúde, a partir de uma linguagem popular, nós participávamos de concursos, nós ganhamos um concurso de vinhetas promovido pela UNESCO, nossa vinheta foi inserida, entre um conjunto de vinhetas de toda América Latina, e com isso nós dávamos oportunidade àquelas pessoas que tinham sido excluídas um dia de participarem ativamente da vida do hospital...e aí infelizmente a rádio foi fechada, em termos da sua transmissão, o transmissor foi guardado, não foi apreendido e se pensou exatamente em fazer um processo de legalização da rádio junto ao Ministério das Comunicações, e pelo que eu sei até hoje processo ainda não foi julgado, não foi validado, o que é uma pena (ANNIBAL AMORIM).

De acordo com o histórico da rádio (RÁDIO REVOLUÇÃO, 2012), foi solicitado o pedido de concessão junto ao Ministério das Comunicações através do processo - 53000.037968/04 –porém o pedido foi recusado.

#### **4.2.3 As oficinas de rádio da Revolução FM**

Os cursos/oficinas de rádio foram iniciados em maio de 1989 através de uma parceria com a direção do Sindicato dos Escritores do Município do Rio de Janeiro, permanecendo até 1992. Aconteceram aulas no Instituto Torres Pinheiro em 1991, transferindo-se para Casa do Estudante do Brasil em 1992.

Em 1993, os cursos/oficinas aconteceram no Instituto Bennet, depois na Fundação Estadual de Serviço Público e na Associação Brasileira de Tecnologia Educacional em 1994. Neste mesmo ano instalou-se na Biblioteca pública do Rio de Janeiro onde permaneceu até 2008. Em 2009 funcionou na Federação das Associações e Sindicatos dos Servidores públicos no estado do Rio de Janeiro. Outros locais onde foram desenvolvidos cursos: Instituto Benjamim Constant (Centro de Estudos Supletivos) e Museu Militar Conde de Linhares. Desenvolveu aulas dois anos na Biblioteca Estadual de Niterói e dois anos na Biblioteca Estadual Anísio Teixeira. Desde 2008 ministra cursos para pessoas com deficiência visual. Algumas fotos de diferentes edições dos cursos constam na FIGURA 1.

Devido à falta de estrutura física da rádio Revolução, cada ano as oficinas de rádio ocorrem em locais possíveis de acordos com os convênios firmados. As aulas das oficinas em 2012 aconteceram no Instituto Benjamin Constant e na Federação das Associações e

Sindicatos dos Servidores Públicos Estaduais e Municipais do Rio de Janeiro (FASP), e as aulas práticas de locução radiofônica ocorreram no estúdio da Rádio Revolução.

Os professores são: **Roberto Salvador** - Formado em História Natural (UERJ), especialista em rádio e TV, especialista em Tecnologia Educacional. Diretor de programas educativos na TVE, na TV Manchete, diretor de programas educativos na Rádio Roquette Pinto, autor do livro “A Era do Radioteatro” pela Gramma Editora em 2010; **Marynildes Santos Coelho** - coordenadora e uma das idealizadoras do curso de locução, professora com extensa experiência pedagógica; **Sérgio Luiz** - radialista, apresentador, produtor e comentarista esportivo de rádio; **Teresinha Mendes** - Bacharel em Canto pela Escola de Música (UFRJ), cantora lírica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Locutora, atriz de televisão, cinema e teatro. Primeira âncora feminina do jornalismo televisivo do Brasil.

A oficina de rádio consiste na produção e apresentação de programa de rádio, para tanto é necessário frequentar o curso/oficina (programa em ANEXO 3) com duração média de 2 meses, ministrado por professores voluntários da área de comunicação para o aprendizado das técnicas radiofônicas.

Atualmente a rádio Revolução vem desenvolvendo oficinas radiofônicas abertas a usuários de saúde mental, deficientes visuais do Instituto Benjamin Constant (em convênio firmado junto a Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro), e pessoas em geral que tenham interesse em participar, pois o que se busca também é “misturar” as pessoas com e sem deficiência nos cursos e produção dos programas de rádio.

#### **4.2.4 Rádio Revolução Hoje: na web**

Por todos os desafios enfrentados para o funcionamento enquanto rádio em baixa frequência modulada, e sem obter êxito no pedido de outorga da concessão para funcionamento como rádio comunitária, a Rádio Revolução hoje é *webradio*.

Portanto, atualmente a rádio está disponível somente na internet, e “foi criada para funcionar como oficina de rádio e terapia ocupacional aos usuários do Instituto Municipal Nise da Silveira” (RÁDIO REVOLUÇÃO, 2012), contudo qualquer interessado pode participar.

Embora apresente em seu site (FIGURA 3) um breve relato de seu histórico (FIGURA 4), objetivos gerais (FIGURA 5), metodologia (FIGURA 6), resultados (FIGURA 7) e galeria de fotos (FIGURA 8), há muitas histórias, memórias e testemunhos que estão se perdendo com o tempo e com as pessoas que a construíram, que estão envelhecendo, falecendo ou

partindo para novos projetos e levando consigo um pouco dessa história. De acordo com o mapeamento feito na primeira etapa desta pesquisa sobre experiências de oficinas radiofônicas nos serviços de saúde mental no Brasil, não encontramos relatos literatura científica sobre a Rádio Revolução, apenas algumas referências em relação à existência da rádio, sem maiores detalhamentos. Alguns artigos de Annibal Amorim e Ladeira (fundadores da rádio) existem, porém não estão disponibilizados na internet.

Uma outra questão que nos preocupa em relação à memória da rádio é que os programas produzidos são veiculados somente ao vivo, não são gravados, apenas ocasionalmente. Este fato não só prejudica o resgate histórico-cultural desta prática como limita futuras pesquisas que pudesse utilizar este material como fonte de dados.

Sobre este tema, Ferraretto (2010) afirma que as emissoras educativas e comunitárias têm utilizado as inovações tecnológicas ainda de forma restrita. Quando possuem recursos para tal, além da página na internet com a possibilidade de contato apenas por correio eletrônico, oferecem somente o seu sinal ao vivo, como no caso da rádio Revolução. Nesse sentido, não há como deixar de ressaltar a perda de difusão de cultura e de conhecimento pela ausência de conteúdos para *download* nessas estações.

No próprio site<sup>11</sup> da rádio, como foi dito, é possível ter acesso a algumas informações sobre seu histórico, grade de programação, galeria de fotos, etc. e um link que nos permite ouvir a programação. Alguns links do site estão em construção e os canais de interação com o público são limitados, uma vez que a única forma de interação é no link “contato” (FIGURA 9), contendo informações como endereço e telefone da rádio e um espaço onde o ouvinte pode enviar seu comentário e/ou sugestão.

De acordo com Peruzzo (2006) de maneira geral, nas *webrádios* há subutilização dos espaços no que se refere a canais de acesso do cidadão e ao uso dos recursos do hipertexto, contudo não deixam de ser um avanço uma vez que a presença das comunitárias na rede representa um passo significativo no avanço do acesso ao direito à comunicação, sendo também uma forma de extrapolar os limites dos 25 watts de potência permitidos às rádios comunitárias.

Na grade de programação são abordados uma diversidade de temas, como saúde, política, religião, musicais, etc. Os participantes tem a possibilidade de contar suas histórias de vida, recitar poesias, cantar músicas ou falar de seus interesses, expressar sentimentos, aprender e ensinar coisas novas, o que torna essa oficina um espaço de alteridade e mediações entre os participantes.

---

<sup>11</sup> Disponível em: < <http://www.radiorevolucaoofm.com.br/>>

De acordo com Annibal Amorim com a rádio nunca se buscou a cura da doença mental como objetivo. O objetivo da rádio consistia “no respeito à diferença, à dignidade de pessoas que circunstancialmente enfrentavam a doença mental”. O compromisso partilhado centrava-se na ideia de uma rádio como um espaço a mais de expressão social dos participantes. Nesse sentido, segundo o autor, não havia a intenção de ter “uma rádio como tantas outras, estávamos voltados a um modo de fazer singular onde a capacidade de cada um de nossos colaboradores era valorizada, fossem eles(as) pacientes ou não”.

Exemplos de grupos que aderiram às produções radiofônicas da rádio estão: pessoas da terceira idade, grupos de alcoólicos anônimos, pessoas com deficiência visual, usuários de hospitais dia, meninos em situação de rua, profissionais, gente simples da comunidade, etc. Nas palavras de Annibal Amorim “esses grupos passaram a acreditar que era possível fazer e gerir um veículo de comunicação inclusivo dentro de um contexto que historicamente tinha como marca a história da exclusão” (ANNIBAL AMORIM).

Dos projetos que a Rádio Revolução participou destaca-se o “Concurso de Spots – Constructores de Ciudadania – Somos diferentes, valemos igual” patrocinado pelo PNUD das Nações Unidas, através da UNESCO em conjunto com a UNIFEM (Fondo de Desarrollo de Las Naciones Unidas para la Mujer) e a AMARC (Associação Mundial de Rádios Comunitárias), onde uma das vinhetas produzidas contra a discriminação foi incluída no CD (FIGURA 10), distribuída por toda a América Latina, em 1999. O trabalho da rádio também repercutiu na grande mídia, como reportagem na Revista “Isto É”, em 2000 (FIGURA 11) e em programa “GNT Cidadania”, da NET. Artistas reconhecidos na mídia já estiveram tocando ao vivo na rádio, como Lobão, Cássia Eller, Paula Lima, entre outros.

A rádio se autossustenta a partir de doações, contribuições mensal dos programadores, trabalho de colaboradores voluntários e compõe um dos projetos da ECCO (Associação de Entidades e Amigos do Centro Comunitário - uma entidade civil de direito privado sem fins lucrativos).

Como foi dito, a rádio se localiza nas dependências do Instituto Municipal Nise da Silveira, um prédio antigo, com janelas gradeadas, muros altos, portas com cadeados, ou seja, guardando os mesmos atributos arquitetônicos do manicômio. O hospital é um complexo de grandes proporções, e assemelha-se a uma fortaleza.

Fontes (2003) afirma que os métodos de controle da sociedade bem como de sua “proteção” eram fundamentados em dispositivos de disciplina e vigilância. Esses processos se davam através da exclusão e isolamento dos indivíduos considerados “desviantes” dos padrões de racionalidade e moralidade. Desde então, desenvolveu-se uma arquitetura baseada

em “dispositivos”, como denomina Foucault e foram adotados em diversas instituições: escolares, religiosas, hospitalares. O principal símbolo desta arquitetura é o Panóptico, uma construção em forma de anel com uma torre, vazada por grandes janelas, permitindo a observação ininterrupta dos compartimentos à sua volta.

O Instituto Municipal Nise da Silveira se encontra em pleno processo tanto de reforma de suas instalações físicas, mas também de reformulação e remanejamento de diversos setores, de modo a aportar as demandas das novas práticas preconizadas pela Reforma Psiquiátrica. Nesse sentido, obtivemos informações preliminares de que a rádio Revolução mudará de local com a implantação de um Ponto de Cultura, onde será inserida, mas não houve informações mais detalhadas.

#### 4.3 RESULTADOS: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

Apresentado o histórico da rádio Revolução, a partir de agora apresentamos os resultados das entrevistas e análise dos depoimentos realizados com pessoas vinculadas à rádio.

##### 4.3.1 Perfil da amostra

Em relação à amostra e perfil dos entrevistados, a pesquisa contou com a participação de 8 voluntários, sendo que 6 são do sexo masculino e 2 do sexo feminino. Quanto à idade, 1 participante entre 20 a 30 anos, 2 entre 30 e 40 anos, 2 participantes entre 40 e 50 anos, 1 entre 50 a 60 anos e 2 participantes com idades entre 70 e 80 anos. Em relação à atuação profissional, havia: técnico em engenharia elétrica, médico, massoterapeuta, aposentados, autônomo, donas de casa e radialista.

Os participantes concederam por meio de autorização escrita, a divulgação de suas entrevistas narrativas bem como os seus nomes, com exceções daqueles que preferiram manter o anonimato. Diante da autorização, apresentamos os nomes dos oito voluntários que participaram deste estudo, por ordem alfabética, e pseudônimo de participante(s) anônimo(s): André Souza, Annibal Amorim, Dulce Azambuja, Hélio Jr., João Silva, José Cardozo, Margot, Renildo Ourique. Os depoimentos foram cedidos por: André Souza, Carlos Ramiro, Dulce Azambuja, Hélio Junior, Jorge de Oliveira, José Cardozo, Luiz Machado, Margot, Mariana, Marli Tavares, Marynildes, Wagner. Portanto, foram 12 depoimentos, a idade dos depoentes varia de 30 a 80 anos, com atuação profissional das mais variadas, como: donas de

casa, jornalista, radialista, aposentado, autônomo, técnico em engenharia elétrica e desempregado.

Uma vez que as entrevistas foram realizadas com pessoas que fazem ou fizeram parte da história da rádio Revolução, didaticamente, organizamos:

(1) Fundadores/ex-programadores - Pessoas que fizeram parte da rádio em sua fundação, e apresentavam programas na grade;

(2) Fundadores/programadores - Pessoas que fizeram parte da fundação da rádio e ainda apresentam programas na grade;

(3) Ex-participantes da oficina de rádio - Pessoas que participaram da oficina de rádio;

(4) Ex-participantes/atuais programadores - Pessoas que participaram da oficina de rádio e atualmente possuem programas na grade de programação;

(5) Programadores - Pessoas que possuem programa na grade de programação, mas nunca participaram da oficina de rádio.

**QUADRO 5** Categorização dos entrevistados quanto ao vínculo com a rádio Revolução:

<b>ENTREVISTADOS</b> <b>Vínculo de participação</b>	<b>André</b>	<b>Annibal</b>	<b>Dulce</b>	<b>Hélio</b>	<b>João</b>	<b>José</b>	<b>Margot</b>	<b>Renildo</b>
(1) Fundadores/ex-programadores								
(2) Fundadores/programadores								
(3) Ex-participantes da oficina de rádio								
(4) Ex-participantes/atuais programadores								
(5) Programadores								

Quanto aos depoimentos e o vínculo de participação das pessoas que forneceram as narrativas, didaticamente, apresentamos:

QUADRO 6 Categorização dos autores dos depoimentos quanto ao vínculo com a rádio Revolução:

DEPOIMENTOS Vínculo de participação	André	Carlos	Dulce	Hélio	Jorge	José	Luiz	Margot	Mariana	Marli	Marynildes	Wagner
(1) Fundadores/ ex-programadores												
(2) Fundadores/ programadores												
(3) Ex-participantes da oficina de rádio												
(4) Ex-participantes / atuais programadores												
(5) Programadores												
Visitante												

#### 4.3.2 A Tessitura das Narrativas

Ainda que os entrevistados tivessem em comum o fato de terem participado, em alguma medida, da rádio Revolução, cada entrevistado é proveniente de origens, trajetórias, e lugares de falas distintos. Portanto, as particularidades de cada depoimento/entrevista foram respeitadas, uma vez que assinala a diferença, elemento portador de sentido que cada entrevistado atribuiu às suas lembranças e a si mesmo.

Através da observação participante - realizada no momento das idas a campo e durante as entrevistas - e do contato com o material empírico, as narrativas transcritas, realizamos o processo de categorização dos resultados, no qual identificamos cinco categorias empíricas. Além dessas categorias, certos aspectos pertinentes que surgiram nas narrativas foram destacados ao longo do relato de pesquisa a seguir.

As categorias foram forjadas a partir da principal investigação da pesquisa “qual o papel da rádio Revolução no contexto da saúde, a partir das oficinas de comunicação realizadas como atividade psicossocial dos participantes?”.

Constatamos que esse “papel” da rádio se apresentou como a significação que cada participante atribuiu à experiência vivenciada, segundo suas **idiossincrasias**, expectativas, motivações, anseios, afinidades e necessidades.

Nesse sentido, cinco categorias emergiram das narrativas:

- I) A rádio como reinserção/manutenção da pessoa no ramo profissional radiofônico;

- II) A afinidade pelo rádio e/ou associação de atividades prediletas ao “fazer” rádio;
- III) A rádio como terapia e/ou reabilitação para a saúde;
- IV) A rádio como estratégia de luta por ideais e utopias; e por fim,
- V) A rádio como espaço de processos educativos, mediação e vínculo. Vale ressaltar que cada entrevistado por vezes encaixaram-se em diversas categorias simultaneamente.

Didaticamente, apresentaremos as categorias empíricas de análise e em seguida, a descrição das observações das entrevistas, impressões, os contextos do trabalho de campo e uma trajetória sintética sobre cada entrevistado, explicitando seu lugar de fala.

#### 4.4 CATEGORIAS EMPÍRICAS

##### **4.4.1 A rádio como inserção/manutenção/reinserção da pessoa no ramo profissional radiofônico**

Nesta primeira categoria se agregaram aqueles que conceberam a rádio Revolução como uma oportunidade para inserção no ramo radiofônico, bem como de manutenção e/ou reinserção (aqueles que estavam afastados da profissão de radialismo).

Para Renildo, a rádio é um meio de manter-se no *ramo* “*o que me motiva a fazer a web rádio revolução é o estar dentro da mídia, que é o rádio! Seja ela convencional ou pela web!*”

E afirma:

Na minha vida a rádio Revolução me motiva a continuar no rádio em si... Sou apaixonado por essa profissão desde os meus 12 anos, e o que me motiva é tá continuando sempre a fazer e melhorando cada vez mais o meu desempenho em rádio (RENILDO).

Além disso, de acordo com as narrativas, a rádio Revolução serviu como trampolim para novos contatos de estágio e trabalho no ramo;

Um estágio em especial, o que mais me marcou, foi a primeira vez que eu tive contato com um estúdio de rádio, e...foi assim...eu fiquei muito nervoso...eu me destaquei de uma forma muito espontânea, isso causou que a atenção dos professores se voltasse pra mim, só que ao mesmo tempo eu era o cego mais recente, tinha acabado de ficar cego! Isso que me marcou! [...] dali pra frente, depois que eu comecei a fazer os estágios nos lugares que a rádio marcou (ANDRÉ).

Hélio Júnior relatou que depois da oficina de rádio conseguiu contato para trabalhar em uma emissora “entrei na rádio Tropical quando terminei o curso da rádio Revolução e faço esporte com o Marcos Mendonça na rádio Tropical e estamos até hoje, três anos já!”.

A rádio se constitui um modo acessível financeiramente para que o radialista se mantenha na “ativa” no ramo radiofônico, a Revolução tem cunho comunitário e se auto sustenta, para tanto necessita de uma contribuição para manutenção das despesas,

A rádio revolução apareceu, uma coisa excepcional, eu estava parado em rádio, e ela [rádio] pra mim é tudo, na vida. Não pretendo mais sair daqui, mesmo se eu for pra uma emissora grande, não pretendo sair daqui, aqui tem toda uma estrutura pra gente trabalhar e fazer o nosso programa, isso porque um horário desse aqui, em uma outra emissora, é caro, uma fábula, é muito caro mesmo, então aqui a gente faz praticamente de graça, isso já é uma grande coisa, que o professor Sérgio, uma grande oportunidade dá pra gente, porque a gente aqui é praticamente de graça que faz o programa, é só uma contribuiçãozinha por mês pra manter luz, água, essas coisas, aqui... e ainda levo algumas coisas daqui que eles me dão pra eu usar em meu estúdio [risos], material antigo! (HÉLIO).

Essa tática de autosustentabilidade financeira remete às rádios sociedades e clubes que eram mantidas pelas mensalidades de seus associados e doações, o que permitia liberdade no conteúdo dos programas, sem ter que se submeter a nenhuma imposição ou necessidade de obtenção de lucro (FERRARETTO, 2010; RÁDIO SOCIEDADE, 2012).

José esclareceu-nos como funciona a estratégia para que a rádio se sustente financeiramente:

A rádio hoje é limitada porque o custo, todo o custo de manutenção, os programadores pagam uma contribuição, uma doação mensal para poder manter a nossa linha através da internet, manter o nosso *stream*, o nosso domínio, tudo isso é pago! [...] A ECCO é uma ong, mas não arrecada dinheiro, ela agrega vários projetos, mas ela não tem subsídio financeiro, o que mantém a rádio é a própria rádio, lógico que a gente não paga aluguel, não paga luz, né, porque nós ficamos dentro do hospital, tá embutido no custo do hospital, nosso custo o que nós temos mesmo, é realmente...manutenção assim quando falta alguma coisa ou temos que trocar algum material ou microfone, conserto de mesas, até as lâmpadas quando queimam, nós somos uma área do hospital a própria manutenção do hospital troca, mas...por exemplo adquirimos um ar condicionado, nós adquirimos né, porque não tinha aqui no hospital...toda despesa da rádio, sai da rádio! (JOSÉ).

Sobre esta questão Volpato (2013) e Peruzzo (2005) afirmam que a Lei 9.612/98, estabelece a concessão do serviço de radiodifusão comunitária sem fins lucrativos. Quanto a “não ter fins lucrativos”, não significa proibição de gerar recursos, significa não ser movida por interesses financeiros e que os recursos sejam revertidos para a operacionalização do próprio veículo e não em prol de interesses particulares. Contudo, compreendemos ser necessária uma fonte de renda para que a emissora possa desenvolver um trabalho responsável e de qualidade junto à comunidade. Nesse sentido, cabe a seus dirigentes e comunidade estabelecer formas de obtenção de renda para as despesas, seja através de apoios culturais,

através de cotas, como associados, enfim, através do trabalho e da movimentação da própria comunidade.

José afirmou que as restrições financeiras terminam por restringir a capacidade técnica da rádio (por não disporem de equipamentos mais modernos, mais linhas de telefone e internet, etc.), entretanto, nem por isso os programas deixam de ter qualidade profissional:

Aqui nós temos diversos programas, uns até feitos por deficientes físicos de qualquer forma e os programas são em níveis profissionais, a restrição que nós temos, em termos de profissionais, é a nossa restrição técnica, a gente não tem, por exemplo, o computador da última geração, a gente não tem a última mesa, nós temos recursos técnicos, quem conhecer a rádio vai ver fio pra tudo que é canto, porque é um restrição técnica devido à restrição econômica, se pudesse ter o melhor equipamento a gente teria duas linhas de internet de telefone, e outras coisas a mais, operador, se pudesse pagar um operador, ter uma pessoa ganhando dinheiro [ênfase], se sustentando com a rádio, sustentando empregados seria legal, mas a gente não tem essa condição financeira e a única coisa limitante é isso, nossos programas eles tem nível profissional, dentro da capacidade de cada um (JOSÉ).

De acordo com João o importante é estar na ativa, trabalhar, seja como *Office boy*, garçom, o problema é que diante da dificuldade que enfrenta depois de ter sofrido o AVC, reconhece que não conseguiria desempenhar bem o ofício, então o rádio, além de ser uma atividade que ele pode realizar, é algo que ele faz com prazer, que é estar envolvido com a música. João criticou e apontou as lacunas sobre a questão das cotas para pessoas com deficiência no mercado de trabalho:

As empresas agora tem umas vagas para empregados especiais, mas eles querem cadeirantes que tem cabeça boa, só com a parte de baixo paralisada, o surdo, enfim, mas eles não querem muito alguém com dificuldade para fazer as coisas, lentidão no raciocínio, essa parte cerebral, eles cortam logo, então é difícil também para eu tentar ser uma pessoa que o governo me dá uma ajuda, que não tem na faixa...que eles já...na lei...então ainda é difícil, mas sem ser essa parte meio chata, essa parte burocrática e tal (JOÃO).

#### **4.4.2 A afinidade pelo rádio e/ou associação de atividades prediletas ao “fazer” rádio –**

Nesta categoria se alinham as narrativas daqueles que se dizem “apaixonados” por rádio desde a infância. Além da paixão pelo rádio em si, nesta categoria estão aqueles que possuem outras paixões como: música, esportes, instrumentos musicais, cantar, o aspecto técnico do rádio, músicos e bandas, entre outros e associam esses hobbies em sua prática radiofônica (por exemplo, que gosta de esporte cria programas esportivos, quem gosta de músicas, programas ao seu gosto musical, que gosta de culinária, programa de receitas, etc.).

Na narrativa do João ficou evidenciado que sua grande paixão é pela música, músicos e instrumentos. Foi em virtude desta paixão que ele foi convidado por um familiar para fazer

parte da Revolução, depois de sofrer um AVC, para se reabilitar. Contudo o que realmente interessava para ele não era a rádio em si e sim poder atuar no que lhe dava prazer:

Mas a rádio nunca foi um ponto que eu queria ouvir, prestar atenção nos locutores, tal, nunca... eu não queria saber nada em relação a isso, meu familiar falava pra eu prestar atenção no jornal, como eles colocam a voz, como eles terminam, começam, para tentar fazer no seu programa isso, e no curso que a gente fez, aprendi, pois antes não sabia nada de nada, como eu gosto de música era ligado a isso, a rádio foi e é muito importante rádio revolução muito importante pra mim na minha recuperação, e sem ser a recuperação ia ser muito importante pra mim também por causa do meu lazer maior que é a musica (JOÃO).

João mencionou que “era um garoto normal” estudava, praticava esportes, tinha amigos e tudo mudou. Essa ideia de “normalidade” enraizada na concepção da sociedade, conforme estudado por Canguilhem e abordado no capítulo teórico da dissertação, torna mais difícil a aceitação de sua condição “pós AVC” vivenciada por João, porque ele possui um ideal de “normal” construído em sua subjetividade, e ao buscar realizá-las, diante de suas limitações físicas, motoras e cognitivas, sente-se frustrado. Por outro lado a proximidade com seus ídolos, para ele é uma forma de recompensa,

[...] eu era um garoto normal, estudava como muitas pessoas deviam estudar ou que elas estudam também, deve ser assim...além do estudo eu tinha amigos como tudo mundo né, esporte, uma vida normal, mas aconteceu...é... não sei se...claro é meio chato, um AVC...um jovem de 16, fazendo 17 anos, mas...que depois que aconteceu esse acidente eu pude ser um pouco mais próximos dos músicos que eu gostava muito antes também, e agora meus amigos, os meus ídolos ficaram meus amigos, eu acho isso legal [sorriu] (JOÃO).

De acordo com João a rádio se tornou uma “fuga” do estresse, das dificuldades, é como um *hobby*, ele faz o que gosta e tem prazer. Quando pensa em procurar um trabalho, dentro de suas limitações, pondera “tenho muito para me recuperar e eu posso fazer uma coisa que pode gerar mais prazer pra mim, que é a música, sem ser um trabalho que não sei se posso fazer, mas a rádio que me dá o prazer e incluindo internamente, bem, feliz, tal [longa pausa]”.

José contou que já na infância surgiu a afinidade em lidar com o rádio, tanto em termos de locução quanto no aspecto técnico de transmissão:

Eu quando criança, sempre gostava da rádio, o fato da transmissão de rádio, eu não sei se eu estava ligado na área técnica, sempre gostei dessa parte, tanto é que eu fui trabalhar, dentro da Embratel, eu trabalhava na parte de transmissão, então a rádio, não só o rádio, eu digo a rádio em ondas de rádio, sempre estiveram ligados à minha pessoa, eu gostava de rádio, já ouvia muito rádio na época, a televisão era preto e branco ainda, logo no início, na época... passei por todas as fases, válvula a semicondutores, integrados... Então eu brincava quando era pequeno com o rádio, e eu sempre gostei da área técnica, sempre gostei de consertar coisas, trabalhei em oficinas, assim,

oficina particular, consertando televisão, consertando rádio, consertando eletrodomésticos, mas eu fazia isso por prazer, pros amigos e tal... (JOSÉ).

Margot, do grupo da terceira idade destacou que cada participante da oficina de rádio, leva sua contribuição aos programas de acordo com suas afinidades pessoais “cada um leva uma coisa, uma piada, aquela Cidinha dá receitas, sabe? Ela gosta de culinária, eu já fiz culinária também, tem a outra que gosta muito de cantar, é assim...”. Já Hélio Júnior expressou que a paixão pelo rádio e pelo esporte surgiu desde pequeno “*eu sempre fui radialista, desde pequenininho, comecei a narrar jogo fazendo futebol de botão!* [risos]”.

Fachini e Carmo-Roldão (2008), pesquisaram a experiência da rádio *Maluco Beleza*, feito por usuários do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, em Campinas, São Paulo. De acordo com os autores, o programa de rádio feito pelos usuários apresenta uma pluralidade de temas, o que demonstra liberdade na escolha dos assuntos, fato que contribui para que os programas expressem a identidade dos próprios usuários.

De forma semelhante, na experiência da oficina de rádio *Ondas Paranóicas* em São Paulo descrita por Sousa (2005), os participantes tem a oportunidade de mostrar seus talentos: recitar poesias, tocar músicas, contar suas histórias, fazer reportagens, etc. para tanto, quem quiser participar da produção dos programas primeiro é preciso passar por uma oficina onde aprendem técnicas da linguagem radiofônica, assim como na rádio Revolução.

De acordo com as narrativas, esta motivação pela afinidade é algo importante, na medida em que tornou a atividade na rádio mais prazerosa.

#### **4.4.3- A rádio como terapia e/ou reabilitação para a saúde**

Nesta categoria estão as pessoas que procuraram a rádio para desenvolver algum tipo de terapia ou reabilitação motora, de fonoaudiologia; a pessoas com deficiência visual, que sofreram AVC, enfim, pessoas que buscaram desenvolver habilidades (na escrita, na fala, na adaptação à perda da visão, entre outros).

Vontade de viver, afinidade musical e reabilitação foram os principais motivos que motivaram João a ser parte da rádio Revolução:

Queria falar que o AVC me pegou sem uma causa aparente, porque o AVC acontece na maioria das vezes com pessoas que tem pressão alta, não se cuidam, bebem demais, fumam, eu não fazia nada, nem tinha pressão alta, um garoto como muitos outros, saudável, mas aconteceu, então quando acontece em jovens afetam muitas partes do cérebro, pegou três quartos do meu cérebro, mas... regrediu... esse dano para...eu estar vivo né [risos] porque se continuasse eu ia estar em outro mundo... Mas eu queria muito sobreviver...[...] A reabilitação não é tão simples como os médicos dizem, não é bem isso! Tem outro fatores [grande dificuldade para concatenar palavras] para superar, é um trabalho muito difícil pra mim atualmente, eu

tenho que ter muita paciência. A rádio foi muito importante, super importante, relaxamento, que eu sempre fujo desse peso que eu tento vencer contra essas sequelas, que é difícil colocar outro neurônio...pros médicos, tudo simples... (JOÃO).

Para João, a rádio o ajudou a superar as adversidades provenientes do AVC na perspectiva da inclusão, reabilitação e interação social. O rádio o ajudou a reconstruir sua forma de estar no mundo, na medida em que desenvolveu suas habilidades, melhorou sua fala, coordenação motora, o fez voltar a sair de casa, com isso, tem se sentido mais entrosado, mais vivo. Estar na rádio se constituiu como uma oportunidade de trabalhar em algo que lhe dá prazer, e fez com que se sentisse “capaz” de novo:

Algumas coisas simples como leitura ou um vídeo, um filme eu...não entendo muito bem, tem que repetir, é meio complicado...então agora, depois do AVC tudo gira em torno do AVC porque é meio lento, então eu quero trabalhar nisso...mas, quero descansar também, fico mais dentro de casa, tentando me reajustar e tal, virou tudo em volta, na minha vida, antes eu estava tão agitado, que mil coisas que eu tava, tudo...dava certo pra mim, estudo, tudo, piscava muito rápido, um mundo totalmente diferente do que é agora, e...os valores também, agora são outros... estou amadurecido, responsabilidade, mas...a rádio foi super importante para me tirar um pouco desse...estresse [longa pausa], esse mundo que é meio...difícil...pra mim, que é um pouco do meu prazer e que está me ajudando também na minha recuperação...[...] eu sinto me mais vivo, capaz, sinto mais entrosado socialmente do que as pessoas que só vão trabalhar, estudar, não consigo fazer mais isso...então eles perguntam “o que você faz? A rádio e tal?” fui só nessa área musical que me satisfaz (JOÃO).

De acordo com sua narrativa, se por um lado foi o AVC que o trouxe à rádio (para sua reabilitação) por outro, apesar do AVC, se sentiu feliz em estar em contato com sua paixão que é a música e os músicos, seus ídolos, com quem estreitou laços através das entrevistas que faz para seu programa na rádio:

A rádio foi muito importante na minha recuperação, ainda é, mas se não tivesse acontecido o AVC eu não teria a oportunidade de ir pra rádio, meu familiar não ia me chamar, porque eu estaria estudando muito e muito na faculdade, então ele não ia me chamar para eu ter esse prazer nessas curiosidades dos músicos que eu adoro conhecer, ser amigos, etc. agora tenho oportunidade de me entrosar com eles, e com esse conhecimento dos grandes mestres musicais que eles me trouxeram na rádio [...] isso é muito importante, além disso, a recuperação, do AVC a rádio pôde me acelerar ou me fazer uma coisa que é lúdica e ao mesmo tempo não fosse uma recuperação chata e tal mas...a rádio me trouxe além dessa “fuga”, pra eu entrevistar os grandes figuras que são meus ídolos também (JOÃO).

Na história do André, a rádio contribuiu, logo nos primeiros meses em que perdeu a visão, a conceber sua nova forma de estar no mundo. Primeiramente, ele relatou as circunstâncias em que perdeu a visão durante um acidente de trabalho na construção civil:

Trabalhava na construção civil, estava lá na minha vida normal, trabalhando e...por incompetência de alguns profissionais no mesmo canteiro de obras,

aconteceu esse acidente. Eu tava instalando uma calha de luz, e subiram três pessoas para colocar telhas no telhado, só que era peso demais. Então o telhado partiu e atingiu a minha cabeça, com a pancada, descolou a retina. Como a retina tem que ser operada com um intervalo muito pequeno de tempo, acabei ficando cego, porque com três meses que eu já estava cego, eu não consegui fazer nem o primeiro exame, por conta do caos na saúde...Então eu fiquei muito triste, entrei quase em depressão [longa pausa] ...e querendo achar uma saída...., me apeguei a fé...espiritual, pedi muito a Deus para poder me dar forças, e acho que no meu entendimento foi isso, foi muito ruim ter ficado cego, aos 32 anos de idade...hoje eu já aceito, já superei, já há muito tempo que eu superei e é muito ruim (ANDRÉ).

É curioso que nas entrelinhas apareceu o Sistema Único de Saúde “caos na saúde”, que não foi eficiente no atendimento do André; apareceu também a imperícia e a problemática dos acidentes de trabalho na construção civil, que no Brasil possui índices elevados, e a questão do sofrimento mental que André foi exposto por ter perdido a visão, sobretudo porque a “cegueira” poderia ter sido evitada. Entretanto, o próprio sistema de saúde acabou por ter papel determinante para o processo de superação emocional e adaptação à nova condição do André, na medida em que ofereceu os “serviços substitutivos” e atividades psicossociais aos usuários do SUS. Contudo, o grande desafio que se coloca e merece atenção é a prevenção dos acidentes aos trabalhadores, e a eficácia nos serviços de saúde à população. De acordo com André, depois de ter se adaptado e vislumbrar novas perspectivas de vida, a rádio Revolução ficou “lá trás”:

Pensei assim “acabou o curso”, fiquei um tempo me sentindo culpado por não voltar a procurar a rádio, tentar fazer algum trabalho com os professores... Então eu me sentia um pouco... Ingrato. Mas conforme eu fui ganhando espaço através deste estudo com eles, meu curso de reabilitação foi amadurecendo profissionalmente, então a rádio ficou lá atrás, mas eu sei exatamente aonde ela se encontra, e aonde se encontram as pessoas... (ANDRÉ).

Este trecho da narrativa do André foi significativo, pois na medida em que ele desenvolveu certa autonomia, seguiu outros caminhos sabendo que, não há por que se sentir culpado, pois sabe que as pessoas com quem contou estarão lá e desejam seu sucesso. Por essa razão, permaneceu a vontade de um dia retornar, como profissional e pensar novos projetos de inclusão social que o André pretende desenvolver:

Quero voltar a fazer um contato futuramente e graças a Deus já está perto, pois eu tinha programado para esse ano que vai vir, de 2013, que é o meu projeto de trabalhar com a rádio, também na inclusão e colocar a rádio no meio. Então ficou assim, ficou esse sentimento de gratidão, de respeito e vontade de querer voltar lá e dizer “olha aqui o que eu escrevi e o que eu fiz, graças a ajuda de vocês, estou trazendo...e agora gostaria de pedir sua ajuda como profissional, para ver se vocês podem dar uma revisão e ver se o que eu escrevi aqui está certo”, entendeu? (ANDRÉ).

Fato semelhante aconteceu na oficina de rádio Papo Cabeça, onde alguns usuários abandonaram a oficina por terem voltado a trabalhar, fato que foi considerado positivo pelos profissionais de saúde do CAPS (MELLO, 2001).

Houve um acontecimento marcante em que o André fez questão de relatar e é pertinente destacar essa narrativa por dizer respeito à questão do reconhecimento em sua comunidade. Por meio de uma iniciativa do prof. Sérgio Luiz da rádio Revolução, que entrou em contato com um amigo radialista de uma rádio do bairro em que André mora, no meio de uma ligação telefônica, André foi colocado ao vivo “no ar” da programação da rádio comunitária (hertziana) de onde mora:

O professor falou “óh, agora eu quero ver você sozinho!”, ligou pra um amigo dele e conseguiu me colocar num debate, ao vivo [ênfase], numa rádio justamente onde eu moro! [ênfase] Para “me” falar com todas as pessoas que estavam me vendo cego ali, saindo de casa...os dois acontecimentos que mais me marcaram, o primeiro porque foi a primeira vez que entrei no estúdio, e o segundo que ele [prof. Sérgio] falou assim “óh vai ser uma participação rapidinha, com meu amigo, de uma rádio aí de Bangú...” daí eu falei “Pô, logo em Bangú?” daí ele “É!”, aí quando eu tava falando com ele no telefone, ele falou “óh, tem rádio aí? Liga aí!” quando ligou o rádio eu tava falando ao vivo em uma rádio que pega lá oito ou dez bairros lá...da onde eu moro e todo mundo falando comigo “óh, te ouvi na rádio!! te ouvi na rádio!!”...Foi aí que eu mais gostei! Aí eu acabei...e...os diretores da rádio, que hoje me apoiam, por causa do professor Sérgio, com esse projeto que eu colocar ano que vem, eles que vão me apoiar! Para eu poder fazer...ter um espacinho lá de alguns minutos para falar sobre meu trabalho com atletismo para crianças cegas na Zona Oeste (ANDRÉ).

Desde esse evento, seu status diante da comunidade, se transformou. O afastamento inicial e o foco do assunto das conversas – que depois de ter perdido a visão se tornaram restritas à questão da deficiência visual, da lamentação, dos pêsames, ou sentimento de pena - se ampliou:

É esse é um ponto forte! Muita gente não sabe como abordar uma pessoa que acaba de sofrer de um câncer, acaba de ficar cego, acaba de ter um membro amputado, muita gente não sabe, então o fato de eles ouvirem eu falando, participando de um debate em uma rádio, ouviram no mercado, ouviram no bar, ouviram na praça, ouviram em tudo quanto é lugar e eu sou bastante conhecido porque eu tinha um grupo de pagode, de MPB, sempre fui ligado à música lá no meu bairro, então o pessoal falou “e aí, né, você vai voltar a cantar de novo, na rádio?”, então isso aí ajudou, porque as pessoas passaram a ter coragem de me abordar “e aí, pô posso te fazer uma pergunta?”, eu dizia “pode!” “agora você vai tocar pagode cego?”, então quer dizer...ajudou sim porque aí, é um ponto de partida para poderem puxar assunto com essa pessoa que ficou cega, né? Quebra a barreira na hora, porque a pessoa pensa “pô, como é que eu vou fazer? Eu vou falar, ah meus sentimentos...” mas não, a pessoa já chega falando “E aí, te ouvi falando no rádio!” e aí começa...é um outro assunto! Porque tem gente que só pensa em falar daquilo [cegueira] ou não falar [evitar], e acaba não falando nada....(ANDRÉ).

Nesse sentido, Annibal Amorim destacou que o sujeito não pode nem deve ser reduzido à condição e/ou restrição física ou mental e sim valorizado em suas potencialidades:

Um exemplo: o radialista que é cego, quando ele vive isso, quem pode falar melhor do universo das pessoas que tem uma dificuldade visual, uma cegueira, do que a pessoa que vive aquilo? Essa pessoa pelo fato de ser cega, ela pode ser reduzida à condição de cegueira? Não! Quais são as outras capacidades que ela possui e que poderiam na realidade tomar forma? A rádio pode possibilitar isso! [...] Então nós procuramos fazer na oficina, não só dar uma visão teórica do que é a comunicação, quais são as etapas que antecedem a organização de um trabalho, mas acima de tudo a gente está trabalhando com pessoas com aquilo que elas podem dar de melhor (ANNIBAL AMORIM).

Como lembra López Vigil<sup>12</sup> (2003, p.487 apud Peruzzo, 2007b), a auto-estima não ocorre somente no nível individual. “A comunidade se escuta e escutando-se, aumenta sua auto-estima individual e coletiva. Os vizinhos se conhecem mais, se reconhecem melhor. A rádio local constrói identidade”.

De forma similar, na oficina de rádio Papo Cabeça, alguns usuários disseram participar da oficina porque poderia falar na “Gazeta”, fazendo uma referência ao fato do programa ser veiculado numa rádio local que é a emissora comercial de maior audiência na cidade. Dessa forma, eles sentem-se, com isso, mais valorizados socialmente (MELLO, 2001).

Guerrini Jr (2009) afirma que essas oficinas de rádio proporcionaram aos participantes a oportunidade de trabalharem e de se mostrarem para um público de milhares de pessoas. Segundo o autor, a auto-estima proporcionada, a capacidade de lutar pelos próprios direitos e de se reinserir como cidadãos na sociedade são benefícios evidentes dessa atividade.

Vale ressaltar, que segundo Annibal Amorim, a rádio não foi concebida inicialmente para tratar, não era uma oficina terapêutica, embora aquilo acabasse desencadeando um significado terapêutico para as pessoas, “a rádio não foi concebida como mais um nicho, mais um espaço para tratar as pessoas, era um espaço onde o afeto, a música que rolava acabava desencadeando no indivíduo em uma vinculação afetiva, mas não foi concebida como um setting terapêutico”.

Além disso, a rádio é um espaço para manter-se em uma ocupação, um ofício, desenvolvendo atividades, e assim manter a “higiene mental”, “não ter depressão”, como nas seguintes narrativas:

Quando estamos no estúdio, a gente se conforma que está aqui “pra dentro” né? Fica cada uma com uma coisa e todo mundo gosta né? É uma expressão e é uma higiene mental, e você tem que ler né e isso é bom, e tudo pra idoso tem que ser bom! Tem duas que cantam muito bem né, tem a Sônia, a Dulce,

<sup>12</sup> LÓPEZ VIGIL, José Ignacio. Manual urgente para radialistas apaixonados. São Paulo:Paulinas, 2003.

tem a Enaide que canta, às vezes até eu canto, mas elas cantam mais do que eu e nós temos coral, aqui na terceira idade nós temos o bingo, às quintas-feiras, às segundas-feiras temos trabalhos manuais, de pintura... (MARGOT).

Além da “higiene mental”, estar fazendo o que gosta evitaria também outros males como depressão, ociosidade e estresse:

É melhor eu tá aqui fazendo o que eu gosto, do que está dentro de casa, me estressando, pegando doenças, ficando em depressão, eu não tenho depressão, eu não tomo remédio pra dormir, fiz 75 anos esse mês, quer dizer não tenho nada disso, tem problema, que eu fiz um exame de coração e deu uma arritmiazinha, tô tratando, eu virei pro médico e perguntei “é perigoso?” ele disse “não dona Margot, não é perigoso não, a senhora não vai morrer não!” [risos], mas eu gosto daqui, me distrai, saio daqui e vou ao Imperator assistir show, agora Imperator tá com shows bons, sexta-feira, gratuito, a gente faz passeios...Aqui tem gente de até 90 anos! A rádio é um dos trabalhos que nosso grupo participa: tem trabalhos manuais, yoga, bingo, estamos sem professora de dança, temos culinária....e a rádio! (MARGOT).

A rádio é concebida enquanto uma oportunidade de ocupação, se sentir útil, estar trabalhando:

Eu acho que a pessoa tem que lutar e voltar, mas hoje estar cego, profissionalmente bem posicionado é legal, mas estar cego sem ter nada pra fazer não é legal...é muito ruim e muito depreciativo também, muito horrível (ANDRÉ).

Peruzzo (2005) afirma que em uma rádio comunitária, exercendo funções como a de redator, locutor, operador de som, escrevendo roteiros e participando da discussão na tomada de decisões, por exemplo, as pessoas se desenvolvem. Dentre as habilidades: aprendem a falar em público, desenvolvem sua criatividade e se percebem como capazes, como pudemos constatar na fala de José quando disse “eu também posso fazer rádio!”. Dessa forma, as pessoas vão ampliando a sua auto-estima, tendo o reconhecimento de seus talentos reconhecidos, seja pela música, pelo espírito de liderança ou pela qualidade de locução, isso pode ser verificado no relato de Annibal Amorim:

A rádio transformou não só a prática dos profissionais, mas levou pras pessoas um alento que elas não tinham. Uma pessoa que ficava excluída na enfermaria e que ia participar dos programas na rádio, começava a enxergar naquele espaço, um espaço onde ela poderia produzir: limpando o estúdio, arrumando, selecionando jornais com matérias de saúde...[...] Para trabalhar em uma rádio você não precisa ser só locutor, pode ser operador, fazer uma matéria, ser o redator, cuidar dos acervos, então tem um conjunto de tarefas que que envolvem o trabalho de rádio, então as oficinas procuram tematizar o que é a rádio, como se faz, como se constrói um programa, quais são as tarefas que estão envolvidas nesse processo, até as tarefas mais complexas como editar, trabalhar determinado arquivo para que ele tenha sonoridade,

mas também plasticidade, que ele tenha uma riqueza e isso você só faz com a riqueza das pessoas, cada um tem um jeito de comunicar, cada um tem uma maneira de se expressar é a pluralidade (ANNIBAL AMORIM).

Conseqüentemente os relacionamentos sociais são estendidos, e finalmente, a experiência em veículos de comunicação comunitária também contribui para apontar novas perspectivas para o estudo e atividades profissionais, como no caso do Hélio e Renildo, que conseguiram estágios e contatos profissionais em outras rádios e o André, que chegou à rádio na época em que perdeu a visão, utilizou a rádio como um local para sua adaptação em sua nova condição de deficiente visual, conseguiu estágios, superou seu medo de andar na rua, de falar em público, fez novos cursos e hoje trabalha como massoterapeuta na equipe paraolímpica.

José relatou sobre um programa que é apresentado por usuários do hospital, em sua narrativa apareceram pistas interessantes sobre o tipo de abordagem do profissional junto aos usuários:

Em relação à questão da inclusão social, o programa atual que está na rádio, acontece às segundas-feiras, acho que entre duas as três, é o “Família Unida”, programa da jornalista que trabalha aqui no hospital também, a Sônia Segadas, ela traz o pessoal, que é usuário e ela faz uma espécie de...parecido com o programa do Sérgio “Encontro Marcado”, é um programa onde ela traz notícias, momento cultural, e cada usuário recebe um material pronto e eles leem, dentro da dificuldade deles, às vezes a gente não consegue entender o que eles estão falando, mas só o fato dele estar falando já é fantástico, às vezes dão notícias que já aconteceram, de ontem ou anteontem, as vezes todo mundo já sabe, mas não importa, o programa é pra eles! (JOSÉ).

Então, destacando um trecho da narrativa do José sobre o programa “Família Unida”:  
 “cada usuário recebe um material pronto e eles leem, dentro da dificuldade deles, às vezes a gente não consegue entender o que eles estão falando, mas só o fato dele estar falando já é fantástico”. Na perspectiva dialógica, da emancipação do sujeito, essa abordagem de “entregar o material pronto ao usuário” apresenta-se como a reprodução dos modelos verticais de educação e comunicação, remetendo à teoria matemática da comunicação (baseado no entendimento da transmissão de mensagem unidirecional entre emissor-receptor) e à educação bancária, conforme ensinamentos de Paulo Freire (2005).

Porém, a pesquisa não observou os processos comunicativos e as interações nas oficinas de rádios e apresentações dos programas, portanto não se pode afirmar se esta prática tem ou não o caráter vertical, sobretudo levando-se em conta a complexidade e especificidades de cada caso clínico das pessoas em sofrimento mental. Portanto, de acordo com José, os

usuários estão ali realizando uma atividade ocupacional, sempre acompanhados por um profissional:

Eles estão ali justamente fazendo o seu trabalho. Não tem mais programas porque existe uma regra aqui: para qualquer usuário vir fazer programa, tem que vir um assistente social ou um psicólogo para acompanhar eles, porque faz parte disso, aqueles que precisam daquele tipo de tratamento, não sou uma profissional da área não posso falar muito, eles estão abertos e o profissional vem junto (JOSÉ).

João, mesmo com suas restrições em decorrência do AVC, realiza entrevistas, apresenta seu programa, desenvolve atividades como produtor, entrevistador, pesquisador (sobre a biografia e musicografia dos músicos), além disso, ser parte da rádio lhe confere segurança para abordar os músicos e reconhecimento (perante os familiares, os músicos):

Meu programa está no ar há mais ou menos 3 anos. Passou a ser pesquisa na biografia dos caras [músicos] tentando ler, escrever, para eu falar, para tentar...isso é um processo. Falei com Nelson (músico), ele deu essa oportunidade para eu entrevistá-lo, depois fiz outras entrevistas, então eles falam coisas relacionadas a carreira deles, vida pessoal, pesquisei outras coisas relacionados a obra, termo específico que eles querem e as músicas que eu gosto. Já entrevistei mais de 30 músicos<sup>13</sup>. Algo muito forte pra mim é que eu me aproximei dos músicos pela rádio, sempre eu fico como qualquer pessoa que tem o ídolo na frente, meio travado, etc., e eu sinto ainda assim, mas como eu faço parte de uma rádio que deu essa oportunidade para me recuperar, eu falo abertamente para eles, por telefone ou pessoalmente “olha gosto muito do seu trabalho mesmo, tô me recuperando de um AVC em uma rádio, já entrevistei muitos músicos e queria muito entrevistar você, mas é muito aberto como eu encaro meu processo de recuperação na rádio...(JOÃO).

Em relação ao reconhecimento, o pessoal da rádio procura sempre dar estímulo a João. Segundo ele, são seus colegas que o alertam sobre o número de ouvintes conectados em seu programa que em certas ocasiões chega a 400 visitantes *on line*. Segundo João, Prof. Sérgio destaca a importância do programa dele na grade “nós nunca íamos ter um programa assim, de entrevistas instrumentais e tal é difícil achar uma pessoa que gosta ou se liga nisso, a gente sempre busca ter vários programas diferentes aqui na rádio”. De acordo com João, os colegas da rádio o motivam e motivam também outras pessoas para continuar fazendo seu trabalho.

---

<sup>13</sup>Músicos entrevistados por João: Mauricio Einhorn, Rildo Hora, Gabriel Grossi, Hamilton De Holanda, Idriss Boudrioua, Nivaldo Ornelas, Marcelo Martins, Mauro Senise, Gilson Peranzetta, Alberto Chimelli, Rafael Vernet, Dario Galante, Kiko Continentino, Fernando Merlino, Vitor Gonçalves, João Donato, Cristóvão Bastos, Leandro Braga, Hamleto Stamato, Wagner Tiso, Luiz Alves, Sérgio Barrozo, Paulo Russo, Yuri Popoff, Jorge Helder, Arthur Maia, Ney Conceição, Robertinho Silva, Erivelton Silva, Kiko Freitas, Rafael Barata, Paulo Braga, Pascoal Meirelles, Kleberson Caetano, Renato Massa, João Castilho, Torcuato Mariano, Eddy Palermo, Ricardo Silveira, Nelson Faria, Roberto Menescal, Carlos Lyra, Hélio Delmiro, Lula Galvão, Leo Amuedo, Victor Biglione, Marcel Powell, Marco Pereira, Marcello Gonçalves, Zé Paulo Becker, Rogério Caetano, Yamandu, Guinga, Marcus Tardelli, Jessé Sadock, Vittor Santos, Paulo Sérgio Santos, Carlos Malta, Beбето Castilho, Billy Blanco, Adamo Prince, José Domingos Raffaelli e outros que são menos conhecidos.

#### 4.4.4 A rádio para lutar por ideais e utopias

Nesta categoria se agregaram aqueles que acreditam no rádio como um espaço potencial de luta em prol de utopias<sup>14</sup>: como a democratização da comunicação através da internet, das *webrádios* (no sentido de ter oportunidade para emitir conteúdos); pelo fortalecimento da comunicação comunitária em relação às rádios comerciais e às concessões públicas não concedidas; a luta pelo uso consciente da rádio comunitária alinhado aos interesses coletivos, em detrimento de seu mau uso, como defendeu José:

Então...a rádio comunitária do Engenho de Novo seria 105, a rádio do Engenho de Dentro, 105, falei: “mas todo mundo transmitindo em uma mesma frequência?” “é, porque o que vai delimitar a área é a potência”. Então tudo bem, você tem...era cinco watts a potência, não sei...tem gente com cinquenta, com cem! Você vê, cinco watts, você tem um alcance limitado, mas essa é a ideia de uma rádio comunitária [ênfase]! Só que transformaram isso, o mau uso [ênfase] acabou bagunçando, e as rádios comunitárias às vezes dos morros são usadas pra quê? Para avisar que a polícia está chegando, para o traficante saber, às vezes tem códigos...então o cara sabe quando veio a droga...então o mau uso da rádio deteriorou muito isso, mas a rádio comunitária eu acho um projeto fantástico! Hoje em dia parece até uma utopia, mas o mau uso estragou (JOSÉ).

As diferentes formas de mau uso das mídias comunitárias (para uso político, religioso, autopromoção, etc.) fomentam o discurso de deslegitimação dessa forma de comunicação. De acordo com Peruzzo (1998), esse discurso está alinhado ao “corporativismo institucional” comprometido com os interesses políticos e econômicos dos grupos empresariais das telecomunicações e do Governo que os representa. Os principais motivos que movem o cerceamento às rádios comunitárias são: a pulverização da audiência e consequente perda de anunciantes; e pela veiculação de diversas vozes portadoras de um conteúdo político que amedronta os poderes constituídos.

Nessa categoria por lutas e utopias, agregaram-se as pessoas que veem o rádio como meio para sensibilizar a comunidade acerca de estigmas e preconceito contra usuários de saúde mental, pessoas com deficiência, espaço em prol da luta antimanicomial; Annibal Amorim relatou que desde sua concepção a rádio foi pensada na perspectiva inclusiva:

Construir algo que esteja nessa via da estratégia de saúde e comunicação trabalhando com o conceito de empoderamento da clientela, trabalhamos com o conceito da inclusão, não inclusão da lei só, participação social pura,

<sup>14</sup>O entendimento de utopia não é de algo irrealizável e sim de um a conquistas de concretizações que se quer realizar na sociedade, de acordo com a citação “A utopia torna-se fundamental porque pode ser fator de mudança. Indicaré pistas para a constituição de uma sociedade diferente que possibilita o acesso igualitário à riqueza e aos bens gerados coletivamente. As utopias são passíveis de realização, já que expressam indicativos, ou os sonhos, de onde se quer chegar, embora possam estar distantes da realidade concreta. O presumido caráter irrealizável das utopias não é de todo incontestável” (PERUZZO, 2006).

independente da pessoa tá delirando, tá alucinando, nós queríamos trabalhar o potencial de saúde que estava presente nesse ser humano. Nasceu então uma rádio com os equipamentos usados, não era uma rádio, era uma coisa meio alto-falante, onde a gente levava discos, fita-cassete e...equipamentos usados, caixas, e botávamos nos alto-falantes do centro comunitário, nós não tínhamos grana, e aí aos pouquinhos isso começou a circular dentro do hospital, as pessoas começaram a saber dessa novidade, que tínhamos um projeto como meta de dar vez e voz às pessoas que tinham doença mental, mas que sendo apartadas da sociedade precisavam de um canal de comunicação, a sua voz não era muitas vezes forte o suficiente para alcançar os limites extra-hospitalares (ANNIBAL AMORIM).

A rádio, portanto, está sempre aberta, com prioridade aos usuários do hospital, sendo que todos podem (e devem) participar:

Hoje a gente tem espaço que qualquer um pode usar, aquele que quiser vai mostrar um projeto, a gente só pede e orienta para que cada projeto que é colocado aqui que tenha no fundo um projeto de inclusão social dentro do hospital, as portas da rádio fica aberta pra qualquer usuário, inclusive tem alguns programadores que falam “ah, tem um usuário que quer entrar” eu falo “olha, ele tem direito de entrar aqui a hora que ele quiser!”, agora, tem que conversar com eles, nem sempre eles podem falar, meu programa está sempre aberto pra isso, já tem um tempo de entrevistas no meu programa, se quiserem falar, falam, tem usuários que entram aqui “olha eu quero uma determinada música” eu falo “oh, agora eu não posso” mas já direciono pra um outro programador que já tem música pra ele colocar “oh, usuário tal pediu essa tal música!”, ele vai e coloca, entendeu? (JOSÉ).

Na perspectiva da utopia comunicacional radiofônica comunitária, conforme Oliveira (2010) - que consiste em conceber a rádio comunitária como um espaço democrático, promotor da cidadania, do desenvolvimento dos sujeitos envolvidos, promovendo a comunicação simétrica - que no caso da rádio Revolução é uma utopia alinhada ao ideário da reforma psiquiátrica, Annibal Amorim ressaltou:

Uma rádio comunitária como a nossa, dentro de um hospital psiquiátrico tinha uma missão muito clara: era trabalhar com a população, fazendo com que ela reconhecesse o seu potencial e fazendo com o que aquilo que ela tinha dentro de si pudesse ser levado ao conhecimento da população, da sociedade como um todo, para que as pessoas pudessem se solidarizar, e se co-responsabilizar com o projeto de reforma de Ciência Psiquiátrica que a gente defendia (ANNIBAL AMORIM).

Contudo, na opinião de José, embora as pessoas no hospital tenham alguma participação na rádio, acredita que ainda assim, a rádio é subutilizada:

A rádio revolução entrou na época, não sou da época fundador, mas ela entrou pra atender uma “chamada” do pessoal daqui, do usuário, então eu já pude fazer, como operador dessas usuárias do hospital...é fantástico você ver eles contarem o dia pra chegar o dia do programa, eles ficam indócil, aí chega no programa eles falam duas coisas, pra eles é muito importante essa motivação, porque eles estão sabendo que estão no ar, que estão na internet, que estão saindo em algum lugar, que alguém está ouvindo eles, agora, eu tenho minha opinião pessoal, eu acredito que o hospital conhece muito

pouco da rádio e poderia ser muito mais explorado, eu mesmo já fiz visitas, já fui visitar a cozinha do hospital que é terceirizada, já ofereci “oh, você que são terceirizados, veeeeem na rádio fazer a propaganda! inclusive eu até sugeri que eles poderiam ter um programa permanente, podia vir aqui e fazer quinze minutos da nutricionista, não fizeram, quer dizer nós estamos aqui no Instituto Municipal Nise da Silveira, uma grande divulgação, gente...hoje a rádio é mundial, o cara do Japão ouve, nós temos recebido inclusive e-mail de gente de Portugal! os profissionais que trabalham aqui sabem que existe a rádio porque perguntam “onde que fica a rádio? [...] mas espero que me ainda me surpreenda né? Vamos ver!”(JOSÉ).

Hélio expressou sua postura de resistência frente o autoritarismo das outorgas e concessões e lobby político que minam as iniciativas comunitárias apontando a internet como uma tática para exercer seu direito de emitir conteúdos, de se comunicar. Sobre essa questão, Martins (2008) afirma que atualmente, a *web* é a grande saída das emissoras que não conseguem a concessão governamental, passando a operar livremente pela rede.

Corroborando, José destacou a pertinência das rádios comunitárias, quando bem utilizadas (ou seja, que sirvam efetivamente aos interesses da comunidade) “são experiências fantásticas” de empoderamento social, em sua narrativa demonstra grande entusiasmo pelo potencial da rádio em uma comunidade, no prédio, em uma faculdade, como um catalizador de integração:

A rádio comunitária, ela é fantástica, porque o nome está dizendo “para a comunidade”, por isso que é comunitária. Então vamos dizer assim, você tem uma rádio localizada em um determinado local onde essa rádio vai fazer propagandas do quitandeiro da esquina, do padeiro ali da esquina, da mulher que faz costura, isso é importante pra comunidade. Por quê? Esse lojista ele não tem como pagar um horário comercial em rádios maiores. Então eu acho que a rádio comunitária é fantástico para a comunidade ter a sua rádio, uma rádio no meu prédio! Por exemplo, em Jacarepaguá tem aqueles conjuntos de três, quatro, cinco prédios, poderia ter sua rádio comunitária, o cara dizer “apartamento tal do bloco um, ela está oferecendo aí venda de salgados baratos!” isso é fantástico, entendeu? Faz a propaganda interna, promove ate a integração! Só que o que acontece? O cara quer extrapolar, atocha a potência da rádio, excede a potência, não usa o bom senso! (JOSÉ).

Já André, que afirmou que a rádio “o trouxe de volta à vida depois que ele perdeu a visão”, defende a utopia do papel da rádio para inclusão de crianças com deficiência visual no esporte, conforme projeto pessoal que está desenvolvendo no Rio de Janeiro. Além de expressar perspectivas, André expressou também a postura de multiplicador do conhecimento e do investimento no rádio como estratégia de inclusão social:

A questão da rádio...eu não esqueci [dela], eu tenho projetos, né, que relacionam um estúdio de rádio, né, não quer dizer que seja na Revolução, mas através deles eu tive uma ideia de levar o conhecimento do Instituto [Benjamin Constant] e do esporte para cegos, através da rádio, então eu estou esperando passar as fases dessas viagens para ano que vem...eu vou

voltar a trabalhar com rádio de novo [...] e também com esse trabalho com atletismo para crianças cegas na Zona Oeste (ANDRÉ).

Sobre o mau uso da rádio, José contou que quando a rádio Revolução era transmitida em ondas hertzianas, havia uma procura muito grande de programadores interessados em veicular programas na rádio. Na maior parte das vezes, as motivações era de autopromoção, por “ vaidade”, para fazer apologia religiosa, entre outros motivos contrários às finalidades comunitárias. Devido à falta de bom senso, já aconteceu desses programadores veicularem músicas que incomodavam os usuários do hospital, que ouviam a rádio através do “rádio corredor” (alto falante interno), causando até “quadros de surtos nos pacientes”. De acordo com José, a direção da rádio teve que intervir, impedindo a veiculação desses programas. Esses programadores, insatisfeitos por terem sido retirados da grade teriam denunciado a rádio à polícia federal, culminando em seu fechamento:

A rádio saiu do ar, foi denunciada por programadores insatisfeitos que não saíram porque eu ou Sérgio ou outras pessoas que trabalhavam na parte administrativa da rádio expulsaram, nada disso, eles saíram porque estava incomodando a estrutura e a rotina do hospital com determinados programas. Esses programadores que aqui estavam na época, na verdade, estavam aqui com intuito de se promover. A rádio ela ia ao ar [hertziana] né, então todo mundo queria fazer programas (JOSÉ).

Alguns músicos que João admira tiveram AVC e se recuperaram, isso para ele foi e é um grande fator de motivação em seu processo de reabilitação:

Alguns guitarristas, flautistas, que tiveram AVC, e são muitos bons, muitos até melhores como Ted Martino ele esqueceu tudo, reaprendeu os CDs dele que ele já tinha gravado, não sabia que tinha, reaprendeu tudo, depois 10 anos ele virou um cara muito mais rico em relação a música, mas não sei se teve esse problema do comprometimento dos membros eu acho, é mais velho, só ficou um pouco o AVC, quando é jovem afeta muitas coisas, comigo afetou  $\frac{3}{4}$  do cérebro depois diminuiu. Eu falava assim “mããããããe...” [gesticulava o rosto, entortando a boca] é muito sinistro mesmo. Me lembro de um pianista muito bom que teve AVC, Oscar, só tocou com a mão esquerda ou direita, mas um ano depois ele faleceu. Mas é legal eu me inspirar neles para seguir o que posso fazer muitas coisas que eu queria fazer, posso tocar com dificuldade ou com a gaita, o Mauricio esta me dando uma pincelada, pode tocar só com a esquerda, para desenvolver...ou o trompete, ou o contrabaixo, só que o Luizão teve AVC, então isso eu, meu prazer que eu gosto muito, que eu estou trabalhando na rádio (JOÃO).

#### **4.4.5 A rádio como espaço de processos educativos, mediações e vínculo**

Nesta seção estão aqueles que acreditam no rádio enquanto espaço para desenvolver processos educativos, oportunidade para o sujeito ser parte de um grupo, reinsserir-se, interagir. De acordo com a narrativa de João, a rádio e a interação com as pessoas teve preponderância à sua adaptação à nova condição depois do AVC e reabilitação:

Antes do AVC, eu estudava muito pra fazer alguma coisa na faculdade, fazia esporte, tudo de um adolescente comum, mas quando eu tive o AVC eu não andava, não falava, quase...era muito difícil para eu entrosar com as pessoas. Então tem haver com a inclusão, ressocialização...mas eu já tinha amigos, eles estavam me ajudando para tentar me recuperar e ainda é difícil para ler, escrever, espasmos, etc. Mas...agora estou avançando a minha fala, as vezes quando estou...quero falar muita coisa, as vezes tenho espasmos, ou quando estou cansado tenho espasmos, tem várias [longa pausa] não sei se é sentidos que me provocam um desorganização, esquecimento e tal. Isso foi uma motivação muito grande pra mim pra eu acelerar o processo que é lento, depois do AVC, da minha fala, leitura, compreensão das coisas que ainda é difícil, também interação social que ainda não estou tendo muito bem e, além disso, eu tive eu tenho um amigão depois da rádio, que surgiu neste trabalho, que é o Mauricio, gaitista muito bom, toca muito lindo pra mim, além da gaita uma música dele e influencias de jazz muito forte, eu entrosei muito bem com ele (JOÃO).

Com auxílio da rádio, André aprendeu uma nova maneira de ser e estar no mundo, da condição de “vidente” para “cego”. Primeiramente ele relatou que vivia pelo aspecto visual, na medida em que absorvia a informação através da visão e depois agia. Contudo, com a perda da visão ele ficou sem saber como agir, o curso o munuiu com estratégias para o desenvolvimento de novas habilidades e percepções, aguçando outros sentidos. André relatou a contribuição de cada professor da oficina de rádio em sua reabilitação, começando pela professora Marynildes:

Então quando eu fui pro curso de locutor, primeiro eu tive aula com a professora...Mary! Então ela estava me ensinando “técnicas de entrevista” né, técnicas de entrevista! Então ali eu aprendi a perguntar de novo, como perguntar, como formular perguntas para fazer do meu cotidiano, que eu estava vivendo no momento, esquecer minha vida de vidente, eu montava as perguntas na minha cabeça, mas utilizando o método que ela ensinou, mas ao invés de eu direcionar a pergunta ao entrevistado, eu direcionava a pergunta a sociedade no geral. Então foi através dela que eu aprendi a montar um questionário para a minha vida, para o meu cotidiano, com as técnicas de entrevistas que ela ensinou (ANDRÉ).

Em seguida, André relatou a contribuição da professora Teresinha Mendes, que atuou no aspecto da expressão corporal, respiração, entonação da voz e postura, percepção do espaço, técnicas que foram úteis para a oficina de rádio, mas foram incorporadas em seu cotidiano:

Aprendi que eu não estava fechado dentro do meu corpo, aprendi a abrir meus braços, a soltar de novo a voz, pegar um ar, pegar um espaço maior ao meu redor para eu poder sentir melhor o ar à minha volta, a distância que as coisas estão de mim através de uma expressão corporal e um trabalho de respiração que ela ensinou, então esta técnica também eu fui, adicionando no meu cotidiano também, então eu aprendi a me movimentar, sentindo as coisas ao meu redor e quando eu começava a ficar meio nervoso, parava, fazia um exercício que ela ensinava de respiração, retomava o controle e continuava de novo, aprendi bastante e soltar a voz [ênfase] para poder fazer as perguntas como a professora Marynildes ensinou, então eu precisava de

voz [ênfase], então ela ensinou e como eu fiquei cego, eu tinha ficado cego há pouco tempo, só 6 meses, então eu fiquei muito cabisbaixo, então minha voz não saía de dentro de mim! Então eu aprendi a pôr de novo pra fora a minha voz! E expressar os meus movimentos do meu corpo, de novo (ANDRÉ).

Ter voz, e mais do que ter voz, conseguir se expressar, ter espaço e oportunidade. Retomar a potência da voz tem o mesmo significado da retomada da autoestima forjando sua forma de estar no mundo, sua postura diante da vida.

Já a contribuição do professor Roberto Salvador foi na dimensão lúdica, como vimos no capítulo teórico sobre radionovelas, a partir do trabalho de sonoplastia, que ampliou a percepção auditiva do André:

Professor Roberto Salvador que mexeu com o lúdico na minha cabeça, de fazer o trabalho de sonoplastia, que me ensinou a absorver o som das coisas para poder identificar na mente e desenhar aquela imagem na minha mente, também me ajudava a andar na rua, porque se eu ouvir um cachorro: “opa, tem um cachorro!”, então todos esses sentidos estavam confusos na minha cabeça porque tinham só seis meses que eu tinha ficado cego, então eu não tinha aprendido a utilizá-los de uma forma tão aguçada, então tava meio que embaralhada, então ele fez um teatrinho lá, sonoplástico imitando o som de animais, de fogo, e eu repetia tudo em casa...então o papel dessa aula de sonoplastia foi esse, me ajudou muito a formar a imagem das coisas através da audição, ouvindo o som das coisas (ANDRÉ).

Segundo Calabre (2003), “escrever para o rádio é fazer um teatro cego, no qual os ruídos, a música e os recursos de voz são muito mais importantes do que em outros meios”. Finalmente, professor Sérgio, lecionando técnicas radiofônicas, como se portar diante das pessoas, a preparação de abordagem pré-entrevistas, sobre o trabalho no estúdio:

E no final, o professor Sérgio veio com a aula dele de técnica, uma aula mais prática de falar ao microfone, como se posicionar, como chegar e abordar um grupo de pessoas, como você se preparar para encontrar um determinado grupo, você tem que saber como aquele grupo se porta, aonde aquele grupo vai estar, para você saber como se vestir, quais perguntas eu vou fazer diante daquele grupo, né, e como tirar conclusões das respostas das pessoas, me ajudou nessa forma, como chegar e como se expressar. Aprendi como falar no estúdio, como funciona o estúdio, o tempo do estúdio e foi muito importante pra isso, para me orientar na parte técnica (ANDRÉ).

Saber como abordar as pessoas é uma forma de lidar com a ressocialização, a inclusão social do sujeito e proporciona segurança para interagir com os outros.

As oficinas de rádio também são espaços para criar vínculos sociais, espaço para expressar sentimentos, contar histórias, cantar, recitar poesias, contar piadas:

A maioria do pessoal faz parte da oficina de rádio, mas tem outras que não faz porque não gosta, então não vai, não assiste e tem umas que ficam sentadas lá pra assistir [no estúdio], quem leva a rádio mais pra frente somos

nós que estamos há anos na rádio, uma rádio que começa e não tem fim. Eu me sinto muito bem. Quando eu fui pra inaugurar a rádio, eu fui dormir quase quatro horas da manhã escrevendo em um caderno escrevendo o que eu tinha que falar! Aquele nervoso, agora...hoje mesmo eu fui até sem papel, cada um leva uma coisa, uma piada, aquela Cidinha dá receitas, sabe? Ela gosta de culinária, eu já fiz culinária também, tem a outra que gosta muito de cantar, é assim... cada quarta-feira é uma coisa diferente. Quem não participa é porque não gosta, não gosta de falar, umas são tímidas. Já teve uma que veio e gostou, não gostava, mas começou a frequentar, mas ela não tem vindo. Aqui ninguém é obrigado! Você quer ir, vai, se não quer, tudo bem. Tem umas que são tímidas, não vai. Tudo com respeito (MARGOT).

O rádio enquanto uma “escola” onde um aprende com o outro (colegas e professores),

Ah a rádio é muito boa né, é muito instrutiva também, a gente aprende muito, todo dia a gente aprende um pouquinho, é muito importante, eu não queria nunca que acabasse a rádio, nós já ficamos sem ela um bocadinho de tempo, não gostaria de ficar sem ela mais não....Aqui todo dia a gente aprende, não é porque a gente tem idade que saiba tudo, todo dia tá aprendendo. Quando a gente tá lá no estúdio a gente vive aquilo ali, o momento, a gente esquece de tudo, vive aquele momento lá, muito legal! (DULCE).

Estar aprendendo todos os dias, assim como afirma Paulo Freire (1996) “ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens aprenderam que era possível ensinar”, sendo assim, aprender e ensinar constituem-se uma “via de mão dupla”.

João concebeu a rádio como a continuação dos seus estudos, um meio de continuar aprendendo, pesquisando, produzindo. Em suas palavras, a rádio é um “colégio do rádio”, o que evidencia de forma contundente o papel da rádio enquanto um importante processo educativo para João:

Depois do AVC fui colocado fora do mercado de trabalho, escola, enfim, era difícil pra mim... já completei o 2º ano antes do AVC e depois a escola me deu o 3º ano. Depois tudo ficou muito complicado, porque minha [pausa]...fuga, disso que é meio chato, foi a música que eu gostava de ouvir em casa, o jazz me aliviava, saía fora dos problemas que ainda estou vivendo. Sempre gostei de estudar. No meu colégio eu gostava da interação...com meus colegas, no estudo eu crescia como pessoa para crescer nas ideias e para fazer uma coisa que me levasse o prazer, enfim, e a música agora, a rádio, não consigo muito estudar, até a música é muito difícil, tudo me cansa, mas a partir da música, que que é a coisa mais linda, pura que existe na Terra, tocada com o coração mesmo, me motiva [...] Eu não conhecia nada de nada da rádio, qual origem, nem nada de programas de rádio, nem ouvia rádio, só ligo na MEC para ouvir música clássica, foi uma novidade esse curso, saber um pouco como se emposta, que estava meio “cru” ou ainda estou. Quando estava no curso era como se fosse minha época de colégio, no curso eu vi como se fosse uma coisa séria, pra tentar ensinar aos alunos desse curso, o que é uma rádio, como se comporta, como usa a voz, qual o método, nesse foco que eu vi, eu observei, eu encarei pra

mim mesmo como se fosse um colégio meio focado na rádio, “o colégio da rádio” [ênfase][risos], como estava novo, ainda sou, eu levei e levo a sério para estudar para basear como curso, foi nesse aspecto focal, preparação, leitura, eu depois comecei a ver o que era o jornalismo a partir deste curso. O Gabriel Gross, excelente, um músico, ele já completou jornalismo, então eu comecei a ver com outros olhos e além disso, na minha [pausa]...análise para fazer também a entrevista, dicas básicas (JOÃO).

Peruzzo (2005) parte do pressuposto de que se aprende não só nas escolas, colégios e nas universidades. Aprende-se também por intermédio dos meios de comunicação, na vivência cotidiana, nos relacionamentos sociais, nas reuniões das equipes, nas práticas comunicativas no âmbito da comunicação comunitária, nas oficinas visando melhoria do trabalho no rádio popular, ou seja, por dinâmicas de educação não-formal.

O rádio enquanto espaço de alteridade e ampliação do status de cidadania, fazer amigos.

Os entrevistados que participaram das oficinas de rádio, em geral, se referem aos comunicadores da rádio como “professores”:

Porque no rádio a gente sempre aprende com pessoas mais gabaritadas, a gente está sempre aprendendo com o rádio, então aprendi muito com a professora Mary, com o professor Sérgio, ainda aprendo até hoje com eles, eu tô aqui na revolução, muito também com o professor Marcio opa, professor Roberto! E a professora Teresinha, aquela parte de respiração, e tudo, foi maravilhoso porque aquilo realmente eu não sabia, né, eu aprendi tudo com ela, até hoje eu utilizo aqueles exercícios, enfim o curso pra mim tem que ter, eu aconselho que quem puder fazer...porque não tem ninguém melhor do que o professor Sérgio e professora Mary para falar de rádio nesse estado do Rio de Janeiro! [risos] (HÉLIO).

Outro fato extremamente positivo é a conquista da autonomia. A autonomia assim como a cidadania não é dada e sim conquistada. André relata que motivado em participar do curso de rádio venceu o medo de andar sozinho na rua e desde então conquistou autonomia para sair sozinho:

O pior... que foi o bom depois, é que eu não sabia ainda andar sozinho na rua e tinha as aulas práticas nas rádios, eu meti a cara e fui! Eu falei “eu tenho que chegar lá”, foi aí que eu perdi meu medo, porque eu queria muito concluir o curso! Então pra eu concluir o curso eu tinha que chegar até a rádio, aí eu meti as caras, eu ia assim mesmo, sozinho, batendo a minha bengala... Aí eu perdi o medo de andar na rua, a partir daí, comecei a fazer os estágios nos lugares que a rádio marcou, aí eu liberei a minha irmã, minha mãe, todo mundo que ia para Urca comigo, liberei todo mundo, falei “agora daqui pra frente eu vou retomar a minha vida sozinho”, e...tô aí! (ANDRÉ).

Ademais, André destacou a importância de que a própria pessoa com deficiência visual tenha mais iniciativa de reintegrar-se à sociedade, o que expressou sua postura ativa diante das adversidades:

Acho muito importante que...não é só que as pessoas se aproximem de quem ficou cego, mas que os cegos também se aproximem de quem continua

enxergando porque ele saiu da vida de vidente, mas as outras pessoas do seu cotidiano continuam lá! (ANDRÉ).

As oficinas de rádio se mostraram como espaços e oportunidade de desenvolvimento de habilidades, aprimoramento e superação de limitações pessoais, como no caso do Hélio que mesmo com dificuldades em Língua Portuguesa aprendeu estrategicamente como escrever o texto radiofônico, que é peculiar, como vimos no capítulo teórico sobre rádio, um texto que deve ser objetivo, fluido e que traz distinções importantes, por exemplo em relação ao um texto de jornal. Esse aprendizado proporcionou um sentimento de maior segurança na atuação profissional:

Eu sempre fui ruim de texto, ruim de português... Sempre tive notas baixas em português, na escola sempre fui ruim, aliás, eu nem sei como fui dar pra trabalhar com jornal e com rádio [risos] justamente por causa disso, mas eu aprendi uma coisa com a professora Mary e com professor Sérgio: que o texto do jornal é uma coisa, o texto de rádio é outra! Então certa vez quando eu comecei a trabalhar na rádio Tropical, eu vi um colega meu lendo um texto do jornal, do mesmo jeito que estava no jornal! [ênfase, risos] O cara leu até data! [risos] eu olhei para a cara dele assim e falei “não é possível, não é possível que esse cara não sabe fazer isso!” [risos] Dali pra cá que eu aprendi a fazer texto pro rádio, pois o texto do rádio é uma coisa, e o texto do jornal é outra coisa, isso eu aprendi com a professora Mary e com o professor Sérgio (HÉLIO).

Se que por um lado isso evidencia a ideia do professor portador do saber que será transmitido ao aluno, por outro lado, foi evidenciado que o aprendizado não se limita apenas nessa relação professor-aluno, mas também entre alunos-alunos, verificado nas narrativas de Dulce, que destacou que quem participa das oficinas de rádio são as colegas mais comunicativas e lá ninguém é obrigada a participar:

Aqui é assim: quem sabe, ensina, a gente está sempre ensinando uma à outra...eu por exemplo eu bordo, faço de tudo um pouco, tudo que eu sei eu ensino, e o que eu não sei eu aprendo também, porque aqui tem muita coisa que eu não sei, temos várias pessoas competentes pra ensinar. Quem participa das oficinas de rádio são mais comunicativas, mas tem outras pessoas que não, aqui tem muitas que não tem, são muito reservadas, por exemplo, aquela que está sentada ali em frente, tá vendo, sozinha lá? [apontou para uma senhora que estava sentada], ela é uma advogada e é muito reservada! Só fica assim sozinha, então a gente procura trazê-la para perto da gente, procurando conversar, dar alguma coisa pra ela fazer, para ela se entrosar com a gente, né? Ela mesmo, ela vai à apresentação dos programas de rádio, mas não fala, fica lá sozinha não se comunica, mas ela está aqui há pouco tempo, há 3 ou 4 meses só...A importância da rádio é essa, a comunicação que nós temos umas com as outras. A interação... (DULCE).

E José, que embora já tivesse alguns conhecimentos sobre áudio, diz ter aprendido com o usuário do hospital sobre operação da mesa de som:

Embora eu conhecesse toda parte de eletrônica, mas não operava porque tínhamos um operador, [...] ele não ganhava nada, ele era uma pessoa bacana, era um usuário do hospital e morava aqui perto, hoje ele mora longe...não vou citar nome...e foi legal, aprendi alguns macetes com ele, e com o tempo a gente aprende na prática! (JOSÉ).

Ademais, os professores dos cursos (oficinas) são admirados, sobretudo, por sua experiência prática no ramo radiofônico, e, de acordo com Hélio, esse saber prático do ofício é muito mais valioso do que o saber teórico da academia:

O que eu comparo o curso... Não querendo menosprezar a faculdade porque lá tem profissionais que entendem do assunto, mas a maioria dos professores de faculdade, eles não são...não trabalham diretamente no rádio porque eles geralmente não tem tempo, né...então eles não tem aquela vivência que tem tá no meio, quem tá nos cursos, como é o caso do professor Sérgio, professora Mary, do Roberto e da Teresinha, né, então eu acho que a gente aprende muito [ênfase] mais fazendo um curso desses do que propriamente em uma faculdade de Comunicação! (HÉLIO).

De acordo com Peruzzo (2005), parte-se do pressuposto de que se aprende não só em escolas, colégios e nas universidades. Aprende-se vivendo a vida, seja por intermédio dos meios de comunicação, nas relações cotidianas, nos relacionamentos sociais, nas reuniões das equipes, nas práticas comunicativas no âmbito da comunicação comunitária, nas oficinas visando melhoria do trabalho no rádio popular, ou seja, por dinâmicas de educação informal e não-formal.

A possibilidade de poder se comunicar, estabelecer o diálogo entre sujeitos e a sociedade (comunidade), como afirma Freire (2005) é essencial para transformação tanto do sujeito com transtorno mental quanto do sujeito que revê seus conceitos pré concebidos:

O aspecto dialógico restabelecia o sentido da palavra comunicação em latim, *comunicare* vem de fazer saber, tornar comum, pôr em contato, estabelecer uma conversação, tudo isso é o sentido etimológico do verbo comunicar, e se a gente voltar lá atrás na Grécia antiga, o Heráclito já falava, quem conversa, quem comunica e quando faz com inteligência, o princípio inteligível da comunicação que é estabelecido a partir de algo que é feito com inteligência, pressupõe a participação do outro, este processo de colocar o outro em contato com uma realidade maior e deixar que isso ajude a fluir a existência desse ser a partir da sua voz, do que ele pensa, do que ele sente, é fundamental se você quer restabelecer laços, e de alguma maneira fortalecer a ideia de que aquilo que no passado era só exclusão, hoje era revertido com um canal que foi aberto entre o hospital e a sociedade que era um projeto de saúde e comunicação. Então a questão de uma ferramenta comunicacional dialógica que empodera o sujeito, que liberta o sujeito das suas próprias...porque você fica repetindo “você é doido, você é doido, você é doido, você é doido...você não é útil, você é um pária, você rasga dinheiro, come cocô”, esses mitos são desconstruídos na medida em que o outro que está do outro lado e ouvindo a transmissão, percebe que isso...há um equívoco, uma “forçação” de barra nesse sentido, então esta conversa que é estabelecida entre a rádio e os seus ouvintes poderiam formular um novo conceito em saúde mental (ANNIBAL AMORIM).

João relatou que fez amigos a partir da rádio Revolução e ressaltou em sua narrativa a importância do apoio familiar, amigos e esforço próprio “A rádio também me trouxe alguns amigos como o Oto que já faleceu e o Maurício que é um super amigãozão que está me ajudando, me ensinando as coisas também, sobre humildade, etc., e também musical”, e ainda que ainda esteja em processo de recuperação, ressaltou que a rádio tem sido muito importante, principalmente seus familiares, os amigos, e completou “mas depende de mim pra tentar seguir alguma coisa” (JOÃO). João estabeleceu vínculos com Hélio Júnior e prof. Sérgio durante a oficina de rádio, com quem pôde contar com ajuda nas tarefas de leitura:

Olha, eu me lembro até agora que o Hélio Junior foi na nossa oficina na cidade [Rio de Janeiro] então eu estava fazendo com a ajuda do Sérgio, que estava me ajudando na leitura, e tal, era muito difícil pra mim, ainda é, mas eu e o Hélio Júnior ele nem pretendia vir aqui pra rádio, ele só queria fazer lá [curso], dicção, etc. Um dia que ele veio aqui era pra começar um programa, ele gosta da Disco, music dance, na oficina foi uma boa interação, o Sérgio me ajudou, está me ajudando (JOÃO).

André contou que a turma era diversificada, composta de pessoas provenientes de origens e interesses distintos, dessa forma, no início cada colega ficava em seu espaço, mas à medida que as aulas da oficina foram sendo desenvolvidas, houve maior interação e vínculos se firmaram entre os participantes:

Tinha gente com deficiência visual, distúrbios de intelecto, hidrocefálico também tinha, cegos total, cegos parciais...as idades eram bem diferenciadas, tanto idades fisiológicas, tanto cronológica era bem diferenciada a turma. No início, assim... ficava cada um meio que no seu canto, pois cada um estava vindo de uma história diferente, né? Cada um tinha sua história, seu caminho...só que conforme os professores iam aplicando as aulas, as matérias, o conteúdo da matéria com a gente, a gente interagindo um com o outro, então foi criando assim um elo de amizade, de carinho entre os colegas, de respeito, né...e o que eu mais observei é que aprendemos a um respeitar bem o outro porque várias vezes eu presenciei, assim, até eu mesmo, um sempre querendo ceder a vez pro outro, né? Então acho que nós absorvemos uma questão de uma gentileza muito grande, assim (ANDRÉ).

De forma similar, na oficina de rádio *Papo-Cabeça*, de acordo com Mello (2001) os encontros semanais funcionam como um espaço de socialização entre os participantes, além de atuar como meio de desenvolver melhores habilidades comunicacionais entre os usuários.

De maneira geral, os entrevistados conheceram a rádio Revolução por indicação de pessoas próximas, amigo e/ou familiar (esposa, tio, amigo, orientadora educacional), de acordo com sua motivação, anseio ou necessidade.

As categorias empíricas agregaram narrativas que se tangenciaram, porém além dessas temáticas condensadas nas categorias, outras emergiram. Como: Preferência quanto à rádio hertziana ou *webradio* e; Rádio Revolução abre novas perspectivas.

### 4.3 OUTRAS CATEGORIAS

#### 4.3.1 Preferência quanto à rádio hertziana ou *webradio*

Essa questão não constava no roteiro de entrevista, contudo emergiu espontaneamente em algumas narrativas. Alguns entrevistado se colocaram a favor ou contra o caráter atual da rádio na *web*. Alguns preferindo quando era transmitido por ondas hertzianas para a comunidade do entorno, outros expressando preferência à rádio na internet como é atualmente.

Um termo recorrente ao referirem-se à rádio em sua forma anterior (hertziana) e à rádio atual, na internet (*webradio*) era com os termos “pra dentro” e “pra fora” (ou “pra rua”), que por vezes possuíam significados contraditórios. O “pra dentro” ao mesmo tempo que aparecia como a “rádio alto falante”, que embora transmitido pela internet, ressoa “pra dentro” do hospital (porém, não chegando à comunidade do entorno), ao mesmo tempo o termo foi empregado para designar a transmissão radiofônica hertziana, quando ressoava “pra dentro da comunidade”, contraposta à ideia de que a *web* emite “pra fora”, como um mundo distanciado. O termo “pra fora” foi utilizando tanto para designar o caráter mundial da rádio que agora é transmitido pela internet, expressando a ideia de “visibilidade universal”, por outro lado também caracterizava a rádio hertziana, “pra fora” dos muros do hospital.

A rádio Revolução em sua concepção foi pensada, dentre suas premissas principais constava a de promover a proximidade com a comunidade do entorno do hospital, e a partir dessa familiaridade construída, buscar converter a discriminação em torno das pessoas em sofrimento mental, das pessoas com deficiência visual, dos idosos; sobretudo em prol da diversidade, do respeito e do acolhimento:

Por que rádio? Porque todo mundo tem um rádio em casa, é um dos veículos mais presentes no universo, né, no cotidiano da família brasileira e é algo que aproxima, através da rádio você fantasia, você fica imaginando assim: mas como é que é a cara daquela locutora ou daquele locutor, né, quando você tinha rádio novela, na época não tinha televisão, as pessoas...porque tinha um jeito diferente de chegar a casa do outro, interpretando, levando brincadeira, humor, fazendo e construindo uma relação de intimidade e essa relação de intimidade nos interessava, que a gente quebrava o preconceito dizendo olha, a diferença da nossa rádio, quando ela já era uma rádio FM, a gente brincava dizendo que as outras rádios tinham locutores, mas a nossa rádio tinha locutores, e isso, essa brincadeira, esse jeito de encarar e se relacionar com o objeto teórico, mas com o sujeito concreto dessas vivências foi mudando [...] e como nós tínhamos um telefone, uma linha exclusiva ...as pessoas ligavam pro hospital e a gente colocava no ar, aí o pessoal às vezes ligava “não estou entendendo nada” – você quer entender, tem uma rádio dentro de um hospital psiquiátrico, nem sempre você vai entender tudo, entendeu!? E com esse jeito irreverente nós fomos, as pessoas começaram a falar da rádio no entorno e aí a comunidade começou a chegar, a garotada,

jovem, gente que já fazia programa em rádio comunitária começou a chegar (ANNIBAL AMORIM).

Segundo Ferraretto (2010), no caso das rádios comunitárias hertzianas, por conta da pequena potência dos transmissores, fala-se para os ouvintes nas redondezas, procurando estabelecer uma relação de proximidade. Nesse sentido, a noção de proximidade ao espaço geográfico se mostra preponderante para criar laços com a comunidade, a participação dos moradores no microfone, não somente como entrevistados, mas também exercendo a função de comunicadores, selecionando e emitindo conteúdos pertinentes à comunidade.

De acordo com Margot, o caráter “comunitário” se perdeu e essa troca amistosa com o público atualmente não se efetiva:

Antigamente a rádio saía “pra fora” [baixa frequência], então nós recebíamos telefonemas pedindo receitas, a gente passava mensagens, falava sobre saúde, falava piada...então nós começamos assim, então cada dia era uma que fazia o programa. A rádio funcionava “pra fora”, pra dentro de nossa casa, mas depois deram uma denúncia e a rádio foi fechada, pois diziam que era rádio comunitária, rádio pirata...foi puxado! Agora ela está sendo aberta, agora nós estamos na internet [ênfase], no computador, aparece a gente no computador...então vai daqui “pra fora” também! Mas eu vou ser sincera a você, eu gostava mais da outra rádio [quando era em baixa frequência], porque ia pros ouvintes, pros usuários daqui, a população, aqui os moradores...que agora eles não estão, e agora a rádio é só “pra dentro” do hospital e não é a mesma coisa né? A gente fala e saía “pra fora”! E tinha retorno, a gente recebia telefonema, pedindo pra ouvir a sua receita, era muito bom! (MARGOT).

Ademais, as pessoas que compõem o grupo da terceira idade não dominam o uso de computadores e internet, se ocupam de outras atividades (bingo, artesanato, passeios, coral, etc.); nesse sentido, a falta de acesso (ao computador e internet) se torna um fator limitante para que o grupo possa se ouvir e interagir com o público através da *web*.

Sobre esta questão, Peruzzo (2006) afirma que dadas as condições desiguais de acesso às tecnologias digitais, os maiores beneficiários ainda são os próprios realizadores das *webrádios*, pois enquanto emissores estão participando mais diretamente do ambiente virtual disponibilizado pelas novas tecnologias da informação e comunicação.

No caso rádio Revolução, o estar no estúdio, vivenciando o “fazer rádio”, a interação com as colegas tornou-se um dos fatores mais importantes, já que agora a rádio atualmente só é transmitida na *web*. Isso pôde ser constatado nas assertivas de Dulce “quando a gente tá lá no estúdio a gente vive aquilo ali, o momento, a gente esquece de tudo, vive aquele momento lá, muito legal!” e Margot “quando estamos no estúdio, a gente se conforma que está aqui “pra dentro” né?”.

Entre os que preferiam a rádio na *web* está Renildo, que afirmou que na internet recebe maior *feedback* da audiência:

A rádio na internet e a rádio hertziana, tem sim muita diferença sim! Não vou negar para vocês. Quando era comunitária, no meu tempo quando era comunitária, no meu horário não tinha ninguém ligando pra rádio, hoje em dia em vista ao que é *web*, vou falar o português claro “a audiência é exuberante!”, chega em torno de... tanto de sexta quanto de sábado, chega em torno de 400 a 500 usuários (ouvintes/internautas) acessando os computadores, isso é um retorno magnífico! Nem esquento que me ligue! Só em ver a quantidade de usuários entre sexta e sábado, é uma quantidade maravilhosa! Por que na internet, eu como trabalhei nisso...vou puxar um pouquinho meu trabalho “anterior”....minha área que é informática, o que eu vejo em área de internet, pra internet isso tá até bom demais! (RENILDO).

Ademais, Renildo por ter trabalhado com informática e possuir afinidade com tecnologia, a questão técnica não se constituiu um impeditivo, ao contrário do que é para o grupo da terceira idade, que por sua vez, prefere a rádio Revolução quando era hertziana, transmitida para a comunidade. De acordo com relato de D. Dulce:

Bem, estou aqui desde o início. Éramos do rádio, depois a rádio fechou, daí voltou, mas ela não foi mais “pra rua”, ficou aqui “dentro”, só. Na minha opinião quando a rádio ia “lá pra fora” (transmissão em baixa frequência) era melhor, né? Porque a gente tinha...as pessoas ligavam pra gente, fazendo pergunta, eu achava melhor do que “só aqui dentro”, aqui dentro ninguém liga! Antes a gente recebia muitas ligações pedindo música (eu canto), mas depois que ela voltou não foi mais “pra fora”. Agora estamos na internet, mas acho melhor quando o rádio pegava Meier, Piedade, pegava tudo...tem gente que não tem internet!  
E perde aquela coisa da comunidade, na verdade perdeu muito, eu acho...o pessoal ligava pedindo receitas, lembra daquela que estava lá no estúdio? Então, ela passava receita “pra fora”, antes tinha um retorno das pessoas, e agora não tem (DULCE).

Tanto na narrativa de Renildo, na de Margot quanto na de Dona Dulce emergiram a questão da audiência, do *feedback* do público, só que de formas distintas. O fator audiência se torna importante na perspectiva são somente do reconhecimento, mas também em relação à função da rádio enquanto veículo que reforça o vínculo com a comunidade (territorial ou virtual).

Nesse sentido, Peruzzo (2006) afirma que o papel social das rádios comunitárias ainda se circunscreve de forma mais expressiva no âmbito das comunidades territoriais e através das tecnologias de comunicação tradicionais, sendo mais eficientes “no ar” do que “*on-line*”.

Em relação ao tema rádio hertziana X *webradio*, Hélio Júnior ampliou a discussão trazendo a problemática para o campo das concessões públicas, primeiro, reconheceu que nunca imaginou a rádio na internet:

Quando eu comecei há vinte anos atrás, quase trinta...mas não sou tão velho assim também não...eu nunca imaginei na minha vida que eu ia falar em uma

coisa chamada “computador”, nunca me imaginei isso, pra ser sincero, agora...ele é um espaço que abriu né? (HÉLIO).

Em seguida ele problematizou a questão das concessões públicas de radiodifusão:

Porque o governo não dá concessão pra emissora, isso fica infelizmente na mão de ladrão! Concessão só fica na mão de quem não tem que estar, só na mão de gente errada, só bandido que é dono de rádio, a maioria deles. Isso eu não tenho vergonha de falar não, porque eu sou comunista mesmo, não gosto de democracia e digo isso “só tem ladrão dono de rádio mesmo, e televisão!”, o único que eu conheço e que não é ladrão é o senhor Silvio Santos, é o único que eu conheço que conseguiu trabalhando mesmo, agora o resto é tudo bandido, quando não é bandido é pastor, né...aí já viu! Então a *web* ela é liberada, a gente pode, qualquer um pode ter uma *web*, é só entender de rádio e fazer que não sai uma coisa cara, absurda. Qualquer um pode fazer, eu inclusive estou pensando em montar uma *web* [rádio] em casa pra mim também, mas não vou largar a revolução não, vou ficar com as duas! [risos] (HÉLIO).

Esta problemática foi abordada no capítulo teórico sobre rádio, onde vimos que o Governo, frequentemente autoriza o funcionamento de “emissoras comunitárias” ligadas a particulares, igrejas ou a políticos em detrimento de associações comprovadamente constituídas com base em entidades de cunho organizativo-comunitário local, conforme exige a lei (PERUZZO, 2006)

Martins (2008) afirma que atualmente estima-se que 45% das emissoras de rádio do país estejam nas mãos de políticos. Através de levantamento feito pela Universidade de Brasília sobre os interesses privados e as concessões de rádio no Brasil no período da Constituinte foi constatado que em março de 95, segundo o Ministério das Comunicações, noventa e seis parlamentares (83 deputados e 13 senadores) tinham concessões de rádio ou TV. Ademais, outro fenômeno importante na radiofonia hertziana brasileira é a presença da igreja, principalmente a Católica. Os grupos religiosos detêm cerca de 35% das emissoras do país.

É importante lembrar a curiosa constatação do pesquisador Guerrini Jr (2009), quando verificou que a Rádio *Tam Tam*, a pioneira em experiência radiofônica com usuários de saúde mental, e que se manteve por nove anos no ar, era transmitido por emissoras comerciais, quando ele supunha que em sua pesquisa que essa atividade psicossocial estaria inscrita no âmbito das emissoras públicas.

Já na visão do José, a perspectiva de comunidade foi mais ampla, segundo ele, “a rádio está aberta para todo mundo que quiser vir fazer uma inclusão social dentro do bairro, dentro do país, dentro da área antimanicomial...”, nesse sentido, José expressou o entendimento de que em uma mesma comunidade podem se manifestar, separadamente, diferentes “comunidades” (do bairro, do país, da luta antimanicomial), ou seja, em termos de interesses e valores culturais compartilhados, para além da questão territorial (OLIVEIRA, 2008).

### 4.3.2 Rádio Revolução abre novas perspectivas

Foi possível observar em algumas narrativas as novas perspectivas e caminhos que surgiram a partir da oficina de rádio, seja por contatos e/ou motivação para tocar novos projetos de vida.

Hélio Júnior pensa em comprar um maquinário para começar a trabalhar com gráfica, cartões e panfletos, e pensa em ter sua própria rádio na web.

João, em seu programa pretende realizar entrevistas com grande músicos com os quais já está fazendo contato, como Ivan Lins, Frejat e outros... e ainda que, segundo ele “as agendas desses são mais difíceis”, ele vai continuar tentando.

André atualmente desenvolve um projeto social com esporte junto a crianças cegas no bairro onde mora e já pensa em fazer faculdade de fisioterapia para trabalhar como fisioterapeuta no Comitê Paraolímpico em 2016.

Essas perspectivas de trabalhos futuros expressa um dado positivo, uma vez que os serviços substitutivos e atividades psicossociais buscam motivam a emancipação do sujeito e não estabelecer uma relação de dependência. Na medida em que uma pessoa que participa da oficina da rádio segue adiante, trilha novos rumos, projetos, trabalhos isso demonstra a reinserção do sujeito na sociedade.

## 4.4 NOTAS DE OBSERVAÇÃO DE CAMPO: CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS E ENTREVISTADOS

Nesta seção foram feitas as devidas contextualizações, descrição das impressões e síntese da trajetória de vida dos entrevistados.

A entrevista com um dos fundadores da rádio Revolução, Annibal Coelho de Amorim a primeira a ser realizada, foi marcada através de um contato por e-mail. A ideia de participar de uma pesquisa sobre a rádio que ele ajudou a fundar foi recebida com muita satisfação.

A entrevista aconteceu em seu local de trabalho, na vice-presidência da Fiocruz e teve a duração de duas horas. Annibal forneceu materiais (matéria em revista, imagens, artigos) que foram utilizados no “resgate de documentos” que contribuíram na escrita sobre o histórico da rádio. Ao final da entrevista, Annibal me indicou o próximo entrevistado, conforme a técnica “bola de neve”.

Os próximos relatos se referem às entrevistas com Renildo, Hélio e José, que foram realizadas no mesmo dia, o clima foi muito amistoso e descontraído. Vale ressaltar que com

todos/as entrevistados/as já havia uma certa familiaridade, uma vez que frequento a rádio desde 2009, sendo que dois dos entrevistados foram meus colegas de curso/oficina.

Ao final da manhã de uma quarta-feira, depois de 2 tentativas para encontrar uma data compatível com Hélio, conseguimos marcar. Ao chegar à rádio, com cerca de 30 minutos de antecedência ao início do programa que ele apresentaria, apresentei-lhe o TCLE, e Hélio fez questão que seu nome fosse mencionado na pesquisa. A entrevista ocorreu ao longo da apresentação do seu programa “Encontro Marcado”, na rádio Revolução. Hélio Júnior tem 48 anos, mora em Campos Grande, região metropolitana do Rio de Janeiro, e é radialista desde 1984. Hélio fez o curso de locução e oficina de rádio. Espontaneamente, começou a narrar sua trajetória profissional que se mistura com sua vida pessoal, marcadas pelo radialismo. Hélio destacou a importância da oficina de rádio em sua vida, uma vez que seu aprendizado no ofício se efetivou na experiência prática, sem cursos ou diplomas, e no curso ele pôde aprender muito, fez grandes amigos na oficina, pessoas que tem contato até hoje. Ao final da entrevista do Hélio, entrevistamos o Renildo.

Algo que foi dito por Hélio e merece destaque, se refere ao estigma que antigamente os profissionais do rádio sofriam, e que participar do curso proporcionou mais segurança e autoestima:

O curso pra mim foi uma maravilha, deveria ter entrado nele há muito mais tempo... Porque antigamente existia um preconceito quanto ao pessoal que trabalhava no rádio, que dizia que era vagabundo, que não sei o quê, que não prestava, que não era profissão, isso acontecia muito comigo, só que depois o pessoal começou a ver que não era por aí, e aí eu tive a chance de fazer o curso, uma maravilha, aprendi muito! (HÉLIO).

O estigma do radialista, do louco, do idoso... Essa é uma realidade que ainda vigora. A questão também emergiu na narrativa de Margot, do grupo da terceira idade:

Você sabe o que é lidar com louco e idoso, cada um pensa de um jeito diferente, por que aqui nós já estamos no lugar certo né? [risos] Esses dias eu vinha e tinham três rapazes “a senhora vai entrar num lugar, num hospício?” eu falei “não meu filho, hospício tem mais lá fora do que aqui dentro!”, mas é isso e a gente tem que saber lidar. Aqui antigamente vinha 30, 10, 15 pacientes daqui internado, vinha na rádio, vinha pra ver, mas agora eles estão morando fora e é isso aí é muito bom, eu gosto muito, aqui é minha casa (MARGOT).

Estabelecendo uma conexão entre a narrativa de Margot com a do Annibal Amorim, que relatou a concepção da rádio Revolução, percebemos que o ideal de se romper o estigma da loucura no entorno do hospital necessariamente deverá ser uma tarefa a longo prazo. À época do surgimento da rádio e sua emissão em ondas hertzianas foi possível estreitar os laços com a comunidade, conforme relato de Annibal:

Então as histórias dos horrores que acontecia dentro das paredes do hospital psiquiátrico foram suplantadas por histórias positivas que eram conduzidas para além das fronteiras dos muros do hospital e quem transmitiam essas novas histórias? As ondas do rádio! Então nós demos um pulo, nós saltamos o muro do hospício, né, e fomos muito além, porque as ondas da FM revolução 105.5 “a rádio que é louca por vocês”, ela materializava esse novo percurso, eu imagino, por exemplo, Dr<sup>a</sup> Nise ela fez isso com as pinturas, com ateliê terapêutico, a terapia ocupacional, com as festas, com a música, se isso já tinha sido feito lá atrás com a Dr<sup>a</sup> Nise mostrando que a relação, o afeto-catalizador que acontecia naquelas oficinas era potente suficiente para gradativamente restabelecer laços afetivos e sociais, a rádio passou também a representar um pouco da continuidade desse sonho da Dr<sup>a</sup> Nise, a semente que ela plantou, apareceu (ANNIBAL AMORIM).

Entretanto, segundo o relato de Margot, persiste em torno do hospital o mito do louco (de forma inequívoca) enquanto sujeito “perigoso”. Isso foi possível verificar durante minhas idas ao hospital durante o trabalho de campo e entrevistas. Ao pedir informações sobre como chegar ao hospital, as pessoas me olhavam desconfiadas e/ou sorriam. Esse imaginário existe desde sempre, e segundo Amarante (2007), a psiquiatria contribuiu muito para que a sociedade entendesse que o “louco é perigoso”, que “lugar de louco é no hospício”, que o “doente mental é irracional” e tantos outros mitos acerca do “doente mental”.

Sobre esta questão, José contou que tanto pelo hospital, quanto nas redondezas, as pessoas circulam e ninguém sabe “se essa pessoa é louca ou não” e afirmou:

Na redondeza aqui você vê muita gente andando, às vezes até fora do hospital, eles saem, eles são usuários que moram aqui perto, poucos são os que moram aqui dentro do hospital [...] eles são lindos bonitos, tem meninas bonitas aqui que você vê, meninas muito bonitas...e tem deficiência mental! [...] porque é uma “pessoa física”, então a deficiência dessas pessoas é na cabeça, então as pessoas tem que entender que isso é um outro tipo de deficiência, só que você não vê” (JOSÉ).

Em sua narrativa, João estabeleceu uma correlação da sua condição de desvantagem devido a sua condição depois do AVC e obtenção de renda com a situação de exclusão dos músicos eruditos que ele admira, que estão fora da grande mídia comercial (*mainstream*):

O pessoal da música que me identifico, esse pessoal da música eles são pouco valorizados, então eles não estão na mídia, eles nem conseguem muito lugar pra tocar e alguns precisam de dinheiro, pessoas normais, músicos muito bons, excelentes, e...assim como eu, pô, claro eu posso arrumar alguma coisa para eu ter uma renda pouca...Além disso, esse mercado de Jazz que eu gosto e de música clássica que eu gosto também, é meio complicado até pros músicos, os radialistas tem que ter um trabalho paralelo [...]eles não tem um público vasto, então não tem um dinheiro significativo pra eles, eles são muito bons... (JOÃO).

Em determinado momento da entrevista João revelou ter preocupação em se expor nas redes sociais para evitar o preconceito por conta de sua condição pós AVC (perante os amigos, garotas e músicos do *mainstream* que não possuem muita disponibilidade na agenda e

podem evitar dar lhe entrevista por causa do tempo e das dificuldades que ele enfrenta). Por outro lado, ponderou que uma maior divulgação do seu trabalho na rádio poderia lhe render oportunidade de emprego:

Sobre as redes sociais, não sei se é...muito chato botar a minha entrevista no facebook porque alguns amigos, não sei se eles sabem, claro eles sabem que eu tive AVC, mas eu fico meio sem...sem graça de pensar que como eu era e...porque é uma outra conversa...depois do AVC isso vai mudar um pouco a interação com os caras específicos, umas garotas também e é meio chato [...] e...também como eu quase estou tentando entrevistar Leni Andrade, ela não sabe que eu tive esse problema, se ela vai conectar ela vê a dificuldade que eu tenho muita dificuldade pra falar, claro que ela vai topa “oh, legal que ele está evoluindo, tal” mas ela não tem tempo, como Ivan Lins, João Bosco, eles não tem tempo, então eu falei pra eles: “meia hora no máximo!”. Então eu fico com medo, também tem esse aspecto, o entrevistado que não sabe que eu tenho isso “pô, ele é muito confuso, vai demorar, vou prorrogar esta entrevista, vou prorrogar, etc”, se eu falar por telefone “vamos marcar e tal...olha mas, fulano eu ainda tenho uma dificuldade que eu passei, AVC, estou me recuperando através da rádio...”, sei lá, daí eles falam “tudo bem...” claro eu ia botar a rádio pra divulgar mas essa divulgação não me causa, ou pode me causar algum benefício em termos de melhoramento, ou até outro trabalho... Pode ser, é uma coisa...Eu não quero me expor muito. Que eu tenho essa dificuldade. Claro eu tenho, todo mundo sabe, mas...eu também quero minha privacidade mas outro ponto que é interessante se alguém, que é muito raro de acontecer, alguém me ver no facebook “ah, tava ouvindo seu programa, achei legal, você quer fazer um emprego?”mas com minha fala, ninguém atualmente não vai...(JOÃO).

Renildo é radialista, tem deficiência visual (cego total do olho direito e parcial do esquerdo), chegou à rádio por indicação de um amigo e não chegou a fazer o curso de locução (oficina), ele já chegou para trabalhar profissionalmente devido a sua experiência consolidada no ramo radiofônico. Logo no começo da entrevista Renildo se mostrou preocupado com o que a “pesquisadora quer ouvir”.

Eu só fico preocupado, porque tudo que eu faço aqui na rádio não tem nada haver com a saúde! O único programa que eu faço que é institucional, que é da grade mesmo é o MPB *on line*, não tem nada haver com saúde! Estou deixando claro, pois não quero te prejudicar em sua pesquisa! (RENILDO).

Boni e Quaresma (2005) alertam que nesse sentido, cabe ao pesquisador ler nas entrelinhas, reconhecer nas estruturas invisíveis o que organiza o discurso do entrevistado. Esse tipo de preocupação do entrevistado em atender as expectativas da pesquisa pode propiciar que este, sem perceber, “incorpore um personagem que ele acha que o pesquisador quer ouvir”. Dessa forma, houve o cuidado em deixá-lo livre para dizer suas impressões, sem preocupar-se com o objetivo da pesquisa, buscando a maior naturalidade possível. Como as entrevistas foram realizadas de forma flexível, proporcionando espaço para o entrevistado

expressar-se livremente, Renildo focou sua narrativa no papel do rádio em sua vida profissional, constituindo grande parte de sua narrativa:

Trabalho desde 1997, fiz esporte, trabalhei com a equipe esportiva, na primeira rádio 1440 AM Rio, fiz carnaval em 2000 na Metropolitana, passei pela Manchete CCI em 2001 também fazendo carnaval, 2002 carnaval de novo pela Mauá 1060 e Tropical 730 e 2003 Tropical 830, sendo que em 2000 eu fui convidado por um conhecido nosso, que infelizmente teve seu falecimento há pouco tempo, foi o Sérgio Amorim, para vir para a rádio revolução em 2000, quando era rádio comunitária. Toda essa equipe que aqui está hoje foi convidada por ele (Sérgio Amorim). Eu fiquei aqui um pequeno período de dois, três meses, por motivos particulares, né, eu tive que me ausentar da rádio, e agora em 2009, fui convidado pelo Sérgio Luiz, que é o diretor da rádio, coordenador né, para que eu retornasse à rádio, já *web* [ênfase]...e tô aí desde 2009. De 2009 a 2010 eu estava na grade com um programa, que é o MPB *on line*, começou de 13 às 14, depois passou de 14 às 15, e hoje em dia está das 14 às 16 horas, no mesmo dia, sábado. E às sextas-feiras faço um programa de forró e sertanejo das 18 às 20 horas, desde fevereiro de 2011 (RENILDO).

Ficou claro durante a entrevista que no caso do Renildo a rádio não teve papel de ressocialização nem reabilitação em relação a sua deficiência visual e sim o papel de exercer sua profissão pela qual ele declara ter “paixão”, rádio esportivo. O papel inclusivo da rádio se efetivou no sentido de proporcionar sua manutenção no ramo radiofônico profissionalmente. Sua condição de deficiência visual ficou em segundo plano em sua narrativa. A entrevista foi breve, o que surpreendeu, uma vez que, por ter deficiência visual, imaginávamos que ele relataria com mais detalhamento sua trajetória, algum momento de superação, o que não ocorreu. Verificamos que a deficiência visual é algo que ele convive desde a infância e ao longo do tempo ele foi se adaptando, de modo que a rádio se configura apenas como um espaço profissional. Renildo fez questão que seu nome fosse divulgado na pesquisa.

As entrevistas com Dona Margot e Dona Dulce foram realizadas no mesmo dia, marcadas previamente por telefone. As entrevistas ocorreram após a apresentação do programa da terceira idade na rádio, que vai ao ar às quartas-feiras. Cheguei mais cedo, assisti a apresentação do programa no estúdio e seguimos para o espaço onde são desenvolvidas as atividades do grupo da terceira idade, onde gravamos as entrevistas. Inicialmente fiz a entrevista com Dulce, que se propôs a ser a primeira entrevistada. Dulce tem 80 anos de idade, aposentada, cantora e frequenta o Centro Comunitário há 12 anos. É parte do grupo que consolidou o início da rádio, e chegou a fazer um treinamento com técnicas de radiofônicas.

Em seguida entrevistei Margot, ela é a responsável pelo grupo da terceira idade, tem 75 anos e está no Centro Comunitário há mais de 15 anos. Margot fez parte da fundação da rádio Revolução. Percebi a dedicação de Margot às atividades do grupo da terceira idade, sobretudo em relação às atividades na rádio. Contudo ela ressaltou a importância do reconhecimento

desse trabalho na Revolução “eu acho que quando a gente faz uma coisa com carinho tem que ser divulgado né, tem que ser apresentado” (Margot). A motivação pela rádio foi algo notável em sua narrativa “quando vem feriado eu fico ‘ah, meu Deus e agora?’, mas é isso aí e estou muito satisfeita e eu sou voluntária hein! Não ganho nada não hein! E ainda boto meu dinheiro” [falou sussurrando]. Em síntese, a narrativa de Margot expressou que participar de variadas atividades (como yoga, bingo, trabalhos manuais, dança, passeios, oficinas de rádio, etc.) é um estímulo para a pessoa se distrair, se divertir, conhecer pessoas diferentes, fazer amizades, e com isso evitar males como depressão, ociosidade, isolamento, doenças, tristeza, em suma, participar dessas atividades a fazem sentir-se viva e com vontade de viver.

José Cardozo é diretor da rádio, já fez o curso de locução, faz parte da rádio há cerca de 10 anos. Sua formação profissional é técnico em engenharia elétrica, formado pela Universidade Veiga de Almeida, em 1981. Trabalhou muitos anos na Embratel, desde a fundação da empresa, participando da implantação técnica de telecomunicações por todo Brasil. Desde criança gostava de brincar de consertar coisas, e chegou a montar uma rádio com transmissor valvulado,

Eu tinha a minha rádio, eu tinha a minha rádio de verdade [ênfase], eu montei um transmissor valvulado, eu tinha a minha rádio pirata [ênfase], a minha rádio clandestina na época, né, ela pegava, ela tinha um alcance limitado, minha rua inteira, a rua do lado, era restrito... justamente para não botar muita potência e não atrapalhar também, a Anatel também não ficava em cima, não tinha muita rádio pirata, eu tinha a minha, eu chamava de “rádio preferida”, então “está no ar a sua rádio preferida!” e brincava, eu criava os meus anúncios, eu não tinha preocupação de fazer anúncios pros outros, eu criava, inventava produtos né, como alguns programas cômicos fazem, eu não fazia propaganda pros outros, eu era pequeno né, sei lá...12 anos, hoje uma criança de 12 anos está namorando, mas na minha época não, então eu brincava assim dessa forma (JOSÉ).

Então esse aspecto lúdico em lidar com a rádio vem desde a tenra infância e mesmo em idade adulta, diante do convite de um amigo para participar da rádio Revolução, ele visitou o estúdio e pensou “poxa caramba, eu fazia isso quando criança!” e aceitou. Ao longo da entrevista, José fez questão de contar uma história curiosa que o emocionou, que aconteceu em sua trajetória na rádio,

Queria contar uma história interessante... estava fazendo o meu programa, que é o “Viva com saúde” o programa procura beneficiar uma vida física e espiritual. Então tem mensagens, tem dicas de saúde, etc...em um determinado dia chegou um usuário que eu não conhecia no hospital, ele entrou e com um jeitão assim disse “eu quero falar, eu quero falar!”, eu coloquei umas músicas tocando e fui conversar com ele: “você quer falar? Tudo bem, então você senta aqui, espera, me dá teu nome direitinho e você vai falar no momento propício, vou liberar o microfone pra você e você vai falar”, daí eu vi o rapaz escrevendo, pedi o papel e escreveu, escreveu, escreveu... e eu levantava a mão para mandar ele entrar e ele continuando

escrevendo, não era o momento dele...de repente ele levantou a cabeça e deu um berro lá “posso falar?” – com o jeitão dele...e eu falei “e agora com você, vamos ouvir...” – a gente não fala paciente, a gente fala usuário né- “Então o usuário aqui no Nise da Silveira, nome fulano de tal...”, aí ele pegou, leu o papel que ele escreveu...o quê que ele tinha escrito: um poema, sobre a rádio revolução, citando meu nome, citando o que ele achava, uma coisa fantástica! Na hora, ele fez na hora isso! Isso é muito emocionante, um negócio bacana, porque eu não esperava...ele me deixou assim...enrolado, porque eu pensei... o que você imagina? Que vai sair um monte de asneira sem nexo, que nada, saiu um poema muito bonito, falando dele com a vida, falando dele legal, ele ficou falando uns 10 minutos ou 15 minutos e depois falou meu nome Zé Moraes, agradeceu, levantou e foi embora! são coisas que acontecem importantes, foi um negócio legal, foi uma experiência bacana que aconteceu particularmente comigo durante o meu programa...poderia ter sido em qualquer programa, mas veio no meu, quê que eu vou fazer né [risos] achei legal! (JOSÉ).

Além de chamar atenção sobre a subutilização da rádio pelas pessoas do hospital, ele alertou para que as pessoas, de maneira geral tenham mais protagonismo em suas vidas, que tomem iniciativa, se movam para fazer atividades, se divirtam, etc.:

Temos as meninas da terceira idade que cantam, umas desafinam, outras não....por aí, mas elas apresentam, e olha isso pra elas não é só diversão é uma necessidade, aqui nós temos um grupo da terceira idade que todo o dia [ênfase] de segunda a sexta, tem uma atividade, atividade de dança, atividade de bingo, atividade de coral, atividade de *tai chi chuan*, um monte de coisas que elas tem cada dia um negócio, gente, tudo de graça! São voluntários que vem aqui e oferecem pra elas, então “ah, mas eu não sabia!”, gente vocês precisam ficar ligados nisso. Muita gente fica em casa às vezes dizendo que não tem show, não tem, mas se você pegar o jornal tem muito show de graça, as pessoas precisam ir! A *Light* tem uma porção de show, ou então às vezes são dois reais! Um real! Entendeu? Um show desses, então as pessoas precisam procurar, as pessoas precisam ter essa iniciativa, precisam procurar, não adianta nada as pessoas terem ideia se não colocar essa ideia em ação, ação que é importante. Então é o que a gente faz na rádio, a rádio ta aí, quem procura a gente faz (JOSÉ).

Ao final das entrevistas com Renildo, Hélio e José, segui para o ponto de ônibus com a companhia do José, onde prolongamos nossa conversa em relação à rádio Revolução e outros aspectos da vida.

João é um jovem com ensino médio completo, tem menos de trinta anos, fez o curso/oficina de rádio e atualmente apresenta um programa semanal na Revolução. A entrevista aconteceu na rádio e foi marcada através de contato por e-mail e rede social. João conheceu a rádio por indicação de um parente como forma de reabilitação da saúde após ter sofrido um AVC. Conheço João há 4 anos, e embora ele tenha tido um avanço extraordinário em sua coordenação motora, dicção e raciocínio, ele relatou ainda sentir muitas dificuldades para falar e concatenar ideias. Portanto essa foi uma das entrevistas mais desafiadoras e instigantes, uma vez que já sabendo da história de superação pela qual João vinha passando,

uma trajetória rica, contudo, enquanto pesquisadora tinha que ter cautela quanto: a não fazer uma entrevista demasiadamente cansativa e demorada (física e mentalmente ao entrevistado) e ao mesmo tempo, respeitar o tempo dele de falar, pensar, se expressar, sem completar suas falas, sem dar pressa, etc.

Por conta dos anos que nos conhecemos, o clima foi bastante descontraído, tanto que no início da entrevista ele chegou a se mostrar preocupado com o “o que a pesquisa queria ouvir”, assim como foi com Renildo no início da entrevista, entretanto, a partir da segunda pergunta do roteiro de entrevistas ele não se preocupou mais com os objetivos da pesquisa, tanto que relatou experiências pessoais, já alertando “acho que não tem haver com a pesquisa, mesmo assim eu quero contar” e assim foi. Uma das partes mais ricas e interessantes da entrevista que João fez questão de contar em detalhes foi a narração da experiência vivenciada durante o coma.

Contudo, como a entrevista do João foi extensa, e embora o relato de sua experiência durante o coma fosse rica, optamos por não incluir o texto na íntegra, porém de forma sintética relatamos, uma vez que essa experiência ratifica o amor que João tem pela música.

A experiência foi como se ele estivesse participado de um coro musical em uma igreja dos Estados Unidos, uma espécie de show beneficente com a presença do pai do Bill Clinton, os enfermeiros do hospital e alguns músicos que ele admira. Relatou detalhes de ter embarcado na de avião, em uma maca. Nesse concerto não havia instrumentos nem entoavam notas musicais, apenas vibrações. Cada membro do coro tinha uma frequência diferente e uma luz que se projetava até o céu como se todos estivessem interligados com um único criador. As músicas eram “músicas de energia” uma música belíssima, peculiar e distinta de tudo que se conhece aqui no mundo, disse ele. Trata-se de uma música que penetra o corpo, a alma e o coração. Ele agradecia arrepiado e chorando por poder vivenciar aquele momento e a paz que sentiu disse nunca ter sentido de forma tão plena. Um Deus independente de religião, energia pura, paz serena. Vale ressaltar que, quando perguntado se havia música em seu quarto, ou se ele foi removido de hospital, ele disse que não, não havia música no quarto e todo tempo permaneceu internado no mesmo hospital. Ao final do relato, ele disse que ia para luz, mas um enfermeiro (que fazia parte da equipe que o atendia no hospital e também apareceu na experiência do coma) teria lhe dito que seus pais estavam preocupados e ele precisava voltar. De acordo com João:

Nem sei por que eu estou contando isso...então voltando um pouco a música é muito importante pra mim. Eu ia morrer, reencarnar ou sei lá o que vocês falam, mas não fui, porque eu queria muito viver, muito mesmo...e não sei se Deus, tal...eles me deram ou eu me dei outra oportunidade eu queria estudar de novo (JOÃO).

Sobre esta questão Bourdieu (1999) afirma que o pesquisador deve proporcionar um clima de bem-estar para que o entrevistado possa falar sem constrangimento de sua vida. Muitas vezes o entrevistado faz uma verdadeira catarse, relatando sua experiência e assim acabam construindo seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo. Por vezes esses discursos são densos, intensos e dolorosos e dão certo alívio ao pesquisado. Alívio por falar e ao mesmo tempo refletir sobre o assunto que talvez os reprimam. A entrevista com João foi dessa forma e teve duração de 4 horas.

Outro cuidado adotado nas entrevistas de maneira geral foi não focar na condição de saúde e/ou no evento que causou restrição física/mental no entrevistado (por exemplo: deficiência visual, transtorno mental, no acidente vascular cerebral), em todos os casos foi o próprio entrevistado que trouxe para a narrativa, ao lembrar a própria vida. Nesse sentido, Bourdieu (1999) afirma que para se obter a narrativa mais natural possível é mais interessante incentivar que o entrevistado relembra parte de sua vida, ao invés de fazer-lhe perguntas diretas.

No caso do João, o assunto do AVC teve preponderância em sua narrativa, é algo muito forte em sua vida.

João fez um breve “roteiro” do que ele tinha intenção de falar na entrevista, segundo ele, por conta de sua dificuldade em concatenar as ideias e porque se julga muito “prolixo”. Esse roteiro previamente preparado é mais uma demonstração de seu desejo em ser parte da pesquisa. Antes da entrevista propriamente dita, tivemos uma conversa sobre a pesquisa, explicitamos que o importante é que ele ficasse à vontade e que não se preocupasse com os “objetivos da pesquisa”, que inicialmente, ele se mostrou preocupado em atender.

Em um dado momento da entrevista, se desculpou por momentos de dificuldade para concluir frases, raciocínio mais lento, então o tranquilizei e disse “a entrevistadora também se perde [risos]”, então ele respondeu “quando estou entrevistando os caras com tempo, eu muito nervoso, ansioso, a primeira vez que entrevistei o primeiro cara me deu um branco eu não consegui falar nada, eu sei como você está passando nessas primeiras e pra eu responder é meio difícil ser entrevistado”. Nesse sentido, foi possível perceber que João se coloca no lugar da pesquisadora quando diz “eu sei como você está passando nessas primeiras” e ao mesmo tempo confessa que para ele também é difícil dar entrevistas.

Recorrendo a Bourdieu (1999), na medida do possível, o pesquisador deve falar a mesma língua do pesquisado, descer do pedestal cultural e deixar de lado momentaneamente

seu capital cultural para que ambos, pesquisador e pesquisado possam se entender e assim, diminuir a “violência simbólica” que é exercida sobre o entrevistado.

Ao final da entrevista, agradeceu, pois a mesma o fez refletir sua trajetória na rádio e repensar sua vida,

Obrigado, não sei se é o seu jeito ou uma ajuda que você está me dando, que você além de ler a pergunta...pra eu entender o que está sendo perguntado, e eu não respondo o que é perguntado, é meio difícil pra mim, e você faz outras perguntas ou faz como um campo de ajuda para eu falar melhor, obrigado por esse apoio, além disso, também quando eu falo eu esqueço a pergunta então, é só um agradecimento [...] Eu queria agradecer a oportunidade de refletir... [longa pausa] qual o ponto chave da minha...trajetória nesse meio....que eu tô vivendo...tentando buscar, etc...me desculpe estou falando muito lento, eu fujo um pouco (JOÃO).

Após a entrevista, seguimos juntos para o ponto de ônibus, na chuva.

André tem 32 anos, é massoterapeuta de atletismo paraolímpico, tem deficiência visual e conheceu a rádio Revolução à mesma época que perdeu a visão, através da indicação de uma orientadora educacional do Instituto Benjamin Constant.

A entrevista com o André foi marcada por telefone. Conheci o André durante um dos aniversários da rádio Revolução onde pude ouvir seu depoimento de como a rádio teve um papel fundamental em sua adaptação à perda da visão. A entrevista ocorreu em um sindicato, um espaço em que a entidade esportiva a qual ele é filiado paga o aluguel da quadra para treinamento de futebol de pessoas com deficiência visual.

Depois de um tempo perdida pelas ruas, cheguei ao local marcado, perguntei ao porteiro se o André estava lá, o porteiro disse “não conheço nenhum André!”, eu falei “ele trabalha com massoterapia, faz massagens em atletas...”, ele disse que não havia nenhum André por lá. Quando eu já ia saindo, pensando que estava no local errado, eu falei “ele é deficiente visual”, daí o porteiro exclamou “Ah, é o cego! Aí é diferente, você está falando do cego, vamos lá que eu te levo”.

Fiquei um pouco chocada com a forma com que o porteiro se expressou, em se tratando de um espaço que aluga a quadra para atividades das pessoas com deficiência visual, mas por outro lado, não se pode fingir que esta forma de lidar com os deficientes, de maneira geral, infelizmente é a mais comum. Na maior parte das vezes, o ponto referencial da pessoa se reduz à sua condição de deficiência; perde o nome, vira “o cego”.

Cheguei à quadra e havia um grande número de pessoas treinando futebol, entre deficientes visuais e instrutores videntes. André estava treinando. Permaneci assistindo a todo o treino, esperei ele tomar banho, e em seguida estabelecemos o início da conversa. Primeiramente falei sobre a pesquisa, li o TCLE com uma testemunha, este momento foi

devidamente gravado com filmadora, ele não só aceitou os termos como fez questão que seu nome fosse divulgado na pesquisa. Nos sentamos em uma mesa da lanchonete e começamos a entrevista.

Importante ressaltar que ao contrário da entrevista com João, a condição de deficiência visual embora tenha predominado boa parte da entrevista, não foi algo preponderante, não ficou em primeiro plano, ou seja, quando ele falava de sua deficiência visual era em duas situações: quando rememorava o período em que perdeu a visão; ou para falar do processo de superação, de sua adaptação como algo bem resolvido em sua vida. Em um momento após a entrevista, com o gravador desligado, André falou “sua pesquisa é sobre saúde mental? Eu não sou doido, mas poderia ter ficado. A rádio acabou sendo boa para minha saúde mental porque estava caminhando para uma depressão, que é uma doença mental, né?”.

Boni e Quaresma (2005) afirmam que muitas vezes durante a entrevista acontece a liberação de pensamentos reprimidos que chegam ao pesquisador em tom de confiança, esses relatos fornecem um rico material de análise, uma vez que nele se encontram o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual.

Atualmente André realiza um trabalho como massoterapeuta, na Suderj, no Maracanã, atendendo os atletas da modalidade atletismo paraolímpicos. Segundo ele, naqueles dias, estava de férias, porque os atletas estavam nos jogos paraolímpicos em Londres. Segundo ele foi graças ao trabalho que conseguiu superar as dificuldades depois de perder a visão:

...trabalho hoje, graças a essa alavancada que eu dei para enfrentar a sociedade novamente, também trabalho no Botafogo de remo como shiatsu terapeuta e reflexologista e treino aqui meu futebol, jogo meu futebol, de cego...Aqui é meu lazer mas também atendo! [risos] atendo meus colegas aqui adquirindo mais prática porque até então o meu professor de lá, da massoterapia, assim que eu terminei o curso de locução, eu entrei no curso de massoterapia e o meu professor me trouxe para fazer estágio nessa Ong de esporte e hoje eu participo, já disputei alguns campeonatos, já fui campeão com eles 3 vezes já, né, já somos campeão brasileiro, campeão sudeste, e tô indo, tô levando...agora pretendo fazer uma faculdade de fisioterapia, que a minha meta é essa, continuar com meus projetos e trabalhar como fisioterapeuta no Comitê Paraolímpico em 2016, essa é a minha meta, a meta que está hoje no auge da minha busca, dos meus objetivos é essa: ser fisioterapeuta do Comitê Paraolímpico em 2016!...e levar a minha garotada, que vai começar a partir de 2013 a treinar em Bangú no meu projeto, levar eles para competir lá também, esses são meus objetivos! (ANDRÉ).

Ao final da entrevista, seguimos pela rua para a estação de metrô, estava caindo uma chuva fina e fazendo um belo dia de sol. André pediu-me para que pudesse segurar em meu braço, pensei que seria para ajudar a guiá-lo, mas na realidade eu que fui guiada pelo deficiente visual que sabe andar na rua como ninguém, conhece cada quebra-mola, chão

quebrado, sons e até as cores dos portões! Foi uma riqueza e senti extrema segurança andar com André nas ruas que, horas antes, eu havia me perdido.

Em relação aos depoimentos, diante da riqueza dos resultados já apresentados, optamos por fazer uma síntese dos resultados. Primeiramente, é importante fazer uma ressalva em relação à utilização dos depoimentos na pesquisa.

Os depoimentos em data comemorativa (aniversário da rádio) se por um lado possam parecer discursos “slogantizados”, prontos, programados, por outro, eles são valiosos, porque nos traz a síntese de como a pessoa vê a rádio, e ainda que a pessoa tenha pensado previamente no que dizer, se trata de uma “fala de improviso”, pois ninguém levou o texto pronto para ler no ar, e nas entrelinhas, vem à tona pistas importantes que interessam as perguntas da pesquisa, como: se a rádio atua como sensibilizador e difusor da luta antimanicomial, se há espaço democrático para expressão dos participantes, se a rádio de fato tem papel ressocializante para quem dela participa, entre outros.

Na leitura e análise desses depoimentos foi possível apreender que: boa parte de quem deu depoimento não conhece a luta antimanicomial, isso foi expresso nos momentos em que, perguntados sobre o contexto de aniversário da rádio (que é comemorado dia 18 de maio, dia da luta antimanicomial), somente duas pessoas que gravaram os depoimentos sabia o que isso significava; embora tenha sido mencionado em algumas narrativas acerca do “papel social da rádio”, nas observações foi possível perceber que pouco se sabia sobre esse papel, ficando somente uma menção de forma superficial, como se fosse algo repetido sem fundamentação de causa; foi perceptível o orgulho pela profissão de radialismo, a rádio como uma possibilidade a voltar a trabalhar com rádio, uma oportunidade de estar no ramo; foi recorrente nos depoimentos a “vontade de permanecer na rádio por muito tempo”, e nesse sentido, a Revolução FM foi considerada como “família” e “casa”, denotando acolhimento; o curso/oficina de rádio foi referenciado como um importante *locus* de aprendizado, e nesse sentido, existem ex participantes da oficina que ainda preserva o caráter “professor-aluno”.

Na narrativa de uma pessoa com deficiência visual, foi mencionado que participar do curso foi importante para aumentar sua auto estima, amor próprio, pois estava entrando em depressão. Com o curso aprendeu coisas novas, ajudou a criar um programa sobre meio-ambiente, aprendeu a pesquisar, entrevistar, enviar e-mails e tudo isso serviu para que ele percebesse que era capaz.

O clima de bom humor e descontração no estúdio mostrou-se evidente, o que favoreceu que os depoimentos fossem fornecidos de forma amistosa, vale um destaque para a efusividade e humor do prof. Sérgio, que atua na mesa de som da rádio, interlocutor das

peessoas que forneciam depoimentos. Contudo, notamos que nem todas as pessoas gostam das brincadeiras, como em um dado momento durante um diálogo com um membro do grupo da terceira idade que queria usar mais o microfone, e não sorriu diante de sua brincadeira.

Entretanto, vale ressaltar que na maioria das narrativas (tanto das entrevistas quando nos depoimentos) é notória a importância do Prof. Sérgio como um dos pilares na rádio Revolução atualmente, assim como José, Marynildes e os professores que ministram as oficinas de rádio. A equipe da rádio (programadores) também desenvolve um trabalho importante no que se refere à manutenção das atividades e projeção da rádio ao conhecimento de um público cada vez maior.

A questão da audiência também foi uma questão de destaque nas narrativas, ficou evidente a importância que é dada aos “ouvintes”, “internautas”, ao *feedback* das pessoas que acompanham a rádio, pois na medida em que as pessoas manifestam apoio à rádio, conseqüentemente amplia o sentido de estar trabalhando ali, dá um maior significado, esse reconhecimento amplia a autoestima de quem trabalha na rádio.

Em uma das narrativas foi destacado de forma contundente o papel social da rádio, a importância do trabalho voluntário exercido por profissionais enquanto uma missão “infatigável”, porém recompensadora.

Se por um lado, historicamente, o destino das pessoas com deficiência e sujeitos em sofrimento mental consistia, inequivocamente: em práticas de isolamento, exclusão, maus tratos e morte; com a Reforma psiquiátrica e movimentos sociais pela luta dos direitos da pessoa com deficiência, outras formas de lidar com o sujeito em sofrimento mental começam a surgir e ainda com suas limitações, sem dúvida constitui-se em um ganho irreversível. São muitas as histórias desses sujeitos, os verdadeiros “homens infames” conforme Foucault (2003) em suas pesquisas em registros de diferentes instituições sobre as “vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos”, na qual,

O termo "notícia" me conviria bastante para designá-los, pela dupla referência que ele indica: a rapidez do relato e a realidade dos acontecimentos relatados; pois tal é, nesses textos, a condensação das coisas ditas, que não se sabe se a intensidade que os atravessa deve-se mais ao clamor das palavras ou à violência dos fatos que neles se encontram. Vidas singulares, tornadas, por não sei quais acasos. estranhos poemas, eis o que eu quis juntar em uma espécie de herbário (p.1).

Amarante (2007) relata uma dessas histórias infames, trata-se de uma mulher que foi presa em uma cela forte em um hospício e lá foi esquecida até falecer de fome e frio. O descaso era tamanho que somente muitos anos depois, seu corpo foi encontrado, já petrificado. Ela foi encontrada com a silhueta mumificada, em posição fetal. De acordo com o

autor “seu crime era ser louca!”. Curiosamente a marca da silhueta não foi removida do chão nem com uso de produtos de limpeza, nem mesmo com ácidos. A marca permaneceu ali como denúncia de dor e violência. Ao saber que a notícia estava correndo para fora dos muros do hospício, a direção mandou arrancar o piso.

Mesmo com os avanços conquistados no campo da Reforma psiquiátrica e luta antimanicomial, a batalha permanece. Em pesquisa publicada em 2003, Marcolino se surpreende e alerta para as constatações presentes no relatório da I Caravana Nacional de Direitos Humanos (relatório de visita a alguns manicômios brasileiros). Segundo a autora,

São constatações de práticas de violações dos direitos humanos, como pacientes contidos mecanicamente em seu leito de forma irregular. “Amarrado pelos pulsos e pelos tornozelos” – esse cenário foi encontrado na Colônia Lopes Rodrigues - Bahia. Na clínica São Paulo, também na Bahia, “as condições de higiene são as piores possíveis e o cheiro que emanava em toda a instalação era insuportável”. Já na Clínica Bom Jesus, em Goiás, casos mais alarmantes foram registrados, como a prática de lobotomia. “Confirmamos na visita a existência de casos de encaminhamentos de pacientes para a prática de neurocirurgia”, isto é, cirurgia cerebral (p.2).

Portanto, é inadmissível que haja maus tratos e práticas de violência e abandono diante de tantas possibilidades de tratamento, envolvendo arte, atividades culturais, comunitárias - em pleno século XXI. Nesse sentido, pesquisas como a nossa pretendem contribuir para o corpo de conhecimentos sobre o tema, visando a transformação dessa realidade.

No capítulo seguinte da dissertação, foram feitas as considerações finais e recomendações para pesquisas futuras.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como enfoque analisar as experiências radiofônicas no campo da saúde no contexto da reforma psiquiátrica como dispositivo de cidadania e de inclusão social a partir de um estudo de caso constituído pela Rádio Revolução FM, do Rio de Janeiro, sediada no Instituto Municipal Nise da Silveira, norteado pelos seguintes objetivos:

a) Compreender como o rádio tem sido utilizado como atividade psicossocial na perspectiva da inclusão social a partir do estudo de caso da Rádio Revolução FM e do mapeamento dessas experiências realizadas no contexto da reforma psiquiátrica brasileira;

b) Investigar como os participantes das oficinas de rádio avaliam e percebem a sua experiência na rádio Revolução FM;

c) Descrever como as oficinas de rádio da Rádio Revolução FM são desenvolvidas, problematizando os limites e alcances que esta prática comunicacional pode proporcionar aos envolvidos de acordo com os objetivos que se propõem (ressocialização, desenvolvimento de habilidades comunicacionais, sensibilização para o movimento da luta antimanicomial);

d) Resgatar o percurso histórico da rádio através de documentos e publicações sobre a Rádio Revolução FM.

De acordo com o mapeamento sobre experiências utilizando mídias de maneira geral, (oficinas de rádio, *webradio*, TV, oficinas de fotografia, construção de jornal, sites e produção de vídeos) com usuários de saúde mental encontramos um total 23 experiências relatadas na literatura científica. Posteriormente, realizamos um mapeamento mais aprofundado, somente com oficinas de rádio (em ondas eletromagnéticas/hertzianas, oficinas em estúdio de circuito interno e em *webrádios*), e como resultados encontramos 16 experiências. Quanto à natureza (comercial, comunitária, pública), 3 experiências de oficinas radiofônicas veiculadas em rádios comerciais, 3 veiculadas em rádios públicas (municipal, universitária e educativa) e 5 experiências em rádios comunitárias (nesta categoria se enquadram: as que se autointitulam “rádios comunitárias”, as rádios com veiculação interna no próprio serviço de saúde, as *webrádios* e as rádios com licença para atuar como rádio comunitária). Em 5 rádios encontradas em nossa pesquisa não obtivemos informações suficientes para enquadrá-las em uma ou outra situação.

As ocorrências das experiências com oficinas radiofônicas como atividade psicossocial por regiões foram: 8 experiências no Rio Grande do Sul, 4 relatos localizados no estado de São Paulo, 2 no Rio de Janeiro e 1 relato no Rio Grande do Norte e 1 relato na Bahia.

A pesquisa na literatura apontou que o rádio em sua multiplicidade de suportes (em ondas hertzianas, alto falante, ou na internet) tem sido utilizado no campo da saúde mental no Brasil em três principais vertentes:

1) Buscar estabelecer a comunicação horizontal entre usuários e profissionais de saúde, visando transpor a barreira comunicacional, buscando proporcionar o estabelecimento de vínculos;

2) Proporcionar processos educativos e comunicativos através das oficinas radiofônicas, oportunizando: espaços de interação, contato humano, oportunidade de expressão oral e corporal, possibilidade de criação de vínculos de amizade, reabilitação da saúde, poder falar ao microfone, terapia ocupacional e desenvolvimento de habilidades diversas. De acordo com a literatura, o rádio por proporcionar esse espaço de mediações tem demonstrado efeitos “terapêuticos”;

3) Estabelecer a comunicação entre hospital (seus usuários, profissionais de saúde, servidores) com a família, a comunidade e a sociedade civil, abrindo espaço para abordagem sobre a luta por tratamentos dignos, humanizados e pela ressocialização dos sujeitos em sofrimento psíquico à vida em sociedade. Fazer conhecer a luta antimanicomial e buscar transpor preconceitos e estigmas cristalizados historicamente.

Como respostas às inquietações que motivaram o estudo, podemos afirmar que as oficinas de rádio da Revolução se constituem como possibilidade de ampliação do status de cidadania de pessoas que dela participaram, nessas oficinas de rádio são engendrados processos comunicativos e educativos tanto entre alunos e professores quanto entre alunos e alunos. As motivações pelas quais os participantes procuram a rádio são as mais diversas: como forma de lazer, terapia ocupacional, reabilitação da saúde, busca de estabelecer vínculos, desenvolver habilidades, etc.

No caso em estudo, da rádio Revolução, inaugurada em 1995 em circuito interno e em 1999 como rádio hertziana, surgiu dentro da utopia da Reforma Psiquiátrica brasileira e da comunicação radiofônica comunitária em prol da consumação de direitos (de se comunicar, de ser cidadão, pela inclusão social) de sujeitos em desvantagem social.

As oficinas possuem a seguinte dinâmica: o curso dura cerca de 2 meses (com 2 encontros por semana) com aulas teóricas e ao final do curso acontece duas aulas práticas no estúdio da rádio Revolução. Nestas duas aulas finais o programa de rádio da turma é produzido e apresentado no ar. Nas aulas teóricas cada professor apresenta um módulo. Em cada edição do curso, os alunos têm a oportunidade de visitar uma rádio comercial, pública e/ou educativa.

Através de suas oficinas desenvolvidas desde antes da inauguração da rádio hertziana, tem proporcionado espaços de mediações entre usuários do hospital, profissionais de saúde e pessoas da sociedade civil em geral. Houve o fechamento da rádio pela Polícia Federal e desde então a rádio passou a ser transmitida pela *web*.

Uma das constatações da pesquisa é que os programas produzidos são veiculados somente ao vivo, não são gravados, apenas ocasionalmente. Este fato não só prejudica o resgate histórico-cultural desta prática como limita futuras pesquisas que pudesse utilizar este material como fonte de dados. Ademais, o site da rádio possui uma única forma de interação através do link “contato” onde o internauta pode enviar uma mensagem.

Em relação às oficinas de rádio, segundo as narrativas dos entrevistados, essas se mostraram de extrema importância tanto pela dimensão educativa que desempenha, mas, sobretudo, pelo espaço de mediações propiciado, o que em alguns casos se converte em: reabilitações, terapias, aprendizados, criação de vínculos afetivos, profissionais, momentos de lazer e divertimento, etc.

Através dos depoimentos, observamos que as aulas das oficinas de rádio são pensadas/preparadas pelos professores levando-se em conta a diversidade e necessidade dos alunos (deficientes visuais, problemas na fala, dificuldade cognitiva) bem como suas expectativas (muitos lá chegam querendo aprender a falar em público, ou aprender técnicas de entrevista, como produzir programas radiofônicos, etc.).

Por meio das narrativas das pessoas que fizeram/fazem parte da rádio, compreendemos o papel, ou melhor, os papéis que a rádio tem desempenhado na vida dessas pessoas. Através de seus relatos, verificamos que o papel da rádio possui estreita ligação com a motivação e/ou necessidade que conduziu cada um à rádio Revolução ao que nela vivenciou, e os sentidos atribuídos a esta experiência. Com isso podemos afirmar que não existe um “papel” ou um “significado” unívoco para a rádio e sim uma interpretação/apropriação pessoal de acordo com seus anseios, necessidades e buscas, ou seja, cada participante das oficinas se apropriou da experiência de acordo com sua leitura de mundo, necessidades, seu momento e, portanto, a partir do uso social que fizeram do rádio.

Houve caso em que a rádio contribuiu para a ressocialização da pessoa, em outros não. No depoimento de um dos participantes, Renildo, por exemplo, a rádio não teve papel de ressocialização nem reabilitação em relação a sua deficiência visual e sim o papel de exercer sua profissão pela qual ele declara ter “paixão”, rádio esportivo. O papel inclusivo da rádio se efetivou somente no sentido de proporcionar sua manutenção no ramo radiofônico profissionalmente.

Também a Rádio cumpriu vários outros papéis no campo da expressividade. Por exemplo, através do depoimento de outro entrevistado, o André, considerou que a experiência como participante da oficina o ajudou a se expressar melhor, falar em público. Considerou ainda que o fato de ter de “ir ao curso” ajudou-o a superar o medo de sair de casa e andar nas ruas sozinho depois de perder a visão. Já para outro participante, João, a Rádio, além de contribuir para o seu processo de reabilitação de um AVC, trouxe para ele um novo sentido para a vida, na medida em que passou a ter contato com sua paixão que é a música. Isso o possibilitou estabelecer novos vínculos de amizades com seus ídolos, os músicos.

O fato de maior parte dos entrevistados terem desejado que seus nomes fossem, obrigatoriamente, divulgados na pesquisa indicam um forte sentimento de pertença ao grupo e história da rádio.

No capítulo teórico, vimos que os pesquisadores no campo da comunicação radiofônica destacam a importância de se ampliar o conceito de rádio para além do seu suporte (*hardware*) e concebê-lo de acordo com sua linguagem sonora e apropriações enquanto “instituição social”, ou seja, pelo uso e significação que as pessoas dentro de uma determinada época e cultura - levando-se em consideração as transformações tecnológicas - atribuem ao que é rádio.

Nesse sentido, de forma sintética, o papel do rádio nas apropriações sociais teve os seguintes sentidos:

- Para o desenvolvimento de habilidades (falar em público, impostação da voz, melhorar a escrita, como pesquisar, como entrevistar, melhorar expressão corporal, etc.);
  - Para reabilitação da saúde;
  - Para o lazer e por afinidade;
  - Como terapia ocupacional;
  - Como oportunidade de inserir-se/manter-se/retomar ao ramo profissional radiofônico;
  - Para ampliar o status social;
  - Para vislumbrar novas perspectivas de vida, de trabalho e estudo;
  - Como um local de aprendizado, uma escola não-formal, (o “colégio do rádio”, segundo João);
    - Como um lugar para fazer amigos;
    - Espaço para falar e, sobretudo, ser ouvido;
    - Meio de retomar o protagonismo da vida, autonomia;

➤ Espaço de luta para superar estigmas cristalizados (em torno dos “loucos”, dos “cegos”, das rádios comunitárias, do radialista, das pessoas com deficiência, das vítimas de AVC, dos idosos, etc.) o que implica o enfrentamento contra a violência física e simbólica a esses sujeitos.

No processo de análise e interpretação das narrativas emergiram as categorias empíricas, que foram forjadas a partir da principal pergunta de investigação da pesquisa “qual o papel da rádio Revolução no contexto da saúde, a partir das oficinas de comunicação realizadas como atividade psicossocial na perspectiva inclusiva dos participantes?”. Verificamos que esse “papel” da rádio se apresentou como a ressignificação que cada participante atribuiu à experiência vivenciada, segundo suas **idiossincrasias**, expectativas, motivações, anseios, afinidades e necessidades. São elas:

❖ A rádio como inserção/manutenção/reinserção da pessoa no ramo profissional radiofônico – Nesta primeira categoria se agregaram aqueles que conceberam a rádio Revolução como uma oportunidade para inserção no ramo radiofônico, bem como de manutenção e/ou reinserção (aqueles que estavam afastados da profissão de radialismo). Além disso, serviu como trampolim para novos contatos de estágio e trabalho no ramo; se manter na “ativa”; pois a rádio por ter cunho comunitário e necessitar de apenas uma contribuição simbólica para manutenção das despesas, tornou-se um local acessível para manter os programas;

❖ A afinidade pelo rádio e/ou associação de atividades prediletas ao “fazer” rádio – Nesta categoria se alinharam as narrativas daqueles que se dizem “apaixonados” por rádio desde a infância. Além da paixão pelo rádio em si, nesta categoria estão aqueles que possuem outras paixões como: música, esportes, instrumentos musicais, cantar, o aspecto técnico do rádio, músicos e bandas, entre outros e associam esses hobbies em sua prática radiofônica (por exemplo, que gosta de esporte cria programas esportivos, quem gosta de músicas, programas ao seu gosto musical, que gosta de culinária, programa de receitas, etc.);

❖ A rádio como terapia e/ou reabilitação para a saúde – nesta categoria estão as pessoas que procuraram a rádio para desenvolver algum tipo de terapia ou reabilitação: motora, de fonoaudiologia, pessoas com deficiência visual, que sofreram AVC, enfim, pessoas que buscam desenvolver habilidades (na escrita, na fala, na adaptação à perda da visão, entre outros), para manter-se com uma ocupação, um ofício, desenvolvendo atividades, manter a “higiene mental”, “não ter depressão”;

❖ A rádio para lutar por ideais e utopias – Nesta categoria se agregaram aqueles que acreditam no rádio como um espaço potencial de luta em prol de utopias: como a

democratização da comunicação através da internet, das *webrádios* (no sentido de ter oportunidade para emitir conteúdos); pelo fortalecimento da comunicação comunitária em relação às rádios comerciais e às concessões públicas não concedidas; a luta pelo uso consciente da rádio comunitária alinhado aos interesses coletivos, em detrimento de seu mau uso, pessoas que veem o rádio como meio para sensibilizar a comunidade acerca de estigmas e preconceito contra usuários de saúde mental, pessoas com deficiência, espaço em prol da luta antimanicomial;

❖ A rádio como espaço de processos educativos, mediações e vínculo – Nesta seção estão aqueles que acreditam no rádio enquanto espaço para desenvolver processos educativos, oportunidade para o sujeito ser parte de um grupo, reinserir-se, interagir. Criar vínculos sociais, espaço para expressar sentimentos, contar histórias, cantar, recitar poesias, contar piadas. O rádio enquanto uma “escola” onde um aprende com o outro (entre colegas-professores; entre colegas-colegas), espaços e oportunidade de desenvolvimento de habilidades, o rádio enquanto espaço de alteridade e ampliação do status de cidadania, fazer amigos.

Problematizando os limites e alcances dessa experiência radiofônica, embora a rádio esteja inserida no Instituto Municipal Nise da Silveira e engajada na luta pelo fim do manicômio, de acordo com os depoimentos analisados, muitas pessoas que ali estavam, inclusive programadores (pessoas que mantem programas na rádio), desconheciam o engajamento da rádio em prol da luta antimanicomial. Ademais, embora não tenha sido feita uma pesquisa sobre a percepção da comunidade em relação aos usuários do hospital e ao hospital em si, através das narrativas e observação de campo empreendida, é possível afirmarmos que os estigmas em relação à loucura e ao sujeito em sofrimento mental, permanecem, o que aponta para a necessidade de se explorar melhor a potencialidade do rádio (em seus diferentes formatos e processos) com o objetivo de atingir também este importante tipo de público.

Também é preciso atentarmos para fazer com que as propostas de educação não-formal expressas pelas oficinas radiofônicas como atividade psicossocial, que se colocam discursivamente como atividades horizontalizadas, não se tornem reproduções das práticas verticalizadas e homogeneizantes fundamentadas na comunicação unidirecional, ou como afirma Paulo Freire, calcadas na educação bancária. Entretanto, para tanto, é necessário um estudo mais aprofundado com foco nas observações dos processos educacionais das oficinas de rádio para afirmar ou não se o modo de comunicação forjados nesses espaços são dialógicos, como se propõem em seus discursos.

Outro fator importante a destacarmos, na perspectiva de uma atividade inclusiva, é preciso estarmos atentos e questionarmos o que realmente é ou não é um trabalho inclusivo. O fato de contar com alunos e/ou usuários com alguma “deficiência” não configura necessariamente que aquele trabalho seja inclusivo e esteja levando em consideração as necessidades de quem participa (se participa). No caso das oficinas da revolução, as aulas são adaptadas pelos professores levando-se em conta as necessidades dos alunos (deficientes visuais, pessoas com sofrimento mental, pessoas que tiveram AVC, etc.).

Em nosso estudo, a questão da audiência emergiu de forma preponderante, o que denota que além da importância da comunicação estabelecida ao nível dos sujeitos no estúdio, nas “salas de aula” durante as oficinas, entre usuários e profissionais; há também o sentido de saber que além de poder “falar”, o “estar sendo ouvido” tem relevância, o que revela que ser ouvido é uma forma de reconhecimento, alteridade, que se mostrou importante à essas pessoas.

A análise das narrativas demonstrou que para além de contribuir para o desenvolvimento de habilidades, a Revolução ajudou pessoas a se adaptarem a uma nova forma de sentir, ser e estar no mundo, com foco nas potencialidades de cada um e não em suas restrições, sejam elas físicas, mentais ou motoras.

Cabe ressaltar que, espontaneamente, emergiu entre as narrativas a problematização entre a rádio “pra fora” e “pra dentro”, ou seja, posicionamentos acerca da preferência entre rádio em sua versão hertziana e a atual versão na *web*. Embora haja o reconhecimento que a rádio na *web* rompa barreiras geográficas, projetando-a “para o mundo”, e nesse sentido foi perceptível a ideia de uma “audiência imaginada”, o que foi evidenciado em grande parte das narrativas é o desejo de que a projeção de seus discursos sejam ecoados na própria comunidade, no entorno do hospital.

De fato, de acordo com os ideais e contexto no qual a rádio foi formulada buscava-se o estreitamento de laços com a comunidade, visando transpor a representação da loucura, do medo e para a corresponsabilização da comunidade à causa da luta antimanicomial. Nesse sentido, o rádio foi escolhido como forma de promover esse vínculo de acordo com suas características naquele contexto: o radinho de pilha, o rádio da dona de casa na cozinha ouvindo o “louco” falar, muitas vezes através da sintonização até acidental no *dial*, criando familiaridade... Porém, estando na internet, a audiência é distinta, ou seja, a busca pela rádio tem que ser de forma completamente ativa e pressupõe que o sujeito tenha: computador, acesso à internet e intenção de acessar o site da rádio. Isso tudo, em meio à profusão de

informações e possibilidades ofertados na internet, o que segundo autores, leva a dispersão do internauta, dificultando de forma contundente o acesso à radio *web*.

Ademais, existem outros dois fatores a serem considerados: 1) o perfil do público e seus hábitos, (por exemplo: o público ouvinte do programa da terceira idade acessa a internet? Segundo Margot, o *feedback* da audiência só se evidenciava na época quando a rádio era hertziana, o que não ocorre hoje); e (2) pensando na hipótese que a própria comunidade do bairro acesse a Revolução pela *web*, há que se considerar que o poder aquisitivo das pessoas que residem no bairro varia, mas não é alto, o que se constitui uma outra barreira, a econômica (em termos de acesso a computador e internet).

Dessa forma, de acordo com as narrativas, salvo algumas poucas exceções, o papel da rádio em promover aproximação com a comunidade não estaria sendo cumprido. Porém esta problemática merece uma investigação mais aprofundada.

Em relação aos métodos utilizados na pesquisa, julgamos que atenderam bem aos objetivos. A pesquisa na literatura científica proporcionou uma visão geral acerca das atividades com oficinas midiáticas que tem sido desenvolvidas no âmbito dos serviços de saúde mental no Brasil. Destacamos que o uso da ferramenta “Google alertas” ainda pouco utilizada na academia, mostrou-se de grande potencial para pesquisas acadêmicas que necessitem mapear notícias e temas na *web* em tempo real e no momento de sua disponibilidade na internet.

A observação participante, as entrevistas e a análise das narrativas e depoimentos foram suficientes para apreendermos a percepção, lembranças e sensações que as pessoas detêm sobre a rádio Revolução. Ademais, com a escuta das narrativas e nos momentos das entrevistas percebemos que o próprio entrevistado refletiu sobre sua trajetória, atribuindo a ela, sentidos. Portanto, acreditamos que a contribuição da pesquisa não se limitou somente ao produto (resultados da dissertação), mas, sobretudo no processo de reflexão em si ao oportunizar aos entrevistados a possibilidade de rememorar, narrar e ressignificar a experiência vivenciada.

Através das narrativas e resgates de documentos, matérias e publicações remontamos o histórico da rádio, contudo, como toda construção histórica, é mais uma versão dos fatos e nunca esgota as possibilidades de pontos de vista.

Em relação ao referencial teórico, diante da complexidade e intrincamento interdisciplinar em que se inscreve o caso investigado, poderiam ter sido empregados outras abordagens e fundamentações teóricas, contudo, acreditamos que o que foi utilizado na pesquisa cumpriu a tarefa de embasar as interpretações e análises.

Como desafios, apontamos ainda que permanecem estigmas, a luta pelas concessões públicas às mídias comunitárias, a repressão a essas emissoras e a busca pela plenitude do direito à comunicação.

No projeto inicial de mestrado pretendíamos observar os processos comunicacionais engendrados nas oficinas de rádio da Rádio Revolução, as mediações, os diálogos, silêncios, etc. e assim compreender melhor as interações que ocorrem nestes espaços e descrever as oficinas de forma mais densa, minuciosa. Contudo, devido ao tempo limitado do mestrado e dos trâmites do Comitê de Ética, foi necessário abandonar este objetivo.

De acordo com a experiência vivenciada, surgiu uma reflexão acerca do tempo de pesquisa. Na pesquisa científica o tempo é exíguo, sobretudo no mestrado em que o aluno se vê imerso nas disciplinas obrigatórias, vai forjando o projeto, recortando o objeto de pesquisa em um processo intermitente de construção e desconstrução, abarcando e abandonando conceitos, métodos e teorias possíveis e que podem ou não contribuir para compreender o fenômeno estudado. Entremado a esse mergulho no des/conhecido, ainda é preciso estar atento ao Comitê de ética, participar de congressos, seminários, disciplinas eletivas, trabalhos de final de disciplina, e tantas outras atribuições acadêmicas. Quando finalmente o mestrando está pronto a ir a campo, e então consegue ter contato com a riqueza de lidar com os sujeitos da pesquisa, a experiência empírica, lhe falta tempo.

Outra constatação é que quando o pesquisador vai a campo, naturalmente vai fundamentado em hipóteses, pressupostos e referenciais teóricos que norteiam a pesquisa, geralmente apresentado em seu projeto de qualificação. Contudo, no contato com os resultados que emergem pode surgir a necessidade de buscar outros referenciais para dar conta de explicar/analisar o fenômeno: mas lhe falta tempo. Entretanto, considerando que o mestrado é a construção do pesquisador, onde se adquire capacidade para desenvolver uma pesquisa com autonomia, seguir com rigor um conjunto de normas científicas e assim inserir-se e contribuir em um determinado campo do conhecimento, acreditamos que o presente estudo cumpriu sua missão.

Nesse caso, destacamos a pertinência do estudo exploratório e de um maior período de permanência do pesquisador em campo, para maior detalhamento e compreensão da realidade e dos grupos sociais estudados.

É necessário destacar que não foi feita análise dos conteúdos, temas e assuntos abordados nos programas, na grade de programação, então não podemos e nem nos propomos a afirmar se os programas atendem aos preceitos da radiofonia comunitária, se promovem de

fato, questionamentos de caráter social e político relevantes à realidade social em que se está inserido.

Acreditamos que em virtude dos processos comunicacionais ensejados entre os participantes das oficinas, o vínculo compartilhado, as relações sociais estabelecidas e o ofício de “fazer rádio” (entrevistar, participar de reunião de pauta, falar ao microfone, selecionar conteúdos, etc.) contribuem para que o sujeito protagonize um novo papel na sociedade. Por esses fatores, a produção radiofônica termina por proporcionar efeitos terapêuticos, ainda que este não seja a finalidade principal das oficinas radiofônicas. A nosso ver, não se trata somente de usuários da saúde fazendo terapia psicossocial, e sim sujeitos produzindo arte e cultura através da comunicação.

Ademais, o direito de ser cidadão dos sujeitos (com sofrimento psíquico, deficientes visuais, com outro tipo de deficiência e os sem deficiência) também se relaciona com o direito à comunicação que vai muito além de se ter acesso à informação na vida em sociedade. As oficinas de rádio tem se constituído um lugar de expressão e de afirmação de um sujeito diante de outros sujeitos no qual convergem os princípios da cidadania e da comunicação, possibilitando assim a comunicação entre eles e o enfrentamento dos estigmas e dos preconceitos sociais e culturais por eles vivenciados.

Alguns pesquisadores criticam a expressão "dar vez e voz" as pessoas. Ainda que pareça um mero trocadilho de palavras, clichê, no caso da rádio Revolução e de outras rádios como ela, isso pode ser verificado conforme as narrativas de quem dela fez parte.

Diante da riqueza do que tem sido desenvolvido na rádio Revolução como forma de luta e resistência no âmbito da luta antimanicomial, ter direito a comunicar-se e *locus* de transformação social, admite-se a limitação do presente trabalho que não teria como dar conta (e nem pretendia esgotar) todas possibilidades de pesquisa. Pessoas que poderiam (e deveriam) ter sido entrevistadas; oficinas de rádio que poderiam ser observadas (e assim realizar uma observação etnográfica aprofundada para conhecer a cultura dos grupos que dela participam); assim como estudos de audiência; investigar o papel da rádio na perspectiva do direito à comunicação; verificar quais redes de articulação social são formadas; bem como a utilização de outros referenciais teóricos que pudessem dar mais suporte às análises interpretativas, enfim, são inúmeras as possibilidades de pesquisa.

Não existem paradigmas intransponíveis. São nos níveis das relações sociais e disputas nas arenas discursivas que ocorrem as pequenas mudanças assim como grandes revoluções. O que se busca não é a imposição da lógica antimanicomial e sim o direito de “poder falar”, “ser ouvido”, “ser humano”, “não sofrer violência”, “ser cidadão”, não somente na “letra morta da

lei” e sim em sua consumação prática. O que se busca é a transformação para uma mentalidade calcada no respeito ao outro, pelo diálogo e alteridade.

O próprio nome da rádio reflete a luta de atores sociais (profissionais de saúde, pesquisadores, familiares, militantes, estudantes, etc.) engajados na luta antimanicomial e inclusão social que, em uma sociedade repleta de contradições e assimetria de poder, acreditam na “comunicação”, em suas diversas dimensões, como um caminho para o exercício do direito de expressão, de cidadania e respeito à diversidade.

A Revolução Francesa foi um marco pela construção da noção de cidadania, muito tempo se passou e hoje a rádio Revolução, através da revolução no campo da saúde mental luta para que essa cidadania que no papel já é garantida por direito, seja de fato, exercida na prática, na vida.

Assim, consciente da condição de “inacabamento” própria da experiência vital, conforme afirma Paulo Freire (1996), assumimos o inacabamento da pesquisa, uma vez que a curiosidade e desejo de continuar perguntando e pesquisando permanece.

Impregnada por todas as histórias, emoções e sentimentos percebidos e vivenciados em minha condição de alteridade junto aos entrevistados e de toda trajetória percorrida no mestrado, compartilho um trecho da narrativa do André, que relatou emocionado algo que de certa forma tem muito haver com a questão central da pesquisa, bem como com as reflexões aqui empreendidas:

Pensei assim “acabou o curso”, eu fiquei um tempo me sentindo culpado por não voltar a procurar a rádio, tentar fazer algum trabalho com os professores...então eu me sentia um pouco assim...ingrato. Mas conforme eu fui ganhando espaço através deste estudo com eles, meu curso de reabilitação eu fui amadurecendo profissionalmente, então a rádio ficou lá atrás, mas eu sei exatamente aonde ela se encontra, e aonde se encontram as pessoas, então, eu tenho...como eu falei no começo, eu quero voltar a fazer um contato futuramente e graças a Deus já está perto, pois eu tinha programado para esse ano que vai vir, de 2013, que é o meu projeto de trabalhar com a rádio, também na inclusão e colocar a rádio no meio, então ficou assim, ficou esse sentimento de gratidão, de respeito e vontade de querer voltar lá e dizer “olha aqui o que eu escrevi e o que eu fiz, graças a ajuda de vocês, tô trazendo...e agora gostaria de pedir sua ajuda como profissional, para ver se vocês podem dar uma revisão e ver se o que eu escrevi aqui está certo”, entendeu? (ANDRÉ).

Este trecho da narrativa do André foi extremamente significativo, pois a partir do momento em que ele desenvolveu certa autonomia e amadurecimento profissional, seguiu outros caminhos, sabendo que não há por que se sentir ingrato (por não ter retornado à rádio), pois no fundo ele sabe que as pessoas importantes naquele momento decisivos em sua vida, estarão lá e torcem por ele.

Como foi dito, os serviços substitutivos e atividades psicossociais buscam motivar a emancipação do sujeito e não estabelecer com estes uma relação de dependência. Na medida em que uma pessoa que participa da oficina da rádio segue adiante, trilha novos rumos, projetos e trabalhos isso demonstra a reinserção do sujeito na sociedade.

Por fim, fica o desejo de que esta pesquisa oportunize a visibilidade desta rádio e de tantas outras iniciativas que estão sendo desenvolvidas no país. Esta não é uma pesquisa somente acadêmica e sim um estudo cheio de vida, VIDAS!

## 6 BIBLIOGRAFIA

AMARANTE, P. (org.) *Psiquiatria Social e reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.

AMARANTE, P. *Novos Sujeitos, Novos Direitos: O Debate em Torno da Reforma Psiquiátrica*, Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 11 (3): 491-494, jul/set, 1995a. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v11n3/v11n3a11.pdf> > Acessado em 13 de julho de 2012.

AMARANTE, P (coord.). *Loucos pela vida. A trajetória da Reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995b.

AMARANTE, P. *O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.

AMARANTE, P. *Saúde Mental e Atenção Psicossocial*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

AMARANTE, P, LIMA, R. (Coord.) *Loucos pela diversidade: da diversidade da loucura à identidade da cultura. Relatório final. / Coordenado por Paulo Amarante e Ricardo Lima*. [Rio de Janeiro]: s.n., 2008.

BARBEIRO, H. *Somos milhares*. In: GOMES, A.L.Z. *Na boca do rádio: o radialista e as políticas públicas*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Oboré, 2007.

BONI, V;QUARESMA, S.J. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em < <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976> > Acessado em 18 de junho de 2011.

BORDENAVE, J.E.D. *O que é Participação*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORDENAVE, J. D. *O que é Comunicação?* São Paulo: Ed. Brasiliense. Coleção Primeiros passos; 67. 29ª reimpr da 1 ed. de 1982, 2004.

BORELLI, S.H.S, MIRA, M. C. *Sons, imagens, sensações: radionovelas e telenovelas no Brasil*. Intercom. Rev. Bras. de Com., São Paulo, V. XIX, nº 1, pág 33-57, jan-jun, 1996. <http://200.144.189.84/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/897/800>

BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Tradução de Mateus Soares. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

BUCCI, E. In: *Relatório Repórteres sem fronteiras. O País dos Trinta Berlusconi*, jan 2013.

CABELLO, A.R.G. *A expressão verbal na linguagem radiofônica*. In: *Rádio no Brasil: Tendências e Perspectivas*.Org. Nélia Del Bianco e Sonia Virginia Moreira. Riode Janeiro EdUERJ; Brasília, DF: UnB, 1999.

CABRAL FILHO, A.V; CABRAL, E.D.T. *A digitalização como repressão tecnológica: o impasse das rádios comunitárias*. In: *O novo rádio: canários da radiodifusão na era digital*.

Org Dino Magnoni e Juliano Mauricio de Carvalho –São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

CALABRE, L. RÁDIO E IMAGINAÇÃO: NO TEMPO DA RADIONOVELA. Trabalho apresentado no Núcleo de Mídia Sonora, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

CALICCHIO, R. R. Vinte anos de luta antimanicomial no Brasil – arte e comunicação como estratégia de participação e transformação social no contexto da reforma psiquiátrica. *ECO-PÓS-* v.10, n.1, janeiro-julho 2007, pp.13-21. Disponível em: <<http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/article/view/63/42>> Acessado em 15 de julho de 2011.

CANGUILHEM, G. O Normal e o Patológico. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CARMO-ROLDÃO, I. C. MOREIRA, R. Maluco Beleza: a experiência de um programa de rádio produzido por usuários da saúde mental. In: *XXVII Congresso Brasileiro em Ciência da Comunicação – PUCRS. IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Porto Alegre-RS, 2004.

CARVALHO, J.O.F. Soluções tecnológicas para viabilizar o acesso do deficiente visual à Educação à distância no Ensino Superior. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2001.

DAEMON, F. O jornalismo intramuros: rotinas produtivas e relações de poder na imprensa carcerária. Biblioteca On line da Ciência da Comunicação (BOCC). Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-daemon-jornalismo.pdf>>

DELIBERADOR, L.M.Y; LOPES, M.F. A comunicação comunitária na contramão da cidadania: o caso da Rádio São Francisco FM. Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2009.

DEMO, Pedro. Participação é conquista. São Paulo: Cortez, 1988.

DIAS, P.B. Arte, Loucura e Ciência no Brasil: as origens do Museu de Imagens do Inconsciente. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, 2003.

DIAZ, F.S. Os movimentos sociais na reforma psiquiátrica: o “novo” na história da psiquiatria do Brasil. Tese de doutorado. Rio de Janeiro : FIOCRUZ, 2008.

DORNELLES, J. ANTROPOLOGIA E INTERNET: QUANDO O “CAMPO” É A CIDADE E O COMPUTADOR É A “REDE”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 241-271, jan./jun. 2004.

DOWNING, J. D. H. Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: SENAC, 2002.

FACHINI, F. CARMO-ROLDÃO, I. C. Maluco Beleza: No ar, um exercício de cidadania. *Anais do XIII Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas*, 2008.

FERRARETO, L. A. Rádio: O veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FERRARETO, L.A. O rádio e as formas do seu uso no início do século XXI: uma abordagem histórica. In: O novo rádio: canários da radiodifusão na era digital. Org Dino Magnoni e Juliano Mauricio de Carvalho –São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

FIGUEIREDO-MODESTO, C. Rádio para quem? Dos ideais educativos de Roquette-Pinto às mãos dos políticos brasileiros: quase 90 anos de história. Trabalho apresentado ao Intercom, na Divisão Temática de Comunicação Audiovisual, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2009. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0974-1.pdf> acessado em 19 de janeiro de 2012.

FONTES, M.P.Z. Imagens da Arquitetura da Saúde Mental: Um Estudo sobre a Requalificação dos Espaços da Casa do Sol, Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2003.

FORTUNA, D. B. S.; OLIVEIRA, V. C. Identificação Preliminar das Oficinas Midiáticas Utilizadas como Terapia Psicossocial nos Serviços de Saúde Mental no Brasil. Comunicação Oral. In: *Congresso Informação e Saúde Mental da Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental. Algarve – Portugal*, 2011. Recuperado em 11 janeiro, 2012, de <http://www.spesm.org/images/e-bookiii.pdf>.

FORTUNA, D. B. S.; OLIVEIRA, V. C. Mapeamento das práticas comunicacionais radiofônicas como terapia psicossocial nos serviços de saúde mental no Brasil. XI Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación (ALAIC). Comunicação oral. Montevideo – Uruguay, maio de 2012.

FOUCAULT, M. O nascimento do hospital. In: *Microfísica do poder*. (R. Machado, org). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: \_\_\_\_\_. *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.203-222, 2003.

FRANCISCO, D. J. Inclusão digital: reflexões em saúde mental. *Revista Educação a Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais - Edapeci*. Nº1 – agosto de 2009. Disponível Em: < <http://www.edapeci-ufs.net/revista/ojs-2.2.3/index.php/edapeci>> Acessado em 28 de julho de 2011.

FRANCO, E. S. Aforismos do Ciberpajé. Org Danielle Barros Silva Fortuna. Editora Marca de Fantasia (UFRN): João Pessoa, 2013 (No Prelo).

FREIRE, P. Comunicação ou extensão? Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREITAS, F. *Documentário e Loucura: Outras Linguagens, Outros Olhares*. Lecotec. I Simpósio do Laboratório de Estudos em Comunicação, Tecnologia e Educação Cidadã. *Anais do I Simpósio de Comunicação e Tecnologias Interativas*, 2008. Disponível em: <<http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/simposio/anais.html>> Acessado em 17 de agosto de 2011.

FREITAS, R. *A periferia da periferia: mídias alternativas em ambientes não metropolitanos*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos, 2007.

GADELHA, M.J.O, PAIVA, C.C. *A representação da doença mental no cinema. Um estudo de mídia, comunicação e saúde mental. O caso do Bicho de Sete Cabeça*. Universidade Federal da Paraíba. BOCC –Biblioteca on line da Ciência da Comunicação, 2011. Disponível em:< <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gadelha-julieta-paiva-claudio-representacao-doenca-mental.pdf>> Acessado em: 26 de julho de 2011.

GIL. A.C. *Estudo de caso*. São Paulo: Atlas, 2009.

GOMES, A. L. Z. *Na boca do rádio: o radialista e as políticas públicas*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Oboré, 2007.

GOMES, E. *Exclusão digital: um problema tecnológico ou social?* Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade - ano 2 - nº especial - dezembro 2002. Disponível em: [http://www.radio.faced.ufba.br/twiki/pub/GEC/RefID/Elisabeth\\_Gomes\\_ED.pdf](http://www.radio.faced.ufba.br/twiki/pub/GEC/RefID/Elisabeth_Gomes_ED.pdf)

GONÇALVES, E. M.; AZEVEDO, A. B. *O Rádio na escola como instrumento de cidadania: uma análise do sicruso da criança envolvida no processo*. Revista acadêmica do grupo comunicacional de São Bernardo. Ano 1, n 2 (jul/dez), 2004.

GORCZEVSKI, D.; PALOMBINI, A. L. STREPPPEL, F. F. *Entre improvisos e imprevistos: os modos de comunicar Potência Mental*. In: *XV Encontro Nacional da ABRAPSO*, 2009. Recuperado em 27 julho, 2011, de [http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/234.%20entre%20i%20improvisos%20e%20imprevistos.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/234.%20entre%20i%20improvisos%20e%20imprevistos.pdf).

GUERRINI JR, I. *LOUCOS POR DIÁLOGO: um estudo comparativo de programas de rádio produzidos por pessoas com transtornos mentais no Estado de São Paulo*, Faculdade Cásper Líbero, Doutorado em Ciências da Comunicação (USP), 2009.

HALBWACHS, Maurice, *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HAUSMAN, C., MESSERE, F., O'DONNELL, L., BENOIT, P. *Rádio: Produção, Programação e Performance*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

HAYNE, T. *Rádio de hospital psiquiátrico é o grito que cura pacientes*. Oficina 1 – Jornal Mural. Ano 1. número 2 , 3o. Semestre de Jornalismo – Junho de 2004. Informativo das disciplinas Oficina 1 e Planejamento Gráfico, do curso de Jornalismo da Faculdade Social da

Bahia, 2004. Disponível em: < [http://labweb.fsba.edu.br/Upload/PDF/oficina1\\_20041.pdf](http://labweb.fsba.edu.br/Upload/PDF/oficina1_20041.pdf)>  
Acessado em 28 de julho de 2011.

INSTITUTO MUNICIPAL NISE DA SILVEIRA 100ANOS. O Centenário (1911-2011). Blog institucional comemorativo do centenário do Instituto Municipal Nise da Silveira, Publicado em maio de 2011. Disponível em: <http://institutonisedasilveira100anos.blogspot.com.br/2011/05/o-centenario-1911-2011.html>

INTERVOZES. Entrada. Direito humano à comunicação, 2013. Disponível em: [http://www.intervozes.org.br/copy\\_of\\_destaque-4/](http://www.intervozes.org.br/copy_of_destaque-4/)

KANTORSKY, L. P.; SOUZA, J.; WILLRICH, J. Q.; MIELKE, F. B. O Cuidado Em Saúde Mental: Um Olhar A Partir De Documentos E Da Observação Participante. R Enferm UERJ, Rio de Janeiro, jul/set; 14(3):366-71, 2006. Disponível em : <<http://www.facenf.uerj.br/v14n3/v14n3a06.pdf>>

LEVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, V. A. Revisitando as sete teses sobre mídia e política no Brasil. Publicado na Revista Comunicação e Sociedade, 2009. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/853/1106>. Acesso em 16 de fevereiro de 2012.

LOPES, C. S.; COUTINHO, E. S. F. Transtornos mentais como fatores de risco para o desenvolvimento de abuso/dependência de cocaína: estudo caso-controle. Rev. Saúde Pública, 33 (5), 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v33n5/0633.pdf> Acessado em 30 de maio de 2012.

MARCOLINO, E. M. Comunicação E Loucura: A Representatividade Da Lei Antimanicomial Nos Jornais O Estado De São Paulo E A Tribuna. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Núcleo de Comunicação Científica e Ambiental. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/4833/1/NP9MARCOLINO.pdf>

MARTINS, N.P.M. *Webradio: Novos Gêneros, Novas Formas De Interação*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

MEDITSCH, E. *O ensino do radiojornalismo em tempos de internet*. Artigo apresentado no XXIV Congresso da INTERCOM – Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Campo Grande/MS: 2001.

MELLO, V. P. Papo-cabeça, a experiência de uma oficina de rádio para usuários de serviços de saúde mental. Anais do 24. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande/MS, 2001. Disponível em < <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/4961/1/NP13MELLO.pdf>>  
Acessado em: 19 de julho de 2011.

MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12 ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

MOREIRA, I.C. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. *Inclusão Social*, Vol. 1, No 2 (2006). Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/view/29/50>> Acessado em: 2 de outubro de 2012.

MOREIRA, R. A comunicação como reinserção social para usuários da saúde mental: um olhar sobre a TV Pínel e o Programa Maluco Beleza. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1486-1.pdf>> Acessado em 20 de junho de 2010.

OLIVEIRA, P. F.; MELO JR., W. O entrelaçamento da arte com a saúde mental na região Sudeste. In: *XV ENABRAPSO*. Recuperado em 02 novembro, 2011, de [http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/278.arte%20e%20saude%20mental.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/278.arte%20e%20saude%20mental.pdf).

OLIVEIRA, V.C. Mídia, Controle Público E Cidadania. In: *Caderno de Mídia e Saúde Pública Comunicação e Saúde pela paz*. Escola de Saúde Pública de Minas Gerais. Org Adriana Santos, Belo Horizonte: ESP- MG, 2007.

OLIVEIRA, V.C. A reconfiguração do espaço público nas ondas das rádios comunitárias. São Paulo: ... 2008.

OLIVEIRA, V. C A comunicação midiática e o Sistema Único de Saúde. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v.4 , n.7, p.71-80, 2000.

OLIVEIRA, V. C. Condições e contradições da utopia radiofônica comunitária In: *O Rádio entre as montanhas: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira*. Nair Prata (org.)- Belo Horizonte: Fundac, 2010.

ORTRIWANO, G. S. A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PALOMBINI, A. L.; CABRAL, K. V. BELLOC, M. M. Dispositivos Clínicos em Saúde Mental: a clínica na cidade entre o acontecimento e a permanência - Do AT à radiodifusão como estratégia de ocupação da cidade. In: *III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental*. Niterói-RJ, 2008.

PERUZZO, C. M. K. Direito À Comunicação Comunitária, Participação Popular E Cidadania. In: OLIVEIRA, Maria José da Costa (Org.). *Comunicação pública*. Campinas: Alínea, p.49-79, 2004. Também disponível em: [http://www.portalgens.com.br/comcom/direito\\_a\\_comcom.pdf](http://www.portalgens.com.br/comcom/direito_a_comcom.pdf).

PERUZZO, C. M. K. Rádios comunitárias: entre controvérsias, legalidade e repressão. Seminário Mapa da Mídia Cidadã realizado na Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, de 28 de novembro a 1º de dezembro de 2005. Disponível em:<[http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/radio\\_comunitaria\\_controversias\\_legislacao\\_e\\_repressao.pdf](http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/radio_comunitaria_controversias_legislacao_e_repressao.pdf)>

PERUZZO, C.M.K. Comunicação Comunitária E Educação Para A Cidadania.\_PCLA - Volume 4 - número 1:outubro / novembro / dezembro, 2002. Disponível em:<  
<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/artigos%2013-3.htm>>

PERUZZO, C.M.K. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF, Vol.1 • nº1 • Junho 2007a.

PERUZZO, C.M.K. Participação nas Rádios Comunitárias no Brasil. Paper apresentado no GT Cultura e Comunicação Popular, XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife-PE, 9 a 14 de setembro de 1998.

PERUZZO, C.M.K. Rádio Comunitária na Internet: empoderamento social das tecnologias. *Revista Famecos*. Porto Alegre: PUCRS, v.30, p.115-125, 2006.

PERUZZO, C.M.K. Rádio Comunitária, Educomunicação E Desenvolvimento Local. *O retorno da comunidade: os novos caminhos do social*, organizado por Raquel Paiva. Rio de Janeiro, Editora Mauad, 2007b.

PIOVESAN, A.P. Rádio e Educação: uma interação prazerosa. In: BARBOSA FILHO, A. BENETON, R. PIOVESAN, A.P (org.). *Rádio Sintonia do future*. São Paulo: Paulinas, 2004.

QUINTAS, R.M. A ação territorial do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) enquanto indicativo de sua natureza substitutiva. Dissertação de Mestrado Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Rio de Janeiro: s.n., 2007.

RÁDIO REVOLUÇÃO. Disponível em <http://www.radiorevolucao.fm.com.br/> acessado em 10 de março de 2012.

RÁDIO SOCIEDADE. Fundação Oswaldo Cruz. Memória da Rádio Sociedade. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=12&sid=2>>, Acessado em 23 de abril de 2012.

REIS, M.J.E. Experiências leitoras de professores universitários e o processo de constituição do leitor. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA, 2010.

RELATÓRIO REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS, O País dos Trinta Berlusconi, jan 2013.

RIBEIRO, J.M. A Agência Nacional De Saúde Suplementar E As Políticas De Saúde Mental Direcionadas Para Portadores De Enfermidades Mentais Severas. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em:  
[http://www.ans.gov.br/portal/upload/biblioteca/TT\\_AS\\_09\\_JMendes\\_SaudeMental.pdf](http://www.ans.gov.br/portal/upload/biblioteca/TT_AS_09_JMendes_SaudeMental.pdf)  
Acessado em: 14 de julho de 2011.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Trad. Alain François (et al.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, A. P. Homenagem ao radialista brasileiro – 1. Instituto Caros Ouvintes de Estudos de Mídia, 2009. Disponível em:<http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=14023>

RODRIGUES, A.P. Pequena história do rádio e da televisão – 1. Instituto Caros Ouvintes de Estudos de Mídia, 2012. Disponível em: <  
<http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=28981#more-28981>>

ROMANGNOLLI, M. Rádio Centrinho – uma proposta de implantação de rádio interna como ferramenta de comunicação no âmbito de um hospital público. InRevista. ano 3, nº 5, 1Ed, 2008. Disponível em: <  
<http://www.unaerp.br/comunicacao/inrevista/edicoes/edicao05/marisa.pdf>> Acessado em: 28 de julho de 2011.

SANDER, J. A. caixa de ferramentas de Michel Foucault, a reforma psiquiátrica e os desafios contemporâneos. *Psicologia & Sociedade*, 22(2), 382-387, 2010.

SANTOS, A.C.A. FONTES ORAIS: TESTEMUNHOS, TRAJETÓRIAS DE VIDA E HISTÓRIA. . Departamento de História Universidade Federal do Pará. Revista Via Atlântica, n. 4, p. 1-10, 2000.

SARTORI, Ademilde Silveira. SOARES, Maria Salete Prado. Concepção dialógica e as NTICs: A Educomunicação e os ecossistemas comunicativos. V Colóquio Internacional Paulo Freire - Recife, 2005.

SILVA, M.M.R.G. Condições e contradições por direitos sociais e inclusão: uma análise sobre as movimentações e mediações de pessoas com deficiência em conferências de saúde–Dissertação (mestrado) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde. Rio de Janeiro, 2012.

SOARES, C.; COSTA, T.; MEIRELES, N. A Web Rádio na Era da Inclusão Digital: Uma Reflexão Sobre o Meio Web Rádio e Sua Dimensão Pedagógica. Trabalho apresentado na Divisão Temática 5 – Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010. Disponível em:  
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1273-1.pdf> . Acessado em 23 de março de 2011.

SODRÉ, M. As estratégias sensíveis: Afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SORJ, B, GUEDES, L.E. Exclusão digital: Problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. NOVOS ESTUDOS, n 103, Julh. 2005. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/nec/n72/a06n72.pdf>

SOUSA, S. S. G. Ondas paranóicas: a loucura está no ar! *Revista IMES*. V(10), 44-51, 2005.

SPENILLO, G. Direitos À Comunicação: Mobilização Social E Marcos Regulatórios Na Luta Pelos Direitos De Cidadania. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, Agosto, 2011. Disponível em:  
[http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1306847126\\_ARQUIVO\\_artigo\\_Giuseppa\\_Spenillo\\_conlab.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1306847126_ARQUIVO_artigo_Giuseppa_Spenillo_conlab.pdf)

STREPPPEL, F. F. Potência Mental no ar...Exercícios de esquizo-radiofonia. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de pós-graduação em psicologia social e institucional. Porto Alegre, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Notícias da UFSM. Rádio Universidade apresenta “De Perto Ninguém é Normal”. 18 DE ABRIL DE 2005. Disponível em: <<http://sucuri.cpd.ufsm.br/noticias/noticia.php?id=7186&busca=1>> Acessado em 28 de julho de 2011.

VALLADARES, A. C. A.; LAPPANN-BOTTI, N. C.; MELLO, R.; KANTORSKI, L. P.; SCATENA, M. C. M. Reabilitação psicossocial através das oficinas terapêuticas e/ou cooperativas sociais. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 5 n. 1 p. 04 – 09, 2003. Disponível em <http://www.fen.ufg.br/Revista>

VOLPATO, M.O. Rádio Comunitária e Educomunicação Ambiental: pistas teórico-conceituais. Biblioteca On Line da Ciência da Comunicação, 2013. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/volpato-marcelo-radio-comunitaria-educomunicacao-ambiental.pdf>

YASUI, S. Rupturas e encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica Brasileira.(Coleção Loucura & Civilização) Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

# **ANEXOS**

## ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Resolução nº 196/96 – Conselho Nacional de Saúde

Sr(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar de forma voluntária da pesquisa intitulada: *O papel do rádio no campo da saúde no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira: Estudo de caso da Webradio Revolução FM*, que tem como **objetivos**: compreender o papel do rádio no campo da saúde no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira, a partir do mapeamento oficinas de rádio no campo da saúde mental realizadas no Brasil e do estudo de caso da Rádio Revolução FM. Pretendemos investigar e descrever qual a percepção que os participantes detêm sobre a oficina que participam a partir de depoimentos dos professores e participantes da oficina.

Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa, utilizando como método a coleta de depoimentos de pessoas que participaram de alguma oficina da Rádio Revolução FM.

Suas respostas serão tratadas de forma **anônima** e **confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído por nomes fictícios. Os **dados coletados** serão utilizados apenas **NESTA** pesquisa e os resultados divulgados em eventos, congressos e/ou revistas científicas.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.

Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas e/ou fornecer um relato/depoimento, a serem realizadas sob a forma de conversa informal e descontraída, que será gravada em vídeo para posterior transcrição – que será guardado por cinco (05) anos e incinerada após esse período.

Sr(a) não terá nenhum **custo ou quaisquer compensações financeiras**. Não haverá **riscos** de qualquer natureza relacionada a sua participação. O **benefício** relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área das Ciências da Comunicação e Saúde.

Sr(a) receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/e-mail do pesquisador responsável, e demais membros da equipe, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!

Pesquisador DANIELLE BARROS SILVA FORTUNA

Telefones: (21) 8660-3530 (celular) / (21) 2617-9089 (residencial)

e-mail: [danbiologa@gmail.com](mailto:danbiologa@gmail.com)

Mestranda do Programa de Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS) do Instituto de Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICT), da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Voluntário da Pesquisa (Nome e Assinatura):

---

**MAIS INFORMAÇÕES:** Comitê de Ética em Pesquisa da EPSJV/Fiocruz – Avenida Brasil, 4365 – Manguinhos – EPSJV, sala 316 / Tel.: (21) 3865-9710 – email: [cep@epsjv.fiocruz.br](mailto:cep@epsjv.fiocruz.br).

## ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Resolução nº 196/96 – Conselho Nacional de Saúde

Sr(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar de forma voluntária da pesquisa intitulada: ***O papel do rádio no campo da saúde no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira: Estudo de caso da Webradio Revolução FM***, que tem como **objetivos**: compreender o papel do rádio no campo da saúde no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira, a partir do mapeamento oficinas de rádio no campo da saúde mental realizadas no Brasil e do estudo de caso da Rádio Revolução FM. Pretendemos investigar e descrever qual a percepção que os participantes detêm sobre a oficina que participaram a partir de depoimentos dos professores e participantes da oficina. Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa, utilizando como método a coleta de depoimentos de pessoas que participaram de alguma oficina da Rádio Revolução FM.

Suas respostas serão tratadas de forma **anônima e confidencial**, entretanto, por se tratar de um (a) voluntário (a) que possui estreita relação de vínculo com a história da rádio, **ESCLARECEMOS e DESTACAMOS** que **há possibilidade de quebra de sigilo (divulgação da sua identidade)**. Os dados coletados serão utilizados apenas **NESTA** pesquisa e os resultados divulgados em eventos, congressos e/ou revistas científicas.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha. No caso de voluntários com deficiência visual, este termo será lido com uma testemunha e filmado com o consentimento ou recusa do participante, além da assinatura do mesmo neste termo, no caso de aceite.

Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas e/ou fornecer um relato/depoimento, a serem realizadas sob a forma de conversa informal e descontraída, que será gravada em vídeo para posterior transcrição – que será guardado por cinco (05) anos e incinerada após esse período. Sr(a) não terá nenhum **custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos** de qualquer natureza relacionada a sua participação. O **benefício** relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área das Ciências da Comunicação e Saúde. Sr(a) receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/e-mail do pesquisador responsável, e demais membros da equipe, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!

Pesquisador DANIELLE BARROS SILVA FORTUNA

Mestranda do Programa de Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS) do Instituto de Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT), da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).

Endereço: Rua Oscar Rossine, 90, Maria Paula, São Gonçalo, RJ

Telefones: (21) 8660-3530 (celular) / (21) 2617-9089 (residencial)

e-mail: [danbiologa@gmail.com](mailto:danbiologa@gmail.com)

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Voluntário da Pesquisa (Nome e Assinatura):

---

**MAIS INFORMAÇÕES:** Comitê de Ética em Pesquisa da EPSJV/Fiocruz – Avenida Brasil, 4365 – Manguinhos – EPSJV, sala 316 / Tel.: (21) 3865-9710 – email: [cep@epsjv.fiocruz.br](mailto:cep@epsjv.fiocruz.br). Gestão Acadêmica do ICICT - Av. Brasil 4036 – Manguinhos – RJ – CEP: 21040-361 – Tel: (21) 3882-9033/9063 Fax: (21) 3882-9199.

## ANEXO 3

Curso de locução da Rádio Revolução

### Programa do curso

Faixa etária: a partir de 14 anos

História do rádio no Brasil e seu papel político-social desde sua fundação aos dias de hoje.

O rádio contemporâneo

A linguagem do rádio

Gêneros radiofônicos

Os formatos e conteúdos dos programas

Exercício de leitura de textos comerciais, noticiosos, esportivos e culturais

Organização e elaboração dos roteiros dos programas radiofônicos

Os papéis do produtor

A necessidade de leitura para ampliação do vocabulário

As técnicas de respiração, colocação da voz, ritmo e interpretação

Os diversos tipos e estilos de locução

Especificidade da linguagem radiofônica: síntese, objetividade, e clareza expressiva

Expressão da criatividade na comunicação

Relacionamento interpessoal

Produção de programas simulados (musicais, esportivos e jornalísticos)

Neurolinguística aplicada em teste vocacional

Exercícios fonoarticulatórios

Técnicas de improvisação

Linguagem oral, corporal e escrita

Técnicas de entrevistas e repostagens

Filosofia das emissoras de rádio AM e FM no Rio de Janeiro

Atuação e locução no microfone ao vivo em emissora de rádio

Intensidade, velocidade, ritmo na fala, dicção e timbre

**Aula Prática:** Exercícios, treinamento em estúdio de emissoras de rádio, entrevistas, gravações e reportagens ao vivo, oficina de radioteatro, visita às emissoras de rádio. A aula prática que acontece no estúdio da rádio Revolução ocorre aos sábados durante o programa “Encontro Marcado”.

**Projeto visitas:** dentro da proposta metodológica consta visitas a instituições de comunicação radiofônica, contando com a valiosa contribuição de dirigentes das rádios: Nacional, Rádio MEC AM e FM, Sistema Globo de rádio, Rádio Roquette-pInto, Tupi, entre outras.

### Recursos necessários

Recursos humanos: professores, técnico operador de rádio, técnico em edição de áudio

Recursos de equipamentos: aparelho de som para CD e rádio AM e FM, aparelho de DVD, televisão, projetor e tela para projeção, 2 microfones, estúdio de rádio equipado, gravador.

Recursos impressos: apostilas

Carga horária mensal e número de encontros semanais: um encontro semanal com totalidade de 4h, são apresentadas duas disciplinas em cada encontro com tempo de 2 horas cada uma.

**Público alvo:** o curso é aberto ao público em geral, pessoas de universos sociocultural diferentes, pessoas com alguma deficiência, transtorno mental, a intenção é misturar as pessoas e a comunidade.

**Avaliação:** Desempenho nas aulas práticas; participação; frequência; interesse; criatividade; desempenho individual e coletivo em estúdio e externas; vocação. Roteiros; leitura; dicção; segurança.

**FIGURA 1** Fotos de diferentes edições dos cursos/oficinas da rádio Revolução (realizadas de 2009 a 2012).



FIGURA 2 Localização do Instituto Municipal Nise da Silveira, RJ.

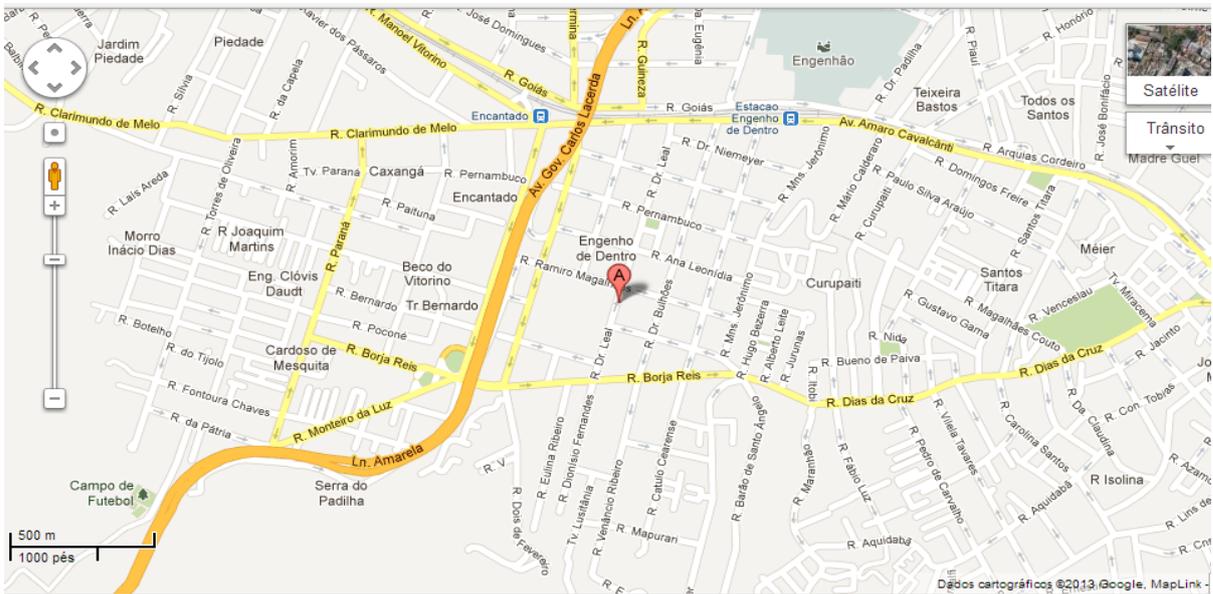


FIGURA 3 Imagem da página inicial do site da rádio Revolução

Seja bem vindo à nossa Rádio Web.

Ouvir agora   
Rádio Revolução Web

**FM**  
A rádio que é louca por você!

Fotos do 17º Aniversário da Rádio que é louca por você!

Home | História | Comunicadores | Galeria de Fotos | Contato

**:: A Rádio**

Fundada em 1995 a Rádio que é louca por você renova seu compromisso com a Luta Antimanicomial e também com a terapia alternativa e ocupacional dos pacientes dos CAPS exibindo e capacitando semanalmente em seus programas institucionais.

Nos 101 anos da Doutora Guerriera Nise da Silveira a reverenciamos como **maior nome da Psiquiatria Nacional e uma referência no mundo.**

[Conheça nossos comunicadores >](#)

**PROGRAMAÇÃO**

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
A Música em minha Vida			MSM			
Balada do Louco			Músicas Inesquecíveis			
Balburdia			Noite Guerreira			

Escolha pelo da da semana ou pelo nome do programa.



**FIGURA 4** Imagem da página do site da rádio Revolução na seção “histórico”

le | radutor | Google | BB | Twitter | Gmail | Facebook | UOL | UOL Mail | Uneb Mail | UNEB

1 online

**REVOLUÇÃO FM**  
A rádio que é louca por você!

Home | História | Comunicadores | Galeria de Fotos | Contato

**:: História**

[Histórico](#) | [Objetivos Gerais](#) | [Metodologia](#) | [Resultados Qualitativos](#)

**HISTÓRICO**

A Radio Revolução foi um trabalho pioneiro desenvolvido no Centro Comunitário, Pedro II Unidade do Instituto Municipal Nise da Silveira, complexo hospitalar da Secretaria Municipal de Saúde. Este Projeto foi criado e elaborado pelo Dr. Annibal Coelho Amorim e a Jornalista Tais Ladeira.

A principal finalidade desta Rádio era e é atuar a favor da inclusão social, facilitando ressocialização de usuários na área de saúde mental. O slogan da emissora continua sendo "A Rádio Que é Louca Por Você" e, com uma foto de Che-Guevara nos estúdios, lembra que a Revolução retratada busca evidenciar os ideais de seus criadores, que era um Revolução na saúde mental de acordo com investimento da Dra Nise da Silveira.

A Radio foi inaugurada em 1995 funcionando no circuito interno do Instituto Municipal Nise da Silveira, Centro Comunitário Pedro II. Cumpriu papel de relevância no cenário da gestão pública municipal por representar experiência pioneira de interface temática das áreas de saúde mental e comunicação, atendendo aos preceitos

**FIGURA 5** Imagem da página do site da rádio Revolução na seção “objetivos gerais”

1 online

**REVOLUÇÃO FM**  
A rádio que é louca por você!

Home | História | Comunicadores | Galeria de Fotos | Contato

**:: História**

[Histórico](#) | [Objetivos Gerais](#) | [Metodologia](#) | [Resultados Qualitativos](#)

**OBJETIVOS GERAIS**

- Atender aos preceitos da Reforma Psiquiátrica;
- Estimulo as trocas de experiência da Comunidade Interna e da Comunidade Externa que faz parte de segmentos da sociedade civil;
- Organizada, visando a participação da população assistida na vida comunitária;
- Facilitação a médio e longo prazo do processo de desconstrução de mitos sobre a doença mental, difundindo socialmente e responsáveis pela discriminação social;
- Promover efetivamente a participação dos usuários (internos e externos) além de abrir as comunidades uma programação variada;
- Promover otimização do Serviço Público à partir do estabelecimento de redes de suportes sociais, com o chamado Terceiro Setor;
- Estabelecer parcerias com órgãos públicos e privados para dinamizar a grade de programação.

FIGURA 6 Imagem da página do site da rádio Revolução na seção “metodologia”



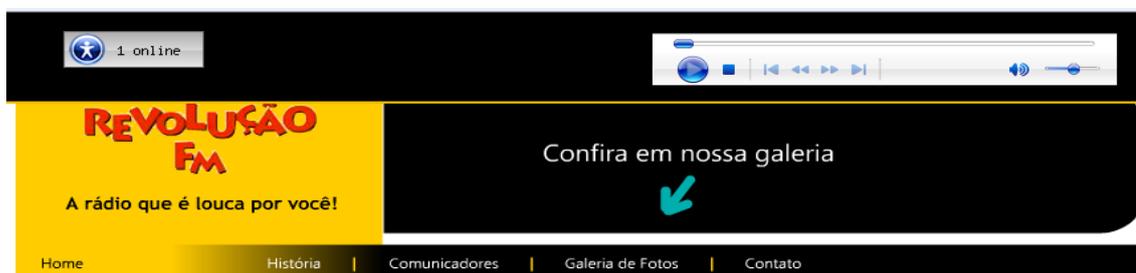
## :: História

[Histórico](#)   [Objetivos Gerais](#)   [Metodologia](#)   [Resultados Qualitativos](#)

### METODOLOGIA

- Cursos de Capacitação gratuitos de locução e operador de áudio como foco catalisador do processo de gestão da Rádio;
- Realização de seminários abertos no qual podem se inscrever clientes, pessoas da comunidade e usuários de todos os projetos do Centro Comunitário, educação continuada através da realização de seminários de atualização mensais.

FIGURA 7 Imagem da página do site da rádio Revolução na seção “resultados”



## :: História

[Histórico](#)   [Objetivos Gerais](#)   [Metodologia](#)   [Resultados Qualitativos](#)

### RESULTADOS QUALITATIVOS DO TRABALHO

Após 13 anos de trabalho completados em 18 de maio de 2008 é possível afirmar que Centro Comunitário e Radio Revolução constitui efetiva ponte entre a Instituição e a sociedade, estabelecendo canal de comunicação através do qual os usuários de saúde mental e a comunidade externa alcançaram regime de troca de experiências, rompendo com marcos da exclusão social.

A Radio Revolução foi à única emissora brasileira premiada pela UNESCO em 1999 no Concurso Construtores da Cidadania.

Em 25 de maio também de 1999 recebeu a Moção de Apoio da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

Participa ativamente do Projeto Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana desde a fundação. Transmitiu ao vivo do Centro Cultural Banco do Brasil em 2005, da exibição do Projeto Mostra Arte, Diversidade e Inclusão Sócio Cultural.

FIGURA 8 Imagem da página do site da rádio Revolução na seção “galeria de fotos”

1 online

**REVOLUÇÃO FM**  
A rádio que é louca por você!

Fotos do 17º Aniversário da Rádio que é louca por você!

Home | História | Comunicadores | Galeria de Fotos | Contato

**:: Galeria de Fotos**

As nossas fotos são divididas por álbum. Clique no álbum que desejar para ver as fotos.

**ÁLBUM 1 CARNAVAL 2013!**  
[< VER FOTOS >](#)

**ÁLBUM 2 CARNAVAL 2013!**  
[< VER FOTOS >](#)

**ÁLBUM 3 CARNAVAL 2013!**  
[< VER FOTOS >](#)

**ÁLBUM 4 CARNAVAL 2013!**  
[< VER FOTOS >](#)

**ÁLBUM 5 CARNAVAL 2013!**  
[< VER FOTOS >](#)

**ÁLBUM 6 CARNAVAL 2013!**  
[< VER FOTOS >](#)

**ÁLBUM 7 CARNAVAL 2013!**  
[< VER FOTOS >](#)

ÁLBUM 2011 (Diversas)  
[< VER FOTOS >](#)

FOLIA COM CRISTO  
[< VER FOTOS >](#)

LOUCURA SUBURBANA  
[< VER FOTOS >](#)

FIGURA 9 Imagem da página do site da rádio Revolução na seção “contato”

1 online

**REVOLUÇÃO FM**  
A rádio que é louca por você!

Fotos do 17º Aniversário da Rádio que é louca por você!

Home | História | Comunicadores | Galeria de Fotos | Contato

**:: Contato**

Rua Dr. Leal 706, 2º andar - Eng. de Dentro - Rio de Janeiro, RJ - Brasil - CEP: 20730-460

Tels.: (21) 3111-7390 ou 2289-7823 -- E-mail: [contato@radiorevolucao.fm.br](mailto:contato@radiorevolucao.fm.br)

**Envie-nos seu comentário ou sugestão:**

\*Nome:

\*E-mail:

\*Cidade:  UF

Mensagem:

FIGURA 10 Capa e contra capa do CD Concurso spots Unesco



FIGURA 11 Reportagem na Revista “Isto É” em 22/03/2000 página 1



# LIÇÃO DE HUMAN

Hospital psiquiátrico onde trabalhou Nise da Silveira investe em atendimen

CELINA CÔRTEZ

**Q**uando era adolescente, Rafael começou a ouvir vozes. Ao mesmo tempo, desenvolveu uma insuportável mania de perseguição. Passou a ter crises. Aos 16 anos, entrou pela primeira vez num hospício. Ao todo, foram mais de 50 internações. Levou muitos eletrochoques até parar no Es-

paço Aberto ao Tempo (EAT), no Hospital Psiquiátrico Pedro II, na zona norte do Rio. Hoje, aos 42 anos, Rafael passa o dia no hospital e dorme em sua casa, em Quintino, onde vive com a mulher. Começou a pintar e se revelou um talentoso artista, que já expôs no Museu Nacional de Belas Artes. “Depois que descobri aqui nunca mais tive crises. É a evolução da psiquiatria”, avalia, com lucidez. Onde hoje funcio-

na o EAT havia no passado uma enfermaria entulhada de doentes. De dez anos para cá, existem no local oficinas, como a de arte e a de paladar. Uma das mestres-cucas é Nilsa, uma senhora de 46 anos. Aos 21, ela sofreu uma depressão muito forte, que resultou em várias internações. Está no atendimento diário do Pedro II há cinco anos “Sou feliz aqui”, resume, com um olhar que não a deixa mentir.

FIGURA 12 - Reportagem na Revista "Isto É" em 22/03/2000 página 2

**MEDICINA & BEM-ESTAR**




**ANIMAÇÃO Alegria na rádio e na festa de Carnaval faz parte do tratamento**

de Carnaval no centro comunitário. Há três anos ela convive com os doentes. "Nunca tive preconceito. Eles são muito legais", garante. Tão animada quanto Valda, Francisca, 74 anos, fantasiada de onça, é uma paciente do hospital-dia que dorme na casa de sua comadre, no Engenho de Dentro. Quem entrasse na festa custaria a acreditar que 80% dos idosos vão parar no Pedro II por depressão.

Ao lado do centro comunitário funciona a rádio comunitária Revolução 105.5 FM, com o slogan "a rádio que é louca por você". Na parede, uma imagem de Che Guevara. O diretor técnico, Fábio ACM, 23 anos, confessa que

antes de chegar ali tinha preconceito. "Quando comecei, não dava para saber quem era paciente e quem não era", diz. Entre os "loucoitores", está Renato Decarvas, 69 anos, que já trabalhou na rádio Nacional e foi ator. Fez *O êbrio*, com Vicente Celestino. Quando a idade reduziu suas chances profissionais, caiu em depressão. "Há dois anos trouxe um amigo e resolvi ficar", conta ele, paciente do hospital-dia.

Os familiares dos pacientes do hospital-dia também passam por terapia, na qual recebem esclarecimentos sobre como lidar com a doença

mental. Todas as terças-feiras, às 14h, se reúnem na Casa D'Engenho representantes de 20 famílias. A costureira aposentada J., 60 anos, por exemplo, não entendeu quando seu filho, 30 anos, começou a ficar cada dia mais triste. "Um dia ele me pediu: mãe, me ajuda, estou no escuro." O rapaz chegou a ser internado para exames, melhorou mas voltou a ter crises. A costureira alimenta um sonho: "Não vejo o dia de meu filho ficar bom e não ter que voltar mais aqui", murmura, com lágrimas nos olhos. É um sofrimento que pode ser aliviado pelo carinho dos familiares e por técnicas mais humanas de tratamento, como vem sendo feito no hospital. ■

**Vitória da rebeldia**

**E**ra 1944. Quando reassumiu seu lugar no Hospital Psiquiátrico Pedro II, depois de passar pouco mais de um ano presa pela ditadura de Getúlio Vargas, a psiquiatra Nise da Silveira (1906-1999) deu de cara com a última palavra em tratamento de esquizofrênicos: o eletrochoque. Viu seu superior apertar um botão e provocar uma convulsão no paciente. Nise se negou a acionar a máquina para o doente seguinte. Começou ali a rebelde trajetória de uma teimosa alagoana que revolucionou a psiquiatria no Brasil. Única mulher em uma turma de 150 alunos na Universidade da Bahia, Nise derrubou métodos tradicionais para desenvol-

ver formas de tratamento com terapia ocupacional.

Das 17 oficinas que criou, as que surtiram os resultados mais inesperados foram as de pintura, modelagem e xilogravura, em que os pacientes liberavam desenhos que espelhavam suas patologias. Em 1952, Nise abriu o Museu de Imagens do Inconsciente (hoje com cerca de 350 mil obras), para torná-lo um centro de estudos. O afeto foi outro elemento fundamental em seu método, assim como a rejeição à lobotomia (corte nas células nervosas do cérebro para



**OUSADA Nise mudou regras**

eliminar a agressividade), aos remédios neurolépticos (que dopam o paciente) e à internação. Logo Nise percebeu que a internação não curava, e sim tornava a doença crônica. Foi amiga e estudiosa do psicanalista suíço Carl Jung. Em 1956, fundou a Casa das Palmeiras, espécie de ponte entre a internação e a vida em sociedade. Em 14 de julho de 1975, aos 69 anos, Nise foi aposentada compulsoriamente. No dia seguinte, voltou ao Pedro II com um caderninho debaixo do braço. "Sou a nova estagiária", avisou.

56

ISTOE/1590-22/3/2000

Obs.: Falta a página 55. A reportagem na íntegra (sem as imagens) encontra-se disponível no acervo da ISTOÉ, Medicina & Bem-estar. N° Edição: 1590 de 22/03/2000. Em

[http://www.istoe.com.br/reportagens/34051\\_LICAO+DE+HUMANIDADE](http://www.istoe.com.br/reportagens/34051_LICAO+DE+HUMANIDADE) capturado em 25 de dezembro de 2012.

Entramos em contato com a Editora Três que veicula a revista IstoÉ, porém não foi possível obter o exemplar da Edição: 1590 de 22/03/2000, referente à matéria sobre a Rádio Revolução, porém foi possível obter acesso ao texto da matéria através do acervo da revista na internet. O texto segue abaixo:

**ANEXO 4 Texto reportagem Revista IstoÉ 22/03/2000****MEDICINA & BEM-ESTAR**

| N° Edição: 1590 | 22.Mar.00 - 10:00 | Atualizado em 21.Dez.12 - 12:02

## Lição de humanidade

### Hospital psiquiátrico onde trabalhou Nise da Silveira investe em atendimento que respeita a liberdade

Quando era adolescente, Rafael começou a ouvir vozes. Ao mesmo tempo, desenvolveu uma insuportável mania de perseguição. Passou a ter crises. Aos 16 anos, entrou pela primeira vez num hospício. Ao todo, foram mais de 50 internações. Levou muitos eletrochoques até parar no Espaço Aberto ao Tempo (EAT), no Hospital Psiquiátrico Pedro II, na zona norte do Rio. Hoje, aos 42 anos, Rafael passa o dia no hospital e dorme em sua casa, em Quintino, onde vive com a mulher. Começou a pintar e se revelou um talentoso artista, que já expôs no Museu Nacional de Belas Artes. “Depois que descobri aqui nunca mais tive crises. É a evolução da psiquiatria”, avalia, com lucidez. Onde hoje funciona o EAT havia no passado uma enfermaria entulhada de doentes. De dez anos para cá, existem no local oficinas, como a de arte e a de paladar. Uma das mestres-cucas é Nilsa, uma senhora de 46 anos. Aos 21, ela sofreu uma depressão muito forte, que resultou em várias internações. Está no atendimento diário do Pedro II há cinco anos “Sou feliz aqui”, resume, com um olhar que não a deixa mentir.

Nilsa e Rafael são exemplos do processo que está sendo retomado no Hospital Pedro II, municipalizado em janeiro. Embora a consagrada experiência do hospital-dia seja adotada em diversos centros psiquiátricos, na instituição a prática tem um significado simbólico. Foi ali que a psiquiatra Nise da Silveira (leia quadro à pág. 56) revolucionou o tratamento da saúde mental. Por isso, a atual equipe quer rebatizá-lo de Hospital Psiquiátrico Nise da Silveira. Ao mesmo tempo, o centro volta à vanguarda da psiquiatria.

Quem está à frente dessa retomada é o psiquiatra Edmar Oliveira, 48 anos. Mas sua tarefa não é fácil. Apesar de sua proposta ser a de acabar com o hospício, muitos dos que estão no hospital-dia não têm dinheiro sequer para as passagens de ônibus para voltar para casa. Muitos resolvem seu problema com o que produzem nas oficinas, como Nilsa, que ganha dinheiro com as quentinhas que vende. Além disso, há 160 pacientes internados nas enfermarias que não têm condições de reatar seus laços familiares. Para eles, a solução seria viver lá como se estivessem em suas casas. Por enquanto, porém, existem apenas duas casas que poderiam ser usadas como moradia, além de outras 12, ocupadas por funcionários. Existem ainda 127 pacientes internados em crise, que serão tratados e enviados ao hospital-dia.

As experiências alternativas do Pedro II ganham força. Há um centro comunitário onde são desenvolvidas atividades, como bailes, que misturam os pacientes à comunidade. Um passo à frente, em contraste com os folhetos de venda de um luxuoso condomínio que indicam a estação de trem, a drogaria e a confeitaria do bairro, mas nem sequer mencionam a vizinhança com o hospital psiquiátrico.

Na contramão desse tipo de exclusão, a aposentada Valda Leite, 67 anos, era uma das mais animadas na festa de Carnaval no centro comunitário. Há três anos ela convive com os doentes. “Nunca tive preconceito. Eles são muito legais”, garante. Tão animada quanto Valda, Francisca, 74 anos, fantasiada de onça, é uma paciente do hospital-dia que dorme na casa de sua comadre, no Engenho de Dentro. Quem entrasse na festa custaria a acreditar que 80% dos idosos vão parar no Pedro II por depressão.

Ao lado do centro comunitário funciona a rádio comunitária Revolução 105,5 FM, com o slogan “a rádio que é louca por você”. Na parede, uma imagem de Che Guevara. O diretor técnico, Fábio ACM, 23 anos, confessa que antes de chegar ali tinha preconceito. “Quando comecei, não dava para saber quem era paciente e quem não era”, diz. Entre os “locutores”, está Renato Decarvas, 69 anos, que já trabalhou na rádio Nacional e foi ator. Fez O ébrio, com Vicente Celestino. Quando a idade reduziu suas chances profissionais, caiu em depressão. “Há dois anos trouxe um amigo e resolvi ficar”, conta ele, paciente do hospital-dia. Os familiares dos pacientes do hospital-dia também passam por terapia, na qual recebem esclarecimentos sobre como lidar com a doença mental. Todas as terças-feiras, às 14h, se reúnem na Casa D’Engenho representantes de 20 famílias. A costureira aposentada J., 60 anos, por exemplo, não entendeu quando seu filho, 30 anos, começou a ficar cada dia mais triste. “Um dia ele me pediu: mãe, me ajuda, estou no escuro.” O rapaz chegou a ser internado para exames, melhorou mas voltou a ter crises. A costureira alimenta um sonho: “Não vejo o dia de meu filho ficar bom e não ter que voltar mais aqui”, murmura, com lágrimas nos olhos. É um sofrimento que pode ser aliviado pelo carinho dos familiares e por técnicas mais humanas de tratamento, como vem sendo feito no hospital.